

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Marília Moreira Ravanello

**ÉTICA E INTERCULTURALIDADE NO TRATAMENTO MIDIÁTICO
DAS MIGRAÇÕES: DA PRODUÇÃO DOS CONTEÚDOS À RECEPÇÃO
DOS MIGRANTES**

Santa Maria, RS
2024

Marília Moreira Ravanello

**ÉTICA E INTERCULTURALIDADE NO TRATAMENTO MIDIÁTICO DAS
MIGRAÇÕES: DA PRODUÇÃO DOS CONTEÚDOS À RECEPÇÃO DOS MIGRANTES**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Comunicação, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestra em Comunicação**.

Orientadora: Profa. Dra. Liliâne Dutra Brignol

Santa Maria, RS
2024

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001

Ravanello, Marília Moreira

Ética e interculturalidade no tratamento midiático das migrações: da produção dos conteúdos à recepção dos migrantes / Marília Moreira Ravanello.- 2024.

169 p.; 30 cm

Orientadora: Liliâne Dutra Brignol

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, RS, 2024

1. Ética da mídia 2. Interculturalidade 3. Migrantes 4. Guias de comunicação 5. Tratamento midiático das migrações
I. Brignol, Liliâne Dutra II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, MARÍLIA MOREIRA RAVANELLO, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

Marília Moreira Ravanello

**ÉTICA E INTERCULTURALIDADE NO TRATAMENTO MIDIÁTICO DAS
MIGRAÇÕES: DA PRODUÇÃO DOS CONTEÚDOS À RECEPÇÃO DOS MIGRANTES**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Comunicação, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestra em Comunicação**.

Aprovada em 22 de março de 2024.

Liliane Dutra Brignol, Dr^a (UFSM)
(Presidente/Orientadora)
(por videoconferência)

Denise Cogo, Dr^a (ESPM)
(por videoconferência)

Camila Escudero, Dr^a (UMESP)
(por videoconferência)

Santa Maria, RS
2024

AGRADECIMENTOS

É muito bonito que os agradecimentos abram um trabalho tão intenso como a escrita de uma dissertação. O fazer pesquisa é bastante solitário, mas há pessoas amorosas, generosas e empáticas que tornam o processo mais confortável, mais leve e mais coletivo, simplesmente por se fazerem presentes, além daquelas que contribuem com todo o seu conhecimento acadêmico. A todas, destino meus agradecimentos.

Minhas maiores e melhores referências: pai, mãe e irmã. Agradeço por tudo que me proporcionam e sempre me proporcionaram, por estarem sempre, sempre perto, mesmo quando eu não conseguia sair da frente do computador. Que tenhamos muito tempo livre para tomar mate, para brincar com a Bergamotinha - mesmo que à distância - e para assistir a uma novelinha ou a um jogo de tênis juntos. Que privilégio dividir a vida com esses três.

Agradeço muito, muito mesmo, à Flávia, psicóloga que me acompanha há alguns anos, pela escuta atenta, por acompanhar meu caos e por me ajudar a olhar para o presente com carinho, lembrando do caminho percorrido, das conquistas anteriores e de tudo aquilo que consegui fazer - no mestrado e na vida. O processo foi muito menos angustiante por saber que tinha alguém para me ouvir sempre que eu precisasse.

Agradeço às minhas amigas queridas Lu, Sendi e Gabi (por ordem de entrada na minha vida, sem preferências, viu?) por todas as palavras de incentivo e de conforto, por entenderem todas as vezes que convidei ou marquei e não fui e por sempre respeitarem o “não posso” e o “não consigo”. O “vamo não ir” funcionou demais, mas o companheirismo e o amor funcionaram mais ainda.

“Se tá conversando é porque não tá morrendo! Não vai parar!” Se dava para correr mais um km, como não conseguir escrever mais uma página, mais duas, mais trinta? Agradeço demais ao SATIE por trabalhar em prol da saúde mental dos estudantes da UFSM. O grupo de corrida salva! Minhas terças e quintas de madrugada foram recheadas de ódio, mas também de força de vontade, de motivação e de felicidade. Agradeço, principalmente, ao Thiago, ao Eduardo e à Gabi (de novo!) por correrem ao meu lado e por sempre me incentivarem por mais.

Agradeço muito ao Migraidh por todo o aprendizado - imenso, intenso e, por vezes, doloroso. Que grupo bonito e potente! Um agradecimento especial à prof. Giuliana, que sempre compartilhou todo o seu conhecimento, trabalhou para formar extensionistas muito críticos e confiou em mim para tocar alguns dos processos mais delicados do grupo junto à universidade. Agradeço a todos os colegas, em especial àqueles que facilitaram as Rodas de

Conversa junto comigo. Preciso ressaltar, também, o amor que recebi, nesses dois anos e meio de projeto, dos estudantes migrantes que participaram das Rodas, e agradecer pela confiança, pelo companheirismo e por todos os momentos que tivemos juntos.

Agradeço a todos os colegas do mestrado e do doutorado pelas conversas gentis e pelas dúvidas e angústias compartilhadas. Completo essa jornada com a certeza de que todos contribuíram, de alguma forma, com este trabalho e com a mudança do meu olhar para a vida. Um agradecimento especial à Antônia, amiga querida, a melhor de todas nós, pelas inúmeras trocas, pelos ideais e revoltas compartilhados, pela festa na posse do Lula e pelos poucos bares que deram certo. Outro agradecimento especial para a Simone, que gentilmente leu meu pré-projeto de pesquisa lá em 2021 e, desde então, dividiu sua experiência acadêmica comigo ao longo desses anos.

Agradeço às professoras e aos professores do mestrado por todo o conhecimento compartilhado, em especial à prof. Veneza. Eu nunca vou esquecer daquele e-mail na quarta-feira da última semana de férias antes de iniciar o mestrado sugerindo a leitura do “A ciência do comum” para a aula da segunda-feira seguinte. O medo do cronograma de leituras se transformou em uma admiração profunda, que carregarei comigo para sempre.

Agradeço à prof. Liliane, orientadora deste trabalho, pela calma e pela paciência admiráveis, por responder às minhas infinitas perguntas e por compreender minha busca constante por críticas. Sempre que tive dúvidas sobre meu potencial como pesquisadora ou sobre as possibilidades da pesquisa, recebi palavras de conforto e de carinho, carregadas de muita experiência. Nunca vou esquecer do recado recebido na primeira orientação: era para eu pesquisar aquilo que eu gostasse, que me motivasse, que fizesse sentido para mim e para o meu futuro. Recado aceito, tomara que dê certo.

Agradeço imensamente às professoras Denise e Camila por terem aceitado o convite para as bancas de qualificação e de defesa e pelas generosas contribuições para esta dissertação. O primeiro texto que analisei sobre comunicação e migrações no mestrado é de autoria da prof. Camila, e a pesquisadora sobre comunicação e migrações que mais li trabalhos até hoje é a prof. Denise. Que privilégio este aprendizado, agora mais de perto.

Agradeço muito aos interlocutores migrantes desta pesquisa - Cote, Kist, Vene, Zuel, Conra, Rupe, Beni, Bella e Inter - pela parceria e pelo conhecimento construído em conjunto. Foi incrível tornar-me pesquisadora ao lado de sujeitos tão fascinantes.

Por fim, agradeço à CAPES pela bolsa que possibilitou a execução deste trabalho. Que bom seria se mais estudantes pudessem ser remunerados para fazer ciência no Brasil.

RESUMO

ÉTICA E INTERCULTURALIDADE NO TRATAMENTO MIDIÁTICO DAS MIGRAÇÕES: DA PRODUÇÃO DOS CONTEÚDOS À RECEPÇÃO DOS MIGRANTES

Autora: Marília Moreira Ravanello

Orientadora: Profa. Dra. Liliane Dutra Brignol

O presente trabalho trata da temática migratória, em uma perspectiva de construção de conhecimento junto a pessoas migrantes. Parte-se de uma abordagem qualitativa, que engloba pesquisa teórica e empírica, na tentativa de responder a seguinte pergunta: considerando que a ética e a interculturalidade deveriam ser premissas na produção de conteúdo sobre a temática migratória, como o tratamento midiático das migrações é percebido pelas pessoas migrantes? O objetivo geral do trabalho é investigar os processos de recepção do tratamento midiático das migrações por parte de pessoas migrantes a partir de aspectos éticos e interculturais. Foram definidos, ainda, quatro objetivos específicos: compreender a abordagem das mídias sobre as migrações e a representação midiática de migrantes a partir de pesquisas anteriores; mapear e compreender o que se desenha como ético na comunicação sobre as migrações a partir de guias sobre a temática migratória; analisar o consumo de mídia das pessoas migrantes participantes da pesquisa; compreender como a migração como mediação conduz a percepção dos migrantes sobre o tratamento midiático das migrações. Na pesquisa teórica, a representação é acionada a partir de Stuart Hall, em discussão com estereótipos, racismo, xenofobia e derivações desses termos; a interculturalidade é discutida a partir de Néstor García Canclini e de Alejandro Grimson; e a ética da mídia é problematizada a partir dos estudos de Stephen Ward, Nick Couldry e Hugo Aznar. A pesquisa empírica foi conduzida em duas frentes: uma pesquisa documental em guias de comunicação sobre as migrações, com parâmetros éticos analisados a partir dos eixos Atuação Profissional e Produção de Conteúdo, e um estudo de recepção com pessoas migrantes residentes no Brasil, tendo como procedimento metodológico uma entrevista semi-aberta em profundidade, analisada a partir dos eixos Migração como Mediação e Tratamento Midiático das Migrações. Na percepção dos migrantes, os discursos que tratam da alteridade e do outro migrante são construídos a partir de visões majoritariamente estereotipadas, em que o migrante é vitimizado, subalternizado ou visto como uma ameaça. Há, entretanto, diferentes formas para narrar as migrações. As perspectivas dos guias e as expectativas dos migrantes apontam para uma comunicação mobilizadora, mais adequada e comprometida, que passa por uma conduta empática e sensível dos comunicadores, aliada a um engajamento crítico junto à temática migratória. As migrações precisam ser contadas considerando as causas que levam os sujeitos a migrar, e as situações precisam ser contextualizadas, para evitar generalizações. Os discursos precisam considerar uma perspectiva global, que olha para as migrações como um processo, como um desafio social da atualidade transversal a todos os países e como uma questão de direitos humanos, aliada a uma perspectiva local, que aproxima os sujeitos migrantes da sociedade recebedora por meio de histórias sobre o cotidiano e sobre as contribuições econômicas, sociais e culturais dos migrantes, dando destaque à sua agência.

Palavras-chave: Ética da mídia; Interculturalidade; Migrantes; Guias de Comunicação; Tratamento Midiático das Migrações.

ABSTRACT

ETHICS AND INTERCULTURALITY IN THE MEDIA TREATMENT OF MIGRATIONS: FROM CONTENT PRODUCTION TO MIGRANTS' RECEPTION

Author: Marília Moreira Ravanello
Supervisor: Dr. Liliane Dutra Brignol

The current work addresses the theme of migration, from the perspective of knowledge construction alongside migrants. The research takes a qualitative approach, encompassing both theoretical and empirical studies, in an attempt to answer the following question: considering that ethics and interculturality should be premises in the production of content on the theme of migration, how do migrants perceive the media's treatment of migration? The general aim of the study is to investigate the reception processes of media treatment of migrations by migrants from ethical and intercultural aspects. Four specific objectives were also defined: to understand the media's approach to migration and the media's representation of migrants based on previous research; to map and understand what is seen as ethical in communication on migration based on guides regarding the migration theme; to analyze the media consumption of migrant participants in the research; to understand how migration as mediation drives migrants' perception of the media's treatment of migration. In the theoretical research, representation is approached through the studies of Stuart Hall, engaging with discussions on stereotypes, racism, xenophobia, and related concepts; interculturality is explored through the works of Néstor García Canclini and Alejandro Grimson; and media ethics is examined through the studies of Stephen Ward, Nick Couldry, and Hugo Aznar. The empirical research was conducted on two fronts: a documentary research on communication guides about migrations, with ethical parameters analyzed based on the axes of Professional Performance and Content Production, and a reception study with migrants living in Brazil, using a semi-open in-depth interview as the methodological procedure, analyzed from the Migration as Mediation and Media Treatment of Migration axes. In the perception of migrants, discourses addressing otherness and the migrant other are predominantly constructed through stereotypical views, where the migrant is either victimized, marginalized, or seen as a threat. However, there are different ways to narrate migrations. The perspectives of the guides and the expectations of migrants point towards a mobilizing, more suitable, and committed communication that involves empathetic and sensitive conduct from communicators, combined with a critical engagement with the migration theme. Migrations need to be told considering the reasons that lead individuals to migrate, and situations need to be contextualized to avoid generalizations. Discourses need to consider a global perspective, viewing migrations as an ongoing process, as a contemporary social challenge transcending all countries, and as a human rights issue, alongside a local perspective that brings migrant individuals closer to the receiving society through stories about everyday life and the economic, social, and cultural contributions of migrants, highlighting their agency.

Keywords: Media ethics; Interculturality; Migrants; Communication guides; Media treatment of migrations.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Termos utilizados para a busca dos guias.....	48
Quadro 2: Guias de comunicação sobre as migrações.....	51
Quadro 3: Pessoas migrantes entrevistadas.....	73
Quadro 4: Repertório e consumo de mídias.....	115

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 MIGRAÇÕES E REPRESENTAÇÕES NA MÍDIA.....	16
2.1 AS MIGRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS E O CONTEXTO BRASILEIRO.....	16
2.2 A REPRESENTAÇÃO DO OUTRO: OBSERVAÇÕES SOBRE DIFERENÇA E ESTEREÓTIPOS.....	20
2.3 O QUE A MÍDIA FALA SOBRE AS MIGRAÇÕES?.....	26
3 INTERCULTURALIDADE E ÉTICA COMO PREMISSAS NA COMUNICAÇÃO.....	32
3.1 INTERCULTURALIDADE E COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL.....	32
3.2 CAMINHOS PARA UMA ÉTICA DA MÍDIA: DO GLOBAL AOS GUIAS.....	39
4 A ÉTICA NA COMUNICAÇÃO SOBRE AS MIGRAÇÕES.....	48
4.1 GUIAS: AUTORIA, OBJETIVOS E PÚBLICO-ALVO.....	51
4.2 PARÂMETROS ÉTICOS - ATUAÇÃO PROFISSIONAL.....	54
4.3 PARÂMETROS ÉTICOS - PRODUÇÃO DE CONTEÚDO.....	58
4.4 UM OLHAR PELOS GUIAS BRASILEIROS.....	62
5 A CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA DO ESTUDO DE RECEPÇÃO.....	66
5.1 CONSUMO MUDIÁTICO E RECEPÇÃO.....	66
5.2 A ENTREVISTA COMO PROCEDIMENTO METODOLÓGICO.....	69
5.2.1 A construção das entrevistas.....	71
5.3 DEFINIÇÃO DO CORPUS E PERFIS DOS ENTREVISTADOS.....	72
5.3.1 Grupo 1: Migrantes que produzem conteúdos sobre as migrações.....	74
5.3.2 Grupo 2: Migrantes já acionados pela mídia.....	75
5.3.3 Grupo 3: Migrantes que não produzem conteúdos nem foram acionados pela mídia.....	76
6 O QUE OS MIGRANTES PERCEBEM? ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	78
6.1 MIGRAÇÃO COMO MEDIAÇÃO.....	78
6.1.1 A condição migrante e a autocompreensão dos sujeitos.....	79
6.1.2 Brasil: projeto de migração, representação e percepção da realidade.....	88
6.1.3 O acesso à educação e ao mercado de trabalho.....	96
6.1.4 As vivências interculturais e as múltiplas identidades.....	98
6.2 TRATAMENTO MUDIÁTICO DAS MIGRAÇÕES.....	112
6.2.1 Repertório e consumo de mídias.....	112
6.2.2 A temática migratória nas mídias.....	119
6.2.3 Outras formas de falar sobre as migrações.....	130
6.2.4 A ética dos comunicadores e dos profissionais da mídia.....	135
6.3 APROXIMANDO A ÉTICA DOS GUIAS DA PERCEPÇÃO DOS MIGRANTES.....	144
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	147
8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	152
9 APÊNDICES.....	163
APÊNDICE A - GUIAS DE COMUNICAÇÃO SOBRE AS MIGRAÇÕES.....	163
APÊNDICE B - ENTREVISTA.....	167

1 INTRODUÇÃO

Há que se pesquisar o que nos dá esperança e o que nos permite transformar o mundo, mesmo que essa transformação seja pequena. Utilizo as palavras de Jesús Martín-Barbero (2009) para introduzir - e justificar - o início de minha trajetória como pesquisadora¹. A temática migratória por si, por sua dimensão social, pertinência e relevância, já justificaria a pesquisa: para Abdelmalek Sayad (1998), falar das migrações é abordar a sociedade em uma totalidade, a partir de seu funcionamento, de suas estruturas, de sua formação e de sua perspectiva histórica. Mas a migração é um tema do qual eu já era próxima e que me atravessa há alguns anos, e desse tema nasceu uma pesquisa e uma pesquisadora.

Meu interesse em pesquisar as migrações e as questões relacionadas a pessoas migrantes iniciou em 2019, enquanto atuava profissionalmente em um campo de solicitantes de refúgio e de pessoas migrantes na Bósnia. Pesquisadores internacionais, em sua maioria europeus, contatavam o campo com a intenção de entrevistar os residentes para suas investigações. Frente à situação de muitos sujeitos que viviam no campo, provenientes de uma migração forçada por perseguições políticas e principalmente religiosas, nossa resposta aos pesquisadores era quase sempre negativa, já que boa parte dos sujeitos estavam sob proteção da lei e das normas do campo e não podiam ser identificados - o próprio campo era considerado uma *safe house*. Havia sempre um incômodo nessas negativas, pois os pesquisadores queriam “só uma conversa”, “só uma entrevista”, “uma visita no hotel”. Parecia faltar nos pesquisadores um verdadeiro envolvimento com a temática e uma compreensão sobre a situação em que os sujeitos se encontravam.

Situação parecida ocorria com a mídia local, tanto no campo quanto com as pessoas migrantes atendidas por nós nas ruas de Sarajevo: havia sempre uma necessidade de filmar, fotografar, entrevistar, reportar os acontecimentos, mas com a falta de um olhar sensível, de procurar saber se as pessoas migrantes queriam participar, gerando inclusive enfrentamentos que, posteriormente, causaram-nos transtornos com o governo local. Eu já atuava profissionalmente com solicitantes de refúgio e pessoas migrantes desde 2016, no Brasil, mas os questionamentos sobre as possibilidades de uma pesquisa ética, construída a partir de uma relação de respeito e aprendizado mútuo, começaram a surgir a partir daqueles episódios.

¹ Utilizo a primeira pessoa do singular por me referir às minhas experiências pessoais e profissionais com a temática migratória e às minhas inquietações a respeito da pesquisa. Para falar da construção deste estudo no decorrer do trabalho, por considerar uma construção conjunta, será utilizada a primeira pessoa do plural. A primeira pessoa do singular será retomada em situações específicas.

Posteriormente, em maio de 2021, passei a integrar o Migraidh, grupo de pesquisa, ensino e extensão em direitos humanos e mobilidade humana internacional, da UFSM, vinculado à Cátedra Sérgio Vieira de Mello, onde estou até hoje. Na extensão, atuo como facilitadora das Rodas de Conversa para o ensino do português e como mediadora do acolhimento e da integração dos estudantes migrantes da universidade. Na pesquisa, participei de dois projetos: *Proteção e Promoção dos Direitos Humanos de Migrantes e Refugiados no Brasil* - linha que tem como foco discussões a respeito da formulação de políticas públicas e de integração local, com base nos estudos de Abdelmalek Sayad, Homi Bhabha, Paulo Freire e Edward Said, entre outros - e *Comunicação Midiática e Migrações Transnacionais* - linha que introduziu meu olhar para as pesquisas que relacionam comunicação e mídia à temática migratória.

Esta investigação surge, assim, da inquietação sobre as implicações éticas e interculturais no tratamento midiático das migrações - da produção dos conteúdos à recepção das pessoas migrantes. Também da vontade de fazer uma pesquisa com seres humanos - neste caso, pessoas migrantes, sujeitos de direitos que muitas vezes se encontram em situação de vulnerabilidade - de forma ética e responsável, tendo como premissa a construção conjunta de conhecimento. Já existe uma extensa produção acadêmica que relaciona mídia e migrações contemporâneas, sendo a maioria sobre a temática. Em nosso estudo, queremos também falar sobre, mas principalmente com as pessoas migrantes², porque o que nos interessa é buscar respostas para o problema de nossa pesquisa: considerando que a ética e a interculturalidade deveriam ser premissas na produção de conteúdo sobre a temática migratória, como o tratamento midiático das migrações é percebido pelas pessoas migrantes?

Ao pensar no tratamento midiático das migrações, tento traçar uma linha do tempo (sem pretensão de exaustividade) com acontecimentos envolvendo pessoas migrantes - ou que têm impacto frente a questões migratórias - que ganharam relativo destaque na mídia hegemônica brasileira. De meados de 2021, quando iniciei meu caminho na pesquisa como integrante do Migraidh e como aluna especial da pós-graduação, até hoje, foram evidenciados alguns episódios: em 2021, em junho, a reabertura da fronteira do Brasil com a Venezuela,

² O grupo de pesquisa “Comunicação em rede, identidades e cidadania” (CNPq/UFSM), orientado pela professora Liliane Dutra Brignol, tem um histórico de pesquisa sobre a temática migratória envolvendo pessoas migrantes, e não somente sobre a temática: além do nosso trabalho, são três dissertações defendidas - Laura Foletto (2016), com “Usos sociais do Facebook por migrantes brasileiros na Suécia: identidades, diferenças e dinâmicas interculturais nas redes sociais online”; Nathália Costa (2017), com “Mídia e migrações: a representação de si e a representação midiática da identidade senegalesa em diáspora” e Maritcheli Vieira (2021), com “A recepção da novela Órfãos da Terra e a representação de migrantes e refugiados no Brasil”. Há, também, duas teses em andamento: de Simone Dahleh, sobre usos táticos de tecnologias digitais por mulheres migrantes e descendentes palestinas que vivem no Brasil; e de Luiza Oliveira, sobre usos sociais de tecnologias digitais por brasileiras migrantes nos Estados Unidos.

fechada desde o início da pandemia de covid-19 e a retirada das tropas americanas do Afeganistão em agosto; em 2022, em janeiro, o assassinato do migrante Moïse Kabagambe no Rio de Janeiro, o início da Guerra na Ucrânia em fevereiro, o massacre de Melilla, na fronteira entre Marrocos e Espanha, em junho, a chegada de migrantes afegãos que acamparam no aeroporto de Guarulhos em setembro, situação que ganha os holofotes da mídia esporadicamente até hoje, e os comentários do ex-presidente do Brasil sobre meninas venezuelanas em outubro; mais recentemente, em 2023, o naufrágio de migrantes ocorrido no Mediterrâneo em junho, fato recorrente na região, mas que ganhou destaque pela elevada quantidade de pessoas que morreram, pela negligência das autoridades gregas e pelas comparações com a cobertura midiática dedicada ao submarino Titan, a Guerra na Palestina em outubro e, em dezembro, o endurecimento nas leis migratórias na União Europeia e a caravana de migrantes rumo aos Estados Unidos, situação também recorrente na região, mas marcada pela quantidade de sujeitos em deslocamento de uma só vez.

Podemos observar que nem todos os processos migratórios ou as questões envolvendo pessoas migrantes são conhecidos pela população em geral. Alguns movimentos acabam por ser mais evidenciados pela mídia e parecem ter mais impacto, como os fluxos de pessoas migrantes que têm como destino países do norte global, com desenvolvimento econômico mais expressivo, e os deslocamentos relacionados a conflitos, guerras, perseguições e desastres ambientais. O modo como as migrações e as pessoas migrantes são tratadas e retratadas na mídia vêm sendo estudadas por pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, principalmente a Comunicação. Apesar de mudanças ocorridas recentemente, esses discursos, historicamente, estão atrelados a um imaginário que remete à desordem, com episódios de discriminação e xenofobia.

Este trabalho foi pensado visualizando a condição migrante, com todas as práticas sociais, culturais e interculturais que envolvem as migrações, como uma mediação. Compreendemos a mediação - baseadas em Martín-Barbero (1997)³ - como um lugar, uma estrutura que conduz a relação dos sujeitos e a sua interação com a mídia. Definimos como

³ Jesús Martín-Barbero, ao longo de sua trajetória, preferiu não definir o conceito de mediação, que abordava mais como “mediações”. Em “Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia” (1997, original de 1987, p. 292), o autor sugere um fazer pesquisa partindo das mediações, “isto é, dos lugares dos quais provêm as construções que delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade cultural da [mídia]” (incluímos “mídia”, mas, no original, o autor apontava “televisão”). Em 2010, o autor elabora um novo mapa metodológico das mediações, alinhado aos estudos das mutações culturais contemporâneas, e traz como novos eixos horizontais “mobilidades” e “fluxos” (Martín-Barbero, 2018), pensando tanto nos fluxos de migrantes que causam desordens políticas e sociais nos espaços urbanos quanto nos fluxos de imagens e de informações que provocam caos no cotidiano. É importante registrar que, apesar do autor abordar as migrações em suas estruturas metodológicas, nossa análise não utiliza os mapas de Martín-Barbero como processo metodológico, mas dialogamos com o autor em suas [não] definições para compreender as mediações.

objetivo geral para a pesquisa investigar os processos de recepção do tratamento midiático das migrações por parte de pessoas migrantes a partir de aspectos éticos e interculturais. Estabelecemos, ainda, quatro objetivos específicos: compreender a abordagem das mídias sobre as migrações e a representação midiática de migrantes a partir de pesquisas anteriores; mapear e compreender o que se desenha como ético na comunicação sobre as migrações a partir de guias sobre a temática migratória; analisar o consumo de mídia das pessoas migrantes participantes da pesquisa; compreender como a migração como uma mediação conduz a percepção dos migrantes a respeito o tratamento midiático das migrações.

Para construir as reflexões sobre ética e interculturalidade no tratamento midiático das migrações, partimos de uma abordagem qualitativa, que engloba pesquisa teórica e empírica, utilizando diferentes procedimentos no desenho da investigação. O fazer pesquisa acompanhado de um caráter político, apoiado em autores que se preocupam em compreender e questionar as relações entre cultura e sociedade atravessadas por relações de poder, levaram-nos aos estudos culturais britânicos e aos latino-americanos para construir o percurso teórico-metodológico desta pesquisa. A pesquisa empírica foi conduzida em duas frentes: uma pesquisa documental e um estudo de recepção.

A pesquisa documental foi empreendida em guias e manuais voltados à comunicação sobre as migrações, uma vez que optamos por considerar as recomendações presentes nesses materiais como parâmetros éticos para a mídia. Para o estudo de recepção, elaboramos uma entrevista semi-aberta em profundidade com três eixos - Dimensão Intercultural, Repertório/Consumo de Mídia e Mídia e Migrações -, realizada com com três diferentes perfis de pessoas migrantes residentes no Brasil: sujeitos que produzem ou já produziram conteúdos sobre as migrações nas mídias; sujeitos que já participaram de reportagens, documentários, novelas ou outros gêneros e produtos midiáticos como convidados; e sujeitos que nunca tiveram tais relações com a mídia. Nove migrantes foram entrevistados - cinco homens e quatro mulheres -, todos provenientes de migrações Sul-Sul: três nascidos na Venezuela, um no Peru, um no Paquistão, um na Costa do Marfim, um no Benim, um na República do Congo e um nascido na França, mas que se identifica como congolês-francês, já que sua origem é da República Democrática do Congo. A característica migratória Sul-Sul foi uma coincidência, uma vez que em nosso planejamento isso não estava especificado, e reflete uma tendência nos movimentos migratórios mais recentes para o Brasil (Baeninger, 2018).

O trabalho está dividido em cinco capítulos principais, além da introdução e das considerações finais. No capítulo 2 *Migrações e representações na mídia*, apresentamos uma contextualização das migrações contemporâneas e uma discussão sobre as terminologias

presentes na temática migratória, com foco, principalmente, em pessoas. Em seguida, abordamos o conceito de representação a partir de Stuart Hall, em discussão com estereótipos, racismo, xenofobia e derivações desses termos que são caras para nossa pesquisa, até chegar nos autores que fundamentam toda nossa compreensão sobre a representação midiática das migrações. No capítulo 3 *Interculturalidade e ética como premissas na comunicação*, acionamos Néstor García Canclini e Alejandro Grimson para discutir o conceito de interculturalidade, além de outros autores que nos auxiliam a pensar na integração e na inclusão dos sujeitos migrantes na sociedade e na comunicação intercultural. Na segunda parte do capítulo, com base em Stephen Ward, Nick Couldry e Hugo Aznar, traçamos um caminho para falar sobre a ética da mídia até chegar em códigos éticos de segunda geração, os guias de comunicação.

O capítulo 4 *A ética na comunicação sobre as migrações* traz nosso primeiro contato com a empiria: a pesquisa documental em guias de comunicação sobre as migrações. O foco desse capítulo está nos parâmetros éticos que orientam a comunicação sobre as migrações estabelecidos por dez guias, de um corpus de 43 materiais. O capítulo 5 *A construção metodológica do estudo de recepção* aborda todo nosso percurso metodológico para o segundo contato com a empiria, os sujeitos migrantes. Discutimos brevemente o consumo midiático e a recepção até chegar na construção da entrevista, na definição do corpus e no perfil dos sujeitos migrantes, onde apresentamos os interlocutores da pesquisa. No capítulo 6 *O que os migrantes percebem? Análise e discussão*, a partir dos eixos *Migração como Mediação* e *Tratamento Midiático das Migrações*, apresentamos toda a análise das entrevistas e a discussão dos resultados. No fim do capítulo, brevemente, retomamos a discussão dos guias, aproximada à percepção dos sujeitos migrantes.

Esperamos que nossa pesquisa contribua com os campos da Comunicação e das Ciências Sociais e Humanas em geral, com investigações que articulam a perspectiva dos estudos culturais e os estudos de recepção e também com pesquisas que tensionam o processo migratório e o campo midiático, principalmente a partir da construção de conhecimento junto aos sujeitos migrantes. Ainda, que seja uma contribuição aos estudos sobre ética da mídia, sobre interculturalidade e sobre comunicação intercultural, aqueles menos e estes mais habituais nas pesquisas sobre mídia e migrações.

2 MIGRAÇÕES E REPRESENTAÇÕES NA MÍDIA

No presente capítulo, apresentamos uma breve contextualização sobre as migrações contemporâneas e sobre questões referentes a estudos migratórios que são caras para nossa pesquisa. Ainda, exploramos os conceitos de representação - em discussão com xenofobia, racismo e derivações desses termos -, sempre em diálogo com a temática migratória. Por fim, destacamos alguns estudos⁴ que nos auxiliaram a compreender a abordagem das mídias sobre as migrações e a representação midiática de pessoas migrantes.

2.1 AS MIGRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS E O CONTEXTO BRASILEIRO

Os movimentos migratórios seguem constantes na atualidade e são processos a serem observados continuamente. Dados da Organização Internacional para as Migrações (OIM) do fim de 2021 estimam que há aproximadamente 281 milhões de pessoas migrantes no mundo, o que é equivalente a 3,6% da população mundial (McAuliffe; Triandafyllidou, 2021). Há ainda, segundo estimado pelo Alto-comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) ao fim de 2022, 35,3 milhões de pessoas refugiadas, 5,4 milhões de solicitantes de asilo, 62,5 milhões de pessoas deslocadas internamente e 5,2 milhões de pessoas em situação de proteção internacional (UNHCR, 2023).

Como o Brasil aparece nesse cenário e quem são as pessoas que vêm para o país? Segundo dados do OBMigra referentes ao ano de 2022 (Cavalcanti; Oliveira; Lemos Silva, 2023), a estimativa é que 1,5 milhão de pessoas migrantes, incluindo solicitantes da condição de refugiado e refugiados, residam no Brasil. Mirando o olhar para as migrações Sul-Sul, as nacionalidades que mais solicitaram entrada no Brasil foram a afegã, a haitiana, a angolana, a chinesa, a indiana, a cubana, a iraniana e a moçambicana, tendo como principais motivações acolhida humanitária, reunião familiar ou visita⁵. Dos países do norte global, estadunidenses solicitaram entrada principalmente por questões de trabalho, e franceses por questões de estudo. Ainda, a principal nacionalidade a solicitar residência foi a venezuelana, seguida pela

⁴ Esses estudos fazem parte do levantamento que fizemos como estado da arte para nossa pesquisa. Para o estado da arte, buscamos pesquisas que envolvessem a temática migratória na mídia em tensionamento com representação, ética e interculturalidade.

⁵ O visto temporário de acolhida humanitária vem sendo concedido a cidadãos ou apátridas de diferentes países, por razões estabelecidas pelo estado brasileiro; o visto para reunião familiar é concedido para familiares de pessoas já reconhecidas como refugiadas no Brasil; e os vistos de visita são concedidos para diversos fins - turismo, voluntariado, trânsito - para estada não superior a noventa dias, quando não há intenção de migrar ou de trabalhar. Informações complementares podem ser obtidas em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/consulado-genebra/servicos-consulares/copy_of_visto-visa/vistos/tipos-de-vistos/visto-temporario-vitem/vitem-iii-acolhida-humanitaria>; <<https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/seus-direitos/refugio/servicos/visto-para-reuniao-familiar>> e <<https://www.gov.br/mre/pt-br/consulado-porto/vistos/visto-de-visita>>. Acesso em: 10 jul. 2023.

boliviana. A migração haitiana aparece na sexta posição, mostrando certo declínio frente à última década. Com esses dados, segundo os autores, o Brasil consolida-se ainda mais como país de migração no eixo migratório Sul-Sul, como já observado em estudos anteriores (Baeninger, 2018).

Os relatórios do OBMigra trazem, também, informações detalhadas referentes à questão do refúgio no Brasil (Junger da Silva *et al*, 2023). Somente em 2022, os dados de solicitantes envolvem 50,5 mil pessoas e 139 nacionalidades, sendo a venezuelana com o maior número de solicitações, seguida da cubana e da angolana. Entre as categorias aplicadas para o reconhecimento da condição de refugiado estão a grave e generalizada violação dos direitos humanos, o grupo social, a nacionalidade, a opinião política, a raça e a religião. Neste mesmo ano, 5795 pessoas tiveram sua condição de refúgio reconhecida pelo estado brasileiro, sendo quase 78% venezuelanas. Ainda, entre muitas outras nacionalidades, há o reconhecimento da condição para cubanos, afegãos, sírios, angolanos e ucranianos.

À primeira vista, os dados parecem confusos: algumas nacionalidades se repetem, ora aparecem com vistos temporários, ora como residentes, ora como solicitantes da condição de refugiado, ora como refugiados reconhecidos. São muitas informações e há diferentes formas de acompanhar os números referentes aos processos migratórios. Esses dados são importantes para compreendermos a dimensão das migrações, além de contribuírem para a construção de pesquisas acadêmicas, para a formulação de políticas públicas e para informar a sociedade em geral. Há questões e distinções importantes, entretanto, quanto às migrações e à situação de refúgio.

Os termos migrante e refugiado são bastante confundidos pela sociedade, e as definições utilizadas pelos países e pelas organizações são questionadas frequentemente por alguns pesquisadores. Michael Collyer e Hein de Haas (2012) trazem em seus estudos um constante debate a respeito das categorizações utilizadas para se referir a pessoas migrantes e a pessoas refugiadas. Segundo os autores, as definições dessas categorizações utilizam critérios como tempo e espaço, localização e direção, perspectiva do Estado e causas das migrações. Nesse contexto, damos destaque especial para a causa, que orienta a clássica dicotomia entre as migrações forçadas - que abrangem os refugiados - versus as migrações voluntárias - que abrangem os migrantes.

Em termos gerais, mesmo que não haja uma definição universal, a Organização Internacional para as Migrações define migrante como uma terminologia guarda-chuva para se referir a pessoas que se deslocam de seus locais de residência, dentro de um país ou cruzando fronteiras internacionais, permanentemente ou temporariamente, por diferentes

razões, como melhorias nas condições de vida, estudos e trabalho (Sironi; Bauloz; Emmanuel, 2019). Nesse cenário, o termo pode ser desdobrado em migrante econômico, ambiental, laboral, regular, entre outros, utilizados a partir do contexto que se quer analisar. O Glossário da OIM ainda traz uma informação adicional:

Duas abordagens são geralmente adotadas para definir o termo ‘migrante’: a inclusivista, seguida, entre outros, pela OIM, considera o termo ‘migrante’ como um termo abrangente que cobre todas as formas de movimentos; a abordagem residualista exclui do termo ‘migrante’ aqueles que fogem de guerras ou perseguições⁶. (Sironi; Bauloz; Emmanuel, 2019, p. 131, tradução nossa).

Nesse contexto, o conceito de refugiado seria abarcado pelo termo migrante. O Glossário da OIM apresenta, também, outras definições. A terminologia refugiado é utilizada para se referir àquela pessoa que

devido a um temor fundado de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, filiação a um determinado grupo social ou opinião política, esteja fora do país de sua nacionalidade e não possa ou, devido a esse receio, não queira valer-se da proteção desse país; ou que, não tendo nacionalidade e estando fora do país de sua residência habitual anterior em decorrência de tais eventos, não possa ou, devido a esse receio, não queira retornar a ele⁷. (Sironi; Bauloz; Emmanuel, 2019, p. 169, tradução nossa).

Essa definição foi estabelecida na Convenção da ONU de 1951 sobre o Estatuto dos Refugiados. Assim, uma pessoa não se torna um refugiado, mas é reconhecida como tal a partir desses critérios. O glossário ainda aproxima a definição da atuação do ACNUR, declarando que refugiado é aquele que se qualifica para a proteção do ACNUR, independentemente de ser juridicamente reconhecido como tal no país onde está residindo. Outras regras adicionadas em níveis regionais ampliam a definição do termo: a lei brasileira nº 9.474/97⁸ adota o conceito ampliado, aprovado na Declaração de Cartagena de 1984, considerando como refugiados, também, sujeitos que, devido a grave e generalizada violação de direitos humanos, são obrigados a sair de seus países. Tal ampliação, entretanto, não é adotada por todos os países.

⁶ Original: “Two approaches are generally adopted to define the term ‘migrant’: the inclusivist approach, followed among others by IOM, considers the term ‘migrant’ as an umbrella term covering all forms of movements; the residualist approach excludes from the term “migrant” those who flee wars or persecution.”

⁷ Original: “A person who, owing to a well-founded fear of persecution for reasons of race, religion, nationality, membership of a particular social group or political opinion, is outside the country of his nationality and is unable or, owing to such fear, is unwilling to avail himself of the protection of that country; or who, not having a nationality and being outside the country of his former habitual residence as a result of such events, is unable or, owing to such fear, is unwilling to return to it”.

⁸ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19474.htm>. Acesso em: 23 jan. 2022.

Para Collyer e De Haas (2012), a rigidez na utilização de categorias fixas por vezes não captura o dinamismo dos processos migratórios. Nicholas Van Hear, Rebecca Brubaker e Thais Bessa (2009) olham com receio para os termos migrações forçadas e migrações voluntárias, uma vez que as migrações sempre envolvem escolhas. Mesmo em países em que há uma generalizada violação dos direitos humanos, existe a opção ou a imposição de ficar. Ainda, caso migrantes em situação de vulnerabilidade econômica - que, por definição, não seriam reconhecidos como refugiados - decidam migrar, há altos custos envolvidos nas decisões sobre o processo migratório, e as escolhas acabam ficando mais restritas. Mesmo com essas inquietações, os autores reconhecem a necessidade da proteção internacional para os refugiados, que precisam ter acesso a determinados direitos.

Diante de tantas terminologias e discussões, fizemos algumas escolhas para nossa pesquisa, respeitando as visões tanto dos pesquisadores quanto das organizações, e cientes das implicações jurídicas de proteção para pessoas refugiadas. Ao longo do texto, utilizaremos majoritariamente as expressões “migrantes”, “pessoas migrantes” e “sujeitos migrantes”, por considerarmos o termo migrante mais abrangente. Ao nos referirmos aos entrevistados da nossa pesquisa, também utilizaremos tais termos, independentemente da forma como se identificam ou de sua situação documental.

Para além de terminologias e números, estamos falando de pessoas. Sayad (1998, p. 16) aponta que “de fato, o imigrante só existe na sociedade que assim o denomina a partir do momento em que atravessa suas fronteiras e pisa seu território; o imigrante ‘nasce’ nesse dia para a sociedade que assim o designa”. Como a sociedade vê essas pessoas que nascem assim que atravessam suas fronteiras? E qual a relação da mídia no modo como a sociedade interpreta esses sujeitos? A mídia atua como articuladora central na sociedade (Silverstone, 2001), orientando a forma como produzimos sentidos e conhecemos o mundo. Permeando espaços públicos e privados, “as mídias são os principais locais institucionais onde as representações sociais são construídas⁹” (Couldry, 2006, p. 101, tradução nossa). É por meio dos espaços midiáticos que são colocados em circulação sentidos já existentes e produzidos novos significados. Assim, considerando que quase tudo que se sabe sobre as migrações chega para a sociedade através das diferentes mídias, podemos dizer que a mídia tem um papel fundamental na construção do imaginário social a respeito das migrações.

Quando pensamos em pessoas migrantes, incluindo pessoas refugiadas, pode ser que as primeiras referências que venham à mente sejam de um um barco com estrutura precária,

⁹ Original: “*media are the main institutional sites where representations of social life get made.*”

proveniente do continente africano, repleto de homens negros cruzando o oceano rumo à Europa; um grande grupo de homens, mulheres e crianças de origem árabe costeando uma alta cerca na tentativa de atravessar uma fronteira terrestre na Europa; uma caravana de migrantes cruzando o México na tentativa de entrar nos Estados Unidos; um campo de refugiados constituído por tendas brancas com o símbolo da ACNUR, lotado de famílias. Essas imagens constituem representações que chegam à sociedade através do jornalismo, das artes, das novelas, e permeiam o senso comum.

Provavelmente imagens similares a essas apareceriam em uma busca por “migrantes” ou “refugiados” em sites de busca. A dor, o sofrimento, a vulnerabilidade e a sensação de grande quantidade estão presentes na percepção construída sobre as pessoas migrantes, e os discursos midiáticos repetidos e veiculados continuamente, principalmente através da mídia tradicional e hegemônica, acabam trazendo, por vezes, uma versão única a respeito das migrações, dificultando atrelar tais sujeitos a outro imaginário que não seja o do problema, da violência e da ilegalidade. A construção de discursos de diferenciação do outro e a criação de padrões para se referir a determinadas minorias são recorrentes na mídia, que acaba por construir formas de representação dos sujeitos.

2.2 A REPRESENTAÇÃO DO OUTRO: OBSERVAÇÕES SOBRE DIFERENÇA E ESTEREÓTIPOS

Observar as migrações na mídia implica que compreendamos como funciona a representação. Stuart Hall (2016) aponta a representação como uma prática de produção de significados, em que se elaboram conceitos sobre coisas concretas ou abstratas. A abordagem mais relevante de representação para os seus estudos é a construtivista, em que o significado é construído na linguagem e por meio dela. É através da linguagem que damos sentido às coisas e, para o autor, o sentido e a linguagem são conectados à cultura através da representação. Segundo Hall (2016, p. 43, grifo do autor), “pertencer a uma cultura é pertencer, *grosso modo*, ao mesmo universo conceitual e linguístico, saber como conceitos e ideias se traduzem em diferentes linguagens e como a linguagem pode ser interpretada para se referir ao mundo ou para servir de referência a ele”. Os indivíduos, ao pertencerem à mesma cultura, possuem os mesmos mapas conceituais e uma linguagem em comum, que pode ser compartilhada através de seus sistemas de representação.

Assim, para nos comunicarmos e nos fazermos entender, utilizamos signos que são organizados em linguagens, e todo o sentido é produzido dentro e por meio dessa linguagem. Como aponta Hall (2016, p. 41-42, grifo do autor), “somos nós quem fixamos o sentido tão

firmemente que, depois de um tempo, ele parece natural e inevitável. *O sentido é construído pelo sistema de representação*”. Se os sentidos são construídos pelos sujeitos e as representações podem se ressignificar ao longo do tempo, é necessário questionarmos os motivos pelos quais as representações do outro seguem um mesmo padrão e pouco mudam na mídia e nas sociedades com o passar dos anos.

Em seus estudos, Hall (2016) analisa a consequência dos discursos midiáticos na sociedade, demonstrando como a mídia ajuda a construir e a reforçar estereótipos, que marcam as percepções sobre alteridade e diferença. O autor recorre a quatro abordagens teóricas para analisar a importância da diferença: a primeira vem da linguística, e aponta que o significado depende da diferença entre os opostos - sabemos o significado de algo porque ele é relacional, e podemos contrastar com seu oposto; a segunda vem de outra teoria da linguagem, com um aspecto mais social, em que o significado surge na troca entre interlocutores - o diálogo com o outro é essencial para a construção do significado; a terceira vem da antropologia, e anuncia que a cultura depende do significado que é dado às coisas, sendo fundamental a marcação da diferença; e a quarta abordagem vem da psicanálise, sendo o outro fundamental para a construção de nós mesmos e de nossa identidade sexual. A partir das quatro abordagens, Hall (2016) aponta que a diferença é necessária, porém, frente ao seu caráter ambivalente, podendo ser positiva ou negativa, pode ser ameaçadora e determinante para sistemas de dominação e para a exclusão do outro.

A visibilidade das migrações traz à luz a postura das sociedades em inferiorizar as minorias e em evidenciar o não pertencimento do migrante, em um processo de “racialização e essencialização de identidades étnicas, culturais, religiosas e nacionais” (Marinucci, 2018, p. 7). As minorias étnicas e os migrantes são frequentemente representados na mídia através de estereótipos, o que tende à simplificação da realidade, à redução das diferenças e à essencialização de características de determinados grupos. Segundo Homi Bhabha (1998, p. 117, grifo do autor), o estereótipo não é considerado uma simplificação por ser uma falsa representação de determinada realidade, mas “porque é uma forma presa, fixa, de representação que, ao negar o jogo da diferença (que a negação através do Outro permite), constitui um problema para a *representação* do sujeito em significações de relações psíquicas e sociais”.

A estereotipagem estabelece uma fronteira entre o que é aceitável e o que não é aceitável, o que está dentro da normalidade aceita por um determinado grupo e o que está fora, quem somos nós e quem são os outros, excluindo o que é diferente (Hall, 2016). Para o pesquisador Mohammed ElHajji (2011), os estereótipos e os clichês estabelecidos nos

imaginários populares podem desencadear discriminação e opressão a grupos minoritários. A dimensão da discriminação é analisada por Helmuth Krüger (2004), que enfatiza que os estereótipos, quando relacionados a sentimentos, podem constituir preconceitos sociais.

O efeito imediato de preconceitos sociais é a discriminação que, essencialmente, é um tratamento injusto, quer dizer, uma forma de relacionamento, avaliação e atendimento comparativamente desigual e desfavorável, proporcionado a uma coletividade humana ou individualmente a pessoas que a integram, precisamente porque são alvo de preconceitos sociais. Esse tratamento injusto pode assumir formatos diversos, dependendo da situação. Assim, pode haver discriminação social na contratação de empregados, na seleção de alunos, na escolha de colegas ou parceiros, mas também pode se dar em outros contextos, de maior abrangência, como acontece na política e nas relações com imigrantes. A discriminação social pode ser particularmente praticada por pessoas, consideradas em sua individualidade, contudo ela tende alcançar o estatuto de uma norma social implícita ou ser até mesmo uma prática institucionalizada. (Krüger, 2004, p. 38).

É importante destacar que os estereótipos aparecem frequentemente em relações de desigualdade de poder e são utilizados para definir grupos subordinados ou minoritários. Aquilo que é estabelecido entre “o que está dentro e o que está fora” provém dos grupos que estão em situação de liderança e de superioridade, que regularmente exercem uma violência simbólica (Hall, 2016) contra aqueles considerados como outros.

Muniz Sodré (2019) enxerga a mídia como uma “pedagogia secundária” da sociedade, um espaço que deveria atuar em prol da diversidade, lutando e combatendo a etnização e a racialização do outro. Entretanto, para o pesquisador, o enquadramento das minorias que é evidenciado positivamente nos diferentes espaços midiáticos está associado a padrões ocidentalizados que a sociedade aceita ver - o homem de família, o empreendedor que “deu certo”, enquanto a realidade diária dos sujeitos é esvaziada ou esquecida. Segundo João Freire Filho (2005), a mídia divulga o que lhe é conveniente, e é preciso compreender os fatores políticos e econômicos que orientam a disseminação de informações.

No ocidente, conforme apontado por Hall (2016), a diferença racial e as noções de raça foram ancoradas a partir de três encontros: no século XVI, entre comerciantes europeus e pessoas escravizadas provenientes da África Ocidental; entre países europeus e a África por eles colonizada, em um momento de dominação colonial; e com as migrações, ocorridas no século XX, depois da Segunda Guerra Mundial. Ao estudar a publicidade ocidental, tendo como referência a Grã-Bretanha, o autor demonstra que a ideologia racializada passa a fazer parte das representações populares, e o racismo passa a ser utilizado como um bem comercial.

Os discursos ancorados em uma ideologia racializada passam também por retratações da África a partir de teóricos pró-escravidão, que definiam o continente africano como “palco de selvageria irrestrita, de canibalismo, de adoração ao diabo e de libertinagem”

(Frederickson, 1987, apud Hall, 2016, p. 167). Havia uma naturalização a respeito das “raças” brancas, atreladas à superioridade, à civilização, ao requinte e ao intelecto, e das negras, aproximadas da inferioridade, da barbárie e da instintividade. Hall (2016) aponta que, se as diferenças entre as raças fossem culturais, poderia haver alterações, mas a naturalização faz com que se fixem características ao povo negro, definindo um discurso que passa a ser uma verdade incontestável: negritude e primitivismo são características essenciais das quais os sujeitos já não conseguem mais se afastar.

Sodré (2019) afirma que o racismo surge “como um lastro justificatório do domínio sobre os escravos, [...] sobre os negros, sobre os descendentes de escravos” e, nessa lógica de domínio, a cor torna-se o principal marcador da diferença. Apesar de existirem diferentes formas de manifestação do racismo, a cor da pele é elemento constante, e quanto mais distante do ideal de branquitude, maior é a discriminação. Como apontado pelo autor, “categorias morfo-fenotípicas como ‘homem negro’ ou ‘homem branco’ permanecem como marcações operativas de hegemonia dentro de um paradigma étnico em que a cor clara, traço por excelência da diferença, conota primazia existencial” (Sodré, 2018, p. 12).

Teun Van Dijk (2005) enxerga o racismo como um sistema determinado pela desigualdade, seja étnica ou racial, composto de um aspecto social e de um cognitivo. O aspecto social está relacionado às práticas de discriminação do dia-a-dia, à estrutura da sociedade e aos discursos racistas. Em uma esfera de valores, crenças, atitudes e ideologias, os discursos dos quais derivam as representações sociais acerca das minorias compõem o aspecto cognitivo. O autor enfatiza a existência de um novo racismo, que se apresenta de uma forma mais sutil, negando que seja racismo, apontando que as minorias em geral não são inferiores, mas diferentes, distante do antigo racismo, que apoiava seus discursos na escravidão, na superioridade da branquitude e na discriminação. O novo racismo, segundo o autor, está presente na política, no cotidiano, nos livros, e tem grande espaço nas mídias, podendo oferecer mais danos devido ao seu caráter mais simbólico e mais indireto.

O xenoracismo, conceito apresentado por Ambalavaner Sivanandan (2001, apud Fekete, 2001) também é apontado como um novo racismo. Em um contexto apresentado pela autora, no qual as migrações se tornaram a principal ameaça para o Ocidente nas últimas décadas, o xenoracismo se expressa a partir do medo de qualquer migrante que não se enquadre nas categorias ideais para os ocidentais. Esse novo racismo não tem somente a cor da pele como marcador principal, uma vez que é estendido aos

deslocados, despossuídos e desenraizados [...]. Ou seja, é um racismo que não pode ser codificado por cores, é direcionado também aos brancos pobres e, por isso, é

considerado xenofobia, um medo ‘natural’ de estranhos. Mas do jeito que reifica as pessoas antes de segregá-las e/ou expulsá-las, é uma xenofobia que traz todas as marcas do antigo racismo. É racismo em sua essência, mas ‘xeno’ em sua forma. É um racismo aplicado a estranhos empobrecidos, mesmo que sejam brancos. Isso é xenorracismo¹⁰. (Sivanandan, 2001, apud Fekete, 2001, p. 23-24, tradução nossa).

As políticas discriminatórias voltadas para a migração acabam por tornar o xenorracismo um problema estrutural culturalmente aceito na maioria dos países, aproximando-o ainda mais do racismo.

Ao tratar sobre o racismo na sociedade brasileira, Sodré (2018) aponta que no país permanece um contexto de memória escravista, em que foi abolido o sistema de subordinação direta do outro - negro, escravizado, porém a forma social a que corresponde permaneceu, pois “foi-se a segregação explícita, mas ficou o horror ao outro, conotado como ‘raça’” (Sodré, 2018, p. 12). Segundo o autor, o racismo estrutural se revela a partir de um padrão, como se os espaços na sociedade tivessem sido distribuídos ancestralmente, o que pode ser confirmado a partir das análises de formas culturais vistas como folclore, das formas de contratação de mão-de-obra, das relações dos patrões com suas empregadas domésticas e babás e das representações que vemos de pessoas negras nas mídias.

É nesse contexto de memória escravista que Deivison Faustino e Leila Oliveira (2021) questionam o conceito de xenorracismo e compreendem a existência, no Brasil, de uma xenofobia racializada, uma vez que os critérios de exclusão de migrantes ainda são fortemente ligados à ideia de raça. Historicamente, para os autores, as pessoas migrantes provenientes de uma migração Norte-Sul sempre foram vistas com superioridade, inclusive em comparação com as pessoas nascidas no Brasil. No país, o medo do migrante existe, porém há uma espécie de hierarquia do migrante, uma seletividade dispensada aos grupos migrantes baseada principalmente em seu grupo étnico e na cor da pele.

Essa questão é frequentemente problematizada no Brasil e foi questionada publicamente por meio de uma nota conjunta do Centro de Direitos Humanos e Cidadania do Imigrante (CDHIC), do Grito dos Excluídos Continental e endossada pelo site Migramundo, tendo como motivação um episódio específico ocorrido no ano de 2014¹¹. O manifesto ocorreu após um grupo de migrantes haitianos ser enviado para a cidade de São Paulo pelo

¹⁰ Original: “[...] *the displaced, the dispossessed and the uprooted, [...] It is a racism, that is, that cannot be colour-coded, directed as it is at poor whites as well, and is therefore passed off as xenophobia, a ‘natural’ fear of strangers. But in the way it denigrates and reifies people before segregating and/or expelling them, it is a xenophobia that bears all the marks of the old racism. It is racism in substance, but ‘xeno’ in form. It is a racism that is meted out to impoverished strangers even if they are white. It is xeno-racism*”.

¹¹ Disponível em:

<<https://migramundo.com/os-haitianos-sao-o-problema-ou-o-problema-e-a-falta-de-uma-politica-migratoria-que-respeite-os-imigrantes/>>. Acesso em: 23 jan. 2022.

governo do Acre, em uma clara falta de articulação entre os entes municipais, estaduais e federais.

Resta perguntar mais uma vez: qual o perfil de imigrante desejado pelo Brasil? No mesmo período em que chegam os haitianos, outros grupos de estrangeiros com perfil eurocêntrico e branco por aqui desembarcaram em número muito maior e não são chamados de invasores ou problema. (Nota conjunta do CDHIC e Grito dos Excluídos Continental)

Uma interpretação aproximada a de Faustino e Oliveira (2021) é trazida por ElHajji em entrevista a Ivan Bomfim (2018). Segundo o pesquisador, não há xenofobia no Brasil, mas sim um apreço extremo e uma simpatia exagerada que se traduz em xenofilia, direcionada somente para pessoas brancas, sejam europeias, sejam norte-americanas.

No Brasil, como na maior parte da AL [América Latina], o eurocentrismo age enquanto 'símbolo de poder', difuso e mutável, capaz de conjugar práticas sociais e discursivas de natureza fundamentalmente opressiva e excludente, e transformá-las em paradigmas naturalizados, aceitos e até desejados por todos; o que acaba embaralhando as fronteiras entre o político, social, econômico, cultural é étnico, e dificultando as possibilidades de revolta ou resistência. Assim, sob a capa da miscigenação, sincretismo e outras hibridizações que apontam para certa fluidez social e identitária, se estabeleceu uma hierarquia social e racial extremamente rígida, não muito distante do modelo escravocrata e genocida fundador da nação. (Bomfim, 2018, p. 278).

Para ElHajji, o racismo predomina na sociedade e no imaginário social nacional, e essa tendência em abominar e afastar o outro subalternizado se estende para além do negro, alcançando o latino de fenótipo indígena e, mais atualmente, as comunidades árabes e muçulmanas, consequência, segundo o pesquisador, de discursos islamofóbicos da mídia global.

Apesar da imagem do migrante, na mídia e na sociedade, estar historicamente atrelada a um imaginário de ameaça, de problemas e de sofrimento, é possível desafiar e transformar esses regimes de representação. Hall (2016) aponta diversos questionamentos e proposições para o tema, uma vez que os significados não podem ser fixados, por mais que haja esforço através da utilização de estereótipos. Em seus estudos sobre a cultura negra, o autor faz uma revisão de Bakhtin e Volosinov para apresentar a ideia de transcodificação, em que um significado pode ser reapropriado e criar novos significados, e aborda a inversão de estereótipos populares, a substituição de imagens negativas por positivas e a estereotipagem operando contra si própria como contraestratégias para essa ressignificação. Os espaços criados para que as minorias apresentem suas próprias narrativas - seja na internet, seja em

formatos alternativos de mídia - e a abordagem, principalmente na mídia hegemônica, de temas que fujam dos estereótipos, são outras formas de contestar as representações midiáticas.

2.3 O QUE A MÍDIA FALA SOBRE AS MIGRAÇÕES?

Há uma extensa produção acadêmica que nos revela o enquadramento dado aos migrantes nas mídias no mundo todo. Sem a pretensão de fazer uma cobertura total, elencamos alguns estudos, em ordem cronológica de publicação, que tratam sobre a temática migratória em diferentes gêneros midiáticos.

Os estudos de Denise Cogo (2001) discutem os sentidos produzidos pela mídia impressa brasileira a respeito dos migrantes, revelando abordagens que remetem a um discurso policialesco. Ocorre na mídia, frequentemente, um apagamento e um esvaziamento das experiências culturais desses migrantes, que muitas vezes são retratados a partir de suas origens e da cor de sua pele, em um processo de etnização e racialização dos sujeitos. Há, ainda, um esforço e uma constância em apontar números e registros estatísticos referentes à situação migratória, o que contribui para uma abordagem econômica simplista acerca das migrações. A autora destaca, também, o enfoque em discursos de especialistas quando é necessária uma voz para falar a respeito da temática migratória, enquanto as vozes dos sujeitos migrantes são esquecidas e não ganham espaço nas notícias a respeito das migrações nem para contar suas próprias histórias.

O papel das notícias e dos meios de comunicação na construção de discursos em que são reproduzidas as desigualdades raciais e étnicas na sociedade são abordados, também, nos estudos de Van Dijk (2005) sobre a mídia europeia. Assim como Cogo (2001), o autor também destaca a constante presença de especialistas nas notícias a respeito das minorias étnicas, ressalta que as vozes dos sujeitos e suas experiências culturais não ganham espaço nas mídias e aponta que as notícias que utilizam números e estatísticas sobre a chegada de migrantes têm por objetivo associar os sujeitos migrantes a ameaças e a problemas. Os discursos são baseados na diferença, em uma polarização entre nós (nacionais) e o outro, em que esse outro - migrante ou minoria étnica - é sempre representado de forma negativa. O autor sinaliza, ainda, a presença de um novo racismo e de discursos carregados de sutilezas, com significados implícitos mas inteligíveis, que conduz uma representação midiática padrão acerca das minorias.

A campanha publicitária anti-xenofobia "*I'm an Immigrant*", veiculada no Reino Unido, em 2015, com o objetivo de celebrar as pessoas migrantes e dar visibilidade às suas trajetórias, foi analisada por Denise Cogo e Viviane Riegel (2016), em um estudo que

tensiona comunicação, cosmopolitismo e alteridade. Segundo as autoras, a campanha se coloca como um contra-discurso social e midiático ao mostrar os rostos e as histórias singulares das pessoas migrantes que vivem no Reino Unido, em um modelo de discurso que se opõe às narrativas xenofóbicas construídas pela sociedade e pelos setores governamentais da região. A campanha, entretanto, ao dar ênfase na contribuição econômica dos migrantes e em suas vivências no mundo do trabalho, deixa de lado tanto as práticas e marcas culturais desses sujeitos quanto suas dificuldades de inserção na sociedade receptora. Ainda, segundo as autoras, há um padrão ocidental, branco e europeu na escolha das imagens das pessoas migrantes, o que não condiz com a migração em si e sugere uma perspectiva assimilacionista dos sujeitos na cultura e na sociedade local. Assim, há uma tentativa de construção de uma contraestratégia representativa, mas que acaba por focar em sujeitos migrantes que são aceitos pela sociedade, seja por sua utilidade - no caso a inserção laboral -, seja por suas características físicas.

Semelhanças e diferenças nos discursos midiáticos acerca das migrações em mídias de diferentes países europeus foram estudadas por Andrea Pogliano (2016). Segundo o autor, há duas tendências na representação de migrantes: a ênfase exagerada na criminalidade e a desvalorização dos problemas vividos pelas pessoas migrantes, incluindo situações em que os sujeitos são vítimas, como os episódios de racismo. Tais questões, em sua compreensão, podem ser derivadas da falta de pessoas migrantes e de organizações de apoio como fontes nas notícias e da presença constante de autoridades oficiais e políticas como referências na obtenção de informações. Há, também, de acordo com o pesquisador, duas formas de enquadrar migrantes em vulnerabilidade, solicitantes de asilo ou refugiados: ora como vítimas, principalmente pela imprensa internacional, ora como intrusos, pela imprensa local. Um terceiro apontamento do autor se refere ao aumento da presença de notícias sobre o islamismo, relacionando a religião ao terrorismo, o que faz com que as pessoas migrantes passem a ser representadas de forma negativa devido à sua orientação religiosa, criando estigmatização dos sujeitos na sociedade.

Em outro estudo, Denise Cogo e Terezinha Silva (2016) discutem o enquadramento dado à migração haitiana para o Brasil a partir de uma extensa análise de 162 materiais publicados entre 2011 e 2014 - período de maior chegada de haitianos no país - em diferentes formatos no meio digital. As autoras apontam que, inicialmente, a chegada dos haitianos no Brasil era retratada pelo viés da fuga, e os termos utilizados na cobertura midiática ainda atrelavam a migração a uma consequência de uma tragédia humanitária. Ao longo do período, as terminologias se alteram, e os vieses de quantidade e de ilegalidade vão surgindo, junto a

vitimização dos sujeitos, que são associados à pobreza, à fome e à miséria. Até que há uma transformação total do enquadramento midiático, e a alteridade haitiana passa a ser retratada pela perspectiva da invasão, em que é latente a preocupação - de característica humanitária, por alguns grupos, e discriminatória, por parte de determinados setores - com as políticas migratórias do período no Brasil.

Ao pensarmos novamente no papel da mídia, que Sodré (2019) enxerga como uma educadora da sociedade, recorreremos a Kathryn Woodward (2017, p. 18) que aponta que “os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar”. Nesse contexto, tendo a mídia papel crucial na construção do imaginário social acerca dos migrantes, cabe a nós compreendermos de que lugar o migrante pode se posicionar a partir da representação costumeiramente atribuída ao seu grupo. Há estudos que demonstram que, por vezes, o próprio migrante se apropria do estereótipo a ele atribuído, seja por conveniência, seja por não ver outra forma de se expressar. Um estudo da pesquisadora Nathália Costa (2017) traz o relato de Mame, migrante senegalês, que ficou incomodado com a apropriação do estereótipo de vítima que a mídia e a sociedade impõem aos migrantes. Um amigo de Mame deu uma entrevista para uma emissora local relatando falta de dinheiro e de comida, situação que não condizia com a sua realidade. No relato, Mame aponta o interesse midiático no sofrimento e na carência dos migrantes em detrimento de outros aspectos, como suas lutas por emancipação e por direitos.

A polarização entre nós e o outro também é evidenciada no trabalho de Liliane Brignol e Nathália Costa (2018a). As autoras, ao analisarem reportagens da mídia local gaúcha e da mídia nacional acerca da migração senegalesa no Brasil, destacam a associação dos migrantes ao vitimismo e a naturalização das diferenças desse sujeito considerado como o outro. As matérias analisadas, assim como vimos em estudos anteriores, dão pouco espaço para a fala de migrantes, e trazem uma escolha de palavras que remetem a migração a problemas. Recorrente também em outros estudos, as análises das autoras apontam para a divulgação de estatísticas a respeito das migrações, que podem desencadear medo na sociedade frente a possibilidade de crescimento da presença de migrantes. Como também discutido nos estudos de Cogo (2001), as autoras apontam que os migrantes são retratados a partir de suas origens e da cor de sua pele, e são lembrados constantemente da sua condição de inferioridade. Nesse estudo já se vê uma outra perspectiva, não predominante, de representação midiática dos migrantes a partir da exposição de elementos positivos referentes às suas experiências migratórias, com reportagens sobre manifestações culturais e sobre a integração dos migrantes na sociedade. Apesar disso, o estranhamento com relação ao outro e o espaço dado ao

sofrimento ainda colocam o migrante em uma condição inferior, em linha com o padrão que se vem acompanhando acerca dos migrantes nos discursos midiáticos.

A forma como as migrações são retratadas na mídia brasileira também é estudada por Camila Escudero (2020). Em uma análise de reportagens sobre a chegada de migrantes venezuelanos em Roraima, produzidas *in loco* em 2018 por alguns dos portais mais acessados no país no período, a autora traz uma reflexão sobre o papel da mídia na produção de sentidos compartilhados na sociedade e sobre a visão da migração como um problema que precisa de soluções. O ato de migrar apresentado como uma fuga por sobrevivência, a escolha de palavras que remetem à desordem para abordar as mudanças no cotidiano da capital do estado provocadas pela chegada dos migrantes e as narrativas alusivas ao comportamento de animais para relatar o comportamento dos migrantes são algumas das características presentes no material discutidas pela pesquisadora.

Um produto que já foi objeto de pesquisa de diferentes autores no contexto da representação de pessoas migrantes e refugiadas é a telenovela *Órfãos da Terra*, exibida na rede Globo em 2019. Maritcheli Vieira, Liliane Brignol e Guilherme Curi (2021) destacam, em seu estudo de recepção com pessoas migrantes, descendentes de migrantes e brasileiros, o esforço da telenovela em abordar as migrações e em trazer ao debate público questões referentes à alteridade e aos direitos humanos, mas refletem que a representação das pessoas migrantes foi estereotipada. Uma das entrevistadas do estudo, a partir da assistência da novela, discorre, também, sobre a falta de cordialidade do brasileiro, que parece ser receptivo somente com migrantes brancos, em oposição à forma como acolhe migrantes africanos e latinos, em consonância com o que expusemos referente à xenofobia racializada e a xenofilia presentes no Brasil. Em um estudo anterior sobre a mesma telenovela, José Lobato (2020) discute a percepção de diferentes pessoas migrantes a respeito do Oriente Médio, e as interpretações dos sujeitos apontam para uma generalização sobre os países de cultura árabe como se fossem um só, em uma perspectiva simplificada e limitada que não reconhece a diversidade cultural.

A representação de mulheres migrantes venezuelanas, tão presentes nas migrações contemporâneas na América do Sul, é abordada nos estudos de Gladys Espinel-Rubio, Eliana Mojica-Acevedo e Nohora Niño-Vega (2021). As autoras analisam o protagonismo dessas mulheres nas notícias online de um jornal colombiano de Cúcuta, cidade que faz fronteira com a Venezuela, sob a ótica do binômio vítima/agente - em três contextos diferentes: vítimas ou agentes nas situações de fronteira; vítimas de assassinato ou agentes do crime; e vítimas de prostituição e de tráfico de pessoas com a finalidade de exploração sexual ou trabalhadoras

sexuais. Como resultado, apontam que 90% da amostra aborda as pessoas migrantes a partir de narrativas precarizadas, atrelando as mulheres, por vezes, à prostituição e a delitos, e somente 10% retrata as mulheres migrantes como sujeitos agentes de forma positiva, passíveis de melhorar suas condições econômicas.

Apesar de algumas mudanças, a representação de migrantes e de questões relativas às migrações, em geral, é negativa, e quase sempre atrelada a medo e a ameaças à sociedade, potencializando o pânico moral. O conceito de pânico moral, cunhado por Stanley Cohen (1972) e aqui pensado a partir de Kenneth Thompson (1998), é utilizado para se referir à situação em que um grupo ou um indivíduo é estabelecido como uma ameaça aos interesses e aos valores de determinadas sociedades. Segundo Thompson (1998), por meio de narrativas dramáticas, por vezes distorcidas, a mídia contribui para a construção de uma preocupação pública, exigindo que se faça algo a respeito dessa ameaça.

Ao aproximar a temática migratória do contexto de pânico moral, Chas Critcher (2017) enfatiza três pontos que recaem sobre os sujeitos migrantes como uma acusação por parte da sociedade: a manutenção de suas culturas em detrimento de uma integração com as culturas locais; a demanda, junto aos Estados, de questões habitacionais, educacionais e assistenciais; e o envolvimento com a criminalidade. A diferença entre a cor da pele dos migrantes e a da sociedade recebedora, ainda, é motivo de intensificação do pânico moral, e essa aversão da sociedade às pessoas migrantes é reproduzida nas mídias.

Para Jessica Retis e Denise Cogo (2021), a mídia tem um importante papel na construção da opinião pública sobre inclusão, diversidade e equidade, questões caras e que precisam ser discutidas aproximadas ao contexto das migrações. Entretanto, mesmo com algumas mudanças, o tratamento midiático das migrações tende a delinear uma distorção da realidade por parte da sociedade, em um descompasso entre o que afeta os sujeitos em sua esfera pessoal e na esfera coletiva. As autoras destacam que há dados que ajudam a entender os processos migratórios e que quase nunca estão presentes na cobertura das migrações nos países recebedores, como as causas dos deslocamentos, que em determinados países e regiões estão relacionados a um aumento da violência extrema, a guerras civis e conflitos, a mudanças climáticas e à instabilidade política e econômica. No mesmo sentido, Brignol e Curi (2021) apontam que

o que as matérias costumam ocultar são as causas e consequências destes deslocamentos, suas implicações históricas, sociais, econômicas e culturais, imbricadas em situações concretas da vida dos que migram e dos que convivem com as migrações, pois no mundo de hoje ninguém pode escapar ao global. (Brignol; Curi, 2021, p. 65)

Há outras configurações midiáticas, no entanto, que privilegiam a voz migrante, que discutem pautas relevantes para as migrações e que se afastam da superficialidade e do foco reducionista sobre a temática migratória (Cogo, 2010), predominantes, como vimos, nas mídias em geral. Por meio de apropriações das tecnologias, sujeitos migrantes conseguem construir seus próprios espaços midiáticos, de onde podem narrar as migrações e desafiar os regimes de representação, em uma visibilidade que não é condicionada pela alteridade. Nesse desafio aos regimes de representação, há espaço também para a dor e para o sofrimento, mas sempre situado e discutido a partir das dificuldades e das injustiças impostas pelos contextos locais e transnacionais, e não por ser inerente aos sujeitos migrantes (Georgiou, 2017). Seja através de um caráter mais solidário (Cogo, 2010), como uma oportunidade para ampliação e mobilização de lutas (Alles; Cogo, 2018; Georgiou, 2017) ou para influência diaspórica (Ávila, 2022), os espaços ocupados pelos sujeitos têm como característica o protagonismo migrante, em um contexto de práticas de comunicação aliadas a práticas de cidadania, aproximado ao que Sandro Mezzadra (2013) discute como a perspectiva da autonomia das migrações.

É fato que os processos comunicacionais, como aponta Alejandro Grimson (2001), estão inscritos em uma dimensão sociocultural, e a interpretação das mensagens surge dos contextos histórico e social e de disputas que são mais amplas do que o espaço midiático compreende. Ainda assim, a mídia é um espaço privilegiado que “contribui com nossa capacidade de compreender o mundo, de produzir e partilhar seus significados” (Silverstone, 2005, p. 13), e as narrativas a respeito da migração podem ser ressignificadas. Um dos percursos para essa ressignificação passa pela interculturalidade e pela ética sendo premissas na comunicação, o que para alguns pode parecer utopia, mas para outros é um caminho em construção.

3 INTERCULTURALIDADE E ÉTICA COMO PREMISSAS NA COMUNICAÇÃO

A relação que estamos propondo entre interculturalidade e ética para pensar na comunicação sobre as migrações orienta este capítulo. Abordamos, inicialmente, a interculturalidade e a comunicação intercultural, conceitos tão caros para a questão migratória. Em seguida, exploramos a ética da mídia e os códigos éticos de segunda geração orientados para a comunicação sobre as migrações. Essas discussões nos guiaram para a pesquisa documental que empreendemos em guias de comunicação, primeira etapa empírica da nossa metodologia.

3.1 INTERCULTURALIDADE E COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL

“Não há como dissociar a civilização humana de sua experiência migratória original e contínua.” Apoiamo-nos em ElHajji (2011, p. 3) para refletir que não dá para falar das migrações sem pensá-las como processos constitutivos da sociedade e como encontro contínuo de grupos e de pessoas de diferentes culturas. Essas culturas, segundo Néstor García Canclini (1997), precisam ser pensadas como processo social produzido, consumido e circulante no cotidiano da sociedade e nas transformações culturais.

A interculturalidade permeia a vivência das pessoas migrantes e sua construção de vínculos na sociedade receptora¹². “Pelas especificidades de sua circulação por distintas dinâmicas culturais, os imigrantes são portadores por excelência de experiências interculturais.” Concordamos com Cogo (2001, p. 28) ao pensar na indissociabilidade entre os migrantes e a interculturalidade, “à medida que [os migrantes] protagonizam um intenso e fluído processo de circulação de imagens e representações e de práticas culturais híbridas, envolvendo suas culturas de origem e as das sociedades ‘receptoras’”. Esse envolvimento implica em negociações constantes, entrelaçamentos, trocas recíprocas, confrontações e conflitos, originados por um encontro de identidades culturais, de diferenças e de diferentes (García Canclini, 2009).

As identidades culturais dos sujeitos não são estáticas ou fixas: há condições históricas e construções que vão moldando o que se reconhece como identidade. Segundo Grimson (2001, p. 34, tradução nossa), “as concepções de identidade não são ‘naturais’, não estão

¹² A escolha pela terminologia “sociedade receptora” em detrimento de outras deriva, principalmente, da fala da migrante Hortense Mbuyi no minicurso *Ação e organização de associações de imigrantes e refugiados: transformando a extensão universitária na Unicamp*, realizado em setembro de 2021. Hortense foi enfática em sua fala ao apontar que o Brasil “é um país que recebe, mas não acolhe”, destacando a falta de políticas públicas necessárias para que o país se transforme em uma sociedade de acolhimento. Era possível, também, utilizar sociedade de destino, mas consideramos que, por vezes, o lugar em que o migrante se encontra não é o pretendido em seu planejamento migratório, sendo, assim, um país ou uma sociedade de passagem.

determinadas nem pelo ‘sangue’ nem pelo ‘local de nascimento’ e são produtos de construções, imaginações e invenções incessantes¹³”. A própria concepção de identidade nacional é desafiada por Jeffrey Lesser (2001), que sugere uma hifenização das identidades a partir da apropriação e da incorporação de aspectos culturais da sociedade recebedora por parte dos migrantes, demonstrando múltiplas concepções de pertencimento. Assim, não há grupos que sejam naturalmente ou essencialmente étnicos, raciais ou nacionais. Nesse contexto, Grimson (2001) reforça que as relações de desigualdade são constituídas a partir da diferença, e que é nas relações de poder que se inscrevem as identidades.

Ainda que compreendamos como não naturais, as identidades nacionais são concepções jurídicas dos Estados-Nação. O Estado, apesar de excluir os migrantes como sujeitos plenos de direitos ao impedir, por exemplo, o direito ao voto em determinados países (Castro; Gaspar, 2018; Juberías; Alonso, 2008), é responsável, segundo Alba e Nee (2003, apud Truzzi, 2012), por mecanismos estruturais de assimilação de pessoas migrantes. Essas estruturas, que envolvem tanto políticas públicas - que podem assegurar o acesso de migrantes a determinados direitos - quanto políticas educacionais e culturais, promovem não somente a integração dos migrantes, mas o acolhimento, a conciliação entre diferentes identidades e a autonomia dos sujeitos migrantes (Escudero, 2021; Redin, 2022). A integração e a incorporação dos migrantes na sociedade, de acordo com Alba e Nee (2003, apud Truzzi, 2012), advém, também, de arranjos institucionais que oferecem oportunidades aos sujeitos, provenientes do mercado de trabalho.

Em um estudo que analisa a reinstalação de pessoas refugiadas no Reino Unido, Alastair Ager e Alison Strang (2008) apontam para quatro dimensões que ampliam o debate sobre a percepção de uma integração bem-sucedida dos sujeitos na sociedade: acesso ao trabalho, à educação, à moradia e a serviços de saúde, vistos como marcadores e meios de integração; relações intra e interculturais e de ligação com o Estado, apontados como conectores sociais; remoção de barreiras relacionadas a essas relações, que envolvem conhecimentos sobre a cultura e sobre o idioma local, destacados como facilitadores da integração; e acesso a direitos e a práticas de cidadania, enfatizados como a base de todo o processo de integração. Em parte, como discutiremos a seguir, tais dimensões podem ser pensadas e estruturadas para a integração da maioria dos migrantes nas sociedades.

O acesso a direitos que conferem aos sujeitos práticas de cidadania - considerando que o conceito de cidadania é compreendido de diferentes formas pelos Estados - são discutidos

¹³ Original: “*Las adscripciones identitarias no son "naturales", no están determinadas ni por "la sangre" ni por el "lugar de nacimiento" y son productos de incesantes construcciones, imaginaciones e invenciones*”.

como a base política dos processos de integração. A pesquisa de Ager e Strang (2008) sugere que não há respeito onde os direitos não são iguais, e que uma integração igualitária passa pelo acesso aos mesmos direitos para nacionais - dentro da concepção jurídica de identidade nacional - e para migrantes. A autonomia dos migrantes e o planejamento do seu futuro passam pelo acesso ao emprego, por vezes dificultado frente ao não reconhecimento das experiências profissionais anteriores e das qualificações dos sujeitos. Isso pode ser mediado, segundo os autores, por formações profissionais contínuas, na sociedade recebedora, que promovam empregabilidade. O acesso à educação, tanto de crianças quanto de adultos, desempenha um relevante papel na integração e aproximação junto à sociedade recebedora, podendo, ainda, facilitar o acesso ao trabalho futuramente.

Os conectores sociais e facilitadores da integração, segundo Ager e Strang (2008), encontram-se entre as práticas de cidadania e os marcadores e meios de integração. Como conectores sociais, os autores dialogam com uma inserção em duas direções, que envolvem redes da sociedade recebedora - em uma relação intercultural - e redes familiares e migratórias, em uma relação intracultural. Ambos os movimentos atuam para uma partilha de valores que não nega as identidades, a diferença e a diversidade, e ainda contribui para o sentido de pertencimento. Os autores destacam, também, a ligação dos sujeitos às estruturas do Estado, considerando a facilitação ao acesso a serviços como um importante caminho para a integração. Por fim, há facilitadores que removem barreiras de integração à sociedade. Segundo os autores, o conhecimento a respeito da cultura local, a adoção de aspectos culturais e a capacidade de falar o idioma da sociedade recebedora podem facilitar o processo de integração.

Na percepção de Rinus Penninx (2005), a integração passa, primeiro, pelo processo de aceitação do outro migrante na sociedade.

Assim que os migrantes chegam ao seu novo país, eles precisam adquirir um lugar na nova sociedade, tanto no sentido físico (uma casa, um emprego e uma renda, acesso a serviços educacionais e de saúde, etc.), mas também nos sentidos social e cultural. Especialmente se os recém-chegados se considerarem diferentes e forem percebidos pela sociedade recebedora como 'diferentes' do ponto de vista físico, cultural e/ou religioso, aspirarão ter um lugar reconhecido nessa nova sociedade e serem aceitos.¹⁴ (Penninx, 2005, p. 141, tradução nossa).

¹⁴ Original: "As soon as immigrants arrive in their new country they have to acquire a place in the new society, both in the physical sense (a house, a job and income, access to educational and health facilities, etc.), but also in the social and cultural sense. Particularly if newcomers see themselves as different and are perceived by the receiving society as physically, culturally and/or religiously 'different', they will aspire to acquiring a recognised place in that new society and becoming accepted."

Na integração, porém, há uma relação desigual de poder e de recursos entre as duas partes envolvidas: de um lado estão os migrantes, com suas características e seus diferentes níveis de adaptação, vistos como o outro, que não pertence ao novo lugar onde se encontra; do outro, a sociedade recebedora, com suas características e com diferentes reações à chegada dos migrantes. E é este o lado que define as políticas de integração e as políticas gerais que recaem sobre os migrantes, baseado nas exigências e nas expectativas da sociedade, e poucas vezes estruturadas com a participação de migrantes.

Os estudos de Pennix (2005) apontam para a necessidade de um dinamismo nas políticas de integração, com negociações e definições mais abertas no envolvimento das partes, o que pode contribuir para uma sociedade mais diversa e mais coesa. O autor destaca a importância da participação de migrantes na construção de políticas para a sociedade, em especial aquelas relativas a sua situação jurídica e de integração. Essas políticas, segundo Pennix (2005), precisam contemplar e abranger as necessidades das pessoas migrantes, o que passa por acesso à moradia, à saúde, à educação e ao trabalho, mas também por políticas no âmbito cultural, o que, em sua percepção, solidificam a integração dos migrantes a longo prazo.

Há, segundo Andreas Hackl (2022), uma condicionalidade na inclusão dos migrantes na sociedade recebedora. O reconhecimento dos sujeitos na sociedade, segundo o autor, passa por uma “domesticação” das diferentes identidades, em um processo de dominação das minorias e de aceitação condicional. Os Estados e as maiorias dominantes exigem que os migrantes cumpram determinados critérios e adquiram competências para serem aceitos como “civis”, úteis e bons. “Eles devem se comportar bem e ser leais e moderados política e religiosamente, ao mesmo tempo que contribuem para a economia nacional através de trabalho árduo. Eles não devem se tornar um fardo público nem exigir assistência social¹⁵” (Hackl, 2022, p. 990, tradução nossa). Nesse contexto, como critica o autor, a cidadania condicional é direcionada ao bom migrante, ao migrante que batalhou, em um pertencimento meritocrático. Na prática, o pertencimento está condicionado a uma validação permanente da bondade e dos atos cívicos dos sujeitos migrantes, em um processo contínuo de inclusão seletiva e de exclusão, o que se distancia das perspectivas de integração, de reconhecimento e de igualdade na sociedade.

Para Grimson (2001), o que se espera de um contexto de interculturalidade são transformações estruturais na sociedade, muitas vezes ocorridas por meio dos processos de

¹⁵ Original: “they should behave well and be loyal, be politically and religiously moderate, while contributing to the national economy through hard work. They shouldn’t become a public burden or demand welfare”.

integração mencionados. Como podemos perceber, a interculturalidade atravessa o cotidiano das pessoas migrantes nos âmbitos pessoal, coletivo e político, o que envolve perspectivas de igualdade e de reconhecimento, mas também desigualdades e estranhamentos no encontro com o outro. Segundo o autor,

a diferença cultural vivenciada na vida cotidiana pode ser usada como desculpa para o desenvolvimento de políticas discriminatórias; os conflitos sociais podem levar à invenção ou recriação de supostas diferenças culturais; as políticas estatais podem ter um impacto notório nas práticas cotidianas de relacionamento, reconhecimento ou exclusão¹⁶. (Grimson, 2001, p. 16, tradução nossa).

De acordo com García Canclini (2009), são colocados obstáculos comunicacionais, políticos, jurídicos e socioeconômicos para a interculturalidade, que é vista, por alguns atores sociais, como desestabilizadora para os países. Em um cenário de encontro de povos e de migrações, o autor compreende que a interculturalidade precisa estar acompanhada da compreensão de práticas e de hibridações prósperas, de proteção das diferenças, de reconhecimentos de direitos e de políticas que garantam o exercício da cidadania.

A interculturalidade pode ser impulsionada pelos meios de comunicação, apontados por García Canclini (2014) como os recursos políticos e culturais mais transnacionalizados, responsáveis por importantes intercâmbios culturais. A mídia, entretanto, não consegue abranger todas as diferenças e dirimir desigualdades. A globalização implica em concentração de capital simbólico e econômico em poucas empresas e países, responsáveis pela redistribuição da diversidade, e são essas empresas que ditam os novos caminhos culturais e do entretenimento.

As grandes corporações midiáticas, assim como os demais setores produtivos, acabam por privilegiar o viés econômico e não vêem a globalização como lugar para o intercultural e para todos os diferentes. As mídias, ainda, preferem dar visibilidade a culturas hegemônicas e a versões de alteridade específicas, aquelas em que é vantajoso aparecerem estigmatizadas ou reconciliadas (García Canclini, 2014). Quando é de interesse mercadológico, porém, pessoas migrantes podem, rapidamente, tornar-se cidadãos consumidores e integrados à sociedade, em um contexto totalmente oposto à realidade que lhes é imposta frente a questões migratórias (Winocur, 2013). A abertura à interculturalidade segue subordinada ao mercado, como a maioria das questões que envolvem a sociedade na atualidade.

¹⁶ Original: “*la diferencia cultural vivida en la cotidianidad puede llevar o ser utilizada como excusa para desarrollar políticas discriminatorias; conflictos sociales pueden llevar a inventar o recrear supuestas diferencias culturales; políticas estatales pueden tener un impacto notorio en prácticas cotidianas de relacionamiento, reconocimiento o exclusión.*”

O atual projeto modernizador se caracteriza por não se propor a incluir a todos, nem sequer nas declarações e programas. Sua seletividade se organiza segundo a capacidade de oferecer trabalho ao menor custo e conquistar consumidores mais que desenvolver a cidadania. A concorrência e a discriminação no mercado prevalecem sobre a universalidade de direitos políticos e culturais. (García Canclini, 2007, p. 75-76).

Sendo a comunicação a dimensão que permite o diálogo, o relacionamento e os vínculos entre os sujeitos, a comunicação intercultural assume um papel essencial nesse contexto de interculturalidade. O que compreendemos como comunicação intercultural está relacionado à “prática comunicacional não apenas na sua acepção instrumental de veiculação, transmissão e/ou representação, mas principalmente, em suas conotações de vinculação social, interação simbólica e produção subjetiva” (Escudero, 2019, p. 738).

Para a compreensão das mensagens, é necessário que os interlocutores compreendam os códigos uns dos outros. Há questões, porém, que fazem sentido para algumas culturas e não são significativas para outras, podendo inclusive ter interpretações opostas, situações, por vezes, recorrentes nas vivências das pessoas migrantes: quando “pessoas com diferentes experiências históricas e rotinas da vida cotidiana interagem, muitas dessas assimetrias de significado, características da comunicação intercultural ou intersocietal, surgem de forma aguda¹⁷” (Grimson, 2001, p. 59, tradução nossa). Como reflete Grimson (2001), os problemas da comunicação intercultural são uma versão intensificada dos problemas gerais de comunicação.

Segundo Mary Jane Collier (1989, p. 296, tradução nossa), “a comunicação surge como intercultural quando os interlocutores se identificam como diferentes em termos culturais no discurso ou criam impressões uns dos outros como tendo identidades culturais diferentes¹⁸”. Nesse contexto, o reconhecimento da alteridade é questão chave para a comunicação intercultural. Grimson (2001) destaca que existe um caráter relacional na percepção do que é constituído como o outro, que parte da identificação do que é percebido como “nós”. Para o autor, gênero, raça, classe, etnia e nacionalidade são alguns dos parâmetros que orientam essa percepção de alteridade.

Para Alain Touraine (1997), é no reconhecimento mútuo como sujeitos que os grupos podem coexistir a partir de suas diferenças, possibilitando, assim, a comunicação intercultural.

¹⁷ Original: “[...] *personas con experiencias históricas y rutinas de la vida diaria diferentes interactúan, una gran parte de estas asimetrías de sentido, características de la comunicación intercultural o intersocietal, se plantean de manera aguda.*”

¹⁸ Original: “*Communication emerges as intercultural when interlocutors identify themselves as different in cultural terms in the discourse or create impressions of each other as having different cultural identities.*”

O outro só pode ser reconhecido como tal se for compreendido, acolhido e amado como sujeito [...]. O reconhecimento do outro só é possível a partir do momento em que cada um afirma seu direito de ser um sujeito. Ainda, o sujeito não pode se afirmar como tal sem reconhecer o outro nesse mesmo caráter, e sobretudo, sem se libertar do medo que o leva à exclusão¹⁹. (Touraine, 1997, p. 177, tradução nossa).

O pesquisador Miquel Alsina (1997) aponta que as interpretações de sentido variam de cultura para cultura, e que para compreender o outro, é necessário compreender também a sua incompreensão. Segundo o autor, as sociedades estruturam imagens umas das outras a partir dos meios de comunicação e do modo como a história sobre os outros povos e as outras culturas foi contada - que, na maioria das vezes, ocorre a partir de uma perspectiva etnocêntrica. Ainda, para o autor, a construção de uma comunicação eficaz é possibilitada por meio de competências interculturais. Guo-Ming Chen e William Starosta (1996, p. 358-359, tradução nossa) definem essas competências como “a capacidade de negociar significados culturais e de executar adequadamente comportamentos de comunicação eficazes que reconheçam as múltiplas identidades dos interlocutores em um ambiente específico²⁰”. Para os autores, é essencial que se encontrem formas de coexistência, de convivência conjunta e de aprendizado a partir de diferentes culturas e de visões de terceiros.

Os estudos de Collier (1989) apresentam competências para a comunicação intercultural que, em nossa visão, podem ser uma possibilidade para atores sociais que se comunicam através de diferentes plataformas e mídias. Para a autora, é fundamental que os interlocutores tenham considerações positivas frente à diversidade, além de uma compreensão cultural geral do mundo e de noção sobre características específicas de diferentes culturas. Ela sugere, também, que os interlocutores melhoram a qualidade de suas experiências na comunicação ao reconhecerem as identidades culturais dos outros e ao aprenderem a respeitar e a negociar os significados de normas e símbolos de diferentes culturas, uma vez que a competência comunicativa é dinâmica e está em aprimoramento constante. Esse conhecimento a respeito de diferentes culturas é visto como um significativo desafio para Grimson (2001), que aponta que, por vezes, o que os produtores de conteúdo querem é uma interpretação positiva e conveniente frente ao que é veiculado.

¹⁹ Original: “*El Otro no puede ser reconocido como tal más que si se lo comprende, acepta y ama como Sujeto [...]. El reconocimiento del Otro sólo es posible a partir del momento en que cada uno afirma su derecho a ser un Sujeto. Complementariamente, el Sujeto no puede afirmarse como tal sin reconocer al Otro en ese mismo carácter; y ante todo si no se libera del temor a él que conduce a su exclusión.*”

²⁰ Original: “[...] *the ability to negotiate cultural meanings and to execute appropriately effective communication behaviors that recognize the interactants' multiple identities in a specific environment.*”

Um caminho que pode ser eficaz, também, é a não instrumentalização da mídia, muitas vezes utilizada como reforço de políticas de Estado que não contemplam as diferenças culturais.

Nesse nível, as relações de poder são articuladas com questões de direitos e cidadania, acesso e fluxos de informação, soberania e autonomia. Os conflitos socioculturais contemporâneos fazem parte de disputas de poder e interesses que se articulam com sentimentos e imaginários, produtos de relações sociais localizadas e historicamente constituídas²¹. (Grimson, 2001, p. 129, tradução nossa).

É necessário deixar de lado a segregação e ver a comunicação como uma experiência de subjetivação tanto da diferença quanto da igualdade (Grimson, 2001), uma vez que “o diálogo intercultural tem um caráter de projeto ético guiado pelo valor da aceitação do outro” (Dantas, 2017, p. 17). Se falar das migrações é falar da sociedade, “o reconhecimento da interculturalidade, ao mesmo tempo, como fato histórico progressivo e irreversível e como código social [é] cada vez mais cotado na bolsa de valores simbólicos do mundo globalizado” (ElHajji, 2014, p. 150).

A compreensão da interculturalidade e das competências para uma comunicação intercultural se mostram essenciais para nossa pesquisa, uma vez que estamos tratando a interculturalidade como uma premissa para a comunicação sobre as migrações. Além disso, a interculturalidade é parte de todo o contexto social, político e econômico que envolve os migrantes, o que contribui para nossa análise da migração como a mediação que conduz a interpretação dos sujeitos acerca do tratamento midiático das migrações.

Como vimos, o olhar para a interculturalidade implica em uma comunicação que reconhece e respeita a alteridade. Nesse sentido, vemos como necessário um horizonte ético para falar sobre o outro e para que as informações sobre as migrações apresentem uma realidade que contemple, em sua totalidade, a interculturalidade vivida pelos sujeitos em suas trajetórias migratórias e na sociedade recebedora, onde seus planos migratórios começam a se concretizar. No restante deste capítulo, discutimos a ética da mídia sobre as migrações, que, junto à interculturalidade, destacamos como premissa para a comunicação.

3.2 CAMINHOS PARA UMA ÉTICA DA MÍDIA: DO GLOBAL AOS GUIAS

Pensar em ética da mídia vem sendo um desafio, uma vez que as transformações tecnológicas das últimas décadas possibilitaram novas configurações na comunicação e o

²¹ Original: “En este nivel, las relaciones de poder se articulan con cuestiones de derechos y ciudadanía, acceso y flujos de información, soberanía y autonomía. Los conflictos socioculturales contemporáneos son parte de disputas de poder y de intereses que se articulan con sentimientos e imaginarios, productos de relaciones sociales localizadas constituidas históricamente.”

surgimento de diferentes mídias e de novos atores sociais atuantes no campo midiático. O tratamento midiático das migrações não está restrito ao jornalismo, gênero midiático que, em muitos países, é regido por códigos de ética específicos. As migrações e as pessoas migrantes - como temática - são abordadas em novelas, filmes, documentários, podcasts, redes sociais online e outros espaços, e as dimensões éticas têm especificidades nessas diferentes áreas do campo midiático. Frente a esse cenário, apoiamos-nos em diferentes autores para refletir sobre a ética tanto em um discurso focado no bem e nas virtudes quanto no discurso normativo, focado em deveres (Couldry, 2013), em um caminho que orienta nosso olhar para uma ética global da mídia e chega em códigos éticos de segunda geração. Esse olhar amplo, em nossa compreensão, pode orientar o jornalismo e outros gêneros e produtos midiáticos.

Iniciamos nossa reflexão a partir da definição de ética proposta por Stephen Ward (2021), considerando que a ética é normalmente dividida em uma parte teórica e em uma aplicada.

A ética é inerentemente prática. É a análise, avaliação e promoção da conduta correta e do caráter virtuoso à luz dos melhores princípios disponíveis. A ética pergunta como devemos viver em bondade e em relação correta uns com os outros, uma tarefa que pode exigir que abduquemos de benefícios pessoais, cumpramos deveres ou suportemos perseguições²². (Ward, 2021, p. 6, tradução nossa).

As teorias filosóficas, segundo o autor, estão preocupadas em compreender os significados do que é “bom” e “correto”, enquanto a parte aplicada orienta as decisões de como agir e de como decidir o que é melhor em situações reais (Ward, 2021, p. 6). A ética aplicada inclui, também, a ética das pesquisas científicas, os estudos das práticas sociais e as responsabilidades dos profissionais - estruturadas a partir de códigos éticos. Os códigos de ética de quaisquer áreas ocupacionais podem ser vistos como instrumentos que trazem uma autocompreensão da profissão, além de apontar para uma imagem ideal do profissional e sugerir direcionamentos para as condutas profissionais, bem como orientar práticas de trabalho (Heinonen, 2021).

De acordo com Ward (2021), a ética da mídia, historicamente, está inscrita na ética profissional aplicada, sendo as práticas sociais do jornalismo um dos principais campos de estudo. Os constantes debates, em especial nos últimos anos, a respeito da regulação de plataformas em ambientes digitais, de discursos de ódio, de liberdade de expressão, de desinformação e de perda da confiança nas instituições midiáticas por parte da sociedade

²² Original: “Ethics is inherently practical. It is the analysis, evaluation, and promotion of correct conduct and virtuous character in light of the best available principles. Ethics asks how we should live in goodness and in right relation with each other; a task that may require us to forego personal benefits, to carry out duties, or to endure persecution.”

sugerem uma ampliação da discussão a respeito da ética da mídia. Somadas a essas questões, diferentes autores vêm problematizando a ética tendo como ponto de partida a revolução das mídias digitais, que ampliam o alcance das mensagens e possibilitam que cidadãos atuem midiaticamente de forma desvinculada ao jornalismo tradicional (Couldry, 2013; Ward, 2015; 2021).

As tecnologias de mídia transformaram o jornalismo e a comunicação em um experimento global e interativo, praticado por um elenco incomum de personagens. Todos os dias, redes de profissionais, cidadãos, blogueiros, políticos, ativistas e outros realizam um milhão de atos de jornalismo. Criadores, compartilhadores e consumidores de mídia fazem parte de uma esfera pública global ligada por uma rede de canais de comunicação sempre novos. As redes online oferecem informação, análise e defesa em condições de desigualdade social, diferença cultural e desequilíbrio no poder. Poderes formidáveis de comunicação podem promover ou prejudicar as perspectivas de paz, justiça e bem²³. (Ward, 2015, p. xi, tradução nossa).

Nesse contexto de novas tecnologias de mídia, circulação global de conteúdo e novos produtores de informação, Nick Couldry (2013) sugere que a ética da mídia seja repensada e estruturada de forma global, abrangendo todos os sujeitos que contribuem para o campo da mídia, não somente profissionais vinculados a instituições. Ainda assim, não afastada do que se concebe como ética jornalística, que já está posta há mais de século em alguns países, e pode ser um ponto de partida, segundo o autor, para novas discussões.

Entre os questionamentos do pesquisador, estão as implicações interculturais desse novo olhar para a ética, uma vez que “uma escala global implica um espaço de discordância e diversidade morais irreduzíveis²⁴” (Couldry, 2013, p. 17, tradução nossa), que não são reduzidas nem resolvidas pela mídia, mas expostas e trazidas à tona por seu intermédio. Há, ainda, outra indagação: “como devemos agir em relação à mídia, de modo a contribuir para vidas que, tanto individualmente quanto em conjunto, valorizaríamos em todas as escalas, inclusive a global?²⁵” (Couldry, 2013, p. 25, tradução nossa).

Na percepção do autor, a sociedade não precisa de um conjunto de regras explícitas sobre as diferentes práticas da mídia, mas de uma estrutura norteadora que possa delinear valores e normas compartilhados em nível global, apesar das diferenças culturais. Essa

²³ Original: “*Media technologies have transformed journalism and communication into a global, interactive enterprise practiced by an unusual cast of characters. Every day, networks of professionals, citizens, bloggers, politicians, activists, and others commit a million acts of journalism. Creators, sharers, and consumers of media are part of a global public sphere linked by a web of ever-new communication channels. Online networks offer information, analysis, and advocacy under conditions of social inequality, cultural difference, and imbalance in power. Formidable powers of communication can promote or damage prospects for peace, justice, and the good*”.

²⁴ Original: “*A global scale implies a space of irreducible moral disagreement and diversity.*”

²⁵ Original: “*How should we act in relation to media, so that we contribute to lives that, both individually and together, we would value on all scales, up to and including the global?*”

estrutura precisaria ser moldada pelas necessidades que a mídia pode proporcionar - acesso à informação - e pelos danos que pode causar - desinformação e falta de reconhecimento. Assim, em sua visão, o caminho para uma ética global da mídia passa pelo cuidado, que o autor define como a tendência em demonstrar cuidado pela sociedade e pelos espaços de interação proporcionados pela mídia; pela acuracidade, vista como a habilidade de buscar a verdade no fazer investigativo; e pela sinceridade, definida pelo autor como a disposição em se expressar somente a partir daquilo que acredita (Couldry, 2013).

A visão de Ward (2021) é que o poder global da mídia implica em responsabilidades igualmente globais. Segundo o autor, existem questões que precisam ser orientadas por normas e princípios para uma prática global de mídia, como as emergências climáticas, a fome e as questões migratórias, todas com grande impacto e que exigem a cooperação de diferentes países. Assim, é necessária uma reforma conceitual radical sobre as práticas da mídia e o papel do jornalismo, considerando principalmente o seu alcance. Para o autor, a construção de uma ética global desafiaria a utilização da mídia na promoção de xenofobia, racismo, negação aos direitos humanos e nacionalismo extremo, questões importantes e transversais à temática migratória.

Um dos questionamentos de Ward (2015) é que os códigos de ética do jornalismo foram criados em uma era pré-internet, quando as publicações tinham apenas relevância local. Para o autor, em um mundo em que a mídia tornou-se global, o provincianismo característico da ética jornalística, voltada para seus próprios países, precisa ser revisto, para que um olhar local não cause prejuízos e danos ao reportar determinados assuntos.

De primordial importância é o fato de que nosso mundo conectado à mídia reúne uma pluralidade de diferentes religiões, tradições, grupos étnicos, valores e organizações com diferentes agendas políticas, ideais sociais e concepções do bem. O conteúdo da mídia considerado ofensivo por determinados grupos pode desencadear não apenas agitação doméstica, mas também tensão global.[...] Precisamos de uma mídia cosmopolita que relate os problemas de uma forma que reflita essa pluralidade global de pontos de vista e ajude os grupos a se entenderem melhor²⁶. (Ward, 2021, p. 14, tradução nossa).

Por esse prisma, uma ética global da mídia precisa ser construída considerando a interculturalidade, o que pressupõe conflitos e negociações constantes. Ward (2021) destaca que há diferenças culturais que são inegociáveis, mas que é necessário que se encontrem

²⁶ Original: “Of primary importance is the fact that our media-connected world brings together a plurality of different religions, traditions, ethnic groups, values, and organizations with varying political agendas, social ideals, and conceptions of the good. Media content deemed offensive by certain groups can spark not just domestic unrest but global tension. [...] We need a cosmopolitan media that reports issues in a way that respects this global plurality of views and helps groups understand each other better.”

formas transfronteiriças para articular e discutir possíveis parâmetros que orientem essa ética global sem que haja uma imposição absoluta e sem partir de princípios fixos imutáveis. Na compreensão do autor, mesmo concepções mais básicas e universais, como os princípios dos direitos humanos, receberiam diferentes aplicações e interpretações em plataformas de mídia e em diferentes culturas. Ainda assim, a construção da ética global é um processo de constante diálogo, que “deveria tolerar, reconhecer e explicar essas diferenças e mostrar como elas são consistentes com noções abrangentes de prática responsável²⁷” (Ward, 2021, p. 17, tradução nossa).

As visões de Couldry (2013) e Ward (2021) estão em consonância com o que Adela Cortina (1997) compreende como ética da interculturalidade. Defendida pela autora, a ética da interculturalidade pressupõe não somente a coexistência das culturas, mas um diálogo intercultural, para que as diferentes culturas que convivem na sociedade sejam respeitadas. Para Cortina (1997), somente a partir do diálogo e da compreensão de diferentes culturas é que é possível construir uma convivência mais feliz e mais justa.

Seguindo essa lógica, se atuar a partir de uma perspectiva intercultural e global for o principal compromisso dos profissionais da mídia, os princípios de justiça social e dos direitos humanos prevalecem aos interesses nacionais e pessoais. Nesse contexto, Ward (2021) aponta que o objetivo moral da mídia precisa ser a promoção da humanidade, e não um olhar para o contexto local e para os interesses específicos dos países. Tal visão se aplica a diferentes dimensões, como as questões envolvendo as migrações. Em leitura similar, Verica Rugar (2021) aponta que

se a abordagem do que se reporta sobre migração se expandir do interesse público de um grupo para o bem público da humanidade - o que todas as pessoas têm em comum globalmente -, os jornalistas e o jornalismo terão uma base ética mais ampla para se engajar na migração como uma questão. Situar a migração apenas em um contexto nacional retira das histórias de imigração o seu significado global e torna muito difícil encapsular valores éticos que não uma interpretação nacional de interesse público, moldada pela cidadania de um determinado país.²⁸ (Rugar, 2021, p. 708, tradução nossa).

Rugar (2021) traz um olhar mais global ao se referir às dimensões éticas no tratamento midiático das migrações. Para a autora, assuntos que envolvem questões relacionadas à

²⁷ Original: “[...] should tolerate, recognize, and explain those differences and show how they are consistent with overarching notions of responsible practice.”

²⁸ Original: “If the approach to reporting on immigration expands from the public interest of the perceived majority to the public good for humanity – what all people globally have in common – journalists and journalism will have a broader ethical base from which to engage with immigration as an issue or an event. Situating immigration only in a national context strips immigration stories from their global significance, and makes it very difficult to encapsulate ethical values rather than a nation-bound interpretation of public interest which is shaped by citizenship of a particular country.”

geopolítica e aos direitos humanos, como a temática migratória, dada a sua complexidade, tem uma tendência a ser evitados pelos jornalistas, uma vez que os critérios de noticiabilidade por vezes não se aplicam. Mervi Pantti e Markus Ojala (2019) destacam alguns dilemas éticos enfrentados por profissionais em um estudo que aborda as experiências pessoais de jornalistas finlandeses ao entrevistarem pessoas solicitantes da condição de refugiado. Certas regras do jornalismo, como o distanciamento crítico, a objetividade e a precisão, são postas à prova quando os profissionais optam por narrar as histórias de vida dos sujeitos. Ainda, para os pesquisadores, mesmo que os profissionais atuem a partir de um jornalismo mobilizador, orientado para a justiça social e comprometido com a melhoria do debate público, a expectativa da sociedade é pautada por discursos anti-migração e por grupos nacionalistas de direita.

Segundo Rugar (2021), discursos que desencadeiam medo na população, como aqueles que atrelam a presença de migrantes a ameaças à identidade nacional, à economia e ao bem-estar da sociedade, são normalmente orientados por partidos políticos de direita. A autora aponta que tanto as políticas anti-imigração dos Estados Unidos quanto a ascensão de partidos populistas na Europa têm colocado a temática migratória no topo do debate público, o que torna as abordagens sobre as migrações um dos principais desafios para uma atuação ética dos profissionais na mídia. Ainda assim, frente ao significativo alcance e à importância das migrações culturalmente, politicamente e economicamente, e por ser uma questão global, que vai além de fronteiras nacionais, espera-se do profissional uma postura ética e uma atuação com responsabilidade social, solidariedade e engajamento crítico junto à realidade.

Em um recente estudo que problematiza a presença de desafios sociais da atualidade em códigos éticos do jornalismo, Ari Heinonen (2021) questiona se tais códigos orientam os profissionais sobre a responsabilidade e o comprometimento necessários para produzir conteúdo sobre questões globais, uma vez que o jornalismo também vem se tornando cada vez mais global. O autor analisa a presença de assuntos relacionados aos direitos humanos, tendo como referência questões globais elencadas pela ONU - como as migrações e os refugiados - em 87 códigos éticos do jornalismo de diferentes países. Em geral, os códigos mapeados pelo autor - organizados em diferentes países, com distintas situações sociais, culturais e políticas - são bastante semelhantes e partem de dimensões locais, sem uma perspectiva global. Em toda a análise, somente o código de ética do Chipre, *Media Complaints Commission of Cyprus* - mencionava questões relacionadas a migrações e a pessoas refugiadas²⁹.

²⁹ Heinonen (2021) aponta que sua amostra não foi exaustiva e que limitou-se aos guias publicados em idiomas de sua compreensão: inglês, finlandês, espanhol e sueco.

A ausência de valores globais em códigos de ética da comunicação é problematizada, também, nas pesquisas de Hugo Aznar (2004, 2005). Segundo o autor, a mídia é um pilar fundamental das democracias ao redor do mundo e segue tendo grande influência na sociedade, mesmo após todas as mudanças ocorridas nas últimas décadas, com os meios passando a pertencer a grandes grupos transnacionais e sendo condicionados, muitas vezes, por interesses mercadológicos. Ao compreender a mídia como “uma das grandes potências de configuração simbólica da sociedade em que vivemos³⁰” (Aznar, 2005, p. 20, tradução nossa), o autor sugere que os meios já não têm somente as funções de informar e orientar a opinião pública, mas alcançam diferentes papéis, como os de educar, conscientizar e socializar, e ainda gozam de uma posição de privilégio não comparável a nenhuma outra esfera de atividade ou instituição - a liberdade de expressão, crítica e criação, que ao serem utilizadas de forma pouco responsável, podem reforçar preconceitos e estereótipos.

Tais liberdades da mídia exigem cuidados e, para Aznar (2005), os cidadãos podem, como consumidores, promover uma mídia mais responsável e exigir mudanças nos meios. O autor apoia-se no Artigo 19º da Declaração Universal dos Direitos Humanos - “todo o indivíduo tem direito à liberdade de opinião e de expressão, o que implica o direito de não ser inquietado pelas suas opiniões e o de procurar, receber e difundir, sem consideração de fronteiras, informações e ideias por qualquer meio de expressão” (Organização das Nações Unidas, 1948, p. 5) para debater que, como sujeitos na comunicação, os cidadãos podem assumir uma uma posição mais crítica e ativa.

Essa mesma consideração da informação como um direito humano coloca todos nós diante da responsabilidade ética de fazer uso adequado dela; diante do dever geral, como público, de cuidar de um bem tão fundamental para a sociedade como a informação e a comunicação. E, embora tenhamos pouco espaço para efetivar essa responsabilidade, está claro que, pelo menos, temos a possibilidade de escolher, de consumir algumas mídias e outras não, de selecionar alguns conteúdos e outros não. Portanto, temos nossa parcela de responsabilidade e nossa pequena dose de poder quando se trata de contribuir para melhorar a comunicação social, para tornar a mídia mais alinhada com seus possíveis valores e princípios éticos. Podemos falar não apenas da ética da mídia, mas também da ética dos usuários, uma ética que diz respeito a todos nós³¹. (Aznar, 2005, p. 26, tradução nossa).

³⁰ Original: “[...]uno de los grandes poderes de configuración simbólica de la sociedad en la que vivimos”.

³¹ Original: “[...] esta misma consideración de la información como derecho humano nos sitúa a todos ante la responsabilidad ética de hacer un adecuado uso del mismo; ante el deber general, como público, de cuidar de un bien tan fundamental para la sociedad como es el de la información y la comunicación. y aunque disponemos de poco margen para hacer efectiva esta responsabilidad, es evidente que al menos disponemos de la posibilidad de elegir, de consumir unos medios y no otros, de seleccionar unos contenidos y no otros. Tenemos por tanto nuestra parte de responsabilidad y nuestra pequeña dosis de poder a la hora de contribuir a mejorar la comunicación social, de lograr que los medios se ajusten más a sus posibles valores y principios éticos. De modo que no sólo cabe hablar de una ética de los medios, sino también de una ética de los usuarios, una ética que nos compete a todos.”

É nesse contexto de uma ética que diz respeito a todos que Aznar (2005) versa sobre o compromisso de cidadãos, ativistas, coletivos e entidades de diferentes setores da sociedade com a construção de novos parâmetros éticos para um melhor tratamento midiático sobre temas específicos relativos a desafios sociais da atualidade - assuntos de interesse global, nos quais se inserem as migrações e as questões referentes a refugiados. Esses novos parâmetros são organizados para complementar regras anteriores - com um maior rigor deontológico - sobre temas específicos. São estabelecidos critérios normativos eticamente aceitáveis tanto para os profissionais quanto para as atividades dos meios de comunicação, e o compromisso de vinculação é voluntário. Esses novos parâmetros éticos, que o autor denomina códigos éticos de segunda geração, atendem a uma reinterpretação de princípios aplicados a novas situações e práticas sociais, confirmando que a ética está em constante evolução (Ward, 2021).

Em uma primeira aproximação com códigos éticos de segunda geração, Aznar (2004; 2005) analisa guias e manuais de diferentes temas, como gênero, tragédias humanitárias e migrações. O autor aponta alguns traços comuns e tendências compartilhadas entre os guias, que “são indicações da compreensão atual e, acima de tudo, futura do papel da mídia e do jornalismo em nossas sociedades³²” (Aznar, 2004, p. 3, tradução nossa). Os guias não atribuem às mídias uma responsabilidade exclusiva sobre os problemas abordados, porém reconhecem o impacto negativo que uma abordagem incorreta ou irresponsável a respeito das temáticas podem causar, e propõem alternativas para um melhor tratamento midiático das questões.

Segundo Aznar (2004), os guias - escritos por ou em coautoria com profissionais da comunicação - reconhecem e compreendem as complexidades das mídias e os desafios que os profissionais enfrentam em suas rotinas de trabalho. Nesse contexto, reforçam a importância de uma formação profissional contínua, além de trazer sugestões para que os profissionais se especializem frente às temáticas e que atuem em colaboração com outros profissionais. Esses novos códigos éticos reafirmam o papel fundamental, a atuação formativa e a influência das mídias na sociedade, e justamente por isso reivindicam um maior rigor ético em suas atividades. Além disso, alertam para a responsabilidade social da mídia, reconhecendo seu empenho em abordagens adequadas, e consideram e reconhecem o exercício responsável da liberdade de expressão.

Há um foco nos guias, também, sobre a responsabilidade e o papel específico do jornalismo na sociedade. De acordo com Aznar (2004), os guias criticam o ideal de

³² Original: “[...] constituyen indicaciones del modo actual o sobre todo futuro de entender la función de los medios y del periodismo en nuestras sociedades”.

neutralidade do jornalismo, uma vez que a maioria trata de questões que estão relacionadas diretamente com os direitos humanos. Nesses casos, para o autor, a neutralidade pode beirar a desumanidade. Os guias reforçam, ainda, um compromisso ético dos profissionais, em especial relacionado à ética da comunicação, que pode contribuir para solucionar alguns problemas decorrentes da temática abordada. Além disso, os guias promovem um jornalismo de soluções, atento a contribuições importantes da mídia na solução de problemas, e encorajam um jornalismo mobilizador, com profissionais mais ativos e atuantes, pautados pela justiça. Por fim, os guias sugerem um jornalismo de serviço, com informações úteis ao público afetado pela temática e aos atores sociais envolvidos com tais questões globais.

Assim, frente ao desafio de estudar a ética em um campo tão amplo como a mídia, dado que algumas áreas são regidas por códigos éticos e outras não, e considerando a especificidade do nosso estudo - o tratamento midiático das migrações -, optamos por considerar como parâmetros éticos as recomendações presentes em guias e manuais voltados à comunicação sobre as migrações, apontados por alguns autores como códigos éticos de segunda geração. Em nossa compreensão, esses materiais, por tratarem especificamente de questões globais que são transversais às sociedades como um todo, aproximam-se do que se espera de uma ética global da mídia, bem como de uma ética intercultural. Ainda, encaixam-se na visão de Paul Ricoeur (2007, apud Couldry, 2013) de construção de um novo olhar ético, necessário quando as complexidades da vida social e humana enfrentam problemas ou estão insustentáveis. Os códigos éticos de segunda geração trazem um olhar para uma ética das virtudes, focada em questões do bem, sem deixar de lado a ética normativa quanto aos deveres. O próximo capítulo é dedicado a uma pesquisa documental em guias de comunicação sobre a temática migratória, que nos auxilia a compreender o que vem se desenhando como ético no tratamento midiático das migrações.

4 A ÉTICA NA COMUNICAÇÃO SOBRE AS MIGRAÇÕES

Para esta pesquisa documental, estabelecemos nosso próprio percurso de pesquisa. A primeira definição é que os guias³³ precisariam estar disponibilizados de forma gratuita na internet. Como segunda definição, seriam buscados guias publicados globalmente e não somente aqueles voltados ao cenário brasileiro, por considerarmos que o consumo de mídia dificilmente é restrito ao contexto em que os sujeitos estão inseridos (como detalharemos no próximo capítulo, nossos entrevistados são pessoas migrantes residentes no Brasil). A terceira definição é que analisaríamos somente guias publicados em português, espanhol ou inglês, idiomas que domino³⁴.

A partir dessas definições, escolhemos terminologias presentes em guias que já tínhamos contato desde o início dos estudos no mestrado. Empreendemos a busca desses termos (esquematisados no Quadro 1) quase sempre de forma agrupada, com variações no singular e no plural e traduzidas para os demais idiomas. Como mecanismo de busca, utilizamos o Google, que nos levou a sites governamentais, intergovernamentais, de diferentes organizações da sociedade civil e de associações e grupos de mídia.

Quadro 1: Termos utilizados para a busca dos guias

Termos			
Guia Manual Código Recomendações Orientações	Comunicação Mídia Jornalismo	Comunicadores Jornalistas Profissionais	Migrações Migrantes Refugiados

Fonte: elaboração própria.

Consideramos como amostra todos os guias encontrados na internet que atenderam as especificações acima citadas. Foram desconsiderados sites e blogs que não tinham um material em formato de apostila ou e-book; materiais do campo científico - livros, relatórios, dossiês, periódicos e artigos - não direcionados a instituições midiáticas, jornalistas, produtores de conteúdo, comunicadores ou demais atores sociais envolvidos com a temática; e materiais que não pudemos verificar se estavam em domínio público ou ainda válidos.

É importante salientar que essa não é uma amostra exaustiva - e não tem a pretensão de ser - nem definitiva, uma vez que há muitos mais guias em idiomas que não domino,

³³ A partir daqui, utilizaremos a palavra “guias” para nos referirmos a todos os materiais catalogados na amostra.

³⁴ Utilizo a primeira pessoa do singular pois o domínio dos idiomas refere-se a mim, pesquisadora principal desta investigação.

outros que o acesso não é gratuito, e podem ter vários que não encontramos. Ainda assim, dispusemo-nos a levantar o maior número possível de materiais, com a finalidade de auxiliar nossa dissertação, futuros pesquisadores da temática e outros interessados.

Na primeira etapa da pesquisa documental, foram catalogados 43 materiais (Apêndice A, ao final deste trabalho), sendo considerados: ano de publicação; abrangência; organização responsável e autoria; e público-alvo. Como abrangência, consideramos a região geográfica para a qual o guia é destinado ou o país em que a organização responsável está localizada, quando não há a informação anterior.

Da amostra catalogada, há um guia de 2008, um de 2013, três de 2017, seis de 2018, seis de 2019, cinco de 2020, doze de 2021, quatro de 2022 e cinco de 2023. Com relação à abrangência por região, há três guias globais, dois da Ásia, cinco da África, quatorze da Europa e dezenove que abrangem Américas e Caribe. Do continente asiático, há um guia da Indonésia e um do Paquistão. Do continente africano, há um guia direcionado para os países do oeste e do centro do continente, dois guias da África do Sul, um do Senegal e um da Tunísia. Referente ao continente europeu, três guias abrangem toda a Europa e um é direcionado ao Sudeste Europeu; há um guia do Reino Unido, um da Itália, um da Irlanda, quatro da Espanha e três de comunidades autônomas da Espanha - Aragón, Catalunha e Navarra. Por fim, entre os guias que contemplam o continente americano e o Caribe, há um direcionado para todo o continente e cinco para América Latina e Caribe; há um guia da República Dominicana, um do Peru, dois da Argentina, dois do Chile, três do Brasil e quatro da Colômbia.

Dos 43 guias, pudemos verificar que 38 são de autoria de - ou foram realizados em parceria com - pesquisadores da área da comunicação, jornalistas, associações de profissionais ou meios de comunicação e veículos de mídia. Há guias produzidos por poderes públicos, por organizações da sociedade civil que atuam com migrantes, por agências da ONU, por institutos de pesquisa e por fundações. Há algumas especificidades nessas autorias: ACNUR, OIM e UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) são as organizações responsáveis ou que apoiam dezesseis guias, com participação em todos os continentes. Entre os guias produzidos ou apoiados por poderes públicos, há um guia vinculado ao governo espanhol, um ao governo de Navarra, um ao governo de Aragón, um ao governo da República Dominicana e dois ao governo da Argentina. Alguns guias foram construídos a partir de eventos de pesquisadores e profissionais que tinham como objetivo discutir novos olhares possíveis para a cobertura midiática das migrações. Outros por organizações que já vêm discutindo a cobertura midiática das migrações, como a *Fundación*

porCausa, que promove, desde 2018, o “*Congreso de Mérida - Periodismo de Migraciones*”³⁵. Os guias do Brasil tem diferentes autorias: o mais antigo, de 2013, foi organizado por pesquisadoras da área da comunicação; o de 2019 foi escrito por um jornalista e pesquisador; e o guia de 2020 é de autoria da área de comunicação do ACNUR Brasil.

A maioria dos guias é direcionada para jornalistas e voltada para a produção jornalística, mas compreendemos que podem orientar as mídias em geral. Parte dos guias traz como público-alvo, também, comunicadores; profissionais da comunicação e da mídia; estudantes de jornalismo e de comunicação; pesquisadores e universidades; entidades da sociedade civil; gabinetes de comunicação de autoridades; demais atores sociais envolvidos com a temática migratória e a sociedade em geral.

Cientes da extensão da amostra, optamos por reduzi-la a partir de critérios de inclusão. A organização, na segunda etapa da pesquisa documental, levou em consideração o contexto migratório no Brasil; a relevância da questão migratória nos países em geral; a relação com alguns interlocutores migrantes e a autoria dos guias. Nesse contexto, decidimos que a análise deveria contemplar um guia global e um de cada continente; um produzido na Espanha - país com maior número de guias na primeira seleção; um apoiado ou produzido por poderes públicos; um apoiado ou produzido por agências da ONU; um voltado à abordagem de pessoas refugiadas; um voltado à migração de venezuelanos; e os guias produzidos no Brasil. Como os materiais coincidem em alguns critérios, fechamos em uma amostra de dez guias.

Para a análise sistematizada do conteúdo dos guias, utilizamos como referência o último guia lançado no Brasil, *Cobertura Jornalística Humanitária - Guia do ACNUR para profissionais e estudantes de comunicação*, publicado em 2020, em português, pelo ACNUR. A partir da leitura exploratória deste guia, elencamos algumas das informações que, em nossa compreensão, têm mais impacto tanto no tratamento midiático das migrações quanto na percepção dos migrantes acerca desse tratamento. Definimos, com base nessas informações, dois eixos temáticos: *Atuação Profissional*, em que discutimos os guias partindo de três

³⁵ Os guias circulam em eventos também no Brasil: no ano de 2022, participamos de três cursos voltados ao contexto brasileiro: “Capacitação para Mídia: Dicas de Comunicação para Atores Ligados à Temática Migratória” e “Capacitação para a Mídia: Dicas de Comunicação para Atores Ligados à Temática Migratória 2.0”, organizados pelo Centro de Atendimento ao Migrante de Caxias do Sul, pela Universidade de Caxias do Sul e ministrados pelo jornalista Rodrigo Borges Delfim (autor de um dos guias); e “Curso de Jornalismo Humanitário”, organizado pelo ACNUR em parceria com a Cátedra Sérgio Vieira de Mello e ministrado, aqui no sul, por diferentes pesquisadores da UFSC e por funcionários do ACNUR (este curso percorreu todo o Brasil). Nos dois primeiros eventos, os guias brasileiros de 2013 e 2019 foram abordados, e o terceiro trouxe o guia da ACNUR como material de referência durante todo o curso.

categorias de análise - *conduta do comunicador*³⁶, *cuidado com as fontes e conhecimento sobre a temática*, e *Produção de Conteúdo*, com discussões organizadas a partir de quatro categorias - *sugestão de pautas; utilização de dados estatísticos e de imagens; cuidados com estereótipos; e uso de expressões e de terminologias*.

Na próxima seção, apresentamos os dez guias, trazendo detalhes sobre autoria, público-alvo e objetivos. Em seguida, exploramos os eixos que orientam nossa compreensão sobre os parâmetros éticos na comunicação sobre as migrações. Ao longo do trabalho, utilizaremos nomenclaturas como “guia 1”, “guia 4”, “guia 7” para nos referirmos aos materiais analisados, conforme esquematizado no Quadro 2.

Quadro 2: Guias de comunicação sobre as migrações

Guia	Ano	Título	Abrangência
1	2022	<i>Guía didáctica para el correcto tratamiento mediático de las migraciones</i>	Comunidade Autônoma de Aragón
2	2021	<i>A freelancer’s guide to reporting on refugees and migration</i>	Europa
3	2021	<i>¿Cómo comunicar la migración venezolana en Colombia?</i>	Colômbia
4	2021	<i>Toolkit: Reporting Migration in Pakistan</i>	Paquistão
5	2020	<i>Cobertura Jornalística Humanitária - Guia do ACNUR para profissionais e estudantes de comunicação</i>	Brasil
6	2020	<i>Reporting on Migration - A Handbook for Journalists in West Africa</i>	Oeste e Centro da África
7	2019	<i>Migrações, Refúgio e Apatridia - Guia para Comunicadores</i>	Brasil
8	2018	<i>Comunicación sobre las migraciones</i>	Espanha
9	2018	<i>Covering Refugee Stories</i>	Global
10	2013	<i>Guia das Migrações Transnacionais e Diversidade Cultural para Comunicadores: Migrantes no Brasil</i>	Brasil

Fonte: elaboração própria.

4.1 GUIAS: AUTORIA, OBJETIVOS E PÚBLICO-ALVO

Com exceção de apenas um guia, todos foram escritos por ou em parceria com associações de profissionais da mídia ou jornalistas e profissionais de comunicação que atuam em instituições midiáticas ou em espaços acadêmicos. São sujeitos, como aponta Aznar (2004), que compreendem os desafios profissionais e também as possibilidades da atuação

³⁶ Optamos por nos referir aos jornalistas, comunicadores, produtores de conteúdo e demais atores sociais envolvidos na produção de conteúdo sobre as migrações como “comunicadores”, por acreditarmos que é uma terminologia mais abrangente.

mediática. Há uma forte presença de fundações e associações da sociedade civil que não atuam somente junto a migrantes, mas são envolvidas em diferentes questões sociais, o que confirma o compromisso ético e cidadão de diferentes setores na tentativa de promoção de um tratamento midiático das migrações mais responsável. Em geral, os guias partem de um mesmo lugar: orientar profissionais e demais atores sociais que atuam midiaticamente para um tratamento midiático das migrações mais ético, humanizado e adequado, através da construção de novas narrativas que desafiem a estereotipagem e combatam a xenofobia e os discursos de ódio.

O governo da comunidade autônoma de *Aragón*, na Espanha, o *Colegio de Periodistas de Aragón* e a *Fundación Por Causa*, organização espanhola sem fins lucrativos que se dedica à pesquisa, ao jornalismo e à comunicação sobre a temática migratória, lançaram, em 2022, o guia intitulado *Guía didáctica para el correcto tratamiento mediático de las migraciones*. Com a proposta de combater a xenofobia e o discurso de ódio, o guia - direcionado a jornalistas e profissionais da comunicação - pretende ser uma referência para um tratamento midiático mais apropriado sobre as migrações e para a diversidade cultural, além de contribuir para a justiça social, enfatizada como objetivo primordial na atuação de jornalistas.

A *European Journalism Centre*, organização sem fins lucrativos que se propõe a fortalecer e desenvolver o jornalismo e a mídia na Europa, promoveu em 2021, a partir do programa *Freelance Journalism Assembly*, o guia *A freelancer's guide to reporting on refugees and migration*. Dedicado a jornalistas que atuam de forma autônoma, sem vinculação a instituições, o guia fornece informações para que esses profissionais contem histórias mais humanas sobre as migrações e auxiliem a sociedade na compreensão das dimensões culturais e sociais que envolvem a temática migratória.

O guia *¿Cómo comunicar la migración venezolana en Colombia?*, de 2021, é uma iniciativa da *Fundación Gabo* - que atua na formação de jornalistas -, com apoio da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) e da organização sem fins lucrativos ACDI/VOCA - que atua globalmente com programas para desenvolvimento social e econômico. Construído a partir de uma série de workshops ministrados para comunicadores pelo sociólogo venezuelano Tulio Hernández, oferece boas práticas para a comunicação sobre as migrações, em especial a migração de pessoas venezuelanas em direção à Colômbia.

Implementado em 2021 pelo *Migrant Resource Centre* - projeto desenvolvido pelo *International Centre for Migration Policy Development* (ICMPD), que atua na divulgação de

informações para migrantes sobre os desafios referentes à decisão de migrar -, em parceria com o *Ethical Journalism Network* - organização sem fins lucrativos que atua em prol de um jornalismo mais ético -, o guia *Toolkit: Reporting Migration in Pakistan* é voltado para jornalistas que cobrem questões migratórias relacionadas ao Paquistão. O guia tem como objetivo orientar profissionais a respeito da sua atuação junto à temática, além de prover informações jurídicas locais e internacionais referentes às migrações e divulgar boas práticas para uma cobertura ética sobre as migrações.

O mais recente guia produzido no Brasil, *Cobertura Jornalística Humanitária - Guia do ACNUR para profissionais e estudantes de comunicação*, foi produzido em 2020 pelo ACNUR Brasil - a Agência da ONU para Refugiados - e tem como autoria Miguel Pachioni, jornalista e funcionário da instituição. Direcionado a profissionais e estudantes de comunicação, o objetivo do guia é dar suporte a profissionais para a construção do conteúdo sobre as migrações em coberturas jornalísticas, a partir da difusão de orientações sobre a obtenção de informações junto a fontes confiáveis e de conceitos mais apropriados acerca da temática migratória.

O guia *Reporting on Migration - A Handbook for Journalists in West Africa*, foi escrito em 2021 pelos jornalistas Michelle Betz, Emmanuel Wongibe, Ibrahima Sané, Mia Barrett e Hannah Murphy para o projeto *Migrants as Messengers*, da Organização Mundial para as Migrações (OIM), que visa auxiliar jovens da África Ocidental na tomada de decisão sobre suas jornadas migratórias. Com o objetivo de auxiliar os profissionais a construírem eticamente boas histórias sobre as migrações, o guia é direcionado a jornalistas e profissionais da mídia, mas também é recomendado a estudantes de comunicação, organizações humanitárias e demais atores sociais interessados na temática migratória.

Em 2019, com autoria de Rodrigo Borges Delfim, fundador do MigraMundo - site dedicado à produção jornalística e à divulgação científica acerca da temática migratória -, e com apoio do ACNUR, da FICAS - organização da sociedade civil sem fins lucrativos, que atua no desenvolvimento de pesquisas e da aplicação de metodologias inovadoras para a construção de uma sociedade mais justa -, da *Fundación Avina* - organização não governamental que atua em favor da dignidade humana e do desenvolvimento sustentável da América Latina - e da associação sem fins lucrativos Instituto Migrações e Direitos Humanos (IMDH), que atende pessoas migrantes, solicitantes de refúgio, refugiadas e apátridas, o guia *Migrações, Refúgio e Apatridia - Guia para Comunicadores* foi lançado no Brasil. Com conteúdo voltado a profissionais da comunicação, o guia tem como objetivo colaborar com a

construção do conteúdo sobre as migrações e apoiar profissionais da comunicação para uma melhor compreensão sobre a temática migratória.

Voltado ao contexto espanhol, o guia *Comunicación sobre las migraciones*, de 2018, foi desenvolvido pela Oxfam *Intermón*, uma fundação privada e sem fins lucrativos, que integra a Oxfam Global, confederação que atua no combate à desigualdade e à pobreza. Sem um público definido, mas mencionando a comunicação sobre as migrações provenientes de organizações não governamentais, meios de comunicação e redes sociais online, o guia pretende fornecer ferramentas e soluções para toda e qualquer abordagem comunicacional acerca das migrações.

Com foco na cobertura de questões relacionadas a pessoas refugiadas, o guia *Covering Refugee Stories* foi produzido pelo *Al Jazeera Media Institute*, centro de difusão de conhecimento e formação de jornalistas e profissionais da mídia do grupo Al Jazeera, com autoria do jornalista Kareem Shaheen. Lançado em 2018, é direcionado a jornalistas e traz recomendações para que os profissionais se preparem frente à temática e à logística necessária para uma atuação *in loco* junto a pessoas refugiadas, além de fornecer informações para que a cobertura seja realizada a partir de uma abordagem criativa, de forma mais humana e profissional, buscando promover igualdade global e justiça social.

O *Guia das Migrações Transnacionais e Diversidade Cultural para Comunicadores – Migrações no Brasil* foi lançado em 2013 pelas pesquisadoras Denise Cogo e Maria Badet, em parceria com um grupo de pesquisadores de diferentes universidades brasileiras e internacionais que investigam, em suas pesquisas, a relação entre a mídia e as migrações. Direcionado a comunicadores, a proposta do guia é ser um material de referência de análise e reflexão crítica sobre as mídias e sua relação com as migrações, com os objetivos de situar o papel da mídia, auxiliar na construção de conteúdo sobre as migrações e contribuir com as discussões a respeito das políticas migratórias no país.

4.2 PARÂMETROS ÉTICOS - ATUAÇÃO PROFISSIONAL

O que se espera de um comunicador que atua junto à temática migratória? Os guias trazem recomendações sobre o papel de quem irá produzir os conteúdos, versando sobre a conduta profissional, o cuidado com as fontes e o conhecimento necessário a respeito da temática migratória. Um comportamento ético, empático e responsável, baseado em fatos e dados confiáveis, além de um olhar humanizado para as migrações e comprometido com as pessoas migrantes, são as competências recomendadas para a atuação dos comunicadores envolvidos com a temática migratória.

Evidenciando a presença do aspecto humano da migração no tratamento midiático das migrações, todos os guias defendem o protagonismo migrante, em um contexto em que os sujeitos migrantes possam contar histórias a partir de suas perspectivas. Nesse cenário, é unânime, nos guias, a preocupação com as fontes. Partindo de diferentes leituras - tanto a questão dos refugiados, com situação jurídica e de proteção específicas, quanto de migrantes em geral -, os guias reforçam o cuidado que o comunicador deve ter com o consentimento e o anonimato e com a situação - por vezes, vulnerável - em que os sujeitos se encontram.

Ao tratar sobre a *conduta dos comunicadores* junto às pessoas migrantes, os guias 2, 3, 5 e 6³⁷ recomendam que os comunicadores sejam pacientes e sensíveis e que abordem os sujeitos com clareza e sinceridade, para que seja criado um ambiente de confiança. Alinhados aos discursos de Collier (1989) e Chen e Starosta (1996), que discutem a capacidade dos comunicadores em negociarem e respeitarem as diferenças culturais como uma competência para a comunicação intercultural, os guias 5 e 9 sugerem que os comunicadores compreendam as características religiosas e culturais dos migrantes para que não haja falhas na comunicação, e que sejam respeitados os hábitos e as tradições dos sujeitos, posto que algumas situações, como um simples aperto de mão, podem ser ofensivas para determinadas culturas.

Frente a possíveis barreiras linguísticas, o guia 2 sugere que os profissionais se esforcem para falar com os migrantes em seu primeiro idioma, como forma de facilitar a criação de um relacionamento. O guia 5 recomenda, ainda, que o profissional verifique se tudo foi compreendido, para não conduzir os migrantes a uma resposta. Com uma visão um pouco diferente, o guia 9 sugere a participação de um intérprete para que a cobertura consiga abranger os mais diferentes idiomas. Isso reforça a preocupação dos guias para que a voz migrante esteja sempre presente, seja ouvida e corretamente interpretada.

As dinâmicas de poder entre os comunicadores e os migrantes aparecem nos guias 2, 5 e 8, que sugerem cuidado com tons paternalistas que remetam a certa superioridade moral ou intelectual, ou que possam vitimizar e exotizar os sujeitos. Os guias 3 e 5 acentuam a importância do comunicador em manter uma postura e um engajamento crítico frente à temática, principalmente no que envolve xenofobia e racismo. Para o guia 10, o comunicador deve se distanciar de uma postura etnocentrista no tratamento midiático das migrações, respeitando a multiculturalidade e a interculturalidade presentes na sociedade. Tanto o guia 3 quanto o guia 4 enfatizam que os comunicadores precisam buscar aliados e ouvir todos os envolvidos nas histórias sobre as migrações, evitando uma possível polarização.

³⁷ Todos os guias estão esquematizados no Quadro 2, na página 45 desta dissertação.

A saúde mental dos comunicadores surge como uma questão relevante nos guias 6 e 9, que discutem, respectivamente, o contexto do oeste da África e a cobertura de questões referentes a pessoas refugiadas. Os guias destacam que os comunicadores precisam estar preparados emocionalmente para atuar na cobertura de questões específicas sobre as migrações, como a atuação *in loco* em fronteiras, em campos de refugiados e em áreas de conflitos ou desastres naturais. Além disso, recomendam que os comunicadores, antes de iniciarem a cobertura, tenham ciência sobre os riscos que as situações podem trazer e se certifiquem sobre as permissões necessárias para entrada nas áreas e para contato com os sujeitos envolvidos. Em uma cobertura em áreas de conflito ou desastres naturais, o guia 6 enfatiza que o profissional deve se atentar para que sua presença não cause pânico, nem prejudique a atuação de socorristas ou profissionais de resgate. Além disso, que seja cuidadoso ao divulgar os nomes das pessoas afetadas, que deve ocorrer somente após as famílias dos sujeitos terem sido contatadas.

O *cuidado com as fontes*, principalmente relativo à saúde mental dos sujeitos migrantes, também é discutido em alguns guias. Os guias 2, 5, 6 e 9 recomendam que os comunicadores tenham cuidado para não desqualificar ou pressionar pessoas que já estejam traumatizadas com as suas experiências. Os guias 2 e 6 aconselham que os migrantes sejam respeitados quando não quiserem compartilhar detalhes de suas vidas, e sugerem prudência com os limites emocionais dos sujeitos. O guia 6 recomenda que o comunicador encaminhe os migrantes para atendimento em serviços apropriados caso veja necessidade após a condução de uma entrevista em que perceba que os sujeitos estão fragilizados.

A maioria dos guias reforça que qualquer informação a ser veiculada precisa do consentimento dos migrantes. O guia 6 relembra, ainda, que o comunicador precisa orientar o migrante quanto à possibilidade de retirar tal consentimento em qualquer etapa do processo. O guia 5 sugere que, caso requerido, seja garantido aos migrantes direito de resposta. Quanto ao uso de imagens, os guias 1, 5 e 6 sugerem que não sejam utilizadas imagens em que as pessoas possam ser identificadas, em especial quando há crianças, enquanto o guia 9 sugere que câmeras sejam apontadas para longe das multidões quando for necessário retratar visualmente algum aspecto relativo às migrações.

É necessário, como enfatizam os guias 2, 5, 6 e 9, que os profissionais sempre informem aos migrantes sobre o veículo para o qual trabalham, qual mídia será utilizada e qual o potencial de alcance e projeção da informação a ser veiculada, evidenciando que não podem controlar a repercussão das informações. O guia 2 observa que os sujeitos que querem ter suas informações pessoais tornadas públicas, mesmo que isso os coloque em perigo,

devem ter sua vontade respeitada. Os guias 2, 6 e 9 orientam, ainda, que o profissional alinhe as expectativas dos migrantes com os quais está tratando, que não prometa o que não pode cumprir e que deixe claro o que pode fazer pelos sujeitos sendo um profissional da mídia, inclusive para não ser confundido, por exemplo, com um oficial do Estado.

Sobre a escolha e a abordagem de fontes, o guia 2 sugere que os comunicadores busquem suas próprias fontes entre os migrantes ao invés de buscarem o apoio de organizações que indiquem migrantes para falar. Em um contexto similar, o guia 9 aponta que as organizações humanitárias podem auxiliar na indicação de fontes, mas reforça que esses grupos têm suas próprias agendas - que podem ter aspectos diferentes da abordagem escolhida pelo comunicador. Os guias 2, 3, 4, 5, 9 e 10 salientam que uma diversidade de interlocutores migrantes pode garantir que diferentes histórias sejam contadas e que os contextos não sejam abordados somente pelos mesmos porta-vozes, que nem sempre são representativos como parecem. Os guias 5 e 10 reforçam, ainda, que, nessa diversidade, é necessário contemplar a questão de gênero. Para os guias 4, 6 e 10, a depender da abordagem, é necessário que autoridades locais, organizações internacionais e diferentes organizações da sociedade civil sejam consultadas como fontes de informação. Em contrapartida, na visão do guia 1, Estado, ONGs e agências intergovernamentais podem apresentar visões tendenciosas quanto às migrações, sendo o migrante a principal fonte a ser ouvida.

Parte dos guias reforça a necessidade de formação e atualização contínua dos comunicadores a respeito das questões envolvidas na temática migratória, alinhada ao apontado nos estudos de Aznar (2004). Os guias 3 e 6 destacam que a pressa e o imediatismo em divulgar as informações precisam dar espaço para profundas investigações sobre as migrações. Para os guias 2, 3, 4, 5 e 10, é importante que os comunicadores tenham *conhecimento* sobre os contextos históricos, políticos e socioeconômicos tanto dos países de origem dos migrantes quanto das sociedades receptoras, bem como sobre as leis e os direitos dos migrantes após chegarem nos países.

Como recomendado pelo guia 9, é importante que os comunicadores saibam se os países fazem parte de tratados internacionais para compreender se há violação de direitos humanos, ou se algum compromisso firmado a partir de tais acordos não está sendo cumprido. O guia 4 sugere que leis internacionais referentes a questões migratórias sejam de domínio inclusive dos comunicadores que atuam em países não signatários da Organização das Nações Unidas. Frente a situação jurídica e de proteção específicas de alguns grupos, os guias 4, 5 e 9 apontam que os comunicadores devem conhecer os conceitos relativos às pessoas envolvidas

na temática migratória para saber diferenciar “migrantes”, “refugiados”, “solicitantes de asilo” e “grupos em deslocamento forçado”.

Os guias 4, 5 e 6 recomendam uma busca por fontes de dados confiáveis, como os relatórios de pesquisadores da temática migratória e das organizações que atuam com pessoas migrantes, incluindo as agências da ONU, bem como de órgãos estatísticos oficiais dos estados. O guia 10 lembra, entretanto, que os dados provenientes de órgãos governamentais não consideram os migrantes em situação irregular de documentação, e sugere cautela com a utilização de tais números. O guia 5 aconselha que, se necessário, os comunicadores façam uso de plataformas de checagem de informações para verificar o que querem que seja veiculado. Para além do conhecimento sobre a temática, o guia 1 destaca a importância do comunicador em compreender para qual público está se dirigindo, para que assim a informação seja consumida de forma mais acessível, e o guia 2 lembra que os próprios migrantes também consomem o conteúdo dos comunicadores. Todas essas informações auxiliam na compreensão dos motivos pelos quais os migrantes são criminalizados ou hostilizados pela sociedade e no cuidado com a escolha de temas a serem abordados.

4.3 PARÂMETROS ÉTICOS - PRODUÇÃO DE CONTEÚDO

O que falar sobre as migrações? Os guias analisados, em geral, apresentam boas práticas e o que deve ser evitado na produção de conteúdo sobre a temática migratória. A orientação dos guias é que as migrações sejam abordadas a partir de toda a sua dimensão social, o que contempla a história, a constituição e o funcionamento das sociedades (Sayad, 1998). Além disso, os guias reforçam a importância das migrações serem retratadas a partir de uma ótica universal, com um olhar global - como uma questão de direitos humanos que envolve diferentes países, e não como um problema relacionado a pessoas -, sem esquecer da perspectiva local, trazendo as migrações para as situações do cotidiano, o que pode aproximar a sociedade receptora dos sujeitos migrantes. Tais questões contribuem para que a migração seja vista como um fato e uma questão de bem público da humanidade (Rupar, 2021), e não como um evento.

As migrações, de acordo com os guias, devem ser discutidas transversalmente a outros acontecimentos e fenômenos, entre os quais saúde, educação e cultura, e não somente de forma isolada. A agência e a potência dos sujeitos precisam ser evidenciadas, enquanto questões que vitimizam, revitimizam ou focam nos momentos mais difíceis e traumatizantes das trajetórias migrantes devem ser evitadas. Os guias enfatizam a necessidade de desconstrução dos estereótipos, muitas vezes estabelecidos e reforçados pela mídia (Aznar,

2005; Hall, 2016), e comuns no imaginário social a respeito das pessoas migrantes e refugiadas.

Todos os guias trazem recomendações sobre possíveis *pautas* e assuntos para comunicar as questões que envolvem a temática migratória. Como aponta o guia 3, é necessário falar das migrações como uma questão permanente nas sociedades, e não como um fenômeno temporário. As crises, reforçam os guias 2, 5, 6 e 7, não são de migrantes ou de refugiados, mas normalmente humanitárias, econômicas, políticas ou de fronteiras, contextos que precisam ficar claros na comunicação sobre as migrações. Pela ótica dos guias 3 e 4, que tratam das migrações venezuelanas e dos deslocamentos no Paquistão, o foco deve estar na perspectiva dos direitos humanos e nas pessoas migrantes, enquanto a politização das migrações e os cenários políticos que envolvem os processos migratórios devem ser evitados.

Para os guias 2, 4, 5, 9 e 10, as causas e as circunstâncias que originam os deslocamentos devem ser abordadas, dando visibilidade a ações junto à sociedade e a abusos aos direitos humanos ocorridos em países em conflito. Nesse contexto, o guia 2 recomenda que também sejam evidenciadas as responsabilidades dos países recebedores e dos países reconhecidamente anti-migração nos contextos de conflito dos países de onde provêm os migrantes. Com outra visão, o guia 1 recomenda certa cautela ao abordar as causas que levam aos deslocamentos, dado que frequentemente as narrativas se referem à pobreza, o que pode desencadear medo na sociedade.

A importância da interculturalidade e da construção de vínculos das pessoas migrantes junto à sociedade recebedora são destacadas nos guias. Histórias que reconheçam as experiências dos migrantes para além de seus desafios e abordagens sobre aspectos culturais, contribuições sociais, econômicas e políticas para a sociedade recebedora são recomendadas pelos guias 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9 e 10. Esses guias sugerem, também, que os sujeitos migrantes sejam apresentados como pessoas normais, com seus defeitos e qualidades, mas sempre agentes nas sociedades. O guia 4 destaca a competência dos sujeitos migrantes e recomenda que sejam contadas histórias de migrantes bem sucedidos nas sociedades recebedoras, bem como de famílias que prosperaram a partir do envio de remessas ao país de origem.

Como forma de aproximar os sujeitos migrantes da sociedade recebedora, os guias 1, 3 e 10 sugerem que sejam discutidas semelhanças entre as questões culturais dos países de origem e destino dos migrantes. Nesse cenário, a importância social e cultural de questões referentes a migrantes precisam ser bem explicadas, como sugere o guia 10, para que enfoques exóticos ou folclóricos não se sobressaiam. A identificação da sociedade com os

sujeitos migrantes é destacada, também, pelo guia 1, que recomenda que sejam contadas histórias do cotidiano, envolvendo formas de lidar com processos administrativos e acesso aos serviços públicos. A sugestão do guia 2 para a criação de conexões e de sensibilização da sociedade é que sejam abordadas histórias de relacionamento ou de amizades envolvendo pessoas migrantes, bem como relatos sobre as experiências dos migrantes que ocorreram antes do início de suas trajetórias migratórias.

Frente ao imaginário negativo da sociedade em relação à temática migratória, os guias 5 e 8 recomendam que sejam utilizadas *imagens* reais e positivas para falar sobre as migrações. Os guias destacam, além disso, que é necessário que haja coerência entre imagem e texto para evitar que sejam mostradas perspectivas incorretas da realidade. O guia 8 reforça, ainda, que imagens com grande quantidade evocam uma sensação de invasão, e por isso devem ser evitadas. É nesse contexto, também, que o guia 3 sugere que não se mencionem grandes números de chegada de migrantes, uma vez que a quantidade pode gerar medo. Os guias 1, 3, 5, 8, 9 e 10 também aconselham evitar a utilização de cifras e *dados estatísticos* de forma isolada ou como argumento principal na comunicação sobre as migrações, uma vez que números sem contextualização podem parecer parciais e não refletir a realidade das migrações.

Há uma extensa discussão, na maioria dos guias, a respeito da discriminação social dos migrantes como norma quase implícita (Krüger, 2004), decorrente da representação por meio de *estereótipos*, sendo criminalidade, pobreza, vitimização e vulnerabilidade os aspectos mais recorrentes. Os guias 3, 5, 6 e 10 apontam que fatos isolados não podem ser relacionados a um grupo de migrantes, dado que as generalizações podem incitar o medo e a rejeição, e que tanto as pessoas migrantes quanto os motivos para migrar são diversos, não podendo ser encaixados em uma simplificação. O guia 3 destaca a importância da contextualização em situações que envolvem migrantes e criminalidade, uma vez que delitos são cometidos por pessoas e não por grupos, culturas ou países. Assim, sugere que a relação entre migração e criminalidade seja refutada a partir da divulgação de estudos fundamentados que tragam conhecimento à sociedade e que não revitimizem os sujeitos migrantes.

Os guias 5, 8, 9 e 10 recomendam que as pessoas migrantes e as pessoas refugiadas não sejam relacionadas à pobreza, correlação - como destaca o guia 8 - que gera rejeição mais ao pobre do que ao migrante, já que atletas, artistas e demais profissionais bem sucedidos que são migrantes não enfrentam rejeição e normalmente são bem integrados à sociedade. O guia 8 recomenda, ainda, que sejam evitadas polarizações recorrentes na sociedade e nos discursos midiáticos sobre as migrações - pessoas boas e pessoas más, pessoas que salvam e pessoas

que são salvas -, para que não seja criado um imaginário de hierarquização de pessoas na sociedade, em um cenário que os migrantes podem ser inferiorizados.

Com maior foco em pessoas refugiadas, a recomendação do guia 9 é que os sujeitos não sejam rotulados como pessoas sem agência, oprimidos e vítimas. Em um cuidado com a semântica, os guias 5 e 7 reforçam a necessidade de contextualizar os discursos que abordam pessoas refugiadas que tiveram que sair dos seus países por diferentes motivos de perseguição, posto que a sociedade pode relacionar pessoas perseguidas a pessoas fugitivas, e compreender erroneamente que os sujeitos tiveram de fugir dos seus países devido a alguma irregularidade.

A estereotipagem envolvendo identidades culturais e nacionalidades dos migrantes é abordada de diferentes formas nos guias. Os guias 4 e 6, que trazem os contextos do Paquistão e da África Ocidental, respectivamente, exploram estereótipos já cristalizados no imaginário social a respeito de pessoas migrantes. O guia 4 destaca a necessidade constante em desafiar os estereótipos, posto que pessoas migrantes são vistas ora como sub-educadas e criminosas, ora como terroristas, em narrativas que podem encorajar os discursos de ódio. O guia 6, ao abordar o impacto das imagens no tratamento midiático das migrações, reforça que há outras formas de retratar as pessoas migrantes para além da imagem clássica que envolve vítimas de naufrágios.

A recomendação dos guias 5 e 6 é cautela na abordagem de etnias, que precisam sempre ser nomeadas e tratadas a partir de aspectos que reforcem positivamente suas origens e sua cultura. Os guias 1, 3 e 10, em contrapartida, sugerem que sejam evitados tanto o uso de etnia quanto o de nacionalidade para se referir aos sujeitos migrantes, uma vez que são questões que podem fomentar a xenofobia e o racismo, sugerindo o uso somente se for essencial para a compreensão do conteúdo. Ao abordar a diversidade de outros países, como os pertencentes ao continente africano, o guia 10 destaca que as características não devem ser padronizadas para que o continente não seja visto de uma forma única, posto que cada país tem suas particularidades sociais, culturais, políticas e econômicas.

Os guias acentuam, ainda, a importância no cuidado com o uso de determinadas *expressões e terminologias* no tratamento midiático das migrações. Os guias 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 10 sugerem evitar termos como “onda”, “inundação”, “dilúvio”, “tsunami”, “avalanche”, “enxame”, “invasão” e “infestação” para se referir a entrada de migrantes nos países, uma vez que essas palavras fazem referência a situações avassaladoras, perigosas ou remetem a animais. O guia 8 destaca como contraproducente a utilização de frases como “migrar não é

um delito” e “parem as deportações”, por acreditar que a percepção da sociedade frente a determinados enquadramentos pode ser de que está sendo protegida de algo ruim.

Os guias 1, 2, 5, 6 e 7 recomendam evitar a utilização do termo “ilegal” para se referir a migrantes e refugiados, expressão que pode ser substituída, se necessário, por “irregular”, “em situação irregular”, “indocumentado” ou “sem documentos”. O guia 3 desaconselha a utilização do termo “irregular”, assim como o guia 10, que recomenda que todos os termos sejam evitados, posto que a situação administrativa irregular dos sujeitos não tem relação com infrações criminais. O guia 10 propõe cautela, também, na utilização das expressões “estrangeiro”, já que o termo pode carregar certa discriminação, e “vulnerável”, que pode estigmatizar os sujeitos. Quando a questão da vulnerabilidade é inevitável para narrar a situação, o guia recomenda o uso de “condições de vulnerabilidade social”.

Enquanto o guia 5 sugere que sejam utilizados termos neutros para se referir à população refugiada, como “pessoas refugiadas” ou “profissionais refugiados e refugiadas”, o guia 8 sugere que se fale apenas em pessoas, sem as terminologias “migrante” ou “refugiado”. A justificativa é que a categorização pode desumanizar as migrações, sugerindo comparações e rivalidades. Por fim, os guias 5 e 7, de 2020 e 2019, sugerem cautela na utilização dos termos “refugiados econômicos” e “refugiados ambientais”, uma vez que ainda não há reconhecimento legal para essas situações, as quais também não estão contempladas na Convenção de 1951.

4.4 UM OLHAR PELOS GUIAS BRASILEIROS

Há mais de uma década, no Brasil, professores, pesquisadores, ativistas dos direitos humanos, profissionais da mídia e organizações locais e internacionais que atuam junto a pessoas migrantes e a pessoas refugiadas vêm trabalhando na construção de uma nova perspectiva ética para a comunicação sobre as migrações, pautada no diálogo e na compreensão de diferentes culturas. Entre tantos produtos e serviços provenientes dessa construção, como a atuação profissional das organizações, as pesquisas acadêmicas, os fóruns e eventos e os produtos midiáticos voltados à cobertura das migrações, estão os guias de comunicação sobre as migrações, lançados em 2013, 2019 e 2020.

O primeiro guia brasileiro - *Guia das Migrações Transnacionais e Diversidade Cultural para Comunicadores – Migrações no Brasil* - é direcionado a comunicadores e tem como autoras as pesquisadoras Denise Cogo e Maria Badet. Foi lançado em 2013 com recursos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), em parceria com um grupo de pesquisadores de diferentes universidades brasileiras e

internacionais que já vinham se dedicando a estudos que interrelacionam mídia e migrações. O segundo guia, lançado em 2019, é intitulado *Migrações, Refúgio e Apatridia - Guia para Comunicadores*, tem autoria de Rodrigo Borges Delfim e apoio de diferentes organizações, como o Instituto Migrações e Direitos Humanos (IMDH) e a Agência da ONU para Refugiados (ACNUR), e é direcionado a profissionais da comunicação. O terceiro e mais recente guia, *Cobertura Jornalística Humanitária - Guia do ACNUR para profissionais e estudantes de comunicação*, de 2020, foi produzido pela área de comunicação do ACNUR Brasil e, como descrito no título, é direcionado a profissionais e estudantes de comunicação.

Os três guias trazem tendências que apontam para uma ética intercultural e global, como pensada por Cortina (2017), Couldry (2013) e Ward (2021). As recomendações passam pelo reconhecimento da diversidade cultural dos migrantes, em um contexto de afirmação e valorização da interculturalidade e de respeito às diferenças. Fica evidente a responsabilidade dos comunicadores em conscientizar e educar a sociedade através da promoção dos direitos humanos, da contestação dos estereótipos e da acuracidade na busca pelas informações.

Os guias apresentam um glossário de termos e conceitos que auxiliam na compreensão sobre a temática migratória, com atenção especial à diferenciação entre migrantes e refugiados - questão mais explorada e repetida pelo guia de 2020, mas presente em todos. Nos três guias são abordadas, de alguma forma, a conduta dos profissionais junto aos migrantes, mas é no guia de 2020 que tanto os conhecimentos do profissional quanto a sua atuação junto aos migrantes são mais evidenciados. Há muitas recomendações repetidas nos guias de 2019 e 2020, o que se deve - acreditamos - ao fato de o ACNUR ter apoiado a organização do guia de 2019 e ter mantido as informações no guia de 2020. Exemplos de abordagens na mídia brasileira são explorados extensamente no guia de 2013, que traz excertos de notícias para discutir as recomendações de boas práticas e o que evitar no tratamento midiático das migrações. O guia de 2020 traz algumas notícias em forma de imagem para ancorar suas recomendações, enquanto o guia de 2019 não traz exemplos reais já veiculados.

Há uma ampla divulgação de organizações nacionais e internacionais que atuam junto a pessoas migrantes e pessoas refugiadas nos três guias, bem como de instituições governamentais brasileiras que têm, em suas atividades, atuação relacionada com pessoas migrantes ou pessoas refugiadas. Outra característica dos três guias é a presença de relatórios, cartilhas e documentos sobre as migrações no Brasil e no mundo. Enquanto o guia de 2013 aborda leis brasileiras em vigência e tratados internacionais sobre pessoas migrantes e pessoas refugiadas, o guia de 2020 aborda, cronologicamente, os tratados internacionais, protocolos e declarações que tratam, majoritariamente, sobre pessoas refugiadas. Citadas brevemente e a

partir de um tema específico no guia de 2019, notícias falsas ganham destaque no guia de 2020, que discute mitos sobre as migrações, divulga pesquisas sobre o consumo de informações falsas e sugere ferramentas de combate e plataformas de checagem de informação. Os guias de 2013 e 2019 trazem, ainda, uma série de informações a respeito de iniciativas migrantes, como mídias migrantes, grupos em redes sociais online e projetos para autonomia migrante.

Para além das questões já mencionadas, há algumas particularidades nos guias de 2013 e 2020. O guia de 2020 é bastante focado na operação do ACNUR, no papel da agência e nos projetos, iniciativas e parcerias em que atua junto a refugiados, solicitantes de reconhecimento da condição de refugiado, deslocados internos, retornados e apátridas no Brasil. Entre outros projetos de atuação, o guia traz um destaque para a Operação Acolhida - citada brevemente, também, no guia de 2019 -, criada em 2018 e coordenada pelo governo federal, que atende pessoas migrantes e refugiadas provenientes da Venezuela. O guia também apresenta informações sobre a pandemia de covid-19, discutindo a atuação do ACNUR junto aos refugiados no contexto da pandemia e trazendo sugestões para uma construção de conteúdos de comunicação, tanto internos quanto externos, mais adequada. Há um destaque, ainda, para linguagem inclusiva, status social, gênero, raça e etnia, com foco na quebra de padrões e estereótipos sobre as questões e na atuação de profissionais dentro dessa perspectiva.

Partindo de um panorama geral das migrações no mundo e na América Latina e de migrações transnacionais de brasileiros pelo mundo, o guia de 2013 aponta dados sobre as migrações históricas para o Brasil, com abordagens que vão desde a nacionalidade dos migrantes, passando pelos motivos que os trouxeram ao país até chegar na discussão sobre o ideal do migrante branco e as políticas de assimilação dos migrantes. Em seguida, apresenta um panorama sobre as migrações contemporâneas para o Brasil - considerado país de imigração frente ao aumento na chegada de migrantes -, enfatizando os desafios em utilizar números sobre migrantes no país, uma vez que há sujeitos em situação documental não contemplada pelos dados oficiais. O guia traz, também, dados sobre a presença de refugiados no Brasil e discute os perfis dos migrantes que vinham se estabelecendo no país, com migrações ocasionadas por diferentes motivações sociais, políticas e econômicas. Ainda, aborda de forma crítica as políticas migratórias no Brasil, pautando a importância das associações migrantes tanto na aprovação de acordos quanto na luta por reconhecimento e cidadania das pessoas migrantes. Adicionalmente, o guia traz informações sobre periódicos, publicações acadêmicas, bases de dados e grupos acadêmicos de pesquisa sobre as migrações,

além de contatos de pesquisadores brasileiros e internacionais que investigam a temática migratória.

Os parâmetros éticos propostos pelos guias discutidos neste capítulo serão retomados no capítulo 6, em tensionamento com a percepção dos migrantes sobre ética e interculturalidade no tratamento midiático das migrações.

5 A CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA DO ESTUDO DE RECEPÇÃO

Neste capítulo, após uma breve discussão sobre os estudos de recepção, apresentaremos a segunda etapa da nossa pesquisa empírica, com todos os passos desenvolvidos metodologicamente para nosso estudo de recepção.

5.1 CONSUMO MIDIÁTICO E RECEPÇÃO

Considerando que a ética e a interculturalidade deveriam ser premissas na produção de conteúdo sobre a temática migratória, como o tratamento midiático das migrações é percebido pelas pessoas migrantes? Revisitamos nosso problema de pesquisa porque esta é a etapa do percurso teórico-metodológico adotado que nos deixa mais próximas de uma resposta - e de muitos novos questionamentos.

Nossa pesquisa se localiza no campo dos estudos do consumo midiático e da recepção. Compreendemos o consumo midiático a partir de Mariângela Toaldo e Nilda Jacks (2013, p.1), como uma “especificidade do consumo cultural”, uma abertura ou estudo complementar aos estudos de recepção. A noção de consumo cultural parte dos estudos de García Canclini (1999), que ao tentar articular uma teoria sociocultural do consumo que inclua os bens simbólicos e os processos comunicacionais, define o consumo como “o conjunto de processos socioculturais nos quais se realizam a apropriação e os usos dos produtos” (García Canclini, 1999, p. 34, tradução nossa)³⁸. O pesquisador aponta certo incômodo ao utilizar a palavra consumo pela sua proximidade com o campo econômico, mas acredita ser a mais apropriada para abranger as noções de apropriação, uso, audiências e recepção.

Para ampliar a noção de consumo e chegar ao consumo cultural, o autor acrescenta que, em determinados produtos - denominados produtos culturais -, os méritos simbólicos são maiores que os valores de uso e troca. Assim, García Canclini (1999, p. 42, tradução nossa) define o consumo cultural como “o conjunto de processos de apropriação e usos de produtos em que o valor simbólico prevalece sobre os valores de uso e de troca ou, pelo menos, em que estes últimos se subordinam à dimensão simbólica”³⁹. Essa definição vai além das artes e do conhecimento universitário e inclui o consumo do cultural veiculado nas mídias.

A pesquisadora Daniela Schmitz (2015, p. 271) sugere a perspectiva do consumo midiático para “as investigações que dão conta de entender o que os indivíduos consomem na

³⁸ Original: “*el conjunto de procesos socioculturales en que se realizan la apropiación y los usos de los productos*”.

³⁹ Original: “*el conjunto de procesos de apropiación y usos de productos en los que el valor simbólico prevalece sobre los valores de uso y de cambio, o donde al menos estos últimos se configuran subordinados a la dimensión simbólica*”.

mídia, as práticas envolvidas no processo, os usos e sentidos fabricados a partir deste consumo que não está circunscrito a um programa ou veículo específico”. E aí retornamos à Toaldo e Jacks (2013), para quem o consumo midiático

trata-se do consumo do que a mídia oferece: nos grandes meios - televisão, rádio, jornal, revista, internet, sites, blogs, celulares, tablets, outdoors, painéis... - e nos produtos/conteúdos oferecidos por esses meios - novelas, filmes, notícias, informações, entretenimentos, relacionamentos, moda, shows, espetáculos, publicidade, entre outros. (Toaldo; Jacks; 2013, p. 6-7).

Em nossa compreensão, o acesso e o consumo midiático ocorrem a partir de condições situacionais e de um contexto social. Nessa circunstância, é necessário investigar como esse acesso é estruturado, conhecendo o repertório de mídia (Hasebrink, Hölig, 2013) dos sujeitos migrantes.

Para Uwe Hasebrink e Sascha Hölig (2013), o repertório de mídia consiste na totalidade de mídias regularmente utilizadas pelos sujeitos. Tendo em vista que os consumos são multimídia e o uso das mídias é transversal inerentemente (Schrøder, 2011, apud Hasebrink, Hölig, 2013), uma abordagem do consumo de mídia a partir do repertório, segundo os autores, precisa estar centrada no usuário, nas mídias que ele consome e na interrelacionalidade dessas mídias, não só em uma soma de aparatos ou produtos. Nossa pesquisa não quer se aprofundar no repertório dos sujeitos - por quanto tempo usa, quando e de que forma -, mas analisa as mídias utilizadas pelas pessoas migrantes para compreender de que forma o consumo ocorre, para posteriormente investigar os sentidos produzidos a partir da recepção de produtos midiáticos que abordam a temática migratória.

Iniciando com o consumo midiático, chegamos na recepção. Para Itania Gomes (2004), os estudos de recepção são caracterizados por buscar entender, no processo comunicativo, o lugar do receptor como sujeito ativo. Em nossa trajetória de pesquisa, compreendemos a recepção a partir de Martín-Barbero (2002), como sendo o lugar de rever e de repensar a comunicação em todo o seu processo. Nesse lugar estão os sujeitos - nesta pesquisa, pessoas migrantes -, que o tempo todo produzem e negociam sentidos, contextualizados “na complexidade das relações sociais com a coletividade, no cotidiano, nas instituições, nas relações de poder, nas relações de classe, nos conflitos, nos discursos e nas mídias” (Fígaro; Grohmann, 2015, p. 5).

As circunstâncias de produção e negociação de sentidos desses sujeitos na recepção ocorrem a partir de mediações, estruturas por nós compreendidas como o espaço condutor da relação e da interação dos sujeitos com a mídia (Martín-Barbero, 1997). A mediação também

pode ser vista como “uma espécie de estrutura incrustada nas práticas sociais e na vida cotidiana das pessoas que, ao realizar-se através dessas práticas, traduz-se em múltiplas mediações” (Lopes, 2014, p. 68). A questão migratória orienta toda nossa pesquisa, e analisamos a migração e as vivências cotidianas desse “fato social total” (Sayad, 1998, p. 16) como a mediação que articula a relação dos sujeitos com os meios.

Por pensarmos a recepção como um “fenômeno profundamente político e cultural” (Lopes, 2014, p. 67) e explorarmos as vivências e a essência intercultural dos sujeitos migrantes - com conflitos, negociações, distância, saudade, ausências, pertencimentos e esquecimentos -, tentamos extrapolar em nossa investigação a ordem do midiático para alcançarmos a dimensão do comunicacional. É relevante destacar que nossa compreensão de cultura apoia-se na perspectiva dos estudos culturais, no sentido de que “deixa de ser um sistema simbólico ordenado, com valores morais e instituições constituídas, e passa a ser compreendida como ocorrência dinâmica em processos comunicativos e sistemas de significação” (Gomes, 2004, p. 103). Ao articular os estudos culturais e os estudos de recepção, concordamos com Roseli Fígaro (2019, p. 13) quando a autora aponta que “a pertinência dos estudos de recepção é destacar o enfoque político das relações de comunicação, para sobrelevar a ação do indivíduo/social e suas condições em se colocar no mundo”. É a partir dos estudos de recepção, segundo Gomes (2004, p. 14), que os estudos culturais passam a se interessar pela atividade humana, um “interesse pela maneira ativa, criativa, com que os espectadores, ouvintes, leitores põem-se diante dos meios de comunicação”.

Aproximando-nos, então, do nosso desenho metodológico, estruturamos um estudo de consumo midiático e de recepção com pessoas migrantes para compreendermos suas percepções sobre o tratamento midiático das migrações a partir de aspectos éticos e interculturais. Como já exposto, a temática migratória vem sendo abordada em diferentes áreas do campo midiático e em diversos produtos para informação e entretenimento, como reportagens, novelas, podcasts, documentários, entre outros. Considerando que as especificidades desses produtos não interessam individualmente para a pesquisa, optamos por não definir nenhum produto midiático em que as migrações são tema, mas abordar o tratamento midiático das migrações em geral.

Além disso, buscamos contemplar “as experiências de multiterritorialidade experimentadas pelos migrantes e nem sempre explicadas por suas vinculações a territórios e matrizes relacionados exclusivamente ao nacional e à nacionalidade” (Cogo; Brignol; 2014, p. 17). Levando em conta a condição transnacional que é inerente às pessoas migrantes, optamos

por não definir essas mídias a partir de uma região geográfica específica e delimitada. Tal decisão parte, também, de compreendermos a mídia como transnacional - principalmente pós-internet -, podendo alcançar diversas audiências em diferentes localizações. Assim, a pesquisa se orienta a partir da diversidade de conteúdos midiáticos consumidos pelos sujeitos migrantes.

5.2 A ENTREVISTA COMO PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Beatriz Sarlo, na apresentação do livro *La entrevista, una invención dialógica*, de Leonor Arfuch (1995), descreve a entrevista como sendo o gênero da voz e da autenticidade, além de ser o espaço em que alguém que fala é escutado. Nessa situação comunicativa, há um pacto de cooperação entre os interlocutores em um espaço de reflexão, em que os sujeitos entrevistados trazem suas histórias e objetivam suas experiências (Arfuch, 1995). É esse espaço de construção conjunta de conhecimento que nos interessa, e, para isso, escolhemos como procedimento a entrevista semi-aberta em profundidade.

Segundo Jorge Duarte (2010), com a entrevista em profundidade é possível analisar, de forma estruturada, as percepções dos sujeitos sobre determinado assunto. A flexibilidade da entrevista semi-aberta permite que o roteiro de perguntas seja ajustado no decorrer do processo, questão fundamental para nossa pesquisa frente a sensibilidade da abordagem do tema das migrações junto a pessoas migrantes.

Além disso, com a entrevista em profundidade não se buscam resultados quantitativos, e toda a interpretação precisa ser suportada pelas teorias e articulada com os pressupostos definidos pela pesquisadora. O autor aponta que o principal objetivo das análises, assim como dos estudos qualitativos em geral, não é o estabelecimento de conclusões definitivas, mas as interpretações, o aprendizado frente a diversidade e a síntese das descobertas. O resultado é menos conclusivo e mais reflexivo e analítico. Para Duarte (2010, p. 82), “o uso de entrevistas pode ser imaginativo e crítico, sem que se perca o rigor metodológico”. A validade da pesquisa científica que utiliza entrevistas não se dá pelo relato das entrevistas, mas pela construção metodológica da investigação e sua imbricação com as teorias e o problema de pesquisa.

Os estudos de Marita Eastmond (2007) com pessoas refugiadas e de Rosalía López Fernández (2017) com pessoas migrantes apoiam algumas reflexões sobre meu papel como pesquisadora. Já no início do processo, foi preciso reconhecer que o conhecimento não é neutro, que a pesquisa está situada em um contexto e que há uma relação assimétrica entre pesquisadora e sujeitos entrevistados (López Fernández, 2017). É possível, no entanto, como

aponta Eastmond (2007) fazer uma representação justa dos sujeitos na pesquisa, que é organizada e interpretada a partir de filtros de ambos os lados, da pesquisadora e dos migrantes.

Os primeiros filtros dessa relação, em minha percepção, partem de eu ser uma mulher cisgênero branca, solteira, sem filhos e nascida no Brasil. Eu sabia, porém, que iria para as entrevistas com mais alguns filtros: minhas vivências; um certo conhecimento teórico; o apoio de diferentes autores e pesquisadoras, incluindo minha orientadora; todas as minhas críticas, que partem de um lugar de ativista, que vem estudando a temática dos direitos humanos há alguns anos, de cidadã local, que contesta a forma como a sociedade brasileira recebe os sujeitos migrantes, e de cidadã global, que questiona as fronteiras cada vez mais perigosas e os muros cada vez mais altos; e minhas experiências junto a sujeitos migrantes, iniciadas lá em 2016. Dos sujeitos migrantes, eu esperava a voz e a agência, junto a suas percepções a respeito do tratamento midiático das migrações, apoiadas em suas vivências ao longo de suas trajetórias - em seus países, em seus processos migratórios, e no Brasil -, mas sem conhecer seus filtros.

Eastmond (2007) me ajudou a refletir e a compreender - e minha orientadora também, inúmeras vezes - que as histórias contadas pelos sujeitos são uma representação de suas vivências, e que não refletem necessariamente a verdade, mas uma interação entre a vida, a história e a experiência.

A experiência passada é sempre lembrada e interpretada à luz do presente, bem como pela forma como o futuro é imaginado. [...] As histórias não podem ser vistas como reflexos da vida vivida, mas sim como construções ou interpretações criativas do passado, geradas em contextos específicos do presente⁴⁰. (Eastmond, 2007, p. 249, tradução nossa).

Aquilo que é contado é moldado, também, pelo encontro e pelo contato com quem está pesquisando, que irá fazer uma nova representação a partir de seus filtros. E que será seguida por outra interpretação, a de quem lê a investigação. Outros aprendizados baseados em Eastmond (2007) e que já estavam no meu pensamento é que os sujeitos falam por si, que cada história é única e legítima. Entretanto, em suas falas, pode haver traços de um contexto interpretado, vivido não pelo indivíduo, mas pelo coletivo, por um grupo.

Baseada em López Fernandez (2017), compreendi também que, apesar da construção dos dados ser conjunta - essa investigação, como mencionamos na *Introdução*, nunca foi

⁴⁰ Original: “Past experience is always remembered and interpreted in the light of the present as well as by the way that the future is imagined. [...] Thus, stories cannot be seen as simply reflecting life as lived, but should be seen as creative constructions or interpretations of the past, generated in specific contexts of the present.”

pensada em ser somente *sobre* os migrantes, mas *com* os migrantes -, a análise e a discussão são unilaterais, são *sobre* os sujeitos entrevistados. Mas essa é uma distância analítica necessária, como lembra Eastmond (2007), por ser atravessada pela compreensão de contextos mais amplos, onde as histórias, pensadas em algum momento coletivamente, estão situadas.

5.2.1 A construção das entrevistas

O roteiro da entrevista (Apêndice B, ao fim deste trabalho) foi estruturado a partir de um perfil sociodemográfico e de três eixos: *Dimensão Intercultural*, *Repertório/Consumo de mídia* e *Mídia e Migrações*. São 49 questões respondidas por todos os entrevistados e uma questão adicional, específica para um grupo de entrevistados, que aprofundamos posteriormente, na seção *Definição do Corpus*.

O perfil sociodemográfico traz questões gerais sobre os sujeitos migrantes: a idade com que o entrevistado saiu de seu país de nascimento; com quem migrou; os países que esteve em sua trajetória migratória; o período em que está no Brasil e com quem reside no país; nível de escolaridade e atividade profissional, tanto no país de nascimento quanto no Brasil. O eixo *Dimensão Intercultural* traz questões acerca das vivências interculturais dos sujeitos: participação em coletivos; aspectos culturais que carrega consigo em sua trajetória migratória; a adoção de aspectos culturais brasileiros; orientação religiosa; e questões relativas à integração e ao acolhimento na sociedade brasileira. O eixo *Repertório/Consumo de Mídia* traz questões sobre o acesso e a presença de tecnologias e de mídias no cotidiano dos sujeitos, tanto no Brasil quanto em seus países de nascimento, bem como sobre o consumo midiático.

O terceiro eixo, *Mídia e Migrações*, aborda novamente o consumo, dessa vez voltado ao conteúdo sobre as migrações, e o tratamento midiático das migrações em geral. Esse eixo compreende, também, as perguntas sobre o status documental dos entrevistados e sobre sua identificação com os termos migrante e refugiado, deixadas por último, em linha com a sugestão de Duarte (2010) de fazer perguntas mais complexas somente no final das entrevistas. Compreendemos que essas são questões mais sensíveis e que podem trazer constrangimentos aos entrevistados, reflexão que parte da nossa experiência no atendimento a migrantes que, muitas vezes, por receio, desconhecimento ou proteção, preferem não mais falar sobre sua situação migratória e documental.

Como mencionado, não definimos uma região geográfica específica para o consumo midiático dos sujeitos. Ainda assim, por estarem situados no contexto brasileiro e por compreendermos uma possível relevância da mídia do Brasil em seu cotidiano, algumas perguntas referem-se somente à mídia brasileira.

5.3 DEFINIÇÃO DO CORPUS E PERFIS DOS ENTREVISTADOS

Para a estruturação do corpus da nossa pesquisa, estabelecemos alguns critérios de inclusão e de exclusão para os possíveis entrevistados. Entre os critérios de inclusão, estão residir em território brasileiro, independente de o Brasil ser um destino escolhido, a única opção dos sujeitos ou um país de passagem, e estar no país há pelo menos seis meses, por acreditarmos ser um tempo possível para trocas interculturais. Frente a minha experiência com campos de refugiados, optamos pela exclusão de sujeitos que estivessem residindo em algum campo ou abrigo. Há muitas questões envolvidas na chegada dos sujeitos nos países, e o tempo que passam em moradias provisórias, por vezes, é de muita vulnerabilidade. Além disso, muitas vezes os sujeitos não têm acesso às mídias que gostariam ou que estavam acostumados a acessar em seus países ou em sua trajetória migratória. Com esses critérios, quaisquer gêneros, situação documental - regular ou irregular, incluindo a naturalização brasileira - e país de nascimento poderiam fazer parte de nossa investigação.

Desde o início da pesquisa, queríamos que nossos interlocutores tivessem diferentes relações com as mídias, para que pudéssemos conhecer, também, suas percepções a respeito da conduta de jornalistas e de comunicadores nas abordagens com migrantes. Interessava-nos, ainda, saber que ética orienta a produção dos conteúdos dos migrantes que atuam na comunicação sobre a temática migratória, sendo jornalistas de formação ou não. Chegamos, assim, a três perfis de pessoas migrantes a serem entrevistadas. O primeiro perfil, que chamamos de Grupo 1, contempla sujeitos migrantes que produzem - ou que produziram, em algum período de sua trajetória - conteúdos sobre a temática migratória, independente do formato, da vinculação a instituições midiáticas ou da formação acadêmica. O segundo perfil, Grupo 2, contempla sujeitos que já foram acionados pela mídia, em quaisquer gêneros ou produtos midiáticos, para falar sobre sua condição migrante ou sobre as migrações - em reportagens, podcasts, documentários, redes sociais online -, desde que não coincidam com o perfil definido para o Grupo 1. O terceiro perfil, Grupo 3, contempla sujeitos que não tiveram tais relações com a mídia - nunca produziram conteúdos sobre as migrações, tampouco foram acionados pela mídia devido à sua condição migrante. Os entrevistados do Grupo 1, em virtude de sua atuação midiática, têm uma pergunta adicional na entrevista.

O contato com os entrevistados se deu de diferentes formas: pessoalmente, com migrantes que fazem parte do nosso círculo de atuação; por meio de redes sociais online (Facebook e Twitter) e pelo WhatsApp, intermediado por outros atores sociais (comunicadores, pesquisadores e migrantes) que atuam junto a pessoas migrantes no Brasil. As entrevistas foram realizadas de forma online - pelo Google Meet e por chamada de vídeo no WhatsApp - e presencial, considerando minhas possibilidades de deslocamento. Ao todo, foram quase doze horas de gravações das nove entrevistas realizadas, com uma duração média de 1h20min cada. Todos os entrevistados se dispuseram a complementar informações caso fosse necessário, e alguns mantiveram contato depois da entrevista para enviar conteúdos abordados que não conseguiram lembrar em um primeiro momento.

Em conformidade com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSM⁴¹, que garante a não identificação dos entrevistados, bem como assegura sigilo frente à sua participação, criamos pseudônimos para cada um dos entrevistados. Para facilitar tanto o nosso trabalho de identificação quanto o de quem está lendo, os pseudônimos lembram ou fazem referência aos países dos sujeitos entrevistados. Um breve resumo sobre os entrevistados pode ser visto no Quadro 3.

Quadro 3: Pessoas migrantes entrevistadas

Grupo	Nome	Gênero	País de nascimento	Idade	Escolaridade
1	Zuel	Feminino	Venezuela	41	Mestrado
	Conra	Masculino	França	37	Doutorado
	Inter	Masculino	Venezuela	33	Superior Completo
2	Kist	Masculino	Paquistão	28	Superior incompleto - cursando
	Vene	Feminino	Venezuela	41	Mestrado incompleto - cursando
	Rupe	Feminino	Peru	30	Especialização
3	Cote	Masculino	Costa do Marfim	24	Superior incompleto - cursando
	Beni	Masculino	Benim	22	Superior incompleto - cursando
	Bella	Feminino	República do Congo	28	Superior incompleto - cursando

Fonte: elaboração própria.

Entrevistamos nove migrantes - três de cada grupo -, sendo cinco homens e quatro mulheres de diferentes países de nascimento: duas mulheres e um homem nascidos na

⁴¹ A pesquisa foi submetida na Plataforma Brasil e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Maria (CAAE 68998623.1.0000.5346, parecer 6.052.643).

Venezuela, uma mulher nascida no Peru, um homem nascido no Paquistão, um homem nascido na Costa do Marfim, um homem nascido no Benim, uma mulher nascida na República do Congo e um homem nascido na França, mas que se identifica como congolês-francês, por ter sua origem na República Democrática do Congo. Os entrevistados têm um alto nível de escolaridade: quatro estão no Ensino Superior, um tem o Ensino Superior completo, um tem especialização, um está cursando mestrado, um tem mestrado e um tem doutorado. Com idades entre 22 e 41 anos e com período de residência no Brasil entre dois e quinze anos, os migrantes residem nas cidades⁴² de Santa Maria e Ijuí, no Rio Grande do Sul; em Foz do Iguaçu, no Paraná; nas cidades de São Paulo e Campinas, em São Paulo; e em João Pessoa, na Paraíba.

Em seguida, apresentamos um breve perfil das pessoas migrantes entrevistadas. Optamos por trazer nos perfis principalmente os dados obtidos no início da entrevista, no perfil sociodemográfico, para não tornar a leitura muito repetitiva. Todos os entrevistados responderam às mesmas perguntas, porém alguns perfis têm mais informações: já a partir da segunda entrevista, percebemos que, ainda que o mesmo conteúdo fosse dirigido a todos, alguns sujeitos ficam mais confortáveis e acabam trazendo informações adicionais, para além do que era solicitado nas perguntas, e fora do escopo da nossa pesquisa. Mesmo sabendo da riqueza da obtenção de tais informações, optamos por não complementar as perguntas para as entrevistas posteriores por considerar que algumas questões poderiam ser sensíveis a outros entrevistados.

No capítulo 2, trouxemos uma discussão a respeito das terminologias “migrante” e “refugiado” e expusemos nossa preferência pela utilização majoritária das expressões “migrantes”, “pessoas migrantes” e “sujeitos migrantes”, por considerarmos mais abrangentes. Entretanto, nem todos os entrevistados se reconhecem como migrantes ou refugiados. Nesse contexto, apresentaremos os sujeitos, em seus perfis, a partir da forma como se identificam e se reconhecem.

5.3.1 Grupo 1: Migrantes que produzem conteúdos sobre as migrações

Zuel é uma mulher em situação de refúgio que decidiu migrar para o Brasil. Ela nasceu na Venezuela, tem 41 anos e não se recorda se está no Brasil há cinco ou seis anos. Ela veio para o Brasil com a sua filha - que hoje tem dezoito anos - um ano após seu esposo

⁴² Optamos por identificar as cidades dos sujeitos somente coletivamente, quando apresentamos todo o grupo, pois acreditamos que alguns dados, quando observados em conjunto, podem facilitar o reconhecimento das pessoas migrantes, mesmo quando nomeadas com pseudônimos.

chegar. Em sua casa, vivem os três e o cachorro da família. Zuel viajou a turismo para diferentes países, mas sua trajetória migratória contempla somente o Brasil, onde passou férias por dez anos antes de migrar. Na Venezuela, atuava como professora - ela é graduada em Pedagogia, com foco no ensino de Geografia e de História, e mestra em Ensino da Geografia Latinoamericana. Aqui no Brasil coordena um abrigo para pessoas migrantes e refugiadas. Atualmente, está aguardando o seu processo de naturalização.

Conra é estrangeiro, tem 37 anos e se identifica como congolês-francês. Nascido na França, com doze anos mudou para a República Democrática do Congo, país de sua família. Ele veio com seu irmão para o Brasil, onde reside há quinze anos, com o objetivo de estudar. Graduou-se em Jornalismo na República Democrática do Congo e fez uma segunda graduação, um mestrado e um doutorado no Brasil, em Ciências Sociais. Conra conheceu sua companheira - nascida nos Camarões - no Brasil, e com ela tem um filho, nascido no Brasil. Atualmente mora sozinho, mas tem planos de mudar para a França, onde já estão sua companheira e seu filho. Ele atuou brevemente como jornalista na República Democrática Congo, e no Brasil atua profissionalmente em diferentes áreas: escreve artigos para mídias locais e nacionais, é pesquisador e professor. Conra pensou algumas vezes em se naturalizar brasileiro, mas não viu mais necessidade depois que seu filho nasceu.

Inter é um migrante venezuelano de 33 anos. Ele saiu da Venezuela aos 27 anos e, após um período no Peru, para onde migrou com alguns amigos, veio sozinho para o Brasil, onde já está há três anos. Ele mora atualmente com a sua mãe, que vive no Brasil há oito anos. Inter graduou-se em Segurança do Trabalho e Higiene na Venezuela, onde trabalhava como fiscal de obras em uma construtora. No Brasil, atua como comerciante e anunciante publicitário, e está aprendendo a trabalhar no ramo do vestuário.

5.3.2 Grupo 2: Migrantes já acionados pela mídia

Kist é brasileiro, tem 28 anos, nasceu no Paquistão e está no Brasil há dez anos. Com ele, migraram sua mãe, seu irmão e sua irmã - seu pai já se encontrava no Brasil. Atualmente reside com seu irmão, sua irmã, seu cunhado e dois sobrinhos - seus pais retornaram ao Paquistão há alguns anos. Tendo trabalhado em diferentes áreas quando chegou no Brasil, Kist atuou como tradutor do seu idioma junto a organizações não governamentais de forma não remunerada na primeira cidade em que residiu no Brasil. Está no último ano do curso de Medicina em uma universidade federal e é naturalizado brasileiro.

Vene é uma migrante que nasceu na Venezuela, tem 41 anos e está há quatro no Brasil. Seu marido chegou primeiro, um ano antes, e retornou à Venezuela para buscar Vene e seus três filhos. Estar no Brasil foi uma escolha, um desejo de retorno: seu marido havia feito mestrado no Brasil, apoiado por uma fundação venezuelana, e retornou para o doutorado. Vene é graduada em Engenharia Agroindustrial e está finalizando o mestrado em Extensão Rural. Na Venezuela, trabalhou com atendimento, planejamento e vendas em uma empresa estatal que importava e produzia adubos. No Brasil, além de estudar, trabalhava no seu empreendimento familiar de comidas típicas da Venezuela, vendendo pela internet e em diferentes feiras na cidade em que morava. O trabalho no empreendimento foi interrompido devido a uma mudança de cidade por questões laborais de seu marido. Vene está aguardando o período regular para se naturalizar brasileira.

Rupe é migrante, nasceu no Peru, tem trinta anos e está há dez no Brasil. Antes de vir ao país, enquanto fazia faculdade, teve a oportunidade de morar por dois meses no Equador, em virtude de um programa de intercâmbio entre universidades. Há seis anos mora com seu namorado, e dois cachorros completam sua família. Tem pós-graduação em Política e Relações Internacionais e atua profissionalmente no Brasil como repórter - não sobre migrações, por isso está neste grupo.

5.3.3 Grupo 3: Migrantes que não produzem conteúdos nem foram acionados pela mídia

Cote é um migrante que nasceu na Costa do Marfim, tem 24 anos e não sabe ao certo se veio para o Brasil há quatro ou cinco anos. Ele veio sozinho para o Brasil, país que queria conhecer desde que estava no Ensino Médio. Na Costa do Marfim, Cote estudava Recursos Humanos e Comunicação. No Brasil, está fazendo graduação em Ciências Econômicas em uma universidade federal, e é na residência universitária que reside com dois amigos também migrantes, provenientes do Haiti.

Beni é um estudante que nasceu no Benim. Tem 22 anos e veio para o Brasil há dois. Ele chegou no país com um grupo de estudantes beninenses, e cada um foi estudar em uma cidade diferente. Ele começou o Ensino Superior em Farmácia, tendo estudado por quase dois anos em uma faculdade particular, mas conseguiu transferência para uma universidade federal em outro estado, onde retomará os estudos no primeiro semestre de 2024. Ele reside em uma pensão junto a outros estudantes. Beni trabalhava com sua mãe na loja de materiais de construção da família antes de se mudar para o Brasil. Atualmente, trabalha como auxiliar de cozinha em um restaurante libanês.

Bella é uma refugiada. Ela tem 28 anos e nasceu na República do Congo. Está há quase três anos no Brasil, onde já morou em três cidades diferentes. Quando Bella veio para o país, uma de suas irmãs já morava no Brasil há um ano. Após sua chegada, ambas participaram de três processos seletivos para ingressar em universidades federais e foram aprovadas em dois. Durante um semestre, moraram em duas cidades diferentes, mas com a segunda aprovação, conseguiram estudar na mesma universidade e morar na mesma cidade. Bella e uma de suas irmãs, atualmente, residem com outros dois amigos, também migrantes. Outra irmã de Bella chegou ao Brasil alguns meses mais tarde e também estuda em uma universidade federal. Bella estudou Letras por dois anos na República do Congo, mas precisou parar a faculdade para trabalhar e ajudar sua família devido à morte de seu pai. Bella não gosta de falar sobre a área em que atuava profissionalmente em seu país. Atualmente, estuda Cinema, o curso que sempre almejou, e trabalha aos sábados e domingos em um hotel de sua cidade.

6 O QUE OS MIGRANTES PERCEBEM? ANÁLISE E DISCUSSÃO

A análise e a discussão da nossa pesquisa partem de dois eixos - *Migração como Mediação e Tratamento Midiático das Migrações* - e de categorias analíticas destacadas ao longo do texto. Na apresentação dos perfis dos migrantes, anteriormente, apresentamos as informações com base em seus grupos, no que os aproxima referente às relações construídas com a mídia estabelecidas na metodologia desta pesquisa. A partir daqui, optamos por trazer os relatos sem fazer referência aos grupos, partindo das semelhanças, diferenças e conexões entre as experiências de todos sujeitos. Ainda assim, reconhecendo que as trajetórias migratórias e as vivências na sociedade receptora são únicas para cada sujeito. Ao fim do capítulo, também, retomamos brevemente a análise dos guias apresentada no capítulo 3, de modo a tensionar os parâmetros éticos apresentados pelos guias e a percepção dos migrantes sobre a ética e a interculturalidade no tratamento midiático das migrações.

Optamos por trazer, também, na maioria das vezes, as falas dos sujeitos de forma direta, e não reescritas por mim. Outra opção que fizemos diz respeito à transcrição das falas dos entrevistados: na falta de um plural, ou frente a uma conjugação verbal incorreta, fizemos a correção, sem uma transcrição literal do erro. Essa opção se deu pois não acreditamos que a transcrição de um erro gramatical contribua com a nossa pesquisa, mas estamos cientes que, em outras pesquisas, a transcrição do erro pode ser necessária. Por minha atuação junto aos migrantes no ensino do português, sei o quanto incomoda os migrantes a percepção do erro, mesmo quando o texto, a conversa e a interlocução são inteligíveis.

6.1 MIGRAÇÃO COMO MEDIAÇÃO

Nessa dissertação, vislumbramos a migração, com suas implicações no cotidiano e nas práticas sociais dos sujeitos (Lopes, 2014), como a mediação que conduz a relação entre os migrantes e a mídia. É a partir da experiência como migrantes que investigamos as percepções dos entrevistados sobre as dimensões ética e intercultural no tratamento midiático das migrações. Ainda que haja semelhanças, os relatos das vivências migrantes trazem singularidades na compreensão e no reconhecimento sobre a condição migrante; nos conflitos, negociações e pertencimentos na sociedade receptora; nos vínculos com as suas origens; nos processos de integração na sociedade; na afirmação ou na redefinição das identidades; e nas percepções sobre acolhimento. Condição migrante, integração, identidades e acolhimento, além da interculturalidade, que perpassa todas as outras categorias, serão discutidas aqui, organizadas em quatro tópicos - *A condição migrante e a autocompreensão dos sujeitos; Brasil: projeto de migração, representação e percepção da realidade; O acesso à educação e*

ao mercado de trabalho; e *As vivências interculturais e as múltiplas identidades* -, para que possamos compreender e refletir sobre o modo como a migração como mediação orienta a percepção dos migrantes acerca do tratamento midiático das migrações.

6.1.1 A condição migrante e a autocompreensão dos sujeitos

*Tú, que dejaste todo aquello
Pensando que sólo era un sueño
Y una lágrima en el rostro de quien te quiso tanto [...]
Tú, que soñaste con volver [...]
Extranjero toda tu vida como un extranjero
Con el acento propio de extranjero
(Extranjero, Franco de Vita)*

Quando você pensa na palavra migrante, o que vem à sua mente? Quando você pensa na palavra refugiado, o que vem à sua mente? Você se identifica como um migrante, como um refugiado ou não há identificação com nenhum dos termos? As respostas às três perguntas deixadas para o final da entrevista com os migrantes abrem nossa análise do eixo temático *Migração como Mediação*. A partir das reflexões dos entrevistados, verificamos que as migrações atravessam esses sujeitos de múltiplas formas e que há questões documentais, socioculturais, temporais e espaciais que contribuem para a autocompreensão dos interlocutores da nossa pesquisa sobre sua condição migrante. Além disso, o imaginário social a respeito das migrações, as experiências vividas e os diferentes contextos em que os sujeitos estão inseridos implicam em sua identificação com os termos migrante e refugiado.

Ao questionarmos os migrantes a respeito de sua identificação com esses termos, nossa intenção não foi categorizá-los ou diferenciá-los, uma vez que em nenhum momento da entrevista discutimos a definição de migrante e refugiado como uma categoria fixa, estruturada por organizações ou Estados. Compreendemos que nem mesmo o termo migrante - escolhido para nos referirmos aos interlocutores da pesquisa por considerarmos mais abrangente, como explicado no primeiro capítulo - capta ou descreve com precisão a complexidade das experiências e as diferentes dinâmicas envolvidas nas migrações (Collyer; De Haas, 2012). Nossa intenção foi trazer os pontos de vista dos entrevistados, partindo de como eles se reconhecem no cenário das migrações, motivados pelos diferentes contextos em que se encontram, pelas experiências e pelo imaginário social. Compreendemos que essas perspectivas permeiam suas identidades e podem orientar suas percepções a respeito do tratamento midiático das migrações.

Kist teve sua condição de refugiado reconhecida no Brasil e, atualmente, é naturalizado brasileiro, bem como toda sua família. Em seu relato, ele traz o que compreende como definições dos termos migrante e refugiado: “migrante é aquela pessoa que busca melhoria para o seu futuro, tipo migra, vai pra um lugar e pensa em melhoria no seu futuro. [...] Aí [o refugiado] é aquela pessoa que foge de uma perseguição contra a sua vida, tipo salva, né, a sua vida” (Kist). Kist destaca que não se identifica com nenhum dos termos. Ao longo da entrevista, ele já havia dado pistas sobre seu desconforto com a falta de informações da sociedade sobre a condição migrante.

O pessoal daqui... Eles não têm tanto conhecimento, entendeu? Quando eles percebem que tu é um imigrante, tu é um, sei lá, um refugiado, eles pensam uma coisa muito, sei lá, preconceituosa, sabe? Aí tu não consegue, tu não consegue se salvar disso. Por mais que tu tente, sabe, conversar com eles, tudo mais, mas não consegue. [...] Na universidade, as pessoas me perguntavam “ah, como que tu veio pro Brasil, o que te trouxe”, e tudo mais. Aí se tu falava com eles “ah, eu vim por causa de estudo e tudo mais”, davam conversa. Tipo, isso aconteceu várias vezes comigo, conversavam contigo, tudo mais, como amigos, tá, eles percebiam. Por isso que eu não entendo por qual razão que eles faziam isso, né, eu nunca entendi. Mas aí se eles descobriam “ah, essa pessoa é refugiada, sei lá o quê”, aí eles, a maioria, ficavam longe de ti, não queriam mais conversar contigo e tudo mais, né? Então, é, aconteceu isso comigo. (Kist).

A “descoberta” da condição de refugiado mencionada por Kist deriva de uma entrevista que concedeu a um veículo de comunicação de sua universidade. Kist conta que se reconhece como um brasileiro, mas sua “identidade” brasileira, proporcionada pela condição documental, não é reconhecida pela sociedade. Ele relata ser constantemente lembrado sobre a sua condição migrante, e apresenta um certo incômodo por ter essa questão atravessada por estereótipos relacionados ao seu país de nascimento, o Paquistão.

Eu acho que eu não me identifico mais assim [como migrante ou refugiado], eu me identifico como... Eu falo, eu me identifico mais como um brasileiro, por mais que as pessoas me chamam “ah, tu veio do Paquistão, como é que é”? É sempre... Tipo, eu me incomodava muito com isso, muito, muito, muito mesmo, com as questões. Se alguém me perguntava “tu veio do Paquistão e lá é guerra? E lá só existe guerra? E como que tá”? Até agora! Eu, como eu sou aluno da Medicina, eu atendo algum paciente e eles sempre me perguntam, a maioria deles me pergunta: “e a guerra, como tá no teu país”? Então isso eu queria mudar de algum jeito, que as pessoas não pensassem, tipo, não pensassem a primeira coisa em guerra. (Kist).

Para além dos direitos civis e políticos adquiridos a partir da naturalização, há estudos que apontam que a motivação para a busca de uma nova nacionalidade está relacionada ao desejo de distanciar-se do estigma negativo e das políticas hostis direcionadas àqueles que carregam rótulos relacionados a sua condição migrante (Godin; Sigona, 2022). Como aponta Sayad (1998), no entanto, não existe uma fusão natural entre os migrantes e a sociedade

recebedora que faça com que as características e as qualidades da condição social da migração desapareçam a partir da naturalização dos sujeitos. A integração do outro passa mais pela aceitação da sociedade (Penninx, 2005) e por uma validação permanente dos sujeitos, em um processo de inclusão condicionada por critérios específicos, também definidos pela sociedade (Hackl, 2022).

A inclusão da alteridade a partir de uma condição de cidadania promovida pelo Estado - a naturalização - aparece em destaque no relato de Inter. Durante a entrevista, ele faz questão de mostrar seu Registro Nacional Migratório, válido por dois anos, e de falar sobre a política migratória do Estado brasileiro. Inter parece muito otimista, demonstra ser muito grato por todas as oportunidades que o Brasil lhe ofereceu e relata que iniciará o processo de naturalização assim que seu tempo de permanência no país permitir. Inter, que se reconhece como um migrante, espera que a naturalização faça com que ele deixe de ser um migrante aos olhos da sociedade brasileira. Para além dessa condição de cidadania, a naturalização lhe permite obter um passaporte, documento de difícil acesso na Venezuela.

Eu quero ser brasileiro, vou lutar por isso. Como eu te disse, eu não fui para nenhum outro país quando poderia ter feito isso. Muitas pessoas me disseram: “olha, vem aqui para os Estados Unidos, nós vamos te receber” [...] e eu disse não, eu me sinto bem aqui, eu não tenho que sair daqui. Portanto, vou passar pelo processo, é claro, e bem, em breve mudarei a documentação. E vou lutar pelo passaporte brasileiro, porque na Venezuela é muito difícil, sabe, conseguir um passaporte. [...] Eu sou um migrante, eu sou um migrante, eu tenho que ter consciência do que eu sou. Espero que, no dia em que eu trocar minha documentação e obtiver meu passaporte brasileiro, eu deixe de ser um migrante para o Brasil. Eu já sou parte desse país, serei mais um cidadão aqui e deixarei de ser um migrante. (Inter).

Inter traz um pouco de sua história, de suas vivências e aspirações quando questionado sobre os termos migrante e refugiado. Em sua percepção, a maioria dos migrantes busca oportunidades e realização de sonhos em um novo país, sem esquecer de onde veio, de suas origens e de sua família. As causas para migrar e a dimensão dos problemas e dos traumas diferenciam, em sua visão, pessoas migrantes e pessoas refugiadas.

Eu sempre disse que o migrante é uma pessoa que carrega no ombro, digamos assim, um monte de sonhos bonitos, sonhos que ele quer realizar em outro lugar, que ele não conseguiu realizar no seu país, né? E é uma pessoa... Os migrantes são, em sua maioria, pessoas humildes, que estão buscando oportunidades, que migram pelo seu bem-estar, por sua família. Um migrante sempre está pensando em sua família, sempre, ainda que não acredite, ele está sempre pensando em sua família. Se há pobreza em seu país, ele pensa na pobreza em seu país. Os migrantes, em sua maioria, pensam mais em seu país do que no país onde estão. O migrante tem uma maleta de sonhos no ombro, que ele quer concretizar, mas em outro lugar. [...] Quando penso na palavra refugiado, penso em uma pessoa a quem se tem que ter muito respeito, certo? Na maioria das vezes, um refugiado tem mais problemas do que um migrante, sabe? Os problemas dos refugiados podem ser traumáticos, podem ser psicológicos, e o refugiado, mais do que qualquer outra coisa, traz certas

lembranças que são muito mais fortes do que as de um migrante. Eu, como migrante, minha única lembrança ruim que tive na Venezuela foi não ter comida suficiente por um tempo, sabe, e isso foi muito forte, eu não tinha o suficiente para alimentar minhas filhas, isso foi um trauma para mim. Mas o refugiado tem outros traumas muito mais fortes, são pessoas que, de uma forma ou de outra, estão fugindo da guerra, foram deslocadas por causa da religião, foram maltratadas. (Inter).

Cote e Rupe também se identificam como migrantes. Os riscos e perseguições enfrentadas por pessoas refugiadas são mencionados por ambos, que também parecem buscar uma definição ao discutir as palavras migrante e refugiado. Cote traz uma definição mais simples sobre as migrações, mas que abrange a busca por estudo e por trabalho, diferente do que foi discutido pelos outros entrevistados. O discurso de Rupe aborda as diferenças entre a liberdade de migrar - presente em sua compreensão sobre pessoas migrantes - e a imposição de migrar - relativo a pessoas refugiadas.

Imigrante, pra mim, é migrar de outro... Sair de um ponto A pra um ponto B, sair do teu país pra migrar pra um outro país. Pra estudar, pra trabalhar, pra fazer negócio, é isso um imigrante, pra mim. [...] Refugiado é um cara que procura alguma coisa, que procura estabilidade ou que tá sendo perseguido no país dele por questão religiosa, política, esse tipo de coisa. (Cote).

Acho que [migrante é] uma pessoa que tentou, sei lá, procurar uma oportunidade de vida melhor em outro país, e que ela meio que abdicou, né do que era em um país para recomeçar em outro, é isso. Mas foi por livre escolha da pessoa, né, ninguém a obrigou a fazer isso. [...] O refugiado ele já teve que sair, né, ele não tinha muita alternativa mais onde ele tava, pode ser até que a vida dele corria perigo e ele teve que sair de lá, não tinha muita escolha, para de fato recomeçar tudo de novo. Muitas vezes um refugiado não tem a liberdade do imigrante de voltar de onde ele veio. Eu posso voltar para o Peru, tem gente que não pode voltar para o país de onde saiu, né? (Rupe).

A alteridade do migrante em permanente negociação com o pertencimento à sociedade aparece nos relatos de Zuel e Vene. Para Zuel, há questões que sempre marcam o migrante como o outro: “a gente pode esconder a nacionalidade, mas não pode esconder o sotaque quando fala, então é uma coisa que sempre vai estar perene” (Zuel). Zuel relaciona os termos migrante e refugiado a conhecida dicotomia entre migrações voluntárias e forçadas: para ela, migrante é “quem escolhe sair, quem escolhe sair e quem escolhe chegar, aonde chegar” (Zuel), e refugiado é “quem não tem opção, quem precisa se salvar” (Zuel). Zuel, que solicitou refúgio ao chegar ao Brasil e já deu entrada em seu processo de naturalização, ao ser questionada sobre a forma como se identifica, posiciona-se a partir de uma mistura dos termos, mencionando a necessidade de saída junto à possibilidade de escolha para a chegada.

Eu me identifico como uma mulher em situação de refúgio que decidiu migrar para procurar oportunidades para sua filha. É um pouco de tudo, eu precisei sair do meu

país por perseguição política, mas eu decidi o país que eu queria sair, então é um pouco das duas coisas, o melhor das duas. (Zuel).

Em seus estudos, Sayad (1998) destaca que existe uma cumplicidade objetiva nas negociações entre sociedade receptora, de origem e migrantes. Segundo o autor, há uma permanência - e, no caso da sociedade de origem, uma ausência - carregada de provisoriade, mas por vezes duradoura, “em que a presença do imigrante é uma presença *estrangeira* ou que é percebida como tal” (Sayad, 1998, p. 18, grifo do autor). Vene, que se considera uma migrante, acredita que sempre será vista como uma estrangeira. Ela relata que frequentemente é questionada, inclusive por outros venezuelanos que estão no Brasil, se já foi visitar a Venezuela ou se pretende voltar ao seu país de origem. Vene ri ao lembrar que, quando ainda estava na Venezuela, fez as mesmas perguntas para duas conhecidas - uma brasileira e uma peruana - que lá estavam estabelecidas e que não pretendiam voltar para seus países de origem. Essa percepção sobre uma permanência provisória do migrante é ancorada pela música *Extranjero*, de Franco de Vito, mencionada por Vene e que trouxemos para abrir essa seção.

Tem um artista na Venezuela que tem uma canção que fala que o estrangeiro sempre vai ser estrangeiro, uma coisa assim. Ele fala isso porque ele viveu um tempo nos Estados Unidos. Isso faz... Nos anos 80, acho. Eu vou tentar encontrar essa canção. Tu sempre vai ser estrangeiro, a canção conclui isso. Pode fazer o que tu quiser, mas você sempre... Como mudar isso, assim? É o sentimento que a gente sempre tem, porque ficam todas as lembranças atrás... E que tu tá em outro lugar, sempre. (Vene).

Quando conversamos a respeito dos termos migrante e refugiado, Vene parte de sua experiência migratória para apresentar suas perspectivas. A condição migrante, em sua percepção, está atrelada à necessidade de fuga de algum problema, sendo os refugiados os sujeitos mais acometidos por vulnerabilidades, os que não conseguem se estabelecer nos países da forma como ela, uma migrante, conseguiu. Vene menciona, também, os migrantes internos dos países, que, em sua percepção, encontram dificuldades similares às enfrentadas pelos migrantes transnacionais.

Imigrante, todo esse monte de pessoas ao redor do mundo que estão tentando fugir de uma situação da sua terra de origem, penso nisso, e... Outra coisa que conheci aqui no Brasil, também, é que tem esses migrantes dentro do país. Um país como o Brasil, tão grande. E que às vezes passam quase as mesmas dificuldades que tem um migrante internacional, estrangeiro, né, assim. Então penso nesses. [...] Eu penso que [o refugiado] é como o mais vulnerável dos imigrantes. Porque refugiados não têm refúgio, ou seja, onde chegar. A gente, quando veio para cá, meu esposo veio primeiro, preparou, alugou essa casa e conseguiu dar um jeito pra gente... Mas aqueles que saem fugindo da sua terra não tem, nem sabem onde vão parar. Então,

por isso são refugiados. Acho que são os mais vulneráveis, eles são os que têm a situação mais difícil. (Vene).

Diferente dos demais entrevistados, Bella não busca definições para as palavras migrante e refugiado. Ao longo de toda a entrevista, Bella, que se identifica como uma pessoa refugiada, reforça as dificuldades inerentes à sua condição migrante, da principal causa que a motivou a migrar - a busca por liberdade, já que em seu país ela não podia se relacionar com mulheres e era criticada pela forma como se vestia - à sua experiência como migrante no Brasil. Ao ser questionada sobre o que vem à sua cabeça quando pensa nas palavras migrante e refugiado, Bella fica bastante pensativa e demonstra certa tristeza.

Dificuldade... Desafio... Muita dor. As coisas são difíceis, as coisas estão difíceis. Quando eu escuto imigrante, para mim é uma coisa difícil, só. [...] Refugiado. Isso me vem assim, como... Como eu, que fugi do meu país, sabe? Eu fugi das coisas ruins, né, do julgamento das pessoas.[...] Eu fugi do meu país, na minha cabeça só vem isso, sabe? Porque eu acho, também, que a minha escolha poderia ser diferente se as pessoas fossem mais abertas nesse assunto, porque se sentir livre, também, se você não se sente livre no seu país, nesse assunto, nessa parte, não dá, não dá, muito difícil. Então quando eu penso em refugiado, eu só penso que fugi do meu país, isso mesmo. (Bella).

Ao longo da entrevista, Beni demonstra ter pouco envolvimento com a temática migratória, pouca relação com outras pessoas migrantes e falta de tempo e de interesse para o consumo de mídias⁴³, o que nos traz algumas pistas para refletir sobre suas falas. Quando questionado sobre a palavra migrante, Beni responde rapidamente: “[o migrante é] uma pessoa que fugiu do seu país. Não, mas fugir é como se eu tivesse falando de um fugitivo, né? Uma pessoa que saiu do país dele”. (Beni). Sobre a palavra refugiado, a percepção de Beni é que é “uma pessoa que saiu do país dele para se refugiar em outro país” (Beni).

A educação é uma das tantas razões que levam os sujeitos a migrar, mencionada, inclusive, na definição de migrante do Glossário da Organização Internacional para as Migrações (Sironi; Bauloz; Emmanuel, 2019). Beni, que veio ao Brasil para estudar, entretanto, afasta-se de uma vinculação com a condição migrante: “eu me identifico como estudante. [...] Querendo ou não, o imigrante ou o refugiado, ele não saiu do país dele para estudar, né? Ele saiu do país dele para buscar um lugar melhor para ele. Eu saí para estudar, aí é um pouco diferente, bem diferente”. (Beni). Anteriormente, na entrevista, Beni havia feito uma comparação entre a sua situação - um estudante africano no Brasil - e os estudantes americanos e franceses que estão em seu país. Em sua percepção, enquanto americanos e

⁴³ O consumo de mídia dos sujeitos será discutido posteriormente, no eixo temático *Tratamento Midiático das Migrações*.

franceses são sempre enquadrados como estudantes nas mídias, aos africanos recai a categoria de migrantes, em uma marcação de diferença que evidentemente o incomoda. Similar ao que ocorre com Kist, há um imaginário de estigmatização com a condição migrante, mas a fala de Beni aponta para uma perspectiva de hierarquização dos sujeitos e de xenofobia racializada, em que a exclusão está relacionada à ideia de raça, como discutido por Faustino e Oliveira (2021).

Os questionamentos sobre as palavras migrante e refugiado provocam diferentes reflexões em Conra. Inicialmente, ele relaciona a palavra migrante aos naufrágios ocorridos no mar Mediterrâneo. Em um segundo momento, reflete sobre a sua condição migrante, que é atravessada por temporalidades e espacialidades. Por fim, aponta que, em sua percepção, a migração é quase que a única alternativa para algumas pessoas que não têm as melhores condições e que querem experimentar uma vida diferente, buscando melhores cenários do que aqueles que o continente africano pode oferecer.

Hoje em dia, quando eu penso nessa palavra, me vêm duas coisas: primeiro, eu penso muito no Mediterrâneo, os naufrágios lá, as pessoas que morrem atravessando e tal. Depois eu penso também que uma parte muito importante da minha vida, é uma vida, entre aspas, de imigrante também. Hoje mesmo, hoje de manhã, eu tava conversando com a minha companheira e a gente tava falando sobre. E eu cheguei a dizer uma frase como “eu não posso ser um imigrante toda minha vida”, porque a gente tava falando em se estabelecer na França e tal, era mais ou menos isso. Aí eu lembro que hoje mesmo citei a França porque... Outra coisa que a gente sempre conversa, também, entre nós, é que os africanos, hoje em dia, eles têm duas coisas, né? Ou por exemplo, congoleses e tal, africanos em geral, ou vivem do jeito que tá lá, ou é uma vida de imigrante. E você o objetivo, às vezes, é ser imigrante, ou digamos entrar nessa condição porque é a única forma, talvez, de sair da condição que você tá na África.(Conra).

A palavra refugiado também traz o continente africano para o pensamento de Conra: “quando eu penso em refugiado, em geral, eu penso mais nos campos, né, nos campos de refugiados. Muitos da África também, tem muitos campos de refugiados lá, eu penso muito nisso” (Conra).

Conra não se vê como um migrante e se identifica como um estrangeiro. Como nos lembra Woodward (2017), as identidades são relacionais, e Conra marca essa relação ao apontar que seu passaporte não é brasileiro, o que faz dele um estrangeiro. O nascimento de seu filho, em sua percepção, traz um certo grau de pertencimento, amenizando a alteridade presente em sua condição.

Não [há identificação com os termos], porque como eu tô estabelecido, não penso, não me vejo como um imigrante. Eu penso em mim como, às vezes, um estrangeiro, mas não como um imigrante. Porque eu sou estrangeiro, porque o meu passaporte não é brasileiro. Então digamos que, com o nascimento do meu filho, eu comecei a

me sentir menos estrangeiro. [...] Eu tenho consciência que eu sou estrangeiro, isso é uma coisa que eu tenho consciência. (Conra).

O relato de Conra nos provoca a pensar nas temporalidades e espacialidades que atravessam as suas percepções e as percepções dos demais entrevistados sobre a condição migrante, e em quão realmente complexos são os processos migratórios para serem encaixados em categorias fixas. A palavra migrante faz Conra lembrar de “uma parte muito importante da minha vida, é uma vida, entre aspas, de imigrante também” (Conra), dando a entender que, de alguma forma, ele se reconhece como um migrante, para em seguida afirmar que “não me vejo como um imigrante. [...] tenho consciência que eu sou estrangeiro” (Conra). Essa consciência é ancorada pela constatação de que ele não é brasileiro e que já está estabelecido no país - Conra está no Brasil há 15 anos. Em sua condição atual, talvez Conra veja a migração como um processo acabado, seja pelo tempo de estada em seu país de destino, seja pelo atingimento dos objetivos de migração - ele queria vir para o Brasil com o propósito de estudar, o que foi cumprido. Assim, compreende que, nesse instante, identifica-se com o termo estrangeiro, que significa “aquele ou aquilo que é de outro país, proveniente de outra nação⁴⁴.

Conra comentou no início da entrevista que sua esposa e seu filho haviam migrado para a França e que estava se estruturando para fazer o mesmo: “eu tô nesse processo já de... Entre aspas, imigração. Minha família já foi e tô nos preparativos, na verdade, nos últimos passos” (Conra), e posteriormente enfatizou que “não posso ser um imigrante toda minha vida, porque a gente tava falando em se estabelecer na França” (Conra). A migração volta, assim, a ser um processo inacabado ao envolver um novo plano, com um novo objetivo, e um novo deslocamento, com uma nova espacialidade - que, neste caso, é um retorno, já que ele nasceu na França e tem planos de retornar para a França. Essas são algumas das questões que, provavelmente, fazem com que ele se veja novamente como um migrante.

A condição migrante como marcação de alteridade está posta desde o meu posicionamento como pesquisadora, que escolhe estudar e ter como interlocutores pessoas migrantes. Enquanto eles têm a migração como a mediação de suas experiências desde que saíram de seus países, eu estudo as migrações no Brasil, sem estar na condição migrante. Essa alteridade é enfatizada e percebida de diferentes formas ao longo das entrevistas: pela minha perspectiva, os interlocutores são o outro; do ponto de vista deles, eu sou o outro; o brasileiro

⁴⁴ A busca pelo significado do termo “estrangeiro” se deu pelo buscador do Google, que traz os significados tendo como base o dicionário *Oxford Languages*. Acesso em: 10 jan. 2024.

é marcado como o outro; o Brasil é “o seu país”, como mencionado treze vezes ao longo da entrevista de Inter.

As perspectivas dos entrevistados e as discussões sobre a condição migrante reforçam nossa proposta de trabalhar a partir de uma construção conjunta de conhecimento. Quando definimos a última pergunta da entrevista, *Você se identifica como um migrante, como um refugiado ou não há identificação com nenhum dos termos?*, a não identificação com os termos, em nossa percepção, se acontecesse, partiria de algum possível entrevistado já naturalizado. Não imaginávamos que haveria vinculações com o termo estrangeiro, sequer um afastamento da vinculação a uma identidade migrante, esta pela estigmatização, pela carga que tanto a terminologia migrante quanto a terminologia refugiado carregam. Assim, é muito relevante para nossa pesquisa a autocompreensão dos sujeitos, da mesma forma que, como pesquisadoras, são relevantes os questionamentos apontados pela literatura a respeito da condição migrante.

Como aponta Hall (2017, p. 106), “na linguagem do senso comum, a identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são compartilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal”. A forma como os sujeitos se compreendem e se reconhecem, como mencionamos anteriormente, é atravessada por questões documentais, socioculturais, temporais, espaciais, pelas vivências e pelos contextos em que se encontram. Enquanto a percepção de alguns é que a condição migrante nunca acaba, para outros termina assim que um novo documento chega, ou que seus objetivos com a migração são atingidos. Há que se considerar, no entanto, a forma como a sociedade recebedora enxerga os migrantes - questão que será discutida ao longo de toda nossa análise -, sujeitos constantemente lembrados da sua condição de alteridade, em uma diferença que, como sugere Hall (2016), pode ser determinante para a sua exclusão.

As reflexões provocadas pelas palavras migrante e refugiado parecem instigar nos entrevistados uma busca pela definição de pessoa migrante e pessoa refugiada, o que demonstra a familiaridade de alguns sujeitos com a temática a partir dos contextos em que estão inseridos e de como identificam suas vivências nessa condição migrante. Há um certo desconhecimento a respeito das definições - e faz sentido que os sujeitos tenham diferentes graus de conhecimento e envolvimento com a causa migrante e não dominem os conceitos como alguém que pesquisa as migrações. Essas questões nos fazem refletir sobre o papel da mídia em educar e conscientizar a sociedade sobre as migrações, questão reforçada nos guias que estudamos no capítulo 4, e em pautar a identificação e o reconhecimento a partir da produção e do compartilhamento de informações (Silverstone, 2005).

6.1.2 Brasil: projeto de migração, representação e percepção da realidade

Ao serem questionados sobre como buscaram informações sobre o Brasil antes de migrar, a maioria dos entrevistados revela que o país já fazia parte de seus projetos de migração. Cote, Beni e Conra vieram para o Brasil para fazer o Ensino Superior, que é um dos principais motivos da migração de africanos para o país nas últimas décadas (Cogo; Badet, 2013). Cote e Beni contam que a cultura brasileira era ensinada nas escolas na Costa do Marfim e no Benim, o que os influenciou na escolha do país para migrar. Conra tinha vontade de viajar, e a possibilidade de vir ao Brasil para estudar foi apresentada a ele por um familiar que conhecia o PEC-G - Programa de Estudantes-Convênio de Graduação desenvolvido pelo governo brasileiro⁴⁵. As principais informações sobre o Brasil foram obtidas por Beni e Conra através das embaixadas brasileiras em seus países.

Quando eu morava na Costa do Marfim, no Ensino Médio, no último ano do Ensino Médio, a gente estuda a cultura brasileira. Até pra passar no exame do final do ano, pra entrar na faculdade, tinha um tema pra fazer que era sobre cultura brasileira. Então, eu gostava muito de estudar isso, porque eu sempre quis sair do meu país para vir aqui para o Brasil, para conhecer o Brasil. Então vamos dizer que eu conhecia um pouco do Brasil, eu conhecia um pouco da cultura, eu conhecia um pouco sobre o Brasil. (Cote).

Sobre o Brasil: eu já conhecia o Brasil desde o colégio, porque na minha escola a gente estudou o Brasil, como é o modo de vida, essas coisas. Aí eu gostei mais ou menos do Brasil. Porque eu tinha duas escolhas [para migrar]: a França ou o Brasil. Aí eu escolhi o Brasil. [...] Eu fiquei procurando como que eu poderia vir para o Brasil. Aí eles [a embaixada brasileira no Benim] me apresentaram o PEC-G. (Beni).

Uma tia minha que me disse: “tem um programa aí [PEC-G] que pode te interessar”. Porque eu tava procurando. Na verdade, eu tava com vontade de viajar. “Aí, tem um programa aí, tal, tal, tal, dá uma olhada.” Eu falei: que país? “Brasil!” Ó, interessante, Brasil. Aí eu falei por curiosidade, né? Brasil, hmm, interessante, futebol, país diferente, acho que vou querer conhecer. Aí eu fui lá na embaixada. E você vai conversar com o pessoal, o cônsul geral, e ele vai explicando sobre o Brasil, você descobre outras coisas também. Aí foi assim que eu me interessei. (Conra).

Rupe veio ao país para dar continuidade aos seus estudos, e obteve informações sobre o Brasil com amigos. Ela já conhecia alguns estudantes da universidade brasileira que era filiada à sua universidade no Peru, e relata que alguns colegas de sua universidade já haviam estagiado em uma rede de comunicação no Brasil. Além disso, destaca que a situação

⁴⁵O PEC-G - Programa de Estudantes-Convênio de Graduação - é um programa do governo brasileiro, desenvolvido pelos ministérios das Relações Exteriores e da Educação, que oferece vagas em instituições de Ensino Superior públicas e privadas para cidadãos de países em desenvolvimento que o Brasil mantém acordos culturais e educacionais. Mais informações podem ser obtidas em <<http://portal.mec.gov.br/pec-g>>. Acesso em: 03 jun. 2023.

econômica do Brasil em 2014, período que migrou, se mostrava favorável para a realização de um intercâmbio estudantil.

O Brasil tava bem, então as pessoas naquela época enxergavam o Brasil. O Peru tava subdesenvolvido, o Brasil tava melhor, era como se fosse os Estados Unidos da América Latina. Então assim, pesou isso. Mais o contato por amigos, no entorno. Então foi assim que eu acabei me interessando mais pelo Brasil. Eu queria sair do Peru, até pensei... Queria muito fazer intercâmbio, já tava no segundo ano de faculdade, queria até ir para os Estados Unidos, mas eu achava que seria muito difícil, seria muito abrupto, sabe? Não saberia se eu conseguiria me manter lá também, então o Brasil acabou surgindo como uma opção legal também, mas um pouco mais acessível. (Rupe).

Quando Zuel decidiu migrar, entrou em contato com amigos que já estavam no Brasil e passou a pesquisar sobre as possibilidades de solicitar refúgio no país. Em seu relato, enfatiza que pôde escolher o Brasil como país de destino: “quando você se refugia, você não escolhe o país onde você vai se refugiar [...]. No meu caso eu escolhi, a gente escolheu, mas na maioria dos casos não é uma escolha, é uma opção, é a única opção” (Zuel). Zuel já estava familiarizada com o Brasil: ela conta que conheceu o país em 2007, quando sua família veio passar férias na região nordeste do país pela primeira vez. Seu esposo praticava capoeira na Venezuela, e como a sede do grupo fica no Brasil, o país foi o destino de férias da família por dez anos.

Vene também tinha em seus planos familiares a ideia de migrar para o Brasil: seu esposo já havia morado no país para estudar, e assim que retornou à Venezuela, passou a manifestar o desejo de voltar para o Brasil com a família. Vene conta que buscou informações sobre o Brasil através de amigos brasileiros e de sites do governo, mas “assim, das mídias ou grupos [de redes sociais online] não, porque às vezes tem tanta informação na internet e muitas das coisas estão erradas, então não dá para acreditar muito” (Vene).

Apesar da desconfiança de Vene, a busca por informações na internet e, principalmente, em grupos nas redes sociais online é uma prática comum e característica dos processos migratórios contemporâneos (Cogo, 2014; Cogo; Brignol; 2014). Foi o que aconteceu com Inter, que teve as redes sociais online como principal fonte de informações sobre o Brasil. Ele havia migrado para o Peru, mas acompanhava a situação da migração no Brasil por meio da televisão e de redes sociais online. Inter passou a fazer parte de dois grupos no Facebook, onde observava os relatos de experiências de migrantes venezuelanos recém-chegados no Brasil e a divulgação de ofertas de emprego para migrantes. Foi por meio desses grupos e de sua mãe, que já morava no Brasil, que Inter obteve as informações necessárias para refazer seus planos migratórios e vir para o Brasil.

Cote aprendeu sobre o Brasil na escola, e seu relato traz críticas sobre a forma como a mídia narra o Brasil. Pela sua fala, percebemos que a representação midiática do Brasil é pautada por uma simplificação das características do país, e os sentidos colocados em circulação, que parecem naturais (Hall, 2016), são reproduzidos nas falas da sociedade.

Do jeito como a mídia mostra o Brasil pra Costa do Marfim, pra outros países africanos não tem nada a ver como a gente aprende na escola. [...] A mídia vai te mostrar que o Brasil é um país onde as pessoas festejam muito, muito, muito mesmo, e o Brasil, pra eles, é só Rio de Janeiro. Então, pra qualquer pessoa que tu vai perguntar ali no meu país - eu vou falar especialmente do meu país, a Costa do Marfim -, pra qualquer pessoa que tu vai perguntar: “pra você, o que é Brasil?”, o cara vai te falar “Rio de Janeiro”. “O que tu conhece do Brasil?” “Rio de Janeiro, praia, mulher.” Só isso. Festa, só isso, não tem outra coisa. É isso que a mídia vende ali, é isso que a mídia mostra pra gente. [...] Futebol, também futebol. Porque pra Costa do Marfim, pra outros países africanos, eles acham que Brasil é só futebol. Pra eles, Brasil é só futebol, todo mundo sabe jogar futebol. (Cote).

Como discute Liv Sovik (2011) em seus estudos sobre a forma como o país é anunciado ao mundo, “a imagem do Brasil continua assumindo as formas simples que a publicidade permite e a tradição autoriza: futebol, carnaval, praia e mulheres, com a paisagem carioca no fundo”, e esse imaginário está presente na fala de Cote e da maioria dos entrevistados. Para Zuel, “o Brasil é pintado no exterior como a panaceia do turismo, da alegria, e sei lá, da felicidade, então todo mundo acha que é super legal” (Zuel). Segundo Inter, “toda a Venezuela sabe que o Brasil existe, quem é o Brasil, pelo seu futebol, pelas suas mulheres, pelo seu povo, por tudo, a Venezuela conhece todo o Brasil” (Inter). Rupe lembra que no Peru, há dez anos, falava-se muito sobre o carnaval brasileiro, e a noção que a sociedade peruana tinha era de que o país era um pouco mais liberal do que nos dias de hoje.

Conra relata que, até 2008, o Brasil aparecia nas mídias de seu país exclusivamente pelo futebol. Kist, pelo pouco que conhecia do Brasil através da mídia paquistanesa, conta que achava que o Brasil era um país africano, que só tinha futebol e a Amazônia. Beni relata que, na mídia do Benim, as referências do Brasil eram as melhores praias, as mulheres bonitas e também o futebol: “Ronaldinho, Roberto Carlos, Kaká. O rei Pelé também, né? Futebol. O que eu conhecia mais do Brasil no meu país era sobre o futebol” (Beni). Na República do Congo, segundo Bella, a imagem do Brasil era relacionada ao futebol, mas também se estendia a favelas.

O Brasil é conhecido pelo futebol mesmo, Neymar, coisas assim. E falavam, também, que tem bastante favela. Eu conheci a favela através das mídias. Quando você chega num lugar com favela, falavam que as pessoas têm armas, e tem esse tipo de comportamento, como roubar. Falavam que a favela é uma coisa muito feia mesmo nas mídias, perigosa, muito perigosa. Então, no meu país, quando você fala do Brasil, eles vão falar do futebol ou das favelas, que é muito perigoso. (Bella).

O preconceito social decorrente da circulação de estereótipos (Krüger, 2004) é percebido por Cote, que relata, com tom de indignação, uma conversa que teve com seu pai a respeito do Brasil. A crítica de Cote segue direcionada à mídia, que em sua visão, além de evidenciar os estereótipos, não propaga a verdade.

Quando eu falo com meu pai, até ele fala isso! Eu falo: pai, deixa de ser preconceituoso, isso não existe, brasileiro não joga futebol o dia inteiro, é mentira! A mídia que fala isso. Não são todos os brasileiros que sabem jogar futebol. Eu jogo futebol aqui com muitos brasileiros, eles não sabem tocar nem na bola, cara! Então, não é todo brasileiro que sabe jogar futebol. Vamos parar de inventar as coisas e falar o que é verdade pras pessoas. (Cote).

Muitas das coisas que acreditava saber sobre o Brasil se mostraram diferentes desde a chegada de Vene no país. Em um relato em que transita pelo futebol, pelas músicas, pela aparência das pessoas e pelo carnaval, Vene faz críticas à conveniência da mídia em escolher determinados padrões (Freire Filho, 2005) para se referir ao contexto brasileiro. Ela contrasta sua visão sobre a representação do Brasil na mídia venezuelana e a realidade percebida através de suas vivências no país.

É muito diferente o que a gente vive depois que a gente conhece. [...] Falar do Brasil é falar, sabe, de futebol, do carnaval, do samba... [...] Mas quando a gente vem para cá, sim, tem futebol, sim, bastante. Mas eu descobri, por exemplo, que as pessoas são mais fãs dos clubes do que da própria seleção do Brasil. Como é que é? Nem liga para a seleção, fala de seu clube! Que não se escuta tanto samba, que é mais sertanejo, funk. Tem outras também, eu gostei muito do pagode, é isso? Pagode? E aquela que chama também de música popular brasileira. Então, descobri que samba não é o principal que o brasileiro mais escuta, não é. Também não dança! [...] E as brasileiras que conhecia na televisão, eram bem loiras, né? E o brasileiro, a maioria da população, é preta ou é morena. Nem sabia de tanto racismo que tinha aqui, não pensava, nem imaginava isso, lá na Venezuela isso não acontece. [...] A mídia coloca “ah, essa foto, esse carnaval, então, o carnaval tá no Rio, Rio de Janeiro”. Depois que tu tá aqui, descobre que tem outras cidades que fazem carnaval e até mais bonito, mais tranquilo, mais para as crianças, mais para a família. Mas aquele é que vende na mídia... Então é assim, diferente. [...] Nunca eu escutei um sertanejo, um pagode. Escutei bossa, sim, bastante, escutei lá [na Venezuela]. Então não, não mostra isso, e tudo é a mídia, sim, o que eles querem vender, acho. (Vene).

O contexto socioeconômico do Brasil e suas implicações frente às questões migratórias ganham destaque nos relatos da maioria dos entrevistados. Rupe comenta que, enquanto ainda residia no Peru, “você enxergava o Brasil como um lugar com mais oportunidades, sabe?” (Rupe). Segundo Cogo e Badet (2013) e Tânia Tonhati, Leonardo Cavalcanti e Antônio Tadeu de Oliveira (2022), esse foi o imaginário construído sobre o Brasil na primeira metade da década passada, tendo como pano de fundo o desenvolvimento

social e econômico do país e a cobertura midiática de eventos como a Copa do Mundo e as Olimpíadas, o que fez com que os fluxos migratórios para o país se intensificassem.

Na percepção de Vene, a mídia passa uma visão equivocada do Brasil através da escolha de narrativas que privilegiam o viés econômico sob uma perspectiva positiva, sem abordar a desigualdade social existente no país. Em seu relato, ela acentua que somente após sua chegada conheceu os desafios e as dificuldades presentes na sociedade brasileira, que atingem tanto os migrantes quanto a população local.

[É falado] que é a potência, [que tem] muito dinheiro, que tem uma economia forte. Muita produção, muita produção agrícola e agricultura, tudo isso. Exportador disso, daquilo. [...] Mas a gente se encontra aqui no Brasil, que é um país rico e tem muitas desigualdades, tem muita pobreza. Então assim: às vezes eu fico triste em ver que eu tô aqui, tentando me virar na minha vida, e encontro brasileiros que estão passando tanta necessidade, que são muito pobres, sabe? Essa é a visão errada que tem. Eu acho que a pessoa pensa igual dos Estados Unidos, por exemplo. Quem vai para os Estados Unidos e não conhece, também encontra muitos americanos bem pobres, então assim, sente isso. Lá na Venezuela, todos [falam] “ah, Brasil, la la la”, e quando tu chega, descobre que tem problemas também. Que sim, é uma potência, que sim, produz bastante, mas essa produção também tem outra cara... A história do Brasil é bem diferente do que eu pensava. (Vene).

Assim como Vene, Kist também percebe que os migrantes enfrentam os mesmos problemas que parte da sociedade brasileira. Em sua fala, ele traz as dificuldades encontradas para se estabelecer no Brasil, marcadas, principalmente, pela desigualdade e pela falta de oportunidades.

O Brasil é aquela coisa. Eu cheguei no Brasil e meu pai tava trabalhando no mercado, então a gente começou meio que do zero, zero, zero, zero, zero, entendeu? Então, o Brasil é um país que tu não consegue crescer, assim, do zero. Tu tem que batalhar muito, tu não tem muitas oportunidades. Outra coisa: a sobrevivência é dura aqui, né, com o pessoal do Brasil. Imagina as pessoas que vêm de fora. Então é difícil. (Kist).

O relato de Cote também destaca as adversidades encontradas em sua vivência no Brasil. “Quando tu chega aqui, tu vê que é outra coisa, é um mundo completamente diferente do que a mídia mostra ali pra gente, sabe? [...] São duas coisas completamente diferentes” (Cote). A falta de oportunidades e o sentimento de decepção frente ao que enxerga como a realidade no Brasil fizeram com que Cote refletisse sobre a condição migrante e sobre as possibilidades de mudança e melhoria de vida a partir da migração. Sem muitos detalhes, ele conta que sua chegada se deu no norte do país, onde se deparou com uma situação que não imaginava sobre o Brasil. Cote acreditava que, além de cursar o Ensino Superior, conseguiria trabalhar no país e ajudar financeiramente sua família, o que não aconteceu.

Geralmente as pessoas migram pra poder ter uma vida boa em outros lugares, principalmente as da África. Quando as pessoas saem dos países deles não é pra... O foco deles não é poder estudar, não é pra estudar. Pra eles, é pra poder sair do país pra um lugar pra trabalhar primeiro. Primeiro trabalhar, ter dinheiro, sustentar a família. Mas é isso que a mídia vende pras pessoas na África: eles acham que a Europa e outros países são o Eldorado. Mas é mentira, porque eu mesmo quando migrei aqui pro Brasil, eu pensava que o Brasil era um mundo completamente diferente, onde tinha só coisas boas. Que eu podia trabalhar, podia estudar, ajudar a família, ajudar os meus irmãos, uma coisa boa. Mas era uma coisa completamente diferente quando eu cheguei aqui, era completamente diferente. Eu cheguei no norte do país. Cara, eu tomei um susto quando eu cheguei ali, tomei um susto. Então, vamos dizer que migrar não é sempre a melhor coisa a se fazer. (Cote).

Cote traz também, em seu relato, a visão de que a sociedade condena os migrantes por ocuparem espaços que a eles não deveriam ser destinados. Ao longo de sua fala, quase como uma justificativa, ele destaca as contribuições dos migrantes para a economia do país, em uma percepção de que o migrante “deixa de dever” para a sociedade por ter acessado um direito - neste caso, a educação - ao contribuir economicamente. Essa inclusão condicional dos migrantes na sociedade apontada por Cote é criticada nos estudos de Hackl (2022), que descreve a contribuição para a economia como um dos critérios utilizados pela sociedade para definir o “bom” migrante, aquele que pode vir a ser aceito.

Tem certas pessoas aqui na universidade que acham que a gente veio aqui pra roubar, como se chama, as vagas de estudo deles, roubar o privilégio deles, diminuir o privilégio deles. Não tem nada a ver, uma coisa não tem a ver com a outra. Quando a gente migra pra cá, a gente também participa da economia brasileira, de certa forma a gente participa da economia brasileira. Porque quando a gente recebe dinheiro de fora do país, dos nossos pais, isso faz a economia andar. Então a gente, de certa forma, a gente paga imposto, vamos dizer isso, a gente paga imposto. A gente não tá aqui pra roubar vaga de ninguém. A gente veio pra estudar, a gente conseguiu essas vagas pra estudar. (Cote).

O discurso sobre o Brasil como um país de oportunidades, criticado por parte dos entrevistados, é o mesmo elogiado e propagado por Inter. Ao narrar em suas redes sociais online as suas vivências pessoais e as experiências de migrantes no Brasil, Inter constrói diferentes representações do país para aqueles sujeitos que desejam migrar⁴⁶.

Tem muitas oportunidades no seu país, mesmo que as pessoas não acreditem. Eu sempre disse aos meus irmãos venezuelanos, aos migrantes, sempre falei muito bem de seu país. Penso que este país é os Estados Unidos da América Latina, aqui há muitas oportunidades se você for inteligente e entender, muitas coisas podem dar muito certo neste país. Mas é preciso ter muita inteligência e maturidade acima de tudo. (Inter).

⁴⁶ A atuação de Inter como comunicador em suas redes sociais online será discutida posteriormente no eixo temático *Tratamento Midiático das Migrações*.

Quando falamos sobre a imagem do Brasil nas mídias, Inter traz um discurso mais otimista que os demais entrevistados: “bom, eu sou um daqueles que acha que... Eu não ligo muito para isso, eu fico mais com as pessoas boas, com as coisas que eu estou conseguindo aqui [...]. Eu estava ciente de tudo que podia acontecer aqui” (Inter). Inter reforça sua gratidão ao país ao longo de toda a entrevista, até mesmo quando fala sobre as dificuldades enfrentadas por migrantes e ao relatar que foi vítima de um roubo.

Tive um pequeno contratempo recentemente, me roubaram aqui em seu país. Mas muitos de seus conterrâneos brasileiros falaram comigo e me disseram: “olha, não guarda essa lembrança ruim, o Brasil tem muito a te dar e, bem, essas coisas acontecem, graças a Deus não aconteceu nada de ruim contigo, tu estás vivo, segue adiante”. E eu gostei muito disso, isso me encheu de alegria e eu já esqueci do que passou. (Inter).

É importante lembrar, quando analisamos a fala de Inter, que ele acompanhava a situação dos migrantes no país através das redes sociais online, em grupos formados por migrantes, o que nos faz refletir que a realidade brasileira e o contexto das migrações no país, com suas dificuldades e oportunidades, já eram de seu conhecimento. Como apontam os estudos de Cogo (2014, p. 253) a respeito da comunicação nas redes migratórias de migrantes no Brasil, “esses espaços comunicacionais são ocupados com a postagem e compartilhamento de conteúdos sobre vistos [...], dúvidas e esclarecimentos sobre direitos, políticas e processos de regularização migratórias, [...] ofertas de trabalho, reportagens sobre a imigração”, entre tantas outras informações que podem aproximar os sujeitos migrantes dos contextos das sociedades.

Para além das representações estereotipadas e do cenário socioeconômico do país, que motivaram críticas dos entrevistados sobre as escolhas da mídia na produção dos discursos, as falas de alguns de nossos interlocutores abrangem o cenário político brasileiro. Rupe já não acompanha muito as mídias peruanas atualmente, mas pelas conversas que teve com conhecidos e familiares sobre o Brasil, acredita que o contexto político dos últimos anos esteve presente na mídia peruana, com foco na gestão do ex-presidente Jair Bolsonaro (2019-2022) frente à pandemia de covid-19 e na reeleição do presidente Lula em 2022. Quando questionada sobre o que é falado no Brasil na mídia venezuelana, Zuel também menciona, mas brevemente, as eleições de 2022: “que Lula ganhou. Que o Brasil tá acolhendo. Que o Brasil acolheu venezuelanos. Só isso” (Zuel). Inter apresenta outro ponto de vista sobre a mídias na Venezuela:

Olha, eu vou te dizer uma coisa: a maior parte do que sai, né... Na Venezuela, as notícias são controladas, tá? Do Brasil, vão dizer que tem boas relações com a

Venezuela, que os governos se dão muito bem, entende? Que há uma excelente relação, que somos países irmãos. Mas você nunca vai ver uma crise humanitária, quem está saindo da Venezuela para o Brasil, você não vai ver isso, sobre isso não se fala, nunca vão falar. (Inter).

Na visão de Conra, o Brasil passa a ganhar mais notoriedade na mídia congoleza a partir da primeira eleição do presidente Lula (2003-2006). Conra é jornalista, e traz uma percepção mais aprofundada sobre as lógicas de produção dos discursos na mídia, que envolvem ideologias, estratégias de comercialização e interesses econômicos, em linha com o que sugere Freire Filho (2005). Ao tratar sobre os últimos anos, ele discute a presença do cenário político brasileiro - governos do PT (2003-2016), prisão de Lula (2018), governo Bolsonaro (2019-2022), soltura de Lula (2019) e eleição de 2022 - nas mídias congolezas e francesas, e o quanto acredita que os discursos estão condicionados ao ponto de vista da mídia *mainstream* brasileira e à visão dos correspondentes internacionais.

Falavam muito da questão da prisão de Lula, isso foi muito noticiado, e era muito numa visão da mídia *mainstream*, eu diria, da mídia praticamente brasileira. Eu diria que as agências brasileiras passavam uma informação e essa informação era retomada por outras mídias internacionais, era basicamente isso. Eu inclusive lembro que como eu lia muito, também, eu li muito mídia francesa, inclusive a mídia francesa também tinha uma visão que era muito parecida com a mídia *mainstream* do Brasil. Acho curioso que mudou praticamente quando... Ah, por exemplo, se você pegar o Le Monde, mudou a visão do Le Monde quando mudaram o correspondente. Aí o correspondente no Brasil foi pra Argentina, aí entrou uma correspondente e a visão começou a mudar. E essa correspondente depois saiu e entrou outro correspondente, e ele manteve mais ou menos a linha dessa correspondente, mas mudou completamente a primeira visão. Eu lembro muito bem que era uma coisa a leitura sobre as questões políticas no Brasil, impeachment, a visão de Lula, tudo, tudo, com esse cara, que agora tá na Argentina. Depois quando entrou outra, a Claire Gatinois, foi uma coisa diferente. [...] Eu diria que isso foi mais ou menos o que aconteceu também no Congo. Se você pegar, eles tinham uma visão que era muito de corrupção do governo Lula, do governo do PT, tal, tal, tal, sabe? Aquela visão básica, né, que era bem repetida e tal. E depois você vê uma tendência e... Ultimamente também foi retomada, então voltaram a falar muito, inclusive amigos meus sempre entravam em contato, perguntavam quando Lula foi reeleito, voltaram a falar. Bolsonaro também foi muito comentado. Era tido como uma coisa, também, um pouco estranha, né? As pessoas falavam mais de Bolsonaro pra rir um pouco do que tava acontecendo, quem era esse fenômeno. Era mais ou menos essa a visão. É uma curiosidade e um pouco engraçado também o que as pessoas achavam, né? Como que o Brasil tava sendo dirigido por um personagem desse, era basicamente isso a visão. E hoje em dia as pessoas... Digamos que a mídia retomou, voltou a falar mais da volta de Lula, uma história, digamos, interessante, de uma volta por cima, seja no Brasil, seja na França, eu vejo que tem esse interesse de novo sobre essa trajetória, de sair da prisão e voltar, ser eleito, uma coisa bem louca assim. (Conra).

Apreendemos que muitas das percepções partem do que está na mídia e do que foi vivenciado, mas há também perspectivas que partem de um senso comum, do que é comentado entre os grupos, os amigos e a família, em um contexto em que as falas dos

sujeitos, como nos lembra Eastmond (2007), não deixam de ser uma representação de suas vidas. Ao longo dos relatos, podemos perceber uma certa desconfiança dos entrevistados frente às instituições midiáticas, com críticas direcionadas não somente à representação estereotipada da realidade brasileira, mas também às perspectivas escolhidas pela mídia para narrar o Brasil, que não contempla as dificuldades inerentes à adaptação dos migrantes no país. Os sentidos produzidos e colocados em circulação parecem frustrar os projetos de migração de alguns dos sujeitos, que ao chegarem aqui, conheceram uma realidade não imaginada sobre o país.

A aproximação abrupta dos migrantes com uma realidade não esperada pode influenciar, também, em seus processos de integração, e forçar os sujeitos, como aponta Hackl (2022), a lutar pelo conjunto de qualidades exigido pela sociedade para a condição de inclusão. Nos próximos tópicos, discutimos os processos de integração dos sujeitos na sociedade e suas percepções sobre acolhimento.

6.1.3 O acesso à educação e ao mercado de trabalho

As dinâmicas de integração dos sujeitos migrantes na sociedade recebedora englobam inúmeros fatores, entre os quais os processos de assimilação estrutural, que abrangem as dimensões educacionais e laborais (Ager; Strang, 2008; Alba; Nee, 2003). Os relatos dos entrevistados sobre o acesso à educação e ao mercado de trabalho nos auxiliam a compreender como os sujeitos se estabeleceram na sociedade brasileira ao longo de sua trajetória migratória e em que contexto se encontram atualmente.

As políticas educacionais e a abertura do estado brasileiro para migrantes que querem estudar no país aproximam as histórias de parte dos entrevistados. Rupe, que já tinha passado uma curta temporada no Equador para um intercâmbio estudantil, conta que planejava um novo intercâmbio durante a faculdade. O plano se converteu em um projeto de migração: ela conseguiu transferir seu curso de uma universidade adventista peruana para uma universidade adventista brasileira. O esposo de Vene, que já havia morado sozinho no país enquanto fazia mestrado, conseguiu retornar ao Brasil para fazer o doutorado após participar de um processo seletivo financiado por agências de fomento ao estudo brasileiras. Quando Vene chegou ao Brasil, retornar aos estudos também foi uma possibilidade: ela entrou em um programa de mestrado, sendo contemplada, ao longo do processo, com uma bolsa de estudos.

Kist revela que, após três anos no Brasil, ingressou em uma universidade pública federal através de uma resolução que destinava vagas em cursos de graduação para

solicitantes de refúgio e pessoas refugiadas no Brasil. Bella conta que, ao chegar ao Brasil, ela e a irmã se inscreveram em três processos seletivos de universidades direcionados a pessoas refugiadas, solicitantes de refúgio, portadores de visto humanitário e pessoas migrantes em situação de vulnerabilidade. Elas foram aprovadas em dois processos, e hoje estudam na mesma universidade pública federal.

Também almejando estudar em universidades públicas, Conra, Cote e Beni vieram ao Brasil por meio do PEC-G - Programa de Estudantes-Convênio de Graduação -, uma possibilidade já que o Brasil mantém acordos culturais e educacionais com a República Democrática do Congo, a Costa do Marfim e o Benim, entre outros países em desenvolvimento. Conra foi aprovado no exame de proficiência de língua portuguesa Celpe-Bras⁴⁷, uma exigência do convênio, e pôde iniciar seus estudos em uma universidade pública, onde também concluiu um mestrado e um doutorado. Cote, devido à reprovação no exame, optou por matricular-se em uma universidade particular para poder permanecer no Brasil com o visto de estudante. Em 2022, entrou em uma universidade pública através de um edital voltado a pessoas refugiadas e migrantes em situação de vulnerabilidade. De modo similar, Beni também iniciou seus estudos em uma instituição privada por não ter sido aprovado no exame de proficiência. Após diversas tentativas de ingresso em universidades públicas por meio de editais específicos para migrantes e de transferências - os altos custos da universidade particular estavam dificultando sua vida no Brasil -, Beni conseguiu, em meados de 2023, a transferência para uma universidade pública, onde retomará os estudos a partir de 2024.

O acesso ao mercado de trabalho também é parte importante no processo de integração dos sujeitos na sociedade, ainda que, por vezes, a atuação profissional não se assemelhe ao que as pessoas migrantes faziam em seus países. Como apontam Ager e Strang (2008), o não reconhecimento das qualificações e das experiências profissionais dos sujeitos migrantes dificultam o acesso ao mercado de trabalho formal, fazendo com que o subemprego seja comum nas experiências dos migrantes na sociedade recebedora.

Conra e Rupe atuam profissionalmente dentro de sua área de formação no Brasil: Conra é pesquisador, professor e jornalista, e Rupe atua como jornalista desde que se graduou. Bella relata trabalhar alguns finais de semana em um hotel de sua cidade para complementar sua renda, já que o auxílio que recebe da universidade não é suficiente para pagar suas contas.

⁴⁷ O Celpe-Bras - Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros - é o exame aplicado pelo governo brasileiro que certifica o português como língua estrangeira. A aprovação no exame é uma exigência para que os postulantes ao PEC-G ingressem nas universidades brasileiras. Mais informações podem ser obtidas em <<http://portal.mec.gov.br/pec-g>>. Acesso em: 03 jun. 2023.

Beni, que auxiliava sua mãe em uma loja de materiais de construção no Benim, trabalha, atualmente, como auxiliar de cozinha em um restaurante. Ele consegue conciliar o trabalho no restaurante com os estudos desde que iniciou na universidade.

Vene, Zuel e Inter atuam em áreas diferentes do que trabalhavam na Venezuela. Vene atuava como engenheira na área comercial de uma empresa de produção de adubos. Ela relata que ainda não trabalhou formalmente no Brasil, mas que tem um empreendimento de comidas venezuelanas com seu esposo. O empreendimento estava indo muito bem e o casal conseguia conciliar o trabalho com os estudos de mestrado e doutorado. Ao fim do doutorado, porém, o esposo de Vene conseguiu um emprego em sua área de estudos - a pesquisa em alimentos - em outra cidade, e desde a mudança da família, o negócio ainda não foi retomado.

Zuel era professora na Venezuela, mas no Brasil trabalha em uma casa de acolhida para pessoas migrantes e refugiadas. Na Venezuela, Inter atuava em uma construtora como fiscal de obras na área de segurança do trabalho. No Brasil, trabalha como comerciante, presta serviços como anunciante publicitário e está aprendendo, junto a outros migrantes, a atuar no ramo do vestuário. É importante destacar que, ao serem questionados sobre sua atuação profissional, nem Zuel nem Inter mencionam a produção de conteúdos sobre as migrações. Ao longo da entrevista, porém, Inter relata que gostaria de fazer parte de alguma organização humanitária e atuar profissionalmente somente no campo da comunicação para falar sobre a temática migratória.

6.1.4 As vivências interculturais e as múltiplas identidades

A integração dos sujeitos migrantes na sociedade passa, também, pela construção de redes migratórias e de vivências interculturais, consideradas por Ager e Strang (2008) como conectores sociais e facilitadores da integração de migrantes na sociedade. A organização em redes, seja para a manutenção de laços familiares ou para a construção de novas relações, entre outras razões, é característica de inúmeros processos migratórios (Truzzi, 2008) e, ao nosso ver, conduz muitas das vivências interculturais dos sujeitos migrantes.

A construção das redes migratórias é aqui analisada a partir das relações intra e interculturais dos sujeitos, por meio dos seus elos com a família, com outros migrantes e com a sociedade recebedora. A formação de coletivos migrantes, tanto os informais quanto os formais, mostra-se relevante pelas trocas envolvidas, pelas redes de apoio, pela facilitação ao acesso a informações relativas aos processos migratórios e pelas mobilizações e reivindicações por demandas dos sujeitos, como apontam os estudos de Cogo (2014) e Cogo e

Brignol (2014). Como vivências interculturais, partindo do que os migrantes abordam como cultura, queremos compreender como os sujeitos se expressam a partir de suas identidades culturais e de suas crenças em um novo país; como acontece o encontro entre as culturas que os migrantes carregam consigo e o cultural da sociedade recebedora; quais os aspectos que se mantém e quais são incorporados nas trajetórias migratórias.

Zuel, Vene e Kist migraram para o Brasil junto a seus familiares, com quem residem até hoje no país. Zuel e sua filha vieram para o Brasil quando o esposo de Zuel já estava no país, o que facilitou todo o processo de regularização documental da família desde a chegada em Pacaraima. De forma parecida, Vene veio ao Brasil com os três filhos quando o esposo já estava estabelecido no país, na cidade em que escolheu fazer seu doutorado. O pai de Kist também já estava no Brasil quando o restante da família - Kist, sua mãe, sua irmã e seu irmão - chegou. Entre idas e vindas da família, os pais moram, atualmente, no Paquistão, e Kist vive no Brasil com os irmãos, o cunhado e dois sobrinhos - um nascido no Brasil.

Diferente dos demais, Conra também migrou com seu irmão, mas já na chegada ao Brasil, cada um foi morar em uma cidade diferente. Uma rede migrante passava a ser formada a partir daí: Conra foi acolhido por um migrante guineense que o recebeu em sua casa, e seus primeiros amigos no Brasil eram outros migrantes provenientes da Guiné-Bissau e de Cabo Verde. Ele conta que, nos anos posteriores, muitos congolezes - que hoje moram em São Paulo, no Rio de Janeiro, no Distrito Federal, em Pernambuco e no Rio Grande do Norte - chegavam em sua cidade para estudar para a prova de proficiência em língua portuguesa, e a maioria residia em sua casa por um período.

Inter e Bella vieram ao Brasil quando seus familiares já estavam no país. Inter chegou ao Brasil em 2020 e passou a morar com sua mãe, que havia migrado para o Brasil oito anos antes. Apesar de não reconhecer o grupo como uma associação formal, lembra que trabalha junto à comunidade latina de sua cidade, e demonstra interesse em formar uma comunidade venezuelana. Quando Bella chegou no Brasil, sua irmã já morava no país há um ano. Ela conta que já tinha a documentação para migrar para o Canadá e lá entrar em uma universidade, mas a pandemia de covid-19 interrompeu seus planos e ela sequer pôde viajar. Acabou vindo para o Brasil sem saber nada sobre o país, e sua irmã foi fundamental para sua adaptação. Bella e sua irmã foram selecionadas para participar de um grupo que será responsável pela recepção e integração dos estudantes migrantes que entrarão em sua universidade em 2024. Ela conta que foi muito bem recebida em diferentes momentos de sua trajetória por coletivos migrantes e pela própria universidade, e por isso está feliz em ajudar e retribuir o favor aos novos migrantes.

Cote, que antes de vir ao Brasil se comunicava com outro marfinense que estava residindo no país, teve sua chegada facilitada pelo amigo, que o ajudou nos trâmites para encontrar uma residência e regularizar sua situação junto à Polícia Federal. Cote também ampliou sua rede ao participar de um coletivo de estudantes marfinenses residentes no Brasil: o grupo foi formado durante a pandemia de covid-19 para apoiar os migrantes que passavam por necessidades, com muitas demandas sendo encaminhadas, inclusive, para a embaixada da Costa do Marfim. Mesmo com o fim da pandemia, Cote relata que o grupo seguiu existindo, com o objetivo de “ajudar os outros que virão no futuro, na questão de documentação, na questão da moradia, nas coisas que dá para fazer” (Cote).

Beni relata que migrou para o Brasil junto a outros estudantes do Benim. Assim que chegaram ao país, formaram um grupo, com o propósito de manter contato e de dar suporte uns aos outros. Beni conta que “se alguém tem um problema, é só avisar. Cada um não vai ficar por conta dele não, né, no caso de alguém precisar” (Beni). Esses objetivos se assemelham aos do coletivo migrante em que Kist é mais atuante. Formado por migrantes paquistaneses residentes no Brasil, o grupo tem por finalidade ser um canal de comunicação entre os sujeitos e fornecer suporte aos paquistaneses que estão vindo e aos que já estão no país.

O relato de Rupe sobre a sua chegada e a construção de redes migratórias não se assemelha às experiências dos demais entrevistados. “A decisão de vir aqui foi meio precipitada mesmo, foi mais, assim, na aventura, né? Não foi muito pensada” (Rupe). Rupe veio sozinha para o Brasil, não migrou com a família nem com amigos. Ao chegar no país, conheceu alguns migrantes bolivianos, mas não participou de coletivos migrantes. Sem dar muitos detalhes, deixa a entender que foi a partir de uma experiência profissional que se afastou tanto de migrantes quanto de grupos que atuam junto à temática migratória.

Eu me desvinculei dos grupos, né? Não participo assim. Bem no começo da minha carreira profissional, eu cheguei a trabalhar num instituto que tinha conexão com imigrantes. Aí que eu conheci todos os meios, mas não foi uma experiência muito prazerosa que eu tive lá, e aí acabei me desvinculando. Porque é uma questão assim: a galera se une por questões migratórias, mas também tem as questões de relacionamento pessoal, sabe? Podem ser situações boas, situações ruins. Então acabei não participando, não participo. (Rupe).

Diferente de seus conhecidos, que ainda frequentam comunidades para encontrar outros peruanos e falar espanhol, Rupe demonstra certo distanciamento da cultura peruana e confessa que se afastou de algumas tradições. Os poucos aspectos culturais que mantém são o gosto por músicas em espanhol e a comida: ela conta que, às vezes, frequenta restaurantes

peruanos com seus amigos. De forma também resumida, ao ser questionada a respeito da cultura venezuelana e sobre os aspectos culturais que ainda mantém, Zuel destaca “a música, a comida e o idioma” (Zuel). Inter, que também é venezuelano, tem a comida típica do seu país como um aspecto cultural que mantém.

A cultura venezuelana, por outro lado, é vivida de forma intensa por Vene e sua família. Ela relata que não quer que seus filhos esqueçam do curto período de tempo que viveram na Venezuela, e fala com carinho sobre a importância em conhecer datas comemorativas, nomes históricos, lugares que visitava nas férias, artistas e canções que costumavam escutar. Vene lembra do dia em que seus três filhos cantaram, no pátio de sua casa, uma canção muito representativa para os venezuelanos, fazendo com que seus vizinhos ficassem encantados. Ela gravou um vídeo e postou em suas redes sociais, o que repercutiu entre seus amigos e familiares que ainda estão na Venezuela. Entre os hábitos, a família faz questão de manter refeições típicas venezuelanas. Apesar da filha preferir a língua portuguesa e comentar que, se pudesse, só falaria português, a família fala somente espanhol dentro de casa.

Conra também aponta a culinária da República Democrática do Congo como algo tradicional que consegue manter, assim como a preferência pelas músicas do país. A comida típica é uma lembrança forte também para Cote, que acha complicado reproduzir os pratos que exigem temperos encontrados somente na Costa do Marfim. Ele comenta que consegue preparar refeições mais simples com os ingredientes que encontra no Brasil, como banana-da-terra, mas que nunca sai como ele gostaria. Além das comidas típicas que consegue preparar, Kist relata que, às vezes, usa roupas típicas paquistanesas no dia-a-dia.

Bella tem a comida como uma forte referência de sua cultura, mas conta que não encontra todos os ingredientes para preparar as refeições com as quais estava acostumada no Congo, além de os temperos serem caros. Um alimento, no entanto, é preparado todos os dias em sua casa, de forma adaptada: o *foufou*, acompanhamento típico da culinária congoleza, que ganhou nova receita a partir da farinha que Bella consegue comprar no Brasil. Alguns aspectos comportamentais que Bella aprendeu em seu país também seguem fazendo parte do seu cotidiano.

Respeitar todo mundo, todo mundo. Quando eu cheguei aqui, eu vi um pouco de diferença, sabe, porque no meu país, quando uma pessoa é mais velha que você, você não chama ela pelo seu nome. Você tem que chamar como *madame*, *monsieur*. Tipo, você não vai falar “ah, você faz assim”, você não vai falar “você”. Quando você tá falando “você”, é como uma falta de respeito se essa pessoa não te permitir ou se você não conhece essa pessoa. Quando você não conhece a pessoa, você tem que chamar ela assim [com pronomes de tratamento]. Aí essa pessoa pode dizer “ah

“você pode me chamar assim mesmo”. Então é isso que eu ainda mantenho aqui, porque eu ainda não estou acostumada. E também outra diferença: no meu país, quando você está numa sala de aula, antes de sair você tem que falar: “posso sair para”, não sei, ir no bar, no banheiro, coisas assim, aí professor fala: “se alguém quer sair, pode sair, não precisa me perguntar”. Mas aqui todo mundo sai! Então é só essa diferença que ainda não consigo mudar aqui. (Bella).

Beni também fala sobre sua relação com as comidas típicas que consegue preparar, mas menciona que os temperos são diferentes dos que estava acostumado. Ele comenta, além disso, que trouxe do Benim vestimentas típicas, que prefere utilizar em eventos especiais. Beni relata um episódio em que, em uma sexta-feira, resolveu ir para a universidade com uma dessas vestimentas, quando foi confundido com um adepto do candomblé.

Não é todo mundo que conhece, né? Já usei uma vez [as vestimentas típicas] e as pessoas achavam que eu era do Candomblé. [...] Eu fui pra faculdade com a roupa. Na verdade, eu tava na rua e a pessoa falou: “ah, você é da Casa Branca”? E eu falei não, não sou da Casa Branca, não, isso é uma roupa do meu país. [...] Mas estava parecido, só que a cor é vermelha, é bem parecido com as roupas deles. (Beni).

Beni destaca que o Benim é o berço do vodum⁴⁸, e acredita que a correlação vem da similaridade com as vestimentas utilizadas por seguidores do candomblé no Brasil. Beni, que estava vestindo uma calça branca e uma blusa vermelha, salienta que não se incomodou com o episódio. Ele evidencia, entretanto, já ter reparado certo preconceito no Brasil com o candomblé, em oposição ao que relata sobre seu país. Beni conta, também, que é muçulmano e que nunca teve problemas em professar a sua fé no Brasil, mas que ainda não encontrou uma mesquita na cidade onde mora.

Lá [no Benim] não tem: você é cristão, você é muçulmano, a gente vai ficar de bem com todo mundo, vai conviver junto. Não tem diferença entre as religiões, não. Aqui no Brasil acho que é diferente, eu já reparei isso aqui, as pessoas não gostam muito de candomblé, tipo um pouco de preconceito, sabe? É diferente. Lá no meu país não, a sua crença todo mundo tem que aceitar. (Beni).

Kist também é muçulmano, e a religião é bastante presente no seu cotidiano no Brasil. Ele participa, anualmente, junto à comunidade senegalesa e a outros migrantes muçulmanos, da organização do *Grand Magal*⁴⁹, acontecimento que celebra a memória e os ensinamentos do *Sheik Amadou Bamba Mbacke*. O evento, que ocorre na cidade de Touba, no Senegal, e

⁴⁸ O vodum é uma religião que se originou na região onde hoje se encontram o Benim e o Togo. É semelhante a outras religiões relacionadas à diáspora africana, como o candomblé, no Brasil, o vodu haitiano, o vodu da República Dominicana e a santería, em Cuba, entre outras. Mais informações podem ser obtidas em <<https://www.terra.com.br/nos/festival-vodum-do-benim-atrai-descendentes-da-diaspora.b0693c613d86681f906727a8787207ccsgjt1lg1.html>>. Acesso em: 06 jan. 2024.

⁴⁹ A dimensão transnacional do mouridismo e a importância do *Grand Magal* para as comunidades migrantes senegalesas são discutidos com mais profundidade nos estudos de Brignol e Costa (2018b) e Renilda Vicenzi (2021).

em cidades do mundo todo onde vivem migrantes senegaleses, é uma celebração cultural e religiosa, tendo como ponto forte, na cidade de Kist, a entoação das khassidas - poemas religiosos de louvor a Allah - e um almoço oferecido para a comunidade brasileira.

A solidariedade encontrada em outras denominações religiosas e os convites de amigos e familiares motivam mudanças e reestruturações nas orientações religiosas dos sujeitos em seus processos migratórios (Marinucci, 2012). Vene reforça que acredita em Deus, mas que não tem uma orientação religiosa definida. Na Venezuela, ela frequentava a igreja católica, mas, atualmente, incentivada por um grupo de migrantes venezuelanos, aproximou-se da congregação de Testemunhas de Jeová, que, em sua cidade, tem um núcleo de brasileiros que falam espanhol.

Diferentes configurações religiosas fazem parte da vida de Rupe. De formação católica, ela passou a frequentar igrejas evangélicas, até fixar-se na igreja adventista, o que acredita ter facilitado seu processo na universidade e a transferência de seus estudos para o Brasil. Já no Brasil, por não mais se identificar com a religião, passou a frequentar a umbanda, processo interrompido pela pandemia, mas que ela recorda com carinho. Atualmente, não segue nenhuma orientação religiosa, mas sente-se atraída pela doutrina espírita. Cote também já não acompanha os rituais de sua orientação religiosa como fazia na Costa do Marfim. Ele é católico, e comenta que sua família sempre foi muito católica. Em seu primeiro ano no Brasil, ia frequentemente à igreja, mas ao mudar de cidade parou de frequentar pois já “não sentia a missa” (Cote), não se sentia parte daquele grupo, nem do ritual.

Como em um grande encontro de diferenças, as experiências dos migrantes revelam que há espaço para a experimentação de novas culturas, para o esquecimento de algo que não se quer mais viver e para hibridações. Como aponta Grimson (2011), novos contextos direcionam para mudanças culturais e para diferentes assimilações, em um infinito que engloba continuidade e ruptura cultural, conflitos e negociações entre o que é “original” de sua cultura e o que a nova cultura proporciona. A partir de Hall (2010), pensamos na incompletude das identidades, que têm suas histórias, mas estão sempre em processo e sujeitas a transformações. A aproximação com o Brasil, as diferentes relações de pertencimento e as vivências interculturais, além da condição migrante, como vimos anteriormente, contribuem para essa transformação e para a reconstrução das identidades dos entrevistados.

Em meio a muitas risadas, Kist conta que incorporou, da cultura brasileira, o modo de se relacionar e de conviver com outras pessoas: “relacionamento, primeiro! Relacionamento

amoroso e relacionamento dia-a-dia também, de amizade com as pessoas. E sair muito para as festas à noite, que eu não fazia muito no Paquistão” (Kist). Além disso, relata que não estava acostumado a praticar tantos esportes e a fazer atividades físicas, aspectos que ele credita à sua vivência no Brasil. Kist sente-se muito acolhido no Brasil por considerar que os brasileiros respeitam as diferenças culturais e religiosas. Ele acredita que, se retornasse para o Paquistão, sentiria muitas saudades do Brasil, que agora é sua nova casa. Kist sente-se mais brasileiro atualmente do que paquistanês, e traz diferentes motivos para ilustrar essa constatação: “me adaptei bastante, né, com as culturas, com a língua portuguesa, com tudo isso. É documental também, documental, me naturalizei brasileiro, tenho muitas amigas brasileiras. (Kist).

Inter considera o Brasil como sua casa, e revela se sentir um pouco brasileiro pela forma como é tratado: “aqui, na rua, não me sinto discriminado, na rua eu posso ser como qualquer outro brasileiro. Até agora, eu não sofri nenhum tipo de xenofobia no teu país, e as pessoas me tratam muito bem” (Inter). A culinária brasileira, em especial os salgados comprados na rua, fazem parte do seu dia-a-dia, assim como as músicas do Brasil e o jeito alegre do povo brasileiro, com o qual já estava habituado por ser similar ao jeito do povo venezuelano. Inter reconhece como um aspecto cultural brasileiro o respeito ao horário de trabalho e aos feriados, questão muito valorizada por ele.

Vou ser sincero, são culturas muito diferentes, muito diferentes, mas eu adoro a cultura do Brasil. Adoro o samba, adoro o brasileiro, me identifico muito com o brasileiro, porque na Venezuela também somos alegres, adoro isso. [...] O brasileiro é muito original em muitas coisas. Eles dançam... Isso me agrada porque sou uma pessoa que gosta de dançar, que escuta música brasileira. [...] Eu gosto muito da maneira como levam a vida também, vamos dizer assim. Por exemplo, eles respeitam muito os feriados aqui no seu país, não se trabalha, isso me agrada muito, são coisas que eu gosto, respeitam muito o horário de trabalho. Isso também é cultura e é excelente. (Inter).

Ao ser questionado sobre o acolhimento no Brasil, Inter destaca as oportunidades que teve desde que chegou ao país, e novamente demonstra gratidão ao que vem vivenciando e às possibilidades que derivam dessas oportunidades. Do início ao fim da entrevista, Inter reforça a importância do acesso a direitos estendidos a migrantes no Brasil - o que envolve a obtenção do CPF e da carteira de trabalho -, dimensão que faz parte dos conteúdos que produz sobre as migrações.

Uma das melhores decisões que tomei na minha vida foi vir para teu país. Teu país me deu muitas coisas que nenhum outro país me deu, nem mesmo a Venezuela, e me ajudou a crescer profissionalmente. E vamos dizer desta forma: voltei a sonhar com uma vida melhor, teu país está me oferecendo isso, e sou realmente muito grato. Teu país me ajudou tanto que acho que a vida não será suficiente para agradecer. Eu me

sinto bem e me sinto muito seguro aqui, gostaria de ficar aqui para sempre, não me vejo morando em outro lugar. [...] Foi isso que teu país me deu, oportunidades de voltar a sonhar, de voltar a acreditar. Porque eu sonhava com uma casa, e para mim era algo impossível na Venezuela, é muito difícil, se você soubesse como é difícil. E aqui no teu país me deram essa oportunidade. No teu país me deram a oportunidade de me vestir bem, me deram a oportunidade de comer bem, me deram a oportunidade de trabalhar. (Inter).

Conra se sente acolhido no Brasil, e essa percepção está relacionada às amizades que construiu tanto dentro quanto fora da universidade onde estudou. Mas ele não vê todo o povo brasileiro da mesma forma: sem muitos detalhes, aponta que as pessoas são mais solidárias e acolhedoras no nordeste do país do que no sudeste ou no sul. A forma de demonstrar sentimentos é algo que reconhece como cultural brasileiro e que incorporou a partir de sua experiência no país.

Talvez o aspecto do brasileiro de ser um pouco mais aberto ou de expressar mais, talvez, seus sentimentos. Eu acho que é muito mais coisa de brasileiro do que em outros países, por exemplo. Eu acho que culturalmente não é do meu país, nem é do Congo, nem da França. Então eu acho que é uma coisa bem brasileira que, talvez, a gente acaba incorporando. (Conra).

Ao questionarmos se Conra se sente um pouco brasileiro, sua fala traz múltiplos pertencimentos e diferentes hifenizações (Lesser, 2001), que envolvem a República Democrática do Congo, que ele considera como seu país de origem; a França, seu país de nascimento, onde viveu por doze anos; o Brasil, país que ele considera sua casa, onde está há quinze anos e onde nasceu seu filho; e Camarões, o país que também é do seu filho, já que a mãe é camaronesa.

Me sinto muito, muito [brasileiro]. Inclusive, hoje em dia, eu digo sempre que eu tenho três países, né, eu tenho Congo, tenho... Talvez até quatro, né, porque eu digo Congo, França, Brasil, meu filho também é brasileiro. E a mãe do meu filho é camaronesa, então em alguma medida também sou camaronês, no sentido que é o país também do meu filho. Então é isso. Mas eu me sinto muito brasileiro, [...] eu sinto que o meu lugar é aqui. Até a decisão de ir, de ir pra França, de voltar pra França, pra mim foi mais difícil do que pra minha companheira, por exemplo. Eu acho que eu tenho mais, sei lá, me sinto mais vinculado ao Brasil, entendeu? Eu acho que porque eu... Parte da minha vida adulta foi aqui, eu acho. (Conra).

Cote sempre se sentiu muito acolhido e se sente muito em casa no país. O jeito de conviver e de festejar dos brasileiros já foram incorporados ao seu dia-a-dia, bem como a característica dos brasileiros de se atrasar: “brasileiro gosta muito de se atrasar. Mas não é que eu gosto de me atrasar, mas às vezes eu me atraso” (Cote). Ele credita o acolhimento às similaridades da Costa do Marfim ao Brasil: “não tem muita diferença entre o Brasil e o meu

país, porque o jeito de viver, o jeito das pessoas, a vibe das pessoas, é a mesma coisa. O Brasil é uma outra parte da África”. (Cote).

Assim como Cote vê similaridade entre seu país e o Brasil, Beni enfatiza que a cultura brasileira é muito parecida com a cultura beninense, principalmente em relação à culinária - “arroz e feijão; arroz, feijão, macarrão, farofa; arroz, feijão, macarrão e pão” (Beni) -, o que credita ao movimento de pessoas escravizadas trazidas do Benim para o Brasil. Ele vê semelhanças, também, entre o churrasco brasileiro e as refeições realizadas durante o *Eid al-Adha*, celebração realizada por comunidades muçulmanas ao final do Ramadã. Para além das similaridades, Beni conta que se sente muito brasileiro quando fala bastante “palavrão”, e revela ter incorporado o “sextou” brasileiro: “quando é sexta-feira você já sabe que vai ser um dia mais tranquilo, um dia tipo... Você vai sair para relaxar” (Beni).

Quando falamos sobre acolhimento, Beni destaca o afeto que recebeu de uma amiga, que o ajudava e não o deixava sentir-se sozinho, “era como eu se eu tivesse no meu país” (Beni). Mas percebe que nem todas pessoas são simpáticas e acolhedoras com os migrantes: “você vê que algumas pessoas estão querendo conversar com você, mas ficam com receio e com cara feia. Depende muito da pessoa, porque, querendo ou não, preconceito é preconceito, né?” (Beni). Ao ser questionado, a partir da questão relatada, se já havia sofrido preconceito, destaca que não, e que interpreta a situação descrita - e outras pelas quais revela ter passado - como “um mal-entendido entre as pessoas” (Beni).

Rupe relata ter dúvidas se incorporou aspectos culturais brasileiros, mas lembra da utilização de gírias como algo que está presente no seu dia-da-dia. Ela conta que se sente em casa no Brasil, onde construiu sua carreira e passou a ter uma vida independente, e comenta que seu jeito de se relacionar e de conviver com as pessoas foram sendo adaptados ao jeito brasileiro depois que passou a viver no Brasil.

Já sinto que me acostumei muito à dinâmica. Finquei algumas raízes aqui, aprendi a lidar um pouco, assim, que nem eu te falei, algumas coisas comportamentais eu acabei pegando, como mais ou menos a sociedade brasileira se guia, né? Uma vez até a minha chefe brincou que eu era uma gringa muito abasileirada, porque você acaba pegando algumas atitudes assim, sabe? Então sim, eu sinto que me adaptei, sinto que aqui é como se fosse a minha casa, né? Até porque no Peru eu vivi a minha infância e minha adolescência, né? Então assim, eu não tive muito uma oportunidade de, sei lá, ter a minha vida independente, de eu trabalhar e pagar as minhas contas, né? (Rupe).

Rupe se sente acolhida, em especial pelos amigos, mas reflete sobre o acolhimento em suas relações profissionais a partir de situações em que sua alteridade foi percebida e evidenciada.

Algumas vezes passei por algumas experiências, assim, meio desagradáveis, mas eu acho que me sinto acolhida sim. [...] até nos empregos, mas não posso dizer que é um acolhimento 100%, às vezes eu sinto algumas coisas que incomodam, né? Mas ninguém me trata mal, né, então eu acho que eu consigo viver uma vida normal no jornalismo, com fontes também. Acho que o estranhamento era quando era mais nova, mas só de... As pessoas até falam: “ah, você é de outro lugar e tal”, e só. É rara a vez que eu sinto algum preconceito por parte de alguns estados sabe, eu consigo lidar. Claro que eu acho que é o tempo, é o processo, né? Acho que o tratamento não foi igual quando eu comecei na área, mas... Assim, em grandes linhas, eu me sinto acolhida. Pelos meus amigos também. (Rupe).

A cultura brasileira faz parte do cotidiano de Vene através da culinária e do repertório musical incorporado pela família. Ela relata que as vivências culturais de todos foram intensificadas, ainda, pela inserção escolar dos três filhos, o que vem contribuindo, também, para o processo de integração da família na sociedade. Vene vê muitas diferenças entre as culturas do Brasil e da Venezuela, do jeito de falar e de perceber as coisas aos costumes, mas sente-se muito acolhida no Brasil, em um acolhimento percebido a partir de duas dimensões. A primeira dimensão está relacionada ao Estado brasileiro, através do atendimento realizado na chegada dos migrantes ao país e dos serviços de saúde prestados. Vene reconhece, no entanto, ao comparar a região onde se encontra e a região norte do país, com uma maior concentração de migrantes, que o Estado não consegue atender da mesma forma a todos os migrantes. A segunda dimensão refere-se às pessoas e à forma como foi recebida em sua casa. Vene enfatiza as dificuldades características de alguns processos migratórios e a importância, para uma pessoa migrante, em sentir-se acolhida e respeitada desde a chegada em um novo país.

Ao chegar aqui, o tratamento, pelo menos na fronteira, no momento em que a gente passou em Roraima, o pessoal militar, médico, muitos deles da Operação Acolhida, eles trataram muito bem a gente em todo esse momento que a gente passou por ali. Pra fazer toda a documentação, identidade, fazer tudo isso, também foi bem atendido. E logo aqui os brasileiros com quem a gente tem amizade, os vizinhos, sempre, até agora, são muito solidários. Até quando chegou aqui, recebeu muitos presentes, pras crianças, sobretudo. Foi uma coisa assim, bem, muito linda, porque... Porque foi difícil vir de lá. Há gente que fala que temos que colocar, e de fato colocamos, tudo em duas malas, as coisas de três crianças e eu. E chegar somente com isso tudo, o resto fica lá. Então, ao chegar aqui, encontramos... Para as crianças deram três malas cheias de roupas e um monte de brinquedos! Tu imagina encontrar isso quando tu chega aqui! E sempre é assim, me sinto acolhida por isso. E os serviços de saúde também, atendem normal, assim, eu não percebo uma diferença assim, não, até agora não. Acho também porque aqui no sul não tem tantos migrantes assim como no norte, os venezuelanos, e ainda os órgãos conseguem dar conta, ainda não estão tão colapsados como em outras regiões. Então sim, até agora me sinto acolhida sim. (Vene).

Bella também traz percepções sobre o acolhimento a partir de suas relações com a sociedade e dos atendimentos e serviços prestados pelo Estado brasileiro. Ela já morou em

três cidades no Brasil, e, em seu relato, faz uma comparação do que vivenciou em cada uma delas. Bella relata não ter conseguido fazer amizades nas duas primeiras cidades em que viveu, o que credita, principalmente, à sua dificuldade com o idioma, mas também à percepção de que as pessoas eram muito fechadas e solitárias. Na terceira cidade, apesar do receio frente às experiências anteriores, Bella conta que foi muito bem acolhida pelos colegas de sua universidade.

Quando eu cheguei aqui, pensava que seria a mesma experiência, mas foi diferente, foi muito diferente, muito, muito diferente. Tipo, todo mundo quer falar contigo [na universidade]: “ah, você tá bem? Você vem de que país? Você vem do Congo?” Todo mundo feliz! E isso me ajudou bastante, porque eu tava começando a ter, não sei, eu vou continuar assim, sem ter amigo em sala de aula. Mas especialmente na minha turma a gente é bastante unido, eu gosto, todo mundo feliz! Os estudantes são muito abertos. (Bella).

Os serviços prestados pelo Estado são percebidos, também, de diferentes formas. Bella lembra do acolhimento dos coletivos migrantes e da gentileza dos servidores que atuavam no serviço de imigração oficial nas duas primeiras cidades em que viveu. Em contrapartida, tanto no serviço de imigração quanto nos serviços de saúde da cidade em que vive atualmente, Bella relata não ter sido bem tratada.

Eles mostram mesmo que você é diferente. [...] Eu acho, porque a gente vê, né, quando eles recebem outras pessoas. É uma fila, tem bastante gente, então você vê a diferença como eles recebem outras pessoas e quando você chega, como eles te recebem. Então você sente essa diferença mesmo. (Bella).

A perspectiva da alteridade e a exclusão a que se refere Bella aparecem em outros momentos de sua fala. No dia em que chegou à cidade onde foi estudar, Bella, que é uma mulher preta, passou por um episódio de racismo. Ela conta que se sentiu hostilizada ao fazer compras em um comércio local, e é enfática ao analisar que uma pessoa branca não passaria pela mesma situação.

Eu tive uma experiência na vida assim: as pessoas de fora da universidade são um pouco diferentes mesmo. Porque um dia, o primeiro dia que a gente chegou aqui, tivemos que fazer algumas compras. A gente foi no centro, numa loja para fazer compras, e esse senhor tava olhando, tipo assistindo a gente, parecia que a gente ia roubar alguma coisa, e seguindo a gente, olhando de um jeito, sabe? Muito... E a gente não gostou muito, a gente se sentiu mal, mas a gente comprou. E quando ele viu que a gente queria comprar bastante coisa, ele ficou gentil, ele mudou. “Ah, a gente também tem isso, a gente também tem isso”, mas não foi assim que ele recebeu a gente. E eu estou certa que se fosse uma pessoa branca seria diferente, não ia ser do mesmo jeito, eu tô certa disso. Então aqui as pessoas são um pouco assim, eles te mostram que você é diferente mesmo. (Bella).

Bella é a única entrevistada a falar abertamente sobre os contextos em que sofreu discriminação. Ao longo da entrevista, ela conta que sua forma de se vestir - com roupas que a sociedade lê como masculinas - sempre fizeram com que ela atraísse olhares. Apesar de considerar os brasileiros mais abertos que as pessoas de seu país, revela que passou pelas mesmas situações no Brasil.

Eu, na minha vida, todo mundo me olha quando eu passo. Então já tô habituada com isso, mesmo aqui também. Mas aqui as pessoas são mais abertas. Aqui é como “faz sua vida”, sabe? Mas assim, quando eu passo, sempre uma pessoa tem que perguntar: “é uma mulher”? Sabe? Coisas assim. Ou te olha às vezes... Teve um senhor que eu fui comprar uma coisa, sabe quando a gente espera para passar, para poder passar para pagar, essa pessoa se levantou e me olhava só assim, eu olhei, eu não entendi até agora. Mas eu estou acostumada com isso desde o meu país. Aqui também as pessoas continuam a me olhar assim, mas aqui são mais abertas com esse assunto que no meu país. (Bella).

Apesar dos episódios vivenciados e de ainda não se sentir em casa no Brasil, Bella relata que, aos poucos, está formando uma família junto a seus colegas da universidade e se acostumando com o país. Quando falamos sobre os aspectos culturais incorporados por ela no Brasil, Bella reconhece a forma de demonstrar afeto como algo com o qual já está habituada.

No meu país, quando você tá namorando alguém, não precisa pegar a mão o tempo todo, sabe? A gente tem um pouco de vergonha, como respeito, coisas assim, não sei. Diferente daqui, que quando você tá namorando, você tem que pegar a mão da pessoa. Então eu me acostumei com isso, não é tão ruim assim pegar a mão da pessoa. E também eu gosto muito quando alguém te abraça, assim, demonstra afeição, eu gosto bastante disso mesmo. No meu país é como: “ah, que está fazendo”? Coisas assim. Mas aqui é muito fofo, eu gosto e estou me acostumando com isso. (Bella).

Zuel responde com muita animação que se sente muito acolhida no Brasil. Ela relaciona esse acolhimento aos vizinhos, aos colegas de trabalho e aos amigos que fez em casas de acolhida e abrigos em que morou assim que chegou ao Brasil. Zuel, que já iniciou o processo de naturalização no Brasil, acredita que nunca se sentirá brasileira, mas que reconhece o país como sua casa, “O Brasil é a minha casa, o Brasil é a casa que acolheu minha filha, que nos acolhe, aqui estão nossos amigos, aqui é a nossa vida” (Zuel).

A conversa sobre a naturalização de Zuel revela sua postura crítica frente à condução dos processos migratórios no Brasil. Zuel considera hostil o modo como o Estado brasileiro gerencia os processos documentais e jurídicos de pessoas migrantes e refugiadas, executados pela Polícia Federal e pelo Ministério da Justiça. Sua percepção sugere que as migrações precisam ser distanciadas da esfera da securitização, que promove a criminalização e a exclusão do outro migrante.

Já tô no processo [de naturalização], só esperando o Ministério da Justiça. Esse é outro assunto: porque a migração e o refúgio são levados pelo Ministério da Justiça, como se a gente fosse criminoso. Por que não é pelo, sei lá, tipo, Ministério de Relações Exteriores, que leva embaixadas, consulados? Não, é o Ministério da Justiça. A gente faz documento na Polícia Federal. (Zuel).

Quando conversamos sobre os aspectos culturais que acredita ter incorporado, Zuel conta, de forma bastante empolgada, que ela e sua família participam ativamente do carnaval brasileiro há quatro anos: “a filha toca na bateria e o marido também, e eu desfilo na ala. É excessivamente brasileiro” (Zuel). Zuel é a única pessoa migrante em seu trabalho, e relata já estar adaptada aos costumes dos brasileiros. Em sua fala, ela destaca, também, como vem construindo seu processo de integração, que partiu da compreensão de que estar aqui e lá, no Brasil e na Venezuela, não deveria fazer parte do seu cotidiano.

Já vou no boteco às seis horas na sexta-feira pra esperar o metrô, desabafar, faço tempinho. Já sei fazer pão de queijo, como coxinha, tomo guaraná, não sei, é muita coisa. Desde o primeiro momento que a gente chegou aqui, a gente mentalizou muito que a gente tinha que... Se a gente ia, finalmente, viver aqui, a gente tinha que estar em corpo, mente e alma aqui, não dava para ficar aqui o corpo e a cabeça lá na Venezuela, com os problemas e preocupações. Então a gente não esperou que ninguém integrasse a gente, a gente também corria atrás para ser integrado, para se integrar, para entender. O que a gente não sabe, pergunta! Ainda, muitas vezes, eu pergunto, sei lá, eu falo que eu tô, que eu não falo muito bem português porque eu tô ainda no modo das gírias. Aí eu não consigo entender muita gíria, muitas palavras, e aqui meus colegas, entre me zoando e me explicando, eles conseguem me atualizar. Minha filha aprendeu muito rápido pelo fato de estar na escola e tal, e ela fala coisas assim que eu “não, filha, você tá falando o quê?” Mas a gente conseguiu se integrar muito bem, a gente sabe que ninguém ia integrar a gente senão nós mesmos, né? E que aí vai depender muito da nossa atitude e da nossa vontade realmente de fazer parte do Brasil para viver como deveríamos viver, né? Não é que a gente critica, não é que a gente faz oposição aos guetos, mas você nunca vai conseguir realmente se integrar, entender um país e, futuramente, no caso nosso de que estamos num processo de naturalização, realmente exigir que sejam respeitados os nossos direitos para cumprir com nossas obrigações no país que nos acolhe, né? Então aí a gente correu sempre atrás... Tanto é que a gente fala português da porta de casa para fora, da porta para dentro a gente só fala espanhol, né? Então, por isso mesmo, não é porque é um assunto de preconceito que alguém olhou pra nós na rua, porque escutam a gente falando com sotaque diferente ou em outra língua, mas porque a gente tem que realmente se integrar. (Zuel).

A partir das falas dos sujeitos, percebemos que a compreensão sobre o que é cultura varia de entrevistado para entrevistado, passando por costumes, tradições, estilo de vida, aspectos comportamentais e diferentes interpretações sobre como agem as sociedades. Essa variedade de percepções nos remete a García Canclini (1997), que reflete sobre a impossibilidade de pensar a cultura e suas complexidades como algo que se identifica facilmente.

Os vínculos com as sociedades e com as identidades culturais de origem passam, principalmente, pela culinária, pelas músicas e pelo idioma, e são reforçados pelas redes

migratórias, através das conexões intraculturais familiares e sociais. As vivências no Brasil conduzem os sujeitos a compartilharem, em menor ou maior intensidade, os novos aspectos culturais a que são apresentados. A culinária e a música são incorporados, e junto a esses aspectos, o jeito de ser e de festejar dos brasileiros, a forma de se relacionar e de expressar sentimentos. As experiências interculturais são intensificadas, também, a partir das redes interculturais, dos novos amigos e dos laços construídos na sociedade receptora.

Todas essas dimensões permitem a configuração de múltiplas versões de identidades. Alguns migrantes se aproximam daquilo que consideram como uma identidade cultural brasileira por meio da apropriação da cultura e dos vínculos construídos, enquanto outros não se vêem como culturalmente brasileiros, mas se sentem em casa no Brasil e incorporam alguns aspectos culturais, o que expressa diferentes formas de pertencimento. Os diferentes cenários confirmam, como nos sugerem Grimson (2011) e Hall (2010), que as identidades não são intactas e não estão vinculadas a nacionalidades, mas são compostas por histórias e rupturas, e trazem uma leitura de passado, presente e do que podem vir a se tornar.

Na tentativa de aproximar a percepção dos sujeitos sobre acolhimento da integração pensada por Ager e Strang (2008), percebemos que é pelas dimensões dos conectores sociais - as redes intra e interculturais - e dos facilitadores da integração - as vivências interculturais - que o acolhimento é materializado na fala da maioria dos sujeitos. É na ajuda mútua, nas amizades e nas relações interpessoais que a percepção de acolhimento ganha maior destaque, ainda que o acesso a direitos também seja mencionado como uma dimensão de acolhimento. Mas tanto o acolhimento quanto a integração podem ser questionados e problematizados a partir de alguns relatos que revelam a permanência de fronteiras simbólicas entre migrantes e sociedade no geral, seja pela constatação de que o acesso a serviços prestados pelo Estado é desigual; seja pela observação que os migrantes são mais bem recebidos em alguns lugares do país do que em outros; seja pela experiência de enfrentar episódios de preconceito - mais esmaecidos nas falas de Beni e Rupe, e bem escancarados no relato de Bella.

A agência dos migrantes também aparece com um papel fundamental em seus processos de integração. Algumas falas nos fazem pensar em uma atuação mobilizatória de alguns entrevistados, que se enxergam como sujeitos de direitos e reivindicam um pertencimento e uma integração em prol da própria cidadania (Mezzadra, 2013). Esses relatos comprovam que a busca por um lugar cultural e social (Penninx, 2005) não necessariamente está relacionada aos estereótipos de identidade e comportamento esperados pelas maiorias dominantes (Hackl, 2022), o que desafia as lógicas de inclusão dos sujeitos na sociedade. É importante ressaltar, no entanto, que a alteridade dos sujeitos é percebida de diferentes formas

pela sociedade (Faustino; Oliveira, 2021), o que faz com que alguns sejam aceitos mais rapidamente do que outros, independentemente dos seus esforços e de sua agência.

A migração é a característica que aproxima todos os migrantes entrevistados em nossa pesquisa. As conexões e as particularidades das histórias desses sujeitos - os projetos de migração, as redes mantidas e construídas, as vivências interculturais, os desafios no processo migratório, os contextos em que estão inseridos -, aliadas à forma com a qual se reconhecem dentro da condição migrante, orientam nossa análise e nos auxiliam a compreender, daqui em diante, suas percepções acerca da ética e da interculturalidade no tratamento midiático das migrações.

6.2 TRATAMENTO MIDIÁTICO DAS MIGRAÇÕES

Partimos da compreensão que a ética e a interculturalidade deveriam ser premissas na comunicação sobre as migrações. Nesta etapa da pesquisa, investigamos a recepção do tratamento midiático das migrações e a percepção dos entrevistados sobre aspectos éticos e interculturais que permeiam esse tratamento, tendo como foco o consumo midiático, a representação midiática e a ética dos comunicadores. Iniciamos com os contextos de consumo de mídia dos sujeitos em *Repertório e consumo de mídias. A temática migratória nas mídias* traz as percepções gerais dos sujeitos a respeito da representação midiática dos migrantes e das migrações nas mídias, seus questionamentos e suas críticas a respeito das abordagens. A forma como os sujeitos gostariam de ser representados, bem como exemplos de representação que consideram positiva são discutidos em *Outras formas de falar sobre as migrações. A ética dos comunicadores e profissionais da mídia* traz as percepções dos migrantes do Grupo 2 a respeito da ética dos comunicadores com os quais já tiveram contato, além da atuação dos migrantes do Grupo 1 na produção de conteúdos sobre as migrações. Ao final, aproximamos os parâmetros éticos apresentados pelos guias e a percepção dos entrevistados sobre os aspectos éticos e interculturais que permeiam o tratamento midiático das migrações.

6.2.1 Repertório e consumo de mídias

Como uma abertura para nosso estudo de recepção, estruturamos um grupo de perguntas para investigar o repertório e o consumo de mídias dos migrantes entrevistados. Entre questionamentos que versam sobre a totalidade de mídias utilizadas pelos sujeitos, sua presença online em redes sociais e como se configura o consumo de informação e o de entretenimento, percebemos que a condição migrante e o contexto em que os sujeitos estão

inseridos condicionam o acesso a determinados meios, mas também apresentam novas possibilidades para as práticas e os processos comunicativos dos migrantes.

Mesmo com algumas particularidades no repertório e no consumo midiático, a internet e o telefone celular assumem uma centralidade no cotidiano dos sujeitos. A fala de Cote - “eu uso bastante o meu celular, eu passo o dia inteiro no meu celular, não fico fora. O meu celular é tudo” (Cote) - está bastante alinhada com o que é observado no mundo e no Brasil. Segundo o *Data Reportal*⁵⁰, com dados atualizados no início de 2023, estima-se que 64,4% da população mundial utilize internet, sendo 92,3% via telefone celular, com a finalidade de, principalmente, encontrar informações, manter contato com família e amigos e atualizar-se sobre eventos e notícias. Além disso, 68% da população possui um telefone celular e 59% está presente em redes sociais online. No Brasil, estima-se que 84,3% da população utilize internet, quase que em totalidade via telefone celular - 97,1% -, e que 70,6% utilize redes sociais online. Entre os nossos entrevistados, todos têm telefones celulares, acessam facilmente a internet e possuem perfis em diferentes redes sociais online.

Os migrantes entrevistados apresentam diferentes presenças e atuações nas redes sociais online. Atualmente, Facebook, TikTok e Instagram são utilizados como ferramentas de trabalho por Inter: é por meio dessas redes sociais online que divulga conteúdos sobre as migrações. Ele reconhece que sua presença está mais consolidada no Facebook, onde atua desde 2021, mas revela que seu perfil também tem crescido no TikTok. Inter também tinha perfis pessoais tanto no Facebook quanto no Instagram, mas perdeu os acessos quando teve seu telefone roubado. Rupe tem perfis no LinkedIn e no Instagram, redes em que fala sobre sua atuação como jornalista. Enquanto o perfil no LinkedIn é utilizado para fins estritamente profissionais, cenas de sua vida pessoal fazem parte de seu perfil no Instagram: “às vezes eu tento fazer uma mistura entre CNPJ e CPF. [...] O meu feed é mais para divulgação profissional. Nos stories, às vezes, eu deixo algumas coisas da minha vida” (Rupe). Ela relata, ainda, estar aprendendo a utilizar o TikTok, onde também tem um perfil, e que está presente no Facebook e no Twitter, mas já não utiliza mais essas redes. Vene tem dois perfis no Instagram: um pessoal, fechado, somente para seus amigos, e um de seu empreendimento de comida venezuelana, que gerencia com seu esposo. Ela revela ter também um perfil no Twitter, mas não utiliza a rede há um tempo e deletou o aplicativo de seu telefone.

Zuel tem perfis no Facebook, no Instagram, no Twitter e no LinkedIn. Ela conta que não vai aderir ao TikTok por ser uma rede “muito juvenil, muito adolescente” (Zuel), mas

⁵⁰ Disponível em <<https://datareportal.com/reports/digital-2023-global-overview-report>>. Acesso em: 26 jun. 2023.

acompanha alguns conteúdos através do perfil de sua filha. Conra tem somente um perfil no Twitter, é bastante ativo na rede e prefere não utilizar seu nome verdadeiro para não ser encontrado facilmente. Beni tem somente um perfil no Instagram, Kist tem perfis no Facebook e no Instagram, Bella no Instagram e no TikTok e Cote nas mais diversas redes: Facebook, Instagram, Twitter, LinkedIn e Snapchat.

Tanto o consumo de entretenimento quanto o de informação, para a maioria dos entrevistados, passam pelo celular e pelo acesso à internet. Todos destacam ter assinatura da Netflix, e alguns ainda assinam Disney+, Amazon Prime, HBO Max, Apple TV e Star+. Vene e Bella revelam compartilhar com amigos e familiares as assinaturas da Netflix e da Disney+: Vene divide a Netflix com amigos brasileiros e a Disney+ com amigos venezuelanos, que moram na Venezuela; Bella e sua irmã dividem as assinaturas das duas plataformas com outra irmã, que mora em uma cidade diferente. O acesso a serviços de música é mais diversificado: seis entrevistados utilizam o Spotify, mas Vene, Rupe e Beni reforçam que não pagam pela assinatura, consumindo o serviço no modo gratuito. Deezer, Apple Music e Amazon Music também aparecem nas preferências dos sujeitos, assim como a iVoox, plataforma de podcasts espanhola citada por Conra, que, segundo ele, contribuiu para o seu aprendizado da língua espanhola. Inter e Bella revelam não ter acesso a nenhum serviço de música e podcasts, mas Bella gostaria de conhecer serviços gratuitos para consumo musical.

O acesso à programação televisiva também passa pela internet para alguns de nossos entrevistados. Kist e Cote acessam a programação por meio de seus computadores para assistirem a jogos de futebol. Cote recorda que seus principais acessos são pelos canais das emissoras Globo e SBT, e Vene assiste à rede Globo pelo seu computador. Bella é a única dos entrevistados que não tem um computador, e conta que somente recentemente teve contato com a programação televisiva do Brasil - através do YouTube -, quando precisou fazer um trabalho da faculdade sobre a televisão brasileira. Bella destaca que está trabalhando e juntando dinheiro para poder comprar um computador, e que o equipamento faz muita falta para seus estudos no curso de Cinema.

A televisão como meio de comunicação aparece nas falas de alguns entrevistados aproximada a rituais coletivos e familiares. Beni mora em uma pensão, e relata reunir-se esporadicamente com outros moradores para assistir à televisão na área comum de sua casa. Bella recorda, de forma nostálgica, de quando assistia a programas de humor na televisão com sua família, na República do Congo. Ela conta que sente falta desses momentos, e que já conversou com a sua irmã sobre comprar uma televisão aqui no Brasil. Zuel revela que os momentos em que a família assiste à televisão são os únicos em que conseguem estar juntos

durante o dia. Conra também tem uma televisão, mas conta que, desde que sua esposa foi embora do Brasil, o aparelho nunca mais foi ligado. Ele revela que, atualmente, só utiliza a televisão para assistir a grandes competições de futebol, como a Copa do Mundo e a Eurocopa.

Além da televisão, que normalmente é um meio compartilhado nas casas, somente Vene e Rupe mencionam o uso coletivo de outros meios de comunicação. Vene conta que seu celular e os dois computadores da casa são utilizados pelos três filhos, sempre com um limite. Rupe sempre compartilhou o notebook com seu namorado, mas, atualmente, precisa compartilhar também o celular, já que ele está sem telefone desde que seu aparelho quebrou. A maioria dos entrevistados destaca, também, que tem acesso aos mesmos meios que tinham em seus países de nascimento. Entre os migrantes venezuelanos, Zuel destaca que só não tinha internet, enquanto Inter conta que o acesso à internet era limitado. Vene, no entanto, revela que tinha acesso à internet, e que ainda se informava por jornais impressos e revistas. Kist, Beni e Rupe tinham acesso à televisão também em seus países de nascimento.

Todos os entrevistados apontam que utilizam o WhatsApp como aplicativo principal de mensagens instantâneas. O Telegram é utilizado por Rupe para fins profissionais, e por Beni para fins de entretenimento: ele conta que baixa filmes através do aplicativo. Inter utiliza também o Messenger, meio pelo qual seus seguidores entram em contato para tirar dúvidas. O Quadro 4 traz um resumo com algumas das principais informações sobre o repertório e o consumo de mídia dos entrevistados.

Quadro 4: Repertório e consumo de mídias

(continua)

Nome	Meios de Comunicação	Meios para informação	Meios para entretenimento	Perfil em Redes Sociais Online	Serviço de Filmes e Séries	Serviço de Músicas e Podcasts	Aplicativo Mensagem Instantânea
Zuel	Celular Computador Televisão Tablet	Celular	Televisão	Facebook Instagram Twitter LinkedIn	Netflix Amazon Prime Disney+	Spotify Deezer	WhatsApp
Conra	Celular Computador Televisão	Celular; Computador	Celular Computador	Twitter	Netflix Disney+ HBO Max	Spotify iVoox	WhatsApp
Inter	Celular Computador	Celular	Celular Computador	Facebook Instagram TikTok	Netflix	-	WhatsApp Messenger
Kist	Celular Computador Tablet	Celular	Tablet	Facebook Instagram	Netflix	Spotify	WhatsApp Telegram Messenger

Vene	Celular Computador Televisão	Televisão	Televisão Celular	Instagram Twitter	Netflix Amazon Prime Disney+	Spotify Amazon Music	WhatsApp
-------------	------------------------------------	-----------	----------------------	----------------------	------------------------------------	-------------------------	----------

(conclusão)

Nome	Meios de Comunicação	Meios para informação	Meios para entretenimento	Perfil em Redes Sociais Online	Serviço de Filmes e Séries	Serviço de Músicas e Podcasts	Aplicativo Mensagem Instantânea
Rupe	Celular Computador	Computador Celular	Celular	Facebook Instagram Twitter TikTok LinkedIn	Netflix HBO Max Star+	Spotify	WhatsApp Telegram
Cote	Celular Computador	Celular Computador	Celular	Facebook Instagram Twitter Snapchat LinkedIn	Netflix Apple TV	Apple Music	WhatsApp
Beni	Celular Computador Televisão	Celular	Celular	Instagram	Netflix	Spotify	WhatsApp Telegram
Bella	Celular	Celular	Celular	Instagram TikTok	Netflix Disney+	-	WhatsApp

Fonte: elaboração própria.

A última pergunta referente ao consumo midiático dos sujeitos referia-se à transnacionalidade das mídias. Rupe acredita que deveria observar mais a mídia peruana, mas, atualmente, acompanha somente a mídia brasileira, de forma bastante intensa, devido à sua atuação profissional. Kist conta que busca mais informações e notícias através da mídia paquistanesa, e destaca que seu entretenimento passa pelo consumo da “Netflix, que é mídia americana” (Kist). Cote revela acompanhar as mídias do mundo todo, em especial a brasileira e a francesa, e destaca que não é muito apegado às mídias da Costa do Marfim. Apesar das críticas que faz ao Twitter, é através desta rede que Cote se informa: “eu sei que não é um meio de comunicação pra se informar porque acolhe muitas *fake news* aqui no Twitter, mas eu gosto muito de me informar no Twitter. Sempre quando acordo, eu vou no Twitter pra ver as informações do dia” (Cote).

Todo o consumo midiático de Bella, atualmente, ocorre através do TikTok. Em seu relato, Bella confirma a transnacionalidade de seu consumo ao explicar o funcionamento da rede, fala a respeito da diversidade de conteúdos disponíveis e destaca o tempo que passa consumindo a mídia quando está de folga.

No TikTok, você pode ver as coisas do seu país, de outros países também. É bastante diferente, não é como um programa de televisão que você abre e te dá informação só

do Brasil, sabe? O TikTok você pode passar e você tem uma informação de outras cidades, de outros países, é isso mesmo. Quando eu não tenho trabalho como agora, eu acho que eu fico bastante tempo no meu TikTok, porque o TikTok é assim: quando você começa a passar, você tem esse sentimento de ver o que vai vir depois, às vezes é engraçado, às vezes é informação, muita coisa mesmo, então eu fico bastante tempo. É misturado [informação e entretenimento], você pode passar, você vê uma aula de esporte, você pode passar, você vê ‘ah, aqui aconteceu alguma coisa’, como, por exemplo, no Congo teve uma guerra, as pessoas morreram, você passa, aqui é uma coisa engraçada... Então é misturado mesmo, as informações são misturadas. (Bella).

Vene revela que, normalmente, consome mais mídias brasileiras, mas desde que a família assinou a DGO, vem consumindo o canal DNews⁵¹, que é transmitido em espanhol de diferentes países da América Latina. A mídia venezuelana é bastante parcial, segundo Vene, o que faz com que ela não acompanhe o que está acontecendo em seu país de nascimento.

Não ficamos ligados com... Tentamos não ficar muito ligados com as notícias da Venezuela. Porque, como fala, assim... Estas [notícias] incomodam, estas [notícias] desconfortam, sabe? Olhar as mesmas coisas que a gente nem quer saber, porque... Os jornais lá não são muito... São muito parcializados. (Vene).

Zuel consome somente a mídia brasileira, e tudo que sabe sobre a Venezuela provém de informações de sua família. Inter parou de acompanhar mídias venezuelanas há muito tempo, mas se informa sobre a Venezuela através de mídias internacionais. Ele reconhece a necessidade de consumir mídias brasileiras para se informar sobre o que está acontecendo no Brasil e mídias internacionais para compreender o que está acontecendo nos diferentes contextos migratórios para produzir seus conteúdos.

Eu parei de acompanhar as notícias da Venezuela há muito tempo, não assisto mais. Notícias internacionais sim, porque é dali que eu me informo sobre o que está acontecendo para os projetos. E do Brasil, é claro, eu vivo aqui, eu moro aqui no teu país, então eu tenho que ler tudo aqui, as notícias, entende? É claro que eu assisto, eu tento assistir de manhã quando eu tenho um tempinho, eu escuto... Internacional, é claro, é claro. E a Venezuela, bem, eu... As notícias verdadeiras que consigo são, principalmente da mídia que não está na Venezuela. (Inter).

Conra tem uma visão bastante crítica sobre as mídias em geral, e revela consumir, principalmente, mídias internacionais. O jornal independente de notícias *Mediapart*⁵², da França, e a plataforma espanhola de podcasts *iVoox*⁵³ são citados como algumas das mídias de

⁵¹ Com o slogan: “*Somos latinoamérica*”, a DGO lançou, em meados de 2022, o canal DNews, transmitido em espanhol a partir de seis diferentes países da América Latina. Mais informações em: <<https://dplnews.com/dnews-chega-ao-brasil-atraves-do-dgo/>>. Acesso em: 06 out. 2023.

⁵² O *Mediapart* é um jornal independente francês online. Mais informações em: <<https://www.mediapart.fr/>>. Acesso em: 06 out. 2023.

⁵³ A *iVoox* é a principal plataforma de podcasts e rádios espanhola. Mais informações em: <<https://www.ivoox.com/>>. Acesso em: 06 out. 2023.

sua preferência, junto à televisão online franco-alemão *Arte*⁵⁴, que Conra considera ter o melhor conteúdo midiático da atualidade: “muito documentário sobre cinema, sobre música, sobre sociedade, política, tudo tem, você vai ver aí que é fantástico, para mim é a única televisão que eu digo que eu assisto”. (Conra). Mesmo com as críticas e a falta de interesse, a mídia brasileira também tem espaço no consumo de Conra, o que ele enxerga como uma obrigação, já que mora no Brasil.

Talvez porque eu não tenha uma boa opinião da mídia brasileira, então acesso mais a mídia internacional do que a brasileira, entendeu? Da mídia brasileira, assim, praticamente como dever de cidadão, de vez em quando, eu posso colocar aí a Folha [de São Paulo] para ver um pouco o que tá acontecendo, sabe? Como dever, sabe, de saber o que tá rolando, mas não me interessa muito. (Conra).

Beni tem pouco contato com as mídias em geral e sequer se recorda em detalhes o que consome no Instagram - “eu só olho o que ele postou, se é inspirador pra mim, tá bom” (Beni). Quando questionado se acompanhava mais a mídia brasileira, a mídia do Benim ou a mídia de outros países, Beni respondeu “nada, não, nenhum. Tudo isso é mentira, por isso que eu não gosto de assistir” (Beni). Sua fala reflete uma certa falta de confiança nas mídias, mas também está alinhada ao desinteresse demonstrado ao longo da entrevista em consumir mídias e em estar presente digitalmente. A internet é essencial para as práticas cotidianas de Beni, mas seu relato sugere que nem todo migrante sente a necessidade de imergir em um mundo conectado, questão que, como apontam os estudos de Denise Cogo, Liliane Brignol e Suely Fragoso (2014), é esquecida até mesmo pela literatura a respeito da inclusão e exclusão digital de migrantes. Nesse contexto, por mais que reconheçamos a importância das mídias e a relevância, para nossa pesquisa, do consumo midiático dos sujeitos, uma vez que queremos investigar suas percepções sobre o tratamento midiático das migrações, precisamos considerar e valorizar a agência dos migrantes que não querem estar conectados ou que apresentam diferentes objetivos em sua inclusão digital (Cogo; Brignol; Fragoso, 2014).

A falta de confiança de Beni em relação às mídias também não pode ser ignorada. Ao longo das entrevistas, em diferentes momentos, outros entrevistados expressaram seus incômodos e suas críticas às instituições midiáticas. Frases como “é mentira, a mídia que fala isso”, “toda mídia exagera, a de lá, daqui, de todo canto”, “é isso que a mídia vende ali, é isso que a mídia mostra pra gente”, “hoje em dia a mídia só fala o que o povo tem que escutar”, “a mídia não está lá para ouvir os povos” e “tudo é a mídia, sim, o que eles querem vender,

⁵⁴ A Arte é uma televisão online franco-alemã com programação sobre cultura em geral. Mais informações em: <<https://www.arte.tv/en/>>. Acesso em: 06 out. 2023.

acho” aparecem em diferentes relatos. A insatisfação dos migrantes com relação às mídias, em especial relacionada ao consumo informativo, e a presença digital dos entrevistados vão ao encontro de uma tendência global, principalmente relacionada aos jovens.

Segundo o *Digital News Report 2023* (Newman *et al*, 2023), do *Reuters Institute*, da Universidade de Oxford, no Reino Unido, o interesse e o consumo geral a respeito de notícias caiu de forma considerável na maioria dos países nos últimos anos, bem como a confiança nas instituições. Da amostra pesquisada, somente 40% dos sujeitos afirmaram confiar nas notícias na maior parte do tempo; 36% afirmaram evitar notícias e 30% têm as redes sociais online como a principal forma de acessar notícias. O Facebook ainda é a rede social online mais utilizada para o consumo de notícias e, junto ao Twitter, é o local onde jornalistas e a mídia *mainstream* ainda conseguem ser considerados as principais fontes de notícias. No Instagram, no YouTube e no Snapchat, os entrevistados da pesquisa revelaram prestar mais atenção em personalidades, mesmo em seu consumo informativo. No TikTok, tanto personalidades quanto pessoas comuns são vistas com mais relevância que a mídia *mainstream* e os jornalistas. Esses dados nos ajudam a compreender os diferentes contextos de consumo dos sujeitos migrantes, seja pela faixa etária, seja pelas possibilidades de acesso, seja pela necessidade de estar presente nas mídias.

6.2.2 A temática migratória nas mídias

Como a sociedade vê essas pessoas que nascem como migrantes assim que atravessam suas fronteiras? Retomamos o questionamento feito no início deste trabalho para introduzir as percepções dos interlocutores migrantes sobre o tratamento midiático das migrações e analisar como os aspectos éticos e interculturais estão implicados nas narrativas midiáticas.

Na percepção dos entrevistados, os discursos que tratam da alteridade e do outro migrante são construídos, majoritariamente, a partir de visões estereotipadas, em que o migrante aparece algumas vezes como vítima e em outras como uma ameaça à sociedade. Essa representação das migrações que remete a um problema é um padrão recorrente, como discutido pelos pesquisadores que embasam nosso estudo sobre as migrações nas mídias (Cogo, 2001; Van Dijk, 2005; Cogo; Riegel, 2016; Pogliano, 2016; Cogo; Silva, 2016; Costa, 2017; Brignol; Costa, 2018a; Escudero, 2020; Espinel-Rubio; Mojica-Acevedo; Niño-Vega; 2021). A construção dessas narrativas, na visão da maioria dos sujeitos, tende a promover um consenso sobre as migrações, que pode provocar a discriminação e a exclusão dos migrantes na sociedade.

O não pertencimento do migrante na sociedade é enfatizado por Vene, que aborda em seu relato a exclusão e a ausência dos migrantes na comunicação direcionada à sociedade em geral. Segundo Vene, a mídia brasileira se refere o tempo todo somente aos nacionais, sem abranger as diferenças (García Canclini, 2014), em um apagamento da interculturalidade e da diversidade da sociedade.

Nas notícias, nos jornais, quando falam de alguma estatística do Brasil, de alguma coisa, “nesse ano, os brasileiros conseguiram comprar”, ou “a inflação tá golpeando o bolso do brasileiro”. Eu digo: “brasileiro”? Eu também não consegui pagar o cartão, não tô conseguindo também. Fala somente dos brasileiros... Mas não sei, deveria dizer, pelo menos, “todas as pessoas”, não sei, “os habitantes do nosso país”, alguma coisa assim, porque fala somente “os brasileiros vão de férias, principalmente, pra cá e pra lá”. Somente os brasileiros vão de férias? Não, eu tenho [férias], todo mundo vai de férias. Isso também eu percebo, assim, nos jornais... Os que eu vejo na Band, na Globo, esses dois eu acho... CNN também fala assim, isso. (Vene).

A escolha em não representar o outro na mídia pode ser uma estratégia para mantê-lo invisível na sociedade. Vene faz críticas à falta de informações, na mídia brasileira, referente a políticas públicas e ao acesso a serviços que se estendem aos migrantes residentes no Brasil. Sua fala aponta para a invisibilidade e o esquecimento da condição migrante, que atravessa os sujeitos independentemente de sua condição documental e jurídica.

“Ah, será que tal política vai beneficiar os brasileiros?” E onde estão os migrantes ou todos os que vivem aqui no Brasil, os brasileiros e os não brasileiros? Por exemplo, quando foi a questão do Auxílio Brasil. Isso também beneficiou os migrantes, mas nas mídias não falava nunca disso, o que a gente tinha que fazer, nunca, em nenhum momento falava disso. Somente o que tem que fazer o brasileiro, mas não o que tem que fazer um migrante que esteja aqui no Brasil. [...] Falta também falar, explicar, assim, como é que as coisas funcionam pro nacional, pro brasileiro, e como é que funciona pro migrante também. E quando a gente foi abrir uma conta bancária, então todos os bancos falam: “ah, tu pode abrir tua conta pelo teu aplicativo”. Tu vai no aplicativo e o aplicativo diz: “ah, se é estrangeiro, tem que abrir pessoalmente”, sabe? Em nenhum lugar fala isso, até que tu passe. Ah tá, tem que ir pessoalmente, não posso fazer no aplicativo. Ainda que eu tenha todos os documentos, identidade, tudo regularizado. Então falta que a mídia [explique]. (Vene).

Em suas pesquisas, Rugar (2021) enfatiza a necessidade de conscientização da mídia para que as migrações sejam tratadas como uma questão, como um processo. Para Conra, há contextos específicos em que a condição migrante e as migrações são abordadas na mídia:

Então, teve um momento em que se falava muito dos imigrantes haitianos, depois de sírios, né, da Guerra da Síria - também foi um momento muito importante que a mídia começa a falar muito da imigração. Sempre são períodos assim, né? Digamos que são tendências, né? Tem um momento que é mais imigração do Haiti, mais imigração da Venezuela, depois vai ser mais imigração da Síria. (Conra).

Os cenários aos quais Conra se refere - a migração de haitianos, decorrente de desastres ambientais; de sírios, devido à guerra; e de venezuelanos, frente a graves violações aos direitos humanos - são contextos em que as migrações ganham visibilidade na mídia associadas à ideia de crise (Brignol; Curi, 2021), de dor, de sofrimento e de conflitos com as sociedades receptoras. A migração haitiana para o Brasil, ocorrida após o terremoto em 2010, foi enquadrada na mídia pelos vieses de sofrimento, de ilegalidade e de ameaça à sociedade (Cogo; Silva, 2016). O deslocamento de refugiados provenientes da guerra na Síria, iniciada em 2011, ganha novos contornos midiáticos e entra na agenda da mídia ocidental a partir da vasta circulação da imagem de Alan Kurdi - menino sírio encontrado morto na Turquia, em 2015, após um naufrágio (Garcia, 2020). As narrativas sobre a morte de Alan Kurdi reivindicam compaixão por parte da sociedade, mas mantém, por outro lado, um enquadramento de vitimização e sofrimento (Chouliaraki; Stolic, 2017). A migração venezuelana, intensificada no Brasil a partir de 2016 (Cavalcanti; Oliveira; Silva, 2021), é discutida nas mídias, entre tantos aspectos, a partir da tensão social e do medo da sociedade nas cidades de fronteira do Brasil (Escudero, 2020).

Ao longo das entrevistas, os relatos dos migrantes trazem episódios específicos e algumas lembranças mais gerais a respeito da temática migratória nas mídias. A maioria dos entrevistados aborda questões que os incomodaram ou que causaram tristeza - aquelas que associam as pessoas migrantes à violência, à desordem e ao sofrimento -, mas há também críticas quanto à forma escolhida pela mídia para falar sobre as migrações.

Zuel e Vene mencionam o caso de Moïse Kabagambe⁵⁵, migrante da República Democrática do Congo, que teve cenas de sua morte viralizadas nas redes sociais online, causando uma comoção pública que envolveu todo o país. Zuel faz críticas direcionadas às mídias, que, em sua percepção, acabam dando visibilidade às migrações somente a partir da construção de um mito, como a morte de Moïse. Para Vene, episódios como os que foram veiculados na mídia sobre Moïse podem afastar a ideia de que o Brasil é um bom lugar pra viver.

O migrante vai pensar: “se eu for para lá, vou ser assassinado, vou fazer trabalho escravo, me vão colocar num refúgio, vou morrer ali, ninguém me vai dar trabalho”, uma coisa assim. Porque é o que a mídia tá colocando aqui. Que o migrante tá na rua, seja qual for o país, tá na rua, em situação de rua, ou tá, ou é um delinquente, ou tá doente, sabe? (Vene).

⁵⁵ Moïse Kabagambe foi brutalmente assassinado em 24 de janeiro de 2022, no quiosque onde trabalhava na cidade do Rio de Janeiro. Mais informações em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/tudo-sobre/moise-kabagambe/>>. Acesso em: 27 dez. 2023.

Zuel também lembra de ter acompanhado, na mídia, as crianças ucranianas refugiadas e o conflito entre Rússia e Ucrânia⁵⁶; as crianças-soldados recrutados por grupos armados no continente africano⁵⁷; e a chegada de migrantes afegãos no Brasil⁵⁸. Ela fala, ainda, “do menino afogado” (Zuel), fazendo menção ao emblemático caso de Alan Kurdi, mencionado anteriormente, que acabou se tornando um marco nas mídias no mundo todo e ocasionou o maior volume de pesquisas já registrado sobre a temática do refúgio no Google (Rogers, 2015). Por fim, Zuel tece críticas quanto à escolha do elenco da novela *Órfãos da Terra*⁵⁹, exibida pela rede Globo em 2019, por ter valorizado atores nacionais em detrimento de atores migrantes, que pouco apareciam.

Tem muitos, muitos artistas migrantes e refugiados pra colocar dentro das telas, para fazer, para escrever, para contar a história, sabe? A menina que era, supostamente, refugiada, era brasileira! E teve que aprender o sotaque da Síria. Então, cara, tem um monte de atrizes sírias aqui no Brasil, sabe, que falam fluentemente português com o sotaque árabe. Pouquíssimos [atores migrantes]. E toda a novela foi inspirada em histórias de migrantes, mas eles nem apareciam. Tá, então isso também. Mas faz parte, tem que vender de algum jeito. (Zuel).

O caso que envolveu Mamoudou Gassama⁶⁰, um migrante proveniente do Mali que escalou a fachada de um prédio em Paris para salvar um bebê, é citado por Cote. A situação migratória de Mamoudou, que estava na França há oito meses, foi rapidamente regularizada, e, como reconhecimento ao “ato de coragem”, ele obteve a cidadania francesa. A percepção de Cote é que foi necessário Mamoudou tornar-se um herói para ganhar visibilidade na sociedade, e que um migrante negro só passa a ser valorizado com base em atos de bondade e coragem, como problematizado nos estudos de Hackl (2022). Cote menciona, também, um

⁵⁶ A guerra entre a Rússia e a Ucrânia iniciou em fevereiro de 2022 e, segundo a UNICEF, somente no primeiro mês do conflito, 1,5 milhão de crianças precisou fugir do território ucraniano. <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/unicef-diz-que-15-milhao-de-criancas-fugiu-da-ucrania-desde-inicio-da-guerra/>>. Acesso em: 27 dez. 2023.

⁵⁷ As crianças-soldado são menores recrutados para atuar em conflitos armados e em guerras principalmente no centro e no oeste do continente africano. Mais informações em: <<https://news.un.org/pt/search/crian%C3%A7as-soldados>>. Acesso em 27 dez. 2023.

⁵⁸ Após a saída das tropas americanas do Afeganistão e a retomada do poder do país pelo Talibã, em 2021, estima-se que mais de 1,5 milhão de afegãos tenham deixado o país. Os afegãos com visto de acolhida humanitária começaram a chegar no Brasil em 2022. Mais informações em: <<https://www.unrefugees.org/news/afghanistan-refugee-crisis-explained/>> e <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/10/18/brasil-recebeu-28-mil-afegaos-de-janeiro-a-setembro-de-2022-maioria-e-homem-e-tem-entre-25-e-40-anos.ghtml>>. Acesso em: 27 dez. 2023.

⁵⁹ A novela *Órfãos da Terra*, exibida de abril a setembro de 2019 na rede Globo, conta a história de uma família de refugiados vítima da guerra na Síria. Mais informações em: <<https://gshow.globo.com/novelas/orfaos-da-terra/>>. Acesso em: 27 dez. 2023.

⁶⁰ Mamoudou Gassama ficou conhecido nas redes sociais online pela alcunha de “homem-aranha” por ter escalado um prédio para salvar um bebê que estava pendurado em uma sacada. Mais informações em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/homem-aranha-imigrante-que-escalou-predio-para-resgatar-crianca-ganha-cidadania-francesa.ghtml>>. Acesso em: 27 dez. 2023.

episódio do programa Domingão com Huck⁶¹, em que o apresentador Luciano Huck faz uma viagem até o Benim, no continente africano. Há uma marcação da alteridade percebida por Cote desde a produção do programa: ele comenta, com um certo incômodo, que a equipe era composta majoritariamente por pessoas brancas. Além disso, faz críticas ao conteúdo exibido, que, em sua percepção, traz uma versão estereotipada do país e da África, com exceção da visibilidade dada à *Porta do Não Retorno*⁶², conhecida por Cote como *Caminho de Sem Volta*, monumento em memória às pessoas escravizadas do continente africano.

Um apresentador de TV no Brasil, foi pro Benim, eu não sei se eu vou achar a mídia dele, depois que eu te mando. Ele foi pro Benim, ele só mostrou... O cara só mostrou lugares estranhos. Crianças sem roupa, crianças brincando. Cara, só mostrou coisas estranhas mesmo. A única coisa que mostrou de boa é o *Caminho de Sem Volta*. Tu sabe o que é o *Caminho de Sem Volta*? É o lugar onde os escravos passavam pra ser vendidos pra Europa. A gente chama isso de *Caminho de Sem Volta*. É um patrimônio de UNESCO mesmo. Foi a única coisa boa que ele mostrou. É a única coisa boa que ele mostrou quando ele foi pro Benim. Não mostrou arquitetura, não mostrou nada, só isso. (Cote).

Conra lembra de ter acompanhado a história de Fatou Ndiaye⁶³, filha de migrantes senegaleses que foi vítima de racismo em uma escola particular do Rio de Janeiro. Ele recorda, ainda, do período em que a migração haitiana era evidenciada nas mídias do país, quando houve um ataque direcionado a migrantes haitianos na cidade de São Paulo⁶⁴.

A lembrança de Bella também é relacionada a migrantes haitianos residentes no Brasil. Bella assistiu a um vídeo no YouTube em que migrantes haitianos relataram não terem conseguido emprego no Brasil. Segundo Bella, o vídeo mostrava as precárias condições de moradia dos migrantes e algumas crianças em situação de vulnerabilidade. Ela conta que passou a refletir sobre seu futuro relacionado à sua condição migrante, se em algum momento passaria pela mesma situação vivenciada pelos haitianos.

Eles entrevistaram uma pessoa, perguntaram: “como você se sente aqui”? E essa pessoa falou: “eu não esperava isso, porque pensava que mudar, chegar aqui, seria

⁶¹ O programa Domingão com Huck é exibido nas tardes de domingo na programação da rede Globo. O episódio mencionado por Cote foi veiculado em dezembro de 2022 e pode ser assistido em <<https://globoplay.globo.com/v/11214038/>>. Acesso em: 18 out. 2023.

⁶² A *Porta do Não Retorno*, parte do projeto *A Rota do Escravo*, da UNESCO, é um monumento inaugurado em 1995 em memória às pessoas escravizadas do continente africano. Mais informações em: <<https://www.atlasdochao.org/ponto/porta-do-nao-retorno/>>. Acesso em: 18 out. 2023.

⁶³ Em 2020, Fatou Ndiaye foi vítima de racismo na escola particular em que estudava no Rio de Janeiro. Mais informações em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/05/20/estudante-e-vitima-de-racismo-em-troca-de-mensagem-de-alunos-de-escola-particular-da-zona-sul-do-rio.ghtml>>. Acesso em: 27 dez. 2023.

⁶⁴ Em 2015, um grupo de haitianos foi alvejado com armas de chumbinho na cidade de São Paulo. Mais informações em: <<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/08/haitianos-sao-alvo-de-ataque-no-centro-de-sao-paulo.html>>. Acesso em: 27 dez. 2023.

diferente”. Mostravam todos os haitianos vivendo num lugar ali em São Paulo, as casas sem pintura, você entra na casa não tem nada, têm as crianças que ainda não comeram. Eu assisti isso no YouTube e era muito triste mesmo. Eu fiquei: nossa, será que eu vou ficar assim também? Isso dá um pouco de medo, porque eu tô pensando... Se eu terminar de estudar, será que eu vou ter trabalho? Porque ver eles assim... Porque eu estou certa que alguns deles estudaram também. Talvez não tiveram oportunidade, porque uma mulher falou que quando você vai no emprego, a pessoa mostra que você não vai ter esse emprego, então ela ficou chorando. Eu fiquei muito triste, porque essa pessoa fez o melhor dela, se ela fez o melhor dela, estudou. E pensar que trabalhava no seu país, que é muito pior. (Bella).

Sem dar muitos detalhes, Rupe lembra de ter lido reportagens sobre trabalho em condições análogas à escravidão envolvendo migrantes bolivianos⁶⁵; sobre a questão dos médicos cubanos no Brasil⁶⁶; e sobre a tensão envolvendo a chegada de migrantes venezuelanos no país⁶⁷. De forma mais genérica, Inter destaca que sempre são veiculadas informações quando um migrante sofre alguma violência grave no Brasil: “quando roubam um migrante e tiram sua vida, sai na mídia [...] quando eles assassinam um migrante, isso também sai na mídia, ou seja, eles não escondem isso. Pelo menos, eles são muito transparentes sobre isso aqui” (Inter).

Como vimos no início deste trabalho, diferentes estudos destacam que há uma ênfase midiática na quantificação da migração (Cogo, 2001), e que a utilização dos números referentes à chegada e ao crescimento da população migrante nos países têm o objetivo de associar as migrações a problemas (Van Dijk, 2005), o que pode gerar o sentimento de medo na sociedade (Brignol; Costa, 2018a). Vene reconhece o viés de quantidade presente nos discursos midiáticos, que em sua percepção está relacionado às futuras demandas dos migrantes e ao impacto que será gerado na sociedade a partir de sua chegada.

As matérias de migrantes sempre é pra alguma coisa negativa. Sim, é que são muitos que estão chegando, então a cidade não consegue dar conta, o que acontece no Norte, por exemplo. Esse é o que sai, mas não fala quantos desses estão trabalhando, o quanto estão aportando pro PIB desse país. [...] Quando [a mídia] fala dos migrantes que vêm... Colocam mal esse migrante, né? É o que eu falava: o migrante é aquele que é vulnerável, que precisa de ajuda, que demanda do governo daquilo, disso. [...] Faz tempo, saiu que tem migração de indígenas também da Venezuela para o Brasil. Sempre se fala isso, que estão vindo, que estão precisando e que vão dar trabalho, vão dar trabalho pro governo, vão demandar mais. (Vene).

⁶⁵ Há inúmeros, casos no Brasil, de pessoas resgatadas que trabalhavam em condições análogas à escravidão, incluindo migrantes bolivianos. Mais informações em: <<https://reporterbrasil.org.br/2023/01/com-2-500-vitimas-em-2022-brasil-chega-a-60-mil-resgatados-da-escravidao/>>. Acesso em: 27 dez. 2023.

⁶⁶ Após o rompimento do programa Mais Médicos, no Brasil, médicos cubanos que ficaram no Brasil precisaram se adaptar por não mais poderem exercer suas profissões. Mais informações em: <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2022/12/17/a-vida-de-medicos-cubanos-que-ficaram-no-brasil.htm>>. Acesso em: 27 dez. 2023.

⁶⁷ Protestos, confrontos com a polícia e episódios de violência marcaram uma chegada mais expressiva de venezuelanos no norte do Brasil desde 2018. Mais informações em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45242682>>. Acesso em: 27 dez. 2023.

Rupe também salienta que os discursos midiáticos relativos aos migrantes são carregados de preconceito, o que, em sua visão, desempodera e precariza ainda mais a situação dos sujeitos que se encontram em situação de vulnerabilidade. Ela critica, também, a forma como a mídia se refere aos migrantes em geral, que em sua percepção vitimiza e subalterniza os sujeitos.

É muito coitadismo, né, como é informado a situação dos imigrantes. [...] Eles [os migrantes] sempre estão passando dificuldade, sabe, eu acho que acaba sendo informado dessa forma. Talvez faltava dar um pouco mais de protagonismo nessas histórias, sabe, talvez um outro olhar, não só como se eles fossem uns coitados. [...] Acho que nada é tão triste. Tipo assim, a gente não tá numa situação tão precária. Por outro lado, nada é uma história tão conto de fadas também, né? (Rupe).

A postura acusatória da sociedade frente à possível demanda dos migrantes aos Estados é uma das características evidenciadas por Critcher (2017) em seus estudos sobre pânico moral relacionado a pessoas migrantes, assim como o envolvimento com a criminalidade. As percepções de Vene, Inter, Cote e Conra sobre as narrativas midiáticas a respeito das migrações vão ao encontro das constatações do pesquisador. Segundo Vene, a primeira informação a ser divulgada quando ocorre algum delito envolvendo um migrante é a sua nacionalidade, sugerindo que todo um grupo de migrantes está relacionado à criminalidade. Ao longo da entrevista, Vene já havia mencionado que percebe que a mídia sempre se refere aos sujeitos migrantes a partir da nacionalidade ou como estrangeiros.

Porque, por exemplo, acontece algum ato delitivo, alguma coisa assim. Então, se é um estrangeiro, é o primeiro que colocam, né? E pode ser que seja a única ocorrência nesse tempo, nesse estado, em muito tempo. É associado a um estrangeiro, mas é a primeira coisa que colocam. Então isso traz uma repercussão enorme, porque as pessoas vão pensar que todos os estrangeiros vão fazer isso, ou vão ter medo, desconfiança. [...] Sabe uma coisa que tu tá falando, tu fala de migrantes, né? Mas a mídia acho que não diz essa palavra. A mídia quase sempre fala, acho que, em estrangeiro, ou fala da sua nacionalidade como tal, né, mas não... Acho que não é uma palavra que as pessoas estejam habituadas a usar, nem sequer a mídia, né? (Vene).

A relação entre a criminalidade e a nacionalidade dos migrantes nas mídias é percebida também por Inter. As mídias brasileiras ganham elogios, já que, na visão de Inter, não são xenofóbicas, tampouco *amarillistas*, diferente das mídias do Peru - país onde vivia antes de migrar para o Brasil -, criticadas por Inter por generalizarem os sujeitos a partir de situações específicas.

O que eu gosto das mídias daqui é que não são xenofóbicas, não são nenhum pouco *amarillistas*. Você conhece essa palavra *amarillista*? Eu vou te explicar: o

amarillismo para nós, latinos, são os meios que usam a nossa nacionalidade para nos prejudicar. Por exemplo: se um venezuelano rouba, o meio de comunicação vai investigar e dizer “esse venezuelano está roubando no Brasil”, entendeu? Isso é *amarillismo*, e aqui não tem isso, sabe? Eu gosto muito porque aqui o delinquente é delinquente e não tem nacionalidade. [...] A mídia não precisa generalizar e tem que respeitar a situação [dos migrantes]. No Peru, principalmente, você vê muitos abusos contra os venezuelanos porque todos são considerados ladrões ou assassinos. Não há respeito no Peru. (Inter).

Para Conra, “se você focar apenas que são pessoas vinculadas à miséria, você inclusive tende a criar um medo, né, nas pessoas” (Conra). Esse foco voltado à miséria e às vulnerabilidades dos migrantes é mencionado também por Cote. Em sua percepção, a mídia francesa associa a migração de africanos e de pessoas pretas a problemas, com abordagens focadas na vulnerabilidade dos sujeitos e que remetem a uma xenofobia racializada (Faustino; Oliveira, 2021). Os atletas, que pela perspectiva de inclusão discutida por Hackl (2022) atendem a determinadas competências, também são lembrados por Cote. Entretanto, nem a seleção francesa de futebol, composta majoritariamente, em sua visão, por migrantes pretos, consegue mudar a imagem estabelecida na sociedade sobre o continente africano.

Quando eles mostram ali na mídia os moradores de rua na França, eles botam um cara negro ali, bem estranho, com cara de estranho mesmo. [...] Mas a maioria das pessoas que moram na rua ali na França são só pessoas brancas. São só pessoas brancas. Mas sempre tem que mostrar um cara negro, com cara de estranho, ali na mídia. Pra mostrar às pessoas que a gente passa necessidade. A gente passa necessidade até no nosso país! [Pra eles] a gente sai do nosso país, a gente vem na França pra passar necessidade de novo, a gente não trabalha, a gente só faz coisa ruim na França. Pra eles, só os pretos fazem coisas ruins ali na França. Hoje quando tu olha a equipe nacional, a Seleção Francesa, o que mais tem é preto, o que mais tem é estrangeiro. Não tem, me diga um que é francês na seleção francesa. Não tem, não existe! Mas pra eles é outra coisa. Quando eles falam dos africanos, do continente africano, só falam assim, só falam coisa ruim. (Cote).

Os relatos de alguns dos entrevistados sugerem que há representações sobre as migrações que estão cristalizadas no imaginário social e que não foram ressignificadas ao longo do tempo. A imagem do migrante que atravessa o mar em um barco para chegar a outros países está presente nas falas de Cote e de Bella, que criticam o desconhecimento da sociedade a respeito da temática migratória.

Tem certas pessoas aqui no Brasil que sempre falam mal das pessoas que migram para o Brasil. Eles pensam... Eles acham que, quando a gente migra pra cá, a gente vem de barco. Que absurdo! Eu não sei. As pessoas... Nesse tempo, as pessoas ainda não vão atrás de informação. (Cote).

Quando eu cheguei aqui, tive muitos amigos que [perguntaram]: “você veio como aqui”? Eles nem pensavam em um avião, sabe? Eles pensam que você vem num barco. Eu fiquei... O mundo tá mudando, não conhecem dinheiro? A minha família me deu dinheiro, eu paguei uma viagem! Eles não têm esse pensamento. Por isso falo que as mídias não mostram tudo, porque... Eles não conseguem imaginar que

you came... That you fly a plane from your country. It is this that I understood here, they cannot imagine that you can travel and arrive here in a plane from your country. (Bella).

A percepção dos migrantes sobre os estereótipos se estende às narrativas midiáticas que envolvem os continentes e regiões de origem dos entrevistados. Kist reflete sobre os estereótipos relacionados aos países árabes e ao continente africano: “se eles [a mídia] falam da África, eles trazem um lado que só existe miséria, só existe fome, entendeu? Se falam dos nossos países, países da faixa da Arábia, Paquistão, Bangladesh, Afeganistão, Síria, só falam de terrorismo” (Kist). Em seu relato, Beni destaca seu constrangimento ao se deparar com a falta de informação da sociedade e questiona o viés estereotipado escolhido pela mídia para falar sobre a África, através de uma simplificação da realidade que considera somente algumas características do continente - as mais negativas -, que envolvem pobreza e fome.

A maioria das coisas que as pessoas sabem dos países da África é que os países da África são pobres, e a maioria dos povos africanos tá indo para os países deles porque não tem comida, não tem em casa, não tem... Meu Deus! Ficar ouvindo essas coisas, você fica meio constrangido. Ué, do que eles estão falando se eles nunca foram lá para conhecer. É isso que a mídia conta para eles. Até hoje, eu já escutei aqui que a África é um país, que foi isso que foi dito na escola. Eu fiquei quê? Como assim que foi isso que foi dito na escola? África não é um país não, né? Mas eles confirmaram para mim: “sim, foi isso que eu estudei na escola, foi isso que foi dito”. Eu falei: uau, não acredito. Não que pode ser um problema [a mídia falar sobre a pobreza e a fome na África], mas vai criar preconceito, né? Porque você pode migrar, beleza, mas as pessoas tem que te acolher, né? Sei lá, as pessoas pensarem que você saiu de lá porque você não tem nada para comer. não faz sentido. (Beni).

Não é raro que os discursos midiáticos tragam uma versão única a respeito de regiões e continentes. Os estudos de Lobato (2020) apontam para uma representação generalizada e padrão a respeito do Oriente Médio, evidenciada pela falta de distinção entre as questões socioculturais e os problemas políticos dos países. Como destaca García Canclini (2014), a mídia é responsável pela distribuição da diversidade, e, muitas vezes, não há interesse em dar visibilidade a determinados países e culturas.

Os migrantes identificam que há versões reduzidas contadas sobre seus países, mas nunca a totalidade. Segundo Conra, há um exagero da mídia a respeito dos contextos de guerra no continente africano, e alguns detalhes dos países são referenciados como um todo nos discursos midiáticos.

Em geral, quando falam do [República Democrática do] Congo, dos países da África, é sobre guerra, é sobre... Que é também a realidade, né, sobre guerra, às vezes, coisas exageradas, né? Enfim, eu acho um pouco exagerado. Quando dizem “vamos fazer uma matéria dizendo que Congo é um país que tem guerra há 23, 25 anos”. Bom, eu acho que, sinceramente, a pessoa não entende, porque não é o Congo

que tá em guerra há 23, 25 anos, não. Tem uma pequena região do Congo que tá em guerra há 25 anos, mas isso virou praticamente estrutural. [...] A violência local existe há 20 anos, 23 anos, 25 anos, mas a paz nacional também é uma realidade, e essas duas coisas são normais, praticamente, entendeu? Então, quando eu vejo a mídia falar, a mídia vai falar da guerra como uma situação, como se todo o país estivesse em guerra, né? (Conra).

Para Bella e Kist, o receio da sociedade frente aos migrantes deriva daquilo que é divulgado nas mídias: o lado negativo dos países, em um recorte ou uma simplificação estereotipada. Enquanto Kist aponta que a principal referência midiática sobre o Paquistão é o terrorismo, a imagem de uma África selvagem e pobre é mencionada por Bella como a representação de seu país para a sociedade.

Ah, [o Paquistão] é um país terrorista! É o lado que traz aqui sempre a mídia, né, do Paquistão, do meu país. Sempre trazem um lado de guerra, um lado de terrorismo. Então por isso que, justamente, essa é a questão, que não trazem o lado bom que existe no Paquistão, a cultura, a religião, a recepção do pessoal de fora, o turismo, então esse lado falta bastante, só traz o lado ruim. Por isso, pessoas tem certo tipo de medo, entendeu, pra se relacionar com amizade conosco. (Kist).

Sobre o [República do] Congo... Eu acho que eles mostram muito só os lugares feios, sabe? Para eles, é como uma floresta... Porque aqui todo mundo: “ah, você vive com os animais”? Tem umas perguntas que você fica... Nossa! Então se eles pensam mesmo que é assim... [...] Então eu sempre falo que é um país, não pensem que tudo é uma floresta só. Eu entendo. Porque as mídias não mostram o outro lado também, eles mostram um lado, eles mostram só um lado. Por isso também eu acho que as pessoas nos olham diferente, eu acho que é por isso também. Porque quando você chega num lugar, você quer comprar e a pessoa te olha parece que vai roubar ou ter um comportamento assim. Então eu acho que isso também vem disso, as mídias não mostram tudo. Não mostram o país, não mostram quem as pessoas são. Não mostram tudo, só mostram todo mundo sem casa. (Bella).

A percepção de Conra é que mesmo quando há uma tentativa de desconstrução de estereótipos (Hall, 2016), as generalizações na mídia permanecem. O continente africano, em sua visão, ganhou mais evidência a partir da Copa do Mundo de futebol de 2010, realizada na África do Sul, mas os estereótipos permaneceram caricaturais.

Eu acho que a visão [sobre o continente africano] começou a mudar um pouco depois da Copa do Mundo da África do Sul. Mas sempre um pouco no meio da caricatura, né? Quando as pessoas viam a copa na África do Sul, começaram a achar que toda a África era a África do Sul, mas não é assim. [...] Mas assim, digamos que a Copa do Mundo da África do Sul diminuiu um pouquinho a visão um pouco pejorativa que se tinha sobre a África, mas eu acho que ficou ainda no nível da caricatura. Ou é muito, sei lá, ou é o oposto, mas generalizando, né? (Conra).

Conra destaca, entretanto, que existem espaços na mídia que valorizam e dão visibilidade a diferentes culturas. Ele traz como exemplo o blog *África No es um país*⁶⁸, do jornal espanhol

⁶⁸ Ao fim da entrevista, Conra me enviou o link para que eu pudesse acompanhar o blog que ele havia mencionado. Com o slogan *África como continente: 54 países, mil millones de personas, multiplicidad de*

El País, que aborda, principalmente, questões sociais e culturais de todo o continente africano. Na percepção de Conra, a mídia espanhola vem tratando a migração de forma positiva, o que não se reflete na sociedade. Esse aspecto pode ser verificado, segundo ele, através da seção de comentários dos sites de notícias espanhóis, espaços onde os migrantes africanos e latino-americanos são frequentemente hostilizados.

Eu sei que no El País [espanhol] tinha um blog específico sobre a África e era muito interessante acompanhar. Era só coisas assim de iniciativas africanas, de coletivos e tal, era bem interessante, apesar da... Ou seja, a mídia espanhola tem tratado bem a questão do imigrante e tal da África e tal. A população não, a população já é outra coisa. Agora, também, outra coisa que é bem interessante: se você entrar nos sites espanhóis, você ler os comentários, é muito violento, muito violento, com os africanos, os latino-americanos, colombianos, venezuelanos, é muito violento mesmo, o racismo pode ser até mais violento do que no Brasil. (Conra).

Em seu relato, Conra discute o cenário político francês, em que a migração se transformou na principal pauta das eleições no país há mais de três décadas. É a partir desse contexto que ele questiona a necessidade em se falar das migrações na mídia, uma vez que, em sua percepção, um tema midiático pode se tornar um problema.

Eu até acho que é melhor não falar muito porque quando falam [da temática migratória na mídia], falam superficialmente ou mal. Então, talvez, é melhor não falar mesmo. Bom, porque também quando se fala muito, por exemplo... Digamos que na França, inclusive, para dar o exemplo da França: quando tem um tema na mídia, esse tema se torna um problema, ele começa a ser visto como um problema. Então, se você começar a falar muito da imigração [...] o problema do estrangeiro, do imigrante, virou um problema na França, praticamente nos anos 80, final dos 80 pros anos 90 que esse tema virou um problema, e hoje é o tema central de qualquer eleição da França. Imigração. Como controlar a imigração. Ou seja, pra mim, que se fale muito da imigração na mídia não é necessariamente uma coisa positiva, vai ser mais ou menos... Se isso se tornar um tema na mídia, pode ser que se torne um tema político e que seja instrumentalizado. (Conra).

Ainda que sejam utilizadas como argumento político, as migrações precisam estar nas mídias. Não estamos falando de um problema, mas de uma dimensão de humanidade, que é transversal às sociedades e diz respeito à sua formação e ao seu funcionamento (Sayad, 1998). Uma convivência mais justa de diferentes culturas, costumes, tradições, religiões e grupos étnicos passa pelo diálogo e pela compreensão da interculturalidade (Cortina, 1998), e só a partir dessa compreensão é que há um reconhecimento do outro como sujeito. Entender as sociedades, assim, passa pela compreensão das migrações, e é papel da mídia - como nos

mundos, etnias, voces, culturas, o jornal espanhol El País mantém um blog com reportagens exclusivas sobre o continente africano. Mais informações em: <<https://elpais.com/planeta-futuro/afrika-no-es-un-pais/>>. Acesso em: 27 dez. 2023.

lembra Aznar (2005) -, que orienta o imaginário social e configura simbolicamente o mundo, educar e conscientizar a sociedade através de uma comunicação mobilizadora.

É interessante perceber o envolvimento dos entrevistados com o tratamento midiático das migrações: enquanto alguns questionam, se incomodam, problematizam e trazem inúmeros exemplos, outros não acompanham ou pouco se recordam de abordagens midiáticas envolvendo a temática migratória. Ainda que haja diferenças no consumo midiático e no interesse dos sujeitos a respeito da temática migratória, todos os entrevistados questionam a forma como vem sendo dada visibilidade aos temas; reconhecem que as pessoas migrantes e as migrações, nas narrativas midiáticas, estão quase sempre vinculadas a problemas; e se mostram bastante críticos quanto ao papel da mídia na construção dos discursos e na condução da opinião pública.

6.2.3 Outras formas de falar sobre as migrações

“Só tem coisas de desgraça. Será que não tem alguma iniciativa de gente se reerguendo que poderia ser apresentada?” (Rupe). O questionamento de Rupe vai ao encontro da percepção da maioria dos entrevistados, que fazem referência a lembranças gerais e a episódios midiáticos específicos que reconhecem como positivos, além de discutir novas formas de falar sobre as migrações. Há um destaque, nas falas dos sujeitos, para o protagonismo migrante, a solidariedade, as causas que levam os sujeitos a migrar e as diferentes contribuições das pessoas migrantes para a sociedade.

É interessante perceber o viés valorizado pelos sujeitos nas representações. Alguns exemplos mencionados como positivos pelos entrevistados também trazem histórias sobre sofrimento e sobre as dificuldades enfrentadas pelos migrantes em suas trajetórias - assim como aqueles que incomodaram ou causaram tristeza. Há, ainda, representações que alguns migrantes consideram como positiva, mas que outros problematizam pela forma como os discursos são construídos.

Bella traz, em seu relato, uma percepção alinhada ao que sugerem os estudos de Brignol e Curi (2021) e de Retis e Cogo (2021): para que a sociedade compreenda melhor a temática migratória, é necessário dar visibilidade à situação problemática de determinados países e às causas que levam os sujeitos a migrar. Segundo Bella, não só as vivências dos sujeitos migrantes na sociedade recebedora precisam ter destaque na mídia, mas também os motivos que os levaram a migrar e o contexto em que se encontravam em seus países de origem.

Acho que precisa falar mais sobre isso, porque às vezes eles dão um foco só em uma coisa, mas eles não sabem onde começou, onde é baseada [a migração]. Então acho que deveriam aprofundar mais, procurar mais, falar mais, porque isso ajuda bastante. Causas, porque a gente não vem aqui só porque a gente quer vir, se a situação do nosso país fosse boa, a gente não iria para outro país. [...] Se eles pudessem investigar por que a gente migra pra cá, se estão vendo os nossos países, porque cada um tem seu próprio problema e experiência também. [...] São as situações que fazem com que a gente migre. [...] Eu acho que quando as mídias só falam “ah, os imigrantes estão aqui, estão vivendo assim, assim”... Que mostrem também por que eles procuraram viver aqui, qual era o seu objetivo. (Bella).

Ao longo da entrevista, Bella destaca as adversidades encontradas desde que chegou ao Brasil. Bastante empolgada, ela conta que, no primeiro semestre de 2024, irá fazer seu primeiro documentário sobre a temática migratória para uma disciplina da faculdade de Cinema. Bella quer que os alunos e a sociedade se familiarizem com as dificuldades encontradas por uma estudante migrante no contexto da educação. Bella conta que, caso seja permitido, publicará o trabalho em seu perfil no TikTok.

Eu quero falar sobre imigrar para cá como congolesa, como peruana, como qualquer imigrante que vem de outro país, quais são os desafios que essa pessoa enfrenta para poder estudar. Quero mostrar essa diferença, porque quando a gente vai estudar, às vezes, a gente não entende a aula, tem uns momentos que eu não entendo nada! Eu tenho que pegar o título e pesquisar na minha casa, eu procuro no YouTube, algum lugar, Google, para poder entender a aula, porque essa aula eu não posso perder, amanhã vai ter outra aula. Então fazer isso, para mim, é como um duplo trabalho, dois trabalhos. Mas um brasileiro pode entender! [...] Quando chego em casa, eu posso começar a ler. Às vezes, mesmo se é na sua língua, você lê, tem uns textos muito difíceis de entender, imagina em outra língua! Então você tem que tentar entender de novo, coisas assim. Eu quero mostrar essas diferenças de como que a gente estuda e como eles estudam, eu vou falar isso no meu documentário. Eu acho também que, se der, eu posso publicar isso no meu TikTok. [...] Eu quero que eles vejam essa diferença de como que a gente se sente. Se você é africano é mais difícil, se você é peruano é difícil, se você é brasileiro é difícil também, mas não é a mesma coisa do que [para um migrante]. [...] Então eu quero mostrar essas diferenças, para ajudá-los a ver como a gente tem essa dificuldade de estudar mesmo. (Bella).

A fala de Bella reforça a importância da mídia em pautar a diversidade, a inclusão e a equidade nos contextos de migração (Retis; Cogo, 2021). De acordo com os estudos de Georgiou (2017), quando a voz migrante ganha destaque nas mídias, episódios de dor ou de sofrimento são situados partindo de trajetórias singulares, e fica claro que decorrem das dificuldades encontradas no contexto migratório. Nesse cenário, até em situações de vulnerabilidade é possível visualizar a agência dos migrantes e humanizar as migrações.

Contra reconhece como positiva a forma como o cinema africano vem tratando as migrações, “porque mostram uma parte humana dos imigrantes” (Contra). Sem muitos detalhes, ele traz como exemplo o filme *La Pirogue*⁶⁹, do diretor senegalês Moussá Touré. *La*

⁶⁹ O filme *La Pirogue*, de 2012, foi traduzido no Brasil como “O Barco da Esperança”.

Pirogue narra a viagem de um grupo de migrantes que saem da África para a Europa em um barco - uma representação das migrações bastante conhecida e que é criticada por Bella e Cote. Segundo Scott (2013, tradução nossa), no entanto, “o filme dispensa a piedade esperançosa, apresentando, sem rodeios, uma realidade que é facilmente ignorada ou transformada em falácias de esperança⁷⁰”.

A dimensão economicista das migrações, que associa os sujeitos migrantes a trabalho (Cogo; Riegel, 2016), é mencionada a partir de diferentes perspectivas. Kist também vê a necessidade da mídia em mostrar os motivos que levam os sujeitos a migrar. Mas seu relato é marcado, principalmente, pela percepção de que a mídia precisa valorizar a perseverança, o sucesso e o mérito dos migrantes que prosperaram, e não mostrar suas vulnerabilidades.

Tinha que divulgar mais, tinha que divulgar a origem dessas pessoas e mostrar pra sociedade que não é tudo isso que as pessoas pensam. Que a maioria das pessoas também têm cultura, a maioria das pessoas tem boas condições, mas queriam melhorar, assim, saíram pra procurar alguma coisa melhor, pararam aqui no Brasil.[...] Se eu tivesse alguma coisa no meu alcance, eu mostraria esse lado dos nossos povos assim, sabe, que tem pessoas que cresceram no Brasil, tem pessoas que começaram do zero, mas cresceram, batalharam, não foi de graça, né? Tudo isso, queria mostrar esse lado, principalmente. [...] Eles [as mídias] têm que trazer os méritos dessas pessoas, eles não têm que mostrar as fraquezas. “Ai, essas pessoas saíram da miséria e tão miserando aqui e precisando de cesta básica e sei lá o quê.” Não! Tem que mostrar que essas pessoas que saíram e tem um grande sucesso aqui é porque eles fizeram isso, isso e isso. E entrevistar essas pessoas, e divulgar essas pessoas. (Kist).

Pela perspectiva de Hackl (2022), os critérios de aceitação da sociedade já partem de um lugar de produtividade, meritocracia e busca pelo sucesso. A imagem do migrante que prosperou, representação que Kist menciona como positiva, já é o comportamento esperado pela sociedade, ou seja, não há outra aceitação que não a desse sujeito migrante. A circulação dessas narrativas pode contribuir para a construção de um consenso sobre as migrações e ampliar a estigmatização dos migrantes que não atingem o patamar esperado, reforçando, na sociedade, a leitura de migrantes desejados e indesejados (Cogo, 2001).

Com uma visão mais crítica, o empreendedorismo migrante é mencionado como uma representação positiva por Rupe, Vene e Conra. Rupe e Conra lembram de ter lido notícias sobre migrantes africanos que abriram restaurantes no Brasil, e Vene se recorda de uma reportagem em que a proprietária de uma empresa foi mencionada como a primeira migrante

⁷⁰ Original: “*the film dispenses with hopeful piety, bluntly presenting a reality that is all too easily ignored or turned into fodder for slogans and wishful thinking*”. A crítica pode ser lida em <<https://www.nytimes.com/2013/01/23/movies/the-pirogue-directed-by-moussa-toure.html>>. Acesso em: 27 dez. 2023.

da cidade a conseguir um financiamento para seu negócio⁷¹. Tanto Vene quanto Conra, porém, questionam a forma como a mídia constrói as narrativas sobre empreendedorismo.

Vene acredita que é possível falar sobre as migrações a partir de uma outra perspectiva, considerando as contribuições das pessoas migrantes para a sociedade, o que inclui o empreendedorismo. Ela compreende, no entanto, que, em geral, até esses discursos vitimizam os sujeitos e sugerem uma condição de dependência dos migrantes para com a sociedade. Com uma leitura similar, Conra também acha interessante dar visibilidade ao empreendedorismo migrante e à forma como os migrantes podem contribuir com a economia do país, mas aponta que as mídias não abordam essas questões de forma adequada, o que reforça uma representação de subalternização dos sujeitos migrantes. Na percepção de Vene e de Conra, até a imagem do bom migrante é pautada na subserviência, o que pode fundamentar a construção de pânicos morais, já que está alinhada ao discurso do migrante que depende da sociedade e do Estado (Crichter, 2017).

No fundo, também, isso traz como que esse é um migrante que... Ah, que tá precisando de ajuda, que “coitado”, sabe? Às vezes a gente não quer que te olhem assim. É só uma pessoa que tá trabalhando normal, que vou no, não sei, somos normais, vou no supermercado. Nem sempre todo migrante tem que olhar assim. Então, ah, faz parte. (Vene).

Tem algumas formas de abordar o assunto da imigração, dos imigrantes no Brasil que são bem interessantes também. Quando mostra, por exemplo, que eles podem contribuir para a economia, que eles são empreendedores, também, eu acho que esse tipo de matéria não vai produzir uma imagem negativa. [...] Até quando falam positivamente, é sempre também com um tom condescendente, sabe? Porque as pessoas acham que o imigrante quer ajuda, sei lá, assistência. O imigrante, na verdade, ele quer documentação legal, trabalho. É tudo o que o imigrante quer. (Conra).

Os relatos de Conra e Vene também apontam para uma realidade dos migrantes pouco compreendida pela sociedade: segundo Conra, o migrante só quer ser um sujeito de direitos, tendo acesso à documentação e ao trabalho, enquanto Vene reforça que gostaria de ser vista como um sujeito comum. Vene destaca também, ao longo da entrevista, outros episódios midiáticos que a marcaram positivamente e que mostram os sujeitos como parte da sociedade. Sem lembrar de muitos detalhes, já que não conseguiu acompanhar toda a temporada pois

⁷¹ Os estudos de Laura Gomes e Cleonice Bourlegat (2020), que têm como base um levantamento teórico sobre a temática do empreendedorismo étnico, sugerem que o empreendedorismo migrante é impulsionado tanto por condições de necessidade quanto pela detecção de oportunidades. As necessidades surgem a partir das dificuldades encontradas pelos migrantes na sociedade receptora, seja pela barreira linguística, seja pela formação acadêmica, enquanto as oportunidades advêm da identificação de novos negócios alinhados às competências culturais dos sujeitos migrantes e que atendem às necessidades locais.

recém estava chegando ao Brasil, Vene menciona a série brasileira Segunda Chamada⁷², em temporada exibida pela rede Globo em 2019, que mostrava a história de dois alunos venezuelanos que cursavam o Ensino Médio. Esses alunos foram interpretados por atores também venezuelanos.

Dentro da história da novela, tinha uma parte que falava dos venezuelanos que estavam numa escola, que estavam ajudando e tal, eu achei bem legal. Foi bem legal porque também colocaram, assim, como... Esses personagens que estavam tentando, acho, que terminar o Ensino Médio, pra trabalhar e tal. Então, como alguns ajudavam e outros não, sabe? (Vene).

Bastante comovida, Vene também fala sobre um vídeo recebido pelo WhatsApp que contava a história de aluna venezuelana, residente da cidade de Joinville, em Santa Catarina, que passou a escrever cartas para outros colegas migrantes para que se sentissem mais acolhidos no Brasil⁷³. Um episódio de solidariedade entre migrantes também é lembrado por Bella, que revela ter ficado contente ao ter assistido a um vídeo sobre famílias ucranianas sendo bem recebidas em países europeus: “aconteceu muita coisa, perderam suas famílias, mas foram recebidos muito bem no novo país. Isso me marcou também porque eles estavam bem felizes” (Bella).

Inter gosta de acompanhar tudo que envolve a chegada de migrantes no Brasil, “as ajudas humanitárias dadas aos imigrantes, as aceitações em seu país, a recepção e os refúgios aqui, essas são boas notícias para mim” (Inter). Ele também elogia, ao longo da entrevista, as ações da Operação Acolhida⁷⁴ no acolhimento de migrantes desde a fronteira da Venezuela com o Brasil. Inter reconhece o papel da mídia na sensibilização da população a respeito da diversidade e da interculturalidade, e gostaria que as mídias dessem visibilidade às diferentes comunidades migrantes presentes no país. Esse é um caminho possível, em sua visão, para uma mudança da percepção da sociedade sobre as pessoas migrantes.

Acho que a mídia deveria fazer pequenas reportagens e ir conhecer as comunidades daqui, porque há muitas. Talvez nós, venezuelanos, criemos uma comunidade aqui também. E tem também uma comunidade de japoneses, uma comunidade de chineses, tem muitos bolivianos, tem americanos aqui também [...]. A mídia deveria

⁷² Em 2019, dois atores venezuelanos participaram da série Segunda Chamada, exibida na rede Globo, interpretando migrantes venezuelanos. Mais informações em: <<https://www.acnur.org/portugues/2019/10/07/dupla-da-venezuela-se-reinventar-para-atuar-na-serie-segunda-chamada-da-globo/>>. Acesso em: 18 out. 2023.

⁷³ O vídeo recebido por Vene foi veiculado no programa Balanço Geral Joinville, da Rede Record, e pode ser acessado em <<https://www.youtube.com/watch?v=o52V0aYtAxA&t=3s>>. Acesso em: 18 out. 2023.

⁷⁴ A Operação Acolhida foi criada em 2018 pelo governo brasileiro, em parceria com outras instituições, com o objetivo de atender a migrantes e refugiados vindos da Venezuela para o Brasil. Mais informações em: <<https://www.gov.br/mds/pt-br/acoes-e-programas/operacao-acolhida>> e <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-09/operacao-acolhida-audiencia-na-camara>>. Acesso em: 27 dez. 2023.

fazer o cidadão brasileiro entender que seu país tem comunidades de outros países que trabalham, que têm uma cultura, que têm que ser respeitadas, que têm que ser tratadas com igualdade, que também têm direitos, que são pessoas de bem. E que o migrante também está disposto a abrir o coração e os braços para conhecer os brasileiros. (Inter).

O relato de Zuel abrange um pouco de tudo que os demais entrevistados falaram. Ela destaca diferentes histórias do cotidiano que envolvem acolhimento, reencontro familiar, empreendedorismo e acesso à educação como uma representação positiva, que é pouco abordada mas que gostaria de acompanhar mais nas mídias.

Quando a gente acolhe as famílias que chegam e solicitam refúgio, quando a gente consegue acolher as nossas famílias, quando famílias se reencontram depois de tanto tempo, quando algum migrante ou refugiado ou solicitante consegue empreender, abrir seu próprio negócio e ser próspero, quando você vê que tem jovens adolescentes que entram porque tiram notas muito altas na escola, que ganham bolsas nas universidades, quando passam com super notas no ENEM, quando... Essas são coisas que não são muito faladas, mas quem fala a gente agradece. (Zuel).

Em geral, os interlocutores da nossa pesquisa reconhecem que a compreensão da sociedade sobre as migrações passa pela forma como a mídia constrói os discursos sobre os sujeitos migrantes. No caso das migrações, o imaginário da ameaça, da desordem e do sofrimento estão cristalizados como característicos dos sujeitos migrantes, e como sugerem os estudos de Hall (2016), há inúmeras dificuldades para desafiar o reducionismo dos estereótipos. Mudanças na forma de falar sobre a temática migratória não alteram rapidamente a percepção da sociedade sobre as migrações, mas podem ajudar a contestar os regimes de representação e a normalizar a presença dos sujeitos migrantes na sociedade. Na percepção dos entrevistados, é necessário falar mais sobre as causas que levam os sujeitos a migrar; sobre as contribuições econômicas, sociais e culturais dos migrantes, com um discurso que não vitimize ou subalternize os sujeitos; e sobre as vivências dos sujeitos que aproximam sua realidade ao cotidiano da sociedade. O foco, porém, não pode estar somente na alteridade aceita pela sociedade, mas na diversidade como um todo.

6.2.4 A ética dos comunicadores e dos profissionais da mídia

Entre os aspectos éticos e interculturais que permeiam o tratamento midiático das migrações, a conduta de comunicadores ganha espaço nas falas dos interlocutores da nossa pesquisa. Além dos relatos dos migrantes do Grupo 2, que contempla sujeitos que já foram acionados pela mídia, discutimos, também, as experiências de Zuel, do Grupo 1, que já deu inúmeras entrevistas para falar sobre sua condição migrante desde que chegou ao Brasil. Para

finalizar, analisamos a atuação dos migrantes do Grupo 1, que ao longo da entrevista nos apresentaram seus conteúdos, sua forma de atuar e o que compreendem como ético para a atuação como comunicadores na área das migrações.

Desde que chegou ao Brasil, Kist estava acostumado a dar entrevistas para falar sobre a sua vida, sobre os motivos que o levaram a migrar e sobre o que esperava encontrar no país: “a maioria era jornal brasileiro. Organizavam algum evento, assim, aí os jornais iam pra lá e entrevistavam as pessoas, falavam sobre ‘como que tu veio pro Brasil, o que tu faz aqui, o que que tu pretende fazer’, essas coisas” (Kist). Kist conta, no entanto, que um episódio fez com que ele passasse a se recusar a dar entrevistas sobre sua condição migrante. Ao falar com um veículo de comunicação de sua universidade, pediu que alguns detalhes de sua trajetória não fossem divulgados⁷⁵, mas não teve sua solicitação atendida, o que acabou resultando em constrangimentos no hospital e na universidade em que estuda.

Eles me entrevistaram, e mesmo eu falando: “não divulguem porque não é legal, porque eu já passei por experiências ruins”. Só que assim, eles divulgaram. [...] Passou. Aí, depois, eu passei por uns constrangimentos ali no hospital, né, e na faculdade. Mais ou menos assim. (Kist).

Kist relata que já foi convidado outras vezes por jornais, emissoras de rádios e de televisão de sua cidade para falar sobre a sua condição migrante, mas negou. “Melhor tu não se envolver com isso, né, pra tu não sofrer” (Kist).

Assim que chegou no Brasil, Vene deu uma entrevista para um comunicador que se apresentava como um profissional com muitos seguidores no Instagram, o que poderia alavancar o seu empreendimento. Uma amiga venezuelana já havia passado pela mesma situação e teve sua empresa divulgada pelo comunicador. Vene conta que a postagem sobre a sua história nunca saiu e que o comunicador sumiu. Ao lembrar de todos os momentos em que foi entrevistada, Vene aponta que se incomoda quando exigem dela uma posição política frente a questão da Venezuela, e conta que percebe uma mudança no comportamento dos comunicadores quando informa que, além de ter seu empreendimento de comidas venezuelanas, também está fazendo mestrado em uma universidade pública.

Eles, vamos dizer, não mexeram muito no pessoal, mas principalmente perguntavam mais o que a gente tá fazendo aqui. E então a gente fala o que tá fazendo. Às vezes incomoda quando pergunta muitas coisas pessoais, quando perguntam sobre a situação da Venezuela, sobre a política, sabe? Então isso incomoda, isso sim, porque... Quando querem colocar a gente numa posição política, isso incomoda, porque a gente não veio pra isso e nem saiu pra isso. [...] Às vezes, eu percebo que as pessoas mudam o olhar quando a gente fala que tá estudando e que tá fazendo, por exemplo, a pós-graduação. Percebem que porque tu é migrante, pode ser que tu

⁷⁵ Kist preferiu não falar sobre essas questões na entrevista.

não sabe nada, tu não faz nada. Esse olhar muda quando a gente fala: “ah, vocês estudam”? Sim, tô fazendo [mestrado]. “Ah, porque você é engenheira. Ah, sim, onde tu trabalhou?” Aí muda. Isso percebemos. E não é que o tratamento seja ruim antes disso, não, mas muda, é outra coisa, né? Então, às vezes, percebemos isso. Não é bom. (Vene).

Zuel nem lembra das tantas vezes em que foi convidada a falar sobre sua condição migrante e sua trajetória. Ela relata que, desde o início das abordagens, mesmo quando deixava claro a dimensão das dificuldades que havia encontrado e as suas conquistas ao longo de seu processo como migrante, havia uma insistência dos profissionais em focar na dor e nos possíveis problemas enfrentados em sua trajetória migratória.

Tiveram muitas abordagens de jornalistas que chegaram até nós. Aí quando eles perguntavam, sempre focavam na dificuldade da gente, e a gente falava: “ah, a gente teve dificuldades, sabendo que não é igual para todo mundo, né? Que para nós não é”. Nossa dificuldade foi, no meu caso, a língua, me acostumar com certas coisas, mas o resto nada que não poderia me acostumar com o tempo, né? E [o jornalista] sempre ficava assim: “mas vocês passaram fome? Vocês vieram andando, você era magra assim quando chegou ou você sempre foi magra? Sua filha sempre foi magra assim”? Sempre focava na dor, no problema e tal. A gente falava: “ah, mas a gente construiu um negócio, a gente tá trabalhando, a filha ganhou bolsa na escola, não sei o que e tal, a gente tá desfilando no carnaval, a gente se integra na comunidade”. E aí eles simplesmente falavam: “não, não, não, porque a gente tá procurando alguém que tem dificuldades mesmo e tal”. (Zuel).

A conduta dos profissionais e as abordagens reducionistas sobre a trajetória dos migrantes fizeram com que Zuel passasse a filtrar os contatos e a recusar as entrevistas solicitadas. Em seu relato, ela destaca algumas situações em que se negou a falar com comunicadores, tanto pela temática a ser abordada - as dificuldades enfrentadas - quanto pela falta de tempo, respeito e paciência dos profissionais ao abordá-la. Ela fala, também, sobre um atrito que teve com um jornalista, solicitado a se retirar de sua casa ao abordar questões sensíveis e inconvenientes na entrevista.

Quando o jornalista entrava em contato, a gente falava: “você quer falar do quê”? “Não, das dificuldades.” “Ah, então Googlea o nome da gente e aí aparece no Google e pronto, mas não vamos dar entrevista nenhuma, não vamos falar com ninguém.” Porque simplesmente se foca no sofrimento. A gente, por acaso, tem que sofrer esse tempo todo? Não! A gente chega para reconstruir a vida. A vida também, além do sofrimento, é vitórias, conquistas, coisas boas, tudo o que a gente consegue. [...] Tinha outras assim: “ah, e você me conta, eu li na mídia que vocês foram sequestrados, você foi estuprada? Você pode me explicar”? Aí eu levantei da cadeira, abri a porta da minha casa e falei: “você pode ir embora, por favor”? Esse foi um jornalista. E aí, assim: “ah, mas a gente não terminou”. “Mas eu terminei com você, por favor, vai embora da minha casa, eu não estou confortável com você aqui, eu não me sinto confortável com as suas perguntas, então vá embora.” E assim: “você pode resumir sua vida em cinco minutos, é rapidinho”. Falo: “não, não tenho 5 minutos para você, não tenho. Cinco minutos não”. Minha vida. Eu não sou tão insignificante para resumir minha vida em cinco minutos, não. E não é um assunto de ego, mas simplesmente de respeito. (Zuel).

Tanto Vene quanto Zuel trazem, em seus relatos, uma leitura de que os profissionais da mídia inferem uma condição de subalternidade antes do contato com os sujeitos. É como se o migrante precisasse estar sempre em uma situação de vulnerabilidade, tendo um lugar simbólico e social já pré-estabelecido pela sociedade e reforçado no contato com a mídia. Zuel reconhece que os migrantes passam por dificuldades, mas reflete a respeito do recomeço, das vitórias e das conquistas, quase sempre esquecidas nas abordagens midiáticas. A partir de seu relato, percebemos que Zuel passa a questionar a homogeneidade de experiências requerida nas entrevistas, consegue reivindicar e questionar sua exposição e passa a dar limites aos comunicadores. Mas nem todos os sujeitos migrantes têm a mesma agência e podem desafiar as estruturas, e há outros, ainda, que não querem questionar, e que se posicionam a partir da representação que acreditam que lhes convém (Costa, 2017).

A falta de garantia do anonimato dos entrevistados é outro problema apresentado por Zuel na relação dos sujeitos migrantes com os comunicadores. Ela conta que uma amiga iraniana, ao ser entrevistada, pediu a um jornalista que seu nome não fosse divulgado, mas a solicitação foi ignorada. A notícia circulou posteriormente pelo Irã, fazendo com que a família da amiga de Zuel sofresse perseguições. O episódio fez com que Zuel passasse a reforçar com os profissionais a necessidade de informar o alcance dos conteúdos aos quais está envolvida: “essa delicadeza que a gente pede para o jornalista: onde você vai sair, como vai sair” (Zuel).

Em outro caso relatado, Zuel conta que uma amiga proveniente do continente africano precisou solicitar a um jornalista que retirasse do ar uma matéria por ter tido sua história distorcida - a saída de seu país envolvia perseguições, e o profissional relatou como estupro, em uma evidente estigmatização da África.

Ela pediu para tirar do site o que o cara escreveu sobre ela. [...] Ela teve complicações lá, perseguição. Ele colocou como título: “as mulheres africanas fogem por estupro”. E ela se sentiu muito violentada por isso, né, sendo que ela não foi estuprada, violentada, mas, sim, sofreu perseguição. E isso afeta muito, né? São coisas que, a gente de algum jeito, não é que [não] confia no jornalista pra falar certas coisas, mas ele pega o mais sensacionalista da história da gente para fazer mídia, né? (Zuel).

Frente a tantas situações negativas, há, finalmente, relatos sobre profissionais que atuam de maneira correta e ética. Rupe já foi entrevistada algumas vezes e salienta que, apesar de ter que falar sobre as dificuldades que passou no Brasil, todas as abordagens foram realizadas de forma ética. Em sua fala, Rupe enfatiza a atuação do jornalista Rodrigo Borges

Delfim⁷⁶ e do site Migramundo - que trata exclusivamente da temática migratória - como uma referência positiva no tratamento midiático das migrações. Na visão de Rupe, com a exceção de espaços como o Migramundo, que fazem uma cobertura específica, pouco se fala nas mídias sobre a temática migratória, o que ela acredita não a uma falta de interesse dos profissionais, mas à linha editorial dos veículos.

Vene relata que, em dois momentos diferentes, quando chegou no Brasil, foi abordada de forma muito respeitosa, podendo falar sobre sua história, sua trajetória migratória, seu empreendimento e a similaridade entre as culturas venezuelana e brasileira. Ela questiona, entretanto, a responsabilidade da mídia em seu papel de orientar, informar e conscientizar a sociedade a respeito da questão migratória. Vene reconhece o poder de alcance e de difusão de informações das redes sociais online, e destaca a atuação do jornalista venezuelano Sérgio Novelli⁷⁷, que produz conteúdos sobre as migrações e, segundo Vene, divulga informações que os migrantes não conseguiriam de outra forma.

A migração agora é um fato que está no mundo inteiro, com todas essas guerras, esses países com problemas econômicos, com problemas raciais, com problemas de religião. As pessoas estão fugindo e estão migrando de um lugar para outro, então parece que os poderes não querem dar conta disso. Mas tem que fazer porque... Eu acho que é como uma bola de neve que tá aí, tá rolando lá, então... A mídia poderia contribuir, e não precisa de governo nenhum que diga para fazer matéria boa disso. Poderia, mas não fazem. Podem fazer uma matéria. Ainda agora, por exemplo, nas redes sociais. Isso é uma ferramenta muito poderosa pra um jornalista, poder fazer matéria da sua conta. Ainda que trabalhe, pode. Porque, por exemplo, alguns... Eu sigo um jornalista venezuelano que está nos Estados Unidos e ele faz, ele repassa muitas matérias que consegue, ele fala muito dos migrantes, o que faz desde aqui, não somente dos venezuelanos, sabe? E ele ainda trabalha também, mas ele consegue, na sua conta também, contribuir pra divulgar informações importantes, que o migrante não consegue de outro jeito, sabe? Então eu acho que poderia fazer, informar mais coisas. E ter em conta porque está acontecendo em todo lugar, migrantes tem em todo lugar agora. (Vene).

Zuel, que já enfrentou tantos episódios problemáticos, conta que teve inúmeras abordagens sensíveis, respeitosas e cordiais, incluindo de profissionais com os quais mantém contato até hoje: “a gente virou amigo, rolezeiro, que vem em casa comer, tomar um vinho, convida para o aniversário, chorar junto, viajar” (Zuel). Zuel menciona a jornalista Flávia Mantovani como um exemplo de profissional que aborda as migrações de forma respeitosa,

⁷⁶ Rodrigo Borges Delfim é jornalista e fundador do site Migramundo, produto midiático especializado na temática migratória. O Migramundo pode ser acessado em <<https://migramundo.com/>>. Acesso em: 27 dez. 2023.

⁷⁷ Sérgio Novelli é um jornalista venezuelano que produz conteúdos sobre as migrações em diferentes redes sociais online. Seus perfis estão disponíveis em <<https://www.youtube.com/@SergioNovelliOficial>> e <<https://www.instagram.com/sergionovelli>>. Acesso em: 27 dez. 2023.

que trata os sujeitos migrantes com empatia e cuidado, e que conta as histórias que os migrantes gostariam que fossem contadas.

Tem uma jornalista, chama Flávia Mantovani⁷⁸, da Folha. Nossa, eu chamo ela de fada mágica! Essa mulher conseguiu o que ninguém... Ela desenvolveu uma rede de apoio para os migrantes muito boa, e ela sempre escreve coisas boas pra gente, né, ela sempre fortalece essa estima, essa gentileza de nos cuidar. Porque a gente não tá no Brasil para ser um peso, senão um aporte. (Zuel).

Alguns problemas na relação dos sujeitos migrantes com os profissionais da mídia ganham destaque nos relatos. A divulgação de dados sensíveis, o desinteresse por histórias que não sejam exploratórias e a falta de tempo e de empatia dos profissionais fizeram com que alguns migrantes passassem a se recusar a colaborar com as mídias. A falta de garantia ao anonimato pode desencadear situações que vulnerabilizam ainda mais os sujeitos. Além disso, a agência dos sujeitos é relegada, e é esperado uma história única a respeito das migrações, que reforça a associação dos sujeitos ao universo do sofrimento. Por outro lado, os migrantes destacam que há profissionais cordiais, respeitosos e sensíveis à causa migrante, que reconhecem os migrantes como sujeitos e que atuam em prol da causa migrante.

Os interlocutores de nossa pesquisa que produzem conteúdos sobre as migrações, Conra, Zuel e Inter, acabam por colocar em circulação diferentes contextos e novas perspectivas sobre a temática migratória. A condição migrante faz com que eles falem “de dentro”: são migrantes falando sobre as migrações. Cada um deles tem um perfil de atuação diferente na produção de conteúdos sobre as migrações: Conra é jornalista e já produziu inúmeros artigos a respeito da temática migratória para seu blog e para veículos de comunicação de diferentes países; Zuel fala esporadicamente sobre as migrações em um podcast; e Inter produz conteúdos quase que diariamente sobre as migrações em suas redes sociais online. Quando questionados sobre guias que orientam a comunicação sobre a temática migratória, todos destacam que nunca tiveram contato com quaisquer materiais. Em seus relatos, no entanto, falam sobre seus compromissos com a produção dos conteúdos, com as pessoas migrantes e apresentam suas preocupações com as abordagens midiáticas.

Conra salienta o cuidado ao falar sobre a temática migratória principalmente quando envolve pessoas, e reforça a importância da preservação das identidades.

⁷⁸ Flávia Mantovani é uma jornalista freelancer que atuou em diferentes veículos de comunicação no país. Por alguns anos, escreveu o blog “Babel Paulistana”, onde falava sobre as diferentes culturas presentes na cidade de São Paulo. O blog está disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/blogs/babel-paulistana/>>. Acesso em: 27 dez. 2023.

Quando falo de imigração, não falo de forma a identificar as pessoas. Tento colocar isso um pouco de forma geral, assim. São temas sensíveis, né? Porque tocam pessoalmente a pessoa, e pode ser também que tenha consequências legais, né, você não pode expor a situação de uma pessoa. (Conra).

A importância do protagonismo migrante e a percepção de que as mídias aproximam as migrações ao estereótipo do sofrimento foram algumas das motivações que levaram Zuel a começar a produzir conteúdos sobre a temática migratória. Segundo Zuel, a “grande mídia fala de nós, mas não conosco, tá? E aí as informações que chegam são muito trágicas, muito tristes, muito na dor, muito, sabe, muito manipuladas” (Zuel). Em sua percepção, é necessário educar a sociedade e os próprios migrantes a respeito da temática migratória. Para Zuel, a sociedade pode até compreender um pouco sobre as migrações, mas algumas questões relativas a pessoas refugiadas ainda precisam ser esclarecidas.

Pode ser que algumas pessoas saibam o que é migração, mas o termo refúgio tá muito vinculado a um preconceito, porque a primeira coisa que perguntam é: “você tá fugindo? Se você tá fugindo é porque você cometeu algo errado”. [...] É porque a gente não pode brigar o tempo todo porque o outro não sabe o que tá falando, é muito mais fácil educar o outro. E não tem que ser educado só o brasileiro para entender nossa condição de refúgio e migração, mas também tem que ser educado o migrante e o refugiado, né? [...] O que interessa é levar as informações certinhas e também entender muito do assunto da perspectiva, tanto do brasileiro como do migrante a respeito do seu cotidiano aqui no Brasil. (Zuel).

Além da compreensão dos termos relacionados à temática migratória, Zuel menciona outros temas que já abordou e que ainda quer discutir em seus conteúdos. Ela destaca as relações do cotidiano a partir de uma abordagem intercultural, que aproxima a vida dos sujeitos migrantes aos contextos da sociedade recebedora.

A gente acabou com uma lista de uns 140 temas diferentes que tem que ver com a vida de um migrante, de um refugiado e de um solicitante de refúgio, né? E como esses temas se vinculam à perspectiva de quem não é brasileiro, mas se compartilha com o olhar de brasileiro, né? Então, a gente queria falar mais sobre assuntos comuns, tá, aquele que mais junta a gente, mas que também é diverso dentro da bagagem do brasileiro, né? Tipo: “ah, mas porque a gente come arroz e feijão todo dia e vocês não comem”? Não significa que a gente não coma, só que em nossa cultura, o arroz e feijão é diferente, você cozinha quase do mesmo jeito, mas para nós tem um significado o feijão preto, por exemplo. Aqui a feijoada é toda quinta-feira e sábado, né? Como a gente tem ingredientes comuns... Ou tipo, como é a criança dependendo da nacionalidade. Por que as mães bolivianas criam os filhos de um jeito, por que as mães caribenhas ou as venezuelanos criam de outro jeito, porque as brasileiras criam, como é abordada a maternidade e a paternidade dependendo da nacionalidade, como é abordada a sexualidade, né? (Zuel).

Zuel enfatiza, ainda, que gostaria de ver mais criadores de conteúdo, comunicadores e jornalistas migrantes ocupando espaços nas mídias, assim como faz atualmente, para que o tratamento midiático das migrações traga uma perspectiva mais próxima da realidade

vivenciada pelos migrantes. Ela aponta que sua conduta ética é baseada na forma como gostaria de ser tratada e, principalmente, no respeito. Zuel destaca, também, que sempre conversa previamente com os interlocutores para discutir os limites dos temas a serem abordados na produção de seus conteúdos.

Minha ética parte de como a gente gostaria de ser tratado quando é entrevistado. Essa é a nossa política. E como todos aqueles que participam, nossos convidados, são nossos amigos, então a gente se respeita, se admira e se cuida muito. [...] Mas, além disso, a gente trata com muito respeito. Porque a gente parte desse princípio: a gente trata como quer ser tratado. [...] E até esses temas, assim, muito delicados, a gente tem uma conversa prévia e a gente só chega até onde a pessoa quer chegar, né, porque a gente não mistura o fato de ser amigos, que a gente pode colocar até os mínimos detalhes, com a exposição. Então até onde a pessoa quer falar, fala, então se a pessoa não quer falar, não fala, então a gente respeita absolutamente isso. (Zuel).

Inter revela que o assassinato de um migrante venezuelano no Peru foi sua motivação para começar a produzir conteúdos sobre a temática migratória. Ele passou a buscar conteúdos sobre as migrações no YouTube e a estudar a temática, até começar a produzir seus próprios conteúdos.

A razão pela qual comecei esse projeto foi porque um dia um venezuelano foi assassinado no Peru, de uma forma muito feia, e isso me deixou muito indignado, vamos dizer assim. E um dia eu disse não, isso não pode continuar assim, tenho que fazer alguma coisa, vou começar nisso... Custe o que custar, vou começar, vou começar, e comecei, certo? E bem, fui me informando um pouco no YouTube, procurei informações sobre como abrir a página. [...] E comecei a fazer conteúdo, conteúdo simples no começo, me senti um pouco constrangido, envergonhado, mas comecei a, digamos, ganhar mais confiança. E comecei a me preparar mais, é claro, para narrar, para estudar esse mundo, e fui me desenvolvendo. (Inter).

Com público formado majoritariamente por migrantes venezuelanos, Inter destaca que gostaria que mais brasileiros consumissem seu conteúdo. Em suas redes sociais online, os migrantes encontram inúmeras informações que podem auxiliá-los na construção de seus projetos migratórios. Entre os conteúdos que já produziu e que segue abordando, estão as oportunidades para os migrantes no Brasil, incluindo o acesso a direitos que se estendem a população migrante e o acolhimento oferecido assim que chegam na fronteira entre o Brasil e a Venezuela, e as adversidades encontradas pelos migrantes em suas trajetórias migratórias, com destaque para situação dos venezuelanos que migram em direção aos Estados Unidos. Inter destaca que tem novos projetos de atuação no país, e que quer seguir falando sobre o Brasil com uma perspectiva positiva em suas redes sociais online:

Fiz um vídeo recentemente sobre uma região e foi magnífico, foi muito legal. Espero continuar fazendo isso no seu país, com simplicidade, informando as pessoas sobre

como seu país é bom. E sempre da parte boa. Sobre a parte ruim, bem, tem muita coisa ruim [...] mas isso não é o seu país, o seu país é muito mais que isso. (Inter).

Inter repete diversas vezes, ao longo da entrevista, que sua conduta é pautada no respeito, na empatia e na preocupação com os sujeitos migrantes, em especial seus conterrâneos venezuelanos. Em sua percepção, é necessário que comunicadores e mídias conheçam os problemas dos migrantes e as causas que levam os sujeitos a migrar, e que tenham cautela ao falar sobre os sujeitos, principalmente sobre atos isolados, para que um grupo todo não seja referenciado como um problema. Em seu relato, também, destaca a vontade de ajudar os migrantes e de mostrar para a sociedade a importância das migrações.

Esse é o meu propósito, meu propósito é ajudar as pessoas, ajudar os imigrantes de qualquer maneira. [...] Nós não devemos, como mídia internacional ou local, generalizar isso, que todos nós somos... Que todos pagam por um. Esse fez isso: “ah, sim, esse é venezuelano, ah, isso é normal”. Não! Não é assim! Ou: “ah, ele é brasileiro, ah sim, isso é assim”. Não, não é assim, não pode ser assim! Tem que haver um respeito pela igualdade. [...] Meu propósito é que o mundo saiba como a migração pode ser importante para uma nação. (Inter).

A atuação de cada um dos sujeitos traz diferentes pistas para pensarmos na ética e na interculturalidade no tratamento midiático das migrações. Conra, que é jornalista, é mais breve quando fala sobre sua atuação profissional, mas ao longo da entrevista faz apontamentos muito críticos com relação às mídias e aos interesses envolvidos na lógica de produção dos discursos. Percebemos que algumas questões que atravessaram Inter e Zuel devido a sua condição migrante servem como aprendizado para sua atuação como comunicadores das migrações. Foi através de grupos no Facebook que Inter se informou sobre as possibilidades de migração para o Brasil, e, atualmente, ele vem construindo uma grande comunidade e produz conteúdos que auxiliam novos migrantes. A atuação de Inter é baseada no respeito, no cuidado e na empatia com os migrantes, abordados a partir de suas singularidades, sem generalizações. Zuel traz diversos exemplos de condutas negativas de jornalistas desde que chegou ao Brasil, o que parece moldar sua atuação, uma vez que ela destaca que o respeito e os limites frente aos conteúdos são a base da relação construída com seus interlocutores. Os conteúdos que produz, similares, por certo, ao que ela gostaria de acompanhar nas mídias, trazem leituras do cotidiano, da interculturalidade, das diferenças; dão ênfase para o migrante comum, abrangem toda a alteridade e trazem um olhar humanizado para as migrações. Como nos lembram os estudos de Georgiou (2017), quando migrantes são os protagonistas na produção de conteúdos sobre as migrações, não há

espetáculo: o destaque é para agentes comuns, com trajetórias singulares, raramente representados como uma massa que atravessa os mesmos contextos.

6.3 APROXIMANDO A ÉTICA DOS GUIAS DA PERCEPÇÃO DOS MIGRANTES

Que ética é proposta pelos guias e como ela se relaciona com a percepção dos migrantes sobre ética e interculturalidade no tratamento midiático das migrações? Ao longo do capítulo 4, analisamos dez guias e consideramos suas recomendações para a comunicação sobre as migrações como parâmetros éticos, partindo dos eixos temáticos *Atuação Profissional* e *Produção de Conteúdo*. As falas dos migrantes apontam que, com algumas exceções, em geral há uma ausência desses parâmetros no tratamento midiático das migrações. Entretanto, as percepções, as observações, os questionamentos e as sugestões dos entrevistados sobre como deveria ser tratada a temática migratória nas mídias se aproximam dos parâmetros éticos propostos pelos guias.

Alguns dos entrevistados que já foram acionados pela mídia criticam a atuação de comunicadores por deduzirem uma condição de vulnerabilidade e de subalternidade mesmo antes de conhecerem os migrantes; por focarem especificamente nos episódios de sofrimento dos sujeitos; pela falta de paciência e pela pressa em narrar as histórias; por não respeitarem as condições de anonimato e por divulgarem dados sensíveis aos migrantes, mesmo com as solicitações de não divulgação. Há, também, questões específicas abordadas pelos migrantes a respeito do cenário de seus países de origem: Vene critica a conduta dos comunicadores ao solicitarem informações e uma posição sobre a situação política de seu país, a Venezuela. Todas essas questões são trazidas pelos guias como aspectos éticos a serem considerados na atuação de comunicadores junto a pessoas migrantes.

Os guias reforçam que as histórias precisam ser contadas pela perspectiva dos migrantes, e que as abordagens dos comunicadores não devem vitimizar os sujeitos. Além disso, destacam a necessidade de uma atuação empática dos profissionais junto aos migrantes, que sempre devem ser respeitados quando não quiserem compartilhar determinadas informações. A questão política da Venezuela é um ponto bastante delicado, uma vez que o guia que trata especificamente sobre a migração venezuelana recomenda que o cenário político do país seja evitado, e que as abordagens foquem na ótica dos direitos humanos.

É um consenso entre os entrevistados que as migrações são representadas a partir de visões estereotipadas, e que as pessoas migrantes são constantemente vitimizadas ou enquadradas como uma ameaça às sociedades. Os migrantes apontam, também, que as abordagens sobre seus países de origem são reducionistas; que há contextos específicos em

que as migrações são evidenciadas pela mídia, majoritariamente negativos, que envolvem violência e sofrimento; e que há generalizações nas abordagens midiáticas sobre as pessoas migrantes, principalmente quando envolvem questões relacionadas à criminalidade. Esses aspectos também são discutidos nos guias como referências de parâmetros éticos para a produção de conteúdo sobre as migrações.

A maioria dos guias recomenda que as abordagens midiáticas evitem relacionar os migrantes à pobreza e a questões que remetem à vulnerabilidade. Enquanto alguns guias sugerem cautela no uso da nacionalidade dos sujeitos nas mídias, outros defendem que esse uso seja evitado para que não haja generalizações por parte da sociedade e que a totalidade migrante seja considerada a partir de uma situação específica. Além disso, os guias propõem que as migrações não sejam discutidas de forma isolada, mas transversalmente a outros assuntos, e que sejam sempre abordadas como um processo contínuo, não como um evento.

Tanto os guias quanto os migrantes sugerem outras formas de narrar as migrações, com destaque para as contribuições dos migrantes para a sociedade e para os migrantes sendo representados como pessoas comuns, em histórias do cotidiano. A percepção dos migrantes a respeito do papel da mídia na conscientização da sociedade sobre a temática migratória também vai ao encontro dos parâmetros éticos discutidos pelos guias: evidenciar as causas que levam os sujeitos a migrar, as circunstâncias e dificuldades referentes aos processos migratórios e as diferenças entre pessoas migrantes e pessoas refugiadas contribuem para que a sociedade compreenda um pouco mais sobre as migrações.

Nenhum dos guias analisados traz, de forma isolada, a totalidade dos parâmetros éticos que apresentamos, da mesma forma que as considerações discutidas não partem de um mesmo migrante. Em geral, as perspectivas dos guias e as expectativas dos migrantes apontam para uma comunicação mobilizadora, mais adequada e comprometida com a temática migratória, considerada um dos desafios sociais da atualidade.

É importante destacar que, na construção das entrevistas, com exceção de uma pergunta direcionada somente ao Grupo 1, que questiona os cuidados éticos dos sujeitos na produção de conteúdos, nenhuma outra pergunta faz menção à ética ou se aproxima ao que é discutido nos guias, uma vez que o contato com as duas empirias foi feito simultaneamente. Além disso, nossa proposta nunca foi fazer uma correlação direta, ou repensar a ética dos guias a partir das percepções dos migrantes. As perguntas giraram em torno daquilo que os migrantes lembram sobre o que é falado sobre as migrações e sobre os seus países na mídia: se algum conteúdo incomoda, se algum é positivo, se acreditam que há conteúdos que gerem consequências para os migrantes, se há identificação dos sujeitos com os conteúdos. Para

aqueles que já foram acionados pela mídia ou conhecem alguém que foi, questionamos, ainda, como foi a abordagem dos comunicadores.

Apesar de nenhum dos dez guias analisados mencionar que foi escrito em parceria com pessoas migrantes, os autores estão quase sempre próximos a sujeitos migrantes: são pesquisadores que se dedicam a estudos que tensionam mídia e migrações; organizações que atuam junto a pessoas migrantes e pessoas refugiadas; profissionais e associações de mídia, por vezes especialistas na temática migratória; entre outras instituições. Todos preocupados com a construção de uma mídia mais cidadã, mais sensibilizada, uma mídia que tem a promoção da humanidade como objetivo moral (Ward, 2021).

Fazendo uma síntese da aproximação da ética dos guias com a percepção dos migrantes, destacamos que essa mídia mais cidadã passa por comunicadores que atuam com uma conduta sensível às diferenças culturais e com visão e engajamento críticos frente à temática migratória. Essa conduta é refletida no comprometimento com os sujeitos, e a atuação do comunicador precisa envolver respeito, cuidado com o anonimato e com o consentimento dos migrantes na divulgação das informações sobre as migrações.

Os discursos sobre a temática migratória precisam considerar uma perspectiva global, que olha para as migrações como um desafio social da atualidade que é transversal a todos os países. Além disso, as migrações precisam ser vistas pelo viés dos direitos humanos e como um processo contínuo e de formação das sociedades, não a partir de fatos isolados. Ainda, as narrativas precisam ser contextualizadas, principalmente aquelas que aproximam os migrantes de um enquadramento negativo, para que não incorram em generalizações que possam gerar medo e desencadear discursos de ódio, racismo e xenofobia.

É necessário, por fim, considerar uma perspectiva local, que aproxima a sociedade recebedora dos sujeitos migrantes. Os discursos sobre as migrações precisam enfatizar as vivências, a agência e o protagonismo migrante, por meio de histórias sobre o cotidiano e sobre as contribuições econômicas, sociais e culturais dos migrantes para a sociedade. São essas construções narrativas que desafiam, aos poucos, os estereótipos já habituais na representação midiática das migrações.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As descobertas desta pesquisa nos trouxeram inúmeras reflexões a respeito da temática migratória, das relações dos sujeitos migrantes com as mídias, da ética e da interculturalidade da mídia e do tratamento midiático das migrações em geral. Voltamos, primeiramente, ao problema definido para a pesquisa: considerando que a ética e a interculturalidade deveriam ser premissas na produção de conteúdo sobre a temática migratória, como o tratamento midiático das migrações é percebido pelas pessoas migrantes? Para além dos achados da investigação, que sugerem que os migrantes identificam uma ausência de valores éticos e interculturais nos conteúdos midiáticos a respeito da temática migratória, que, com exceções, tratam das migrações como um problema, é necessário ressaltar todo o aprendizado ao longo do processo de execução desta dissertação.

Afasto-me um pouco da linguagem acadêmica - a qual acredito nem ser tão próxima - para discorrer sobre o processo de construção da pesquisa nesses últimos dois anos e meio, desde que cursei a disciplina *Representações Midiáticas* no mestrado como aluna especial. Eu sou apaixonada pela temática migratória e nunca houve outra opção que não pesquisar questões relacionadas às migrações e fazer um estudo junto a pessoas migrantes. Havia, também, uma vontade de pesquisar algo relacionado à ética na pesquisa com pessoas migrantes. Faltava, porém, o “midiático”, área de conhecimento da pós-graduação em Comunicação da UFSM. Assim, chegamos, eu e minha orientadora, à ética da mídia na comunicação sobre as migrações. Mas qual o ponto de partida para falar sobre ética da mídia?

Na construção do estado da arte, ao buscar pesquisas sobre migrações, mídia e ética, não havia nada muito concreto sobre ética, que por vezes estava no título e nas palavras-chave dos artigos, mas não no corpo dos textos. Por sugestão da professora Veneza Ronsini, apoiei-me nos estudos de Nick Couldry, que me auxiliaram a pensar em uma ética global da mídia, que olha não só para o jornalismo, mas também para as diferentes práticas comunicacionais de sujeitos que consomem e produzem conteúdos midiáticos. Para além de Couldry e de outros autores que discutem a ética da mídia, os guias que trazem recomendações para uma comunicação mais adequada sobre as migrações - que tivemos contato desde o início do mestrado - pareciam se aproximar de uma ética normativa. Nesse contexto, novamente junto à minha orientadora, optamos por considerar as recomendações dos guias como parâmetros éticos para o tratamento midiático das migrações.

Acreditávamos que analisar somente os guias produzidos no Brasil não seria suficiente para compreender os aspectos éticos e interculturais da comunicação sobre as migrações, além

de que uma análise a partir de um território geográfico restrito não abrangeria o consumo midiático dos migrantes, posto que grande parte das mídias é transnacional. Dessa forma, ampliamos a busca por guias publicados em português, inglês e espanhol, e chegamos a 43 materiais. A organização e a categorização desse corpus se mostrou um desafio - carregado de muito aprendizado - visto que não havia uma estrutura prévia de categorização, nem uma mecânica que trouxesse respostas rápidas para a estruturação da análise. Como a pesquisa não seria focada somente nos guias e teria um outro momento empírico - as entrevistas com os migrantes -, optamos por reduzir a amostra com base em categorias de inclusão e chegamos à análise de dez guias.

Mesmo com a metodologia definida, ainda pairava um questionamento que me acompanhou por quase um ano: as recomendações presentes nos guias de comunicação sobre as migrações podem servir como parâmetros éticos para quem produz conteúdo? Não havíamos encontrado estudos que explorassem a relevância dos guias na produção de conteúdos sobre as migrações. Em março de 2023, porém, quando fui apresentar os achados iniciais da pesquisa no *VII Media Ethics - Congreso Internacional de Ética de la Comunicación* em Sevilha, na Espanha, deparei-me com um grupo de pesquisadores espanhóis que vem, há quase duas décadas, analisando guias e manuais de comunicação sobre diferentes desafios sociais da atualidade, e considerando os materiais como códigos éticos de segunda geração. Preciso confessar que, como uma pesquisadora iniciante, fiquei mais segura em pensar que a pesquisa que estávamos propondo está alinhada a outros estudos, e que, sim, as recomendações presentes nos guias podem ser lidas como parâmetros éticos para uma comunicação mais adequada sobre a temática migratória.

A análise dos guias reforçou a importância de uma produção de conteúdos fundamentada em uma comunicação intercultural. As diferentes instituições envolvidas na autoria dos guias nos revelaram a importância da temática migratória não só para organizações que atuam junto a pessoas migrantes e pessoas refugiadas, como também para governos, profissionais da mídia e organizações que atuam com temas transversais às migrações, mas que observam a temática como um desafio a ser pensado em conjunto a outras questões. Essa diversidade enfatiza como diferentes atores vêm se movimentando a respeito da questão migratória, cara e importante para nós, pesquisadoras, e também para a sociedade, mas pouco mencionada pela mídia, que, em geral, aborda as migrações a partir de situações específicas.

O outro contato com a empiria se mostrou ainda mais desafiador, uma vez que pensar nas pessoas migrantes como objeto de pesquisa me trouxe muita angústia desde o início da

investigação. Sempre pensei em uma construção conjunta de conhecimento e estava certa de que as percepções dos migrantes sobre o tratamento midiático das migrações enriqueceriam o estudo, mas nunca tinha entrevistado ninguém ao longo de minha trajetória acadêmica. Houve muita apreensão com os convites e os aceites para participação na pesquisa: por que razão os sujeitos concederiam mais uma entrevista, por que participariam de uma pesquisa de mestrado, por que comigo, muitos porquês.

Eu me preocupei com a forma de me colocar nas entrevistas e em como manter uma vigilância constante para segurar meu envolvimento com as questões migratórias, mesmo acreditando que minha relação com a temática poderia deixar os entrevistados mais à vontade. Ao meu lado, muito mais tranquila com todo o processo, estava minha orientadora, que o tempo todo reforçava a importância do espaço de escuta e a relevância do processo para ambos os lados - o da pesquisadora e o do entrevistado. O contato com os migrantes e as entrevistas deixaram esses incômodos para trás: alguns aceites foram muito rápidos, e os entrevistados se mostraram bastante confortáveis com a entrevista e com a pesquisa, o que me deixou confiante para toda a caminhada que se seguiu. Alguns sujeitos falaram muito além do que era questionado e viram a entrevista como uma oportunidade para expressar críticas, incômodos, denúncias e angústias, o que reforça a importância do papel da pesquisadora nesse espaço de escuta. Ficou claro que os migrantes não eram objeto, mas sujeitos da pesquisa.

Ao longo da investigação, também, tivemos dificuldades em encontrar sujeitos migrantes do Grupo 3, aqueles que não produzem conteúdos sobre as migrações e nunca foram acionados pela mídia. Eu contatei boa parte dos sujeitos pelas redes sociais online, e a maioria que respondia às solicitações já havia sido entrevistada por diferentes mídias. Além disso, não foi possível entrevistar alguns migrantes que eu gostaria muito que tivessem participado da pesquisa: um deles, que eu já acompanhava há algum tempo pelas redes sociais online por ser produtor de conteúdo sobre as migrações, alegou falta de tempo; o outro parou de responder as mensagens no WhatsApp após demonstrar interesse em participar da pesquisa. A não participação desse segundo sujeito foi uma grande frustração, já que seu relato em um curso voltado a comunicadores e demais atores sociais que atuam no contexto da temática migratória, em meados de 2022, foi um dos motivos que me instigaram a continuar investigando a ética dos profissionais da mídia frente a pessoas migrantes. Parte do processo, parte do aprendizado em se fazer pesquisa.

Os autores que apoiaram nossa compreensão sobre a representação midiática das migrações apontavam para um imaginário que associa, majoritariamente, as migrações a problemas, e enquadra as pessoas migrantes como ameaças à sociedade ou como vítimas,

percepção partilhada pela maioria dos entrevistados. O estudo confirmou a centralidade e a importância da internet nas práticas comunicacionais da sociedade, e foi interessante perceber as diferenças no consumo de mídias por parte dos migrantes, incluindo o desinteresse de alguns sujeitos no consumo midiático de conteúdos relacionados às migrações. Mesmo na ausência de uma reflexão a partir de questões específicas mencionadas pelas mídias, há uma percepção geral de um imaginário negativo sobre as pessoas migrantes, o que independe de um consumo midiático constante dos sujeitos.

A condição migrante é uma mediação que atravessa os sujeitos de diversas formas, com todos seus processos sociais e interculturais, e conduz, como pensado em nossa pesquisa, as relações e a interação dos migrantes com as mídias. Tivemos muita sorte em encontrar e conhecer sujeitos incríveis, com diferentes trajetórias migratórias e com percepções muito críticas a respeito do tratamento midiático das migrações, o que, em nossa visão, é uma das principais contribuições desta pesquisa. Foram muitos conhecimentos compartilhados não só para esta investigação, mas para a vida. Da entrevista mais curta, com 36 minutos, a mais longa, com 2 horas e 7 minutos, todas geraram muitas reflexões. Quanto aprendizado foi obtido, também, sobre o Benim, sobre a Costa do Marfim, sobre a República Democrática do Congo, sobre a República do Congo, sobre o Paquistão, sobre o Peru e sobre a Venezuela.

Retomando os achados da pesquisa, há muitas possibilidades para dar continuidade a esse conhecimento compartilhado. A produção de conteúdos sobre as migrações dos entrevistados do Grupo 1, que abordamos muito brevemente, uma vez que não era foco desta pesquisa, podem orientar uma nova investigação, de repente em coautoria com os sujeitos. Novas pesquisas podem surgir, também, da autocompreensão das identidades por parte dos sujeitos; da agência e da capacidade de reivindicação de alguns migrantes entrevistados; dos gêneros e produtos midiáticos consumidos pelos migrantes sobre a temática migratória. Dois pontos, no entanto, chamam mais nossa atenção para futuras pesquisas: a temporalidade da condição migrante e a circulação dos guias na sociedade e entre os profissionais da mídia. A condição migrante termina? Até quando os sujeitos se consideram migrantes? E por onde circulam os guias - para além dos ambientes acadêmicos -, uma vez que os parâmetros éticos se mostram ausentes no tratamento midiático das migrações? Há outros tantos questionamentos, todos fundamentados pela construção conjunta de conhecimento viabilizada pelo encontro desta pesquisa com os sujeitos migrantes.

É muito bonito - e também doloroso - o pesquisar. Cada nova leitura traz diferentes questionamentos e a compreensão de que pouco se sabe. Foi uma jornada e tanto toda a construção da investigação até aqui, e há muito mais pela frente. Espero que a pesquisa possa

contribuir com futuros estudos - nossos e de outros pesquisadores - sobre a temática migratória, sobre a relação entre a mídia e as migrações contemporâneas e sobre a ética da mídia na comunicação sobre as migrações. Sigo acreditando, com ainda mais intensidade ao final do trabalho, na frase que abriu esta dissertação: há que se pesquisar o que nos dá esperança e o que nos permite transformar o mundo, mesmo que essa transformação seja pequena.

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGER, Alastair; STRANG, Alison. Understanding Integration: A Conceptual Framework. **Journal of Refugee Studies**, v. 21, n. 2, 2008, p. 166-191. Disponível em: <<https://academic.oup.com/jrs/article/21/2/166/1621262>>. Acesso em: 10 set. 2023.

ALLES, Natália Ledur; COGO, Denise. Ativismos e usos de TICs por mulheres migrantes latino-americanas: o caso do coletivo Equipe de Base Warmis. In: BAENINGER, Rosana. *et al.* (org.). **Migrações Sul-Sul**. Campinas: Unicamp, 2018, p. 296-308.

ALSINA, Miquel Rodrigo. Elementos para una comunicación intercultural. **Revista CIDOB d'Afers Internacionals**, 36, 1997, p.11-21. Disponível em: <https://www.cidob.org/en/articulos/revista_cidob_d_afers_internacionals/elementos_para_una_comunicacion_intercultural>. Acesso: em 21 nov. 2022.

ARFUCH, Leonor. **La entrevista, una invención dialógica**. Barcelona: Paidós, 1995.

ÁVILA, Otávio Cezarini. **Autoapresentação, Performatividade e Testemunho na Internet: a webdiáspora deslocada para a visibilidade do self migrante**. 2022. 300p. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2022.

AZNAR, Hugo. **Ética de la comunicación y nuevos retos sociales: Códigos y recomendaciones para los medios**. Barcelona: Paidós, 2005.

AZNAR, Hugo. Nuevos códigos de ética y nuevas formas de entender el periodismo. **Revista Latina de Comunicación Social**. n. 59, 2004, p. 176-179. Disponível em: <<https://nuevaepoca.revistalatinacs.org/index.php/revista/article/view/1614>>. Acesso em: 22 jan. 2023.

BAENINGER, Rosana *et al.* (org.). **Migrações Sul-Sul**. Campinas: Unicamp, 2018.

BETZ, Michelle Betz et al. **Reporting on Migration - A Handbook for Journalists in West Africa**. 2020. Disponível em <https://www.migrantsasmessengers.org/sites/g/files/tmzbdl246/files/2021-03/Journalist%20Handbook_English.pdf>. Acesso em 12 mai. 2023.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BOMFIM, Ivan. Movimentos migratórios, diásporas e identidades culturais: entrevista com o pesquisador Mohammed ElHajji. **Revista Internacional de Folkcomunicação**. n. 36, 2018, p. 270-279. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/19132>>. Acesso em: 21 nov. 2022.

BRIGNOL, Liliane Dutra; COSTA, Nathália Drey. A saga e o sofrimento do outro senegalês: a construção do racismo em representações midiáticas da migração. **Chasqui - Revista Latinoamericana de Comunicación**. n. 138, Equador, 2018, p. 131-148. Disponível em: <<https://www.revistachasqui.org/index.php/chasqui/article/view/3567>>. Acesso em: 11 nov. 2021.

BRIGNOL, Liliane Dutra; COSTA, Nathália Drey. Diáspora senegalesa e mediação tecnológica: entre tempos e lugares na observação do Magal de Touba. **Contracampo**, v. 37, n. 1, 2018, p. 9-29. Disponível em:

<<https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17633>> . Acesso em: 07 jan. 2024.

BRIGNOL, Liliane Dutra; CURI, Guilherme. Repensar la noción de “crisis migratoria”: Por una cobertura periodística ética y humanitaria de la dinámica de la movilidad humana.

Estudios sobre el Mensaje Periodístico. v. 27, n. 1, 2021, p. 63-72. Disponível em:

<<https://revistas.ucm.es/index.php/ESMP/article/view/71464>>. Acesso em: 21 jan. 2023.

CASTRO, Sara Andréia da Silva; GASPAR, Renata Alvares. A condição do trabalhador migrante: interfaces entre globalização, migração e trabalho sob a perspectiva regional. In: BAENINGER, Rosana. *et al.* (org.). **Migrações Sul-Sul**. Campinas: Unicamp, 2018, p. 875-890.

CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Tadeu de.; LEMOS SILVA, Sarah. **Dados Consolidados da Imigração no Brasil 2022**. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2023. Disponível em: <<https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/dados-consolidados1>>. Acesso em: 10 jul. 2023.

CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Tadeu; SILVA, Bianca. G. **Imigração e refúgio no Brasil**: Retratos da década de 2010. Observatório das Migrações Internacionais. Ministério da Justiça e Segurança Pública/Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília: OBMigra, 2021. Disponível em:

<<https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/relatorios-a>>. Acesso em: 10 jul. 2023.

CHEN, Guo-Ming; STAROSTA, William J. Intercultural Communication Competence: A Synthesis. **Annals of the International Communication Association**. 1996, p. 353-383. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/23808985.1996.11678935>>. Acesso em: 21 nov. 2022.

CHOULIARAKI, Lilie; STOLIC, Tijana. Rethinking media responsibility in the refugee ‘crisis’: a visual typology of European news. **Media, Culture & Society**, v. 39, n. 8, 2017, p. 1162-1177.

COGO, Denise. A Comunicação cidadã sob o enfoque do transnacional. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 33, n. 1, 2010, p. 81-103. Disponível em: <<https://revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/view/148>>. Acesso em: 20 ago. 2023.

COGO, D. Comunicação e migrações transnacionais – o Brasil (re)significado em redes migratórias de haitianos. **Revista de Estudos Universitários - REU**, v. 40, n. 2, 2014, p. 233-257. Disponível em: <<https://periodicos.uniso.br/reu/article/view/2130>>. Acesso em: 10 nov. 2023.

COGO, Denise. Mídia, imigração e interculturalidade: mapeando as estratégias de mediatização dos processos migratórios e das falas imigrantes no contexto brasileiro.

Comunicação & Informação. Goiânia, Goiás, v. 4, n. 1/2, 2001, p. 11-32. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/ci/article/view/23453>>. Acesso em: 18 jan. 2022.

COGO, Denise; BRIGNOL, Liliane Dutra. Comunicação e transnacionalismo: implicações nos estudos de consumo e recepção das migrações contemporâneas. *In: Anais do XII Congresso Latinoamericano de Investigadores de la Comunicación.* Lima: PUCP, 2014. Disponível em: <<https://congreso.pucp.edu.pe/alaic2014/wp-content/uploads/2013/09/GT7-Cogo-Dutra-Brignol.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2023.

COGO, Denise; BRIGNOL, Liliane Dutra; FRAGOSO, Suely. Práticas cotidianas de acesso às TICs — outro modo de compreender a inclusão digital. **Palabra Clave**, v. 18, n. 1, 2014, p. 156-183. Disponível em: <<https://palabraclave.unisabana.edu.co/index.php/palabraclave/article/view/4155>>. Acesso em: 21 jan. 2024.

COGO, Denise; RIEGEL, Viviane. “I’m an immigrant”: cosmopolitismo, alteridade e fluxos comunicacionais em uma campanha anti-xenofobia no Reino Unido. **REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana** [online]. v. 24, n. 46, 2016, p. 23-43. Disponível em: <<https://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/article/view/569>>. Acesso em: 23 out. 2022.

COGO, Denise; SILVA, Terezinha. Entre a “fuga” e a “invasão”: alteridade e cidadania da imigração haitiana na mídia brasileira. **Revista FAMECOS**. v. 23, n. 1, 2016. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/21885>>. Acesso em: 21 out. 2022.

COGO, Denise; BADET, Maria. **Guia das migrações transnacionais e diversidade cultural para comunicadores - Migrantes no Brasil.** Bellaterra: Institut de la Comunicació-UAB/Institut Humanitas - Unisinos, 2013. Disponível em: <<https://migramundo.com/guia-das-migracoes-transnacionais-para-comunicadores-baixar-aqui-o-seu/>>. Acesso em: 07 dez. 2021.

COHEN, Stanley. **Folk Devils and Moral Panics: The Creation of Mods and Rockers.** London: MacGibbon & Kee, 1972.

COLLIER, Mary Jane. Cultural and intercultural communication competence: Current approaches and directions for future research. **International Journal of Intercultural Relations.** 1989, p. 287-302. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/014717678990014X>>. Acesso: em 21 nov. 2022.

COLLYER, Michael; DE HAAS, Hein. Developing Dynamic Categorisations of Transit Migration. *In: SMITH, D.; STOCKDALE, A; MULDER, C. (ed.) Population, Space and Place*, 18(4), 2012, p. 468-481.

CORTINA, Adela. **Ciudadanos del mundo.** Hacia una teoría de la ciudadanía. Madrid: Alianza Editorial, 1997.

COSTA, Nathália Drey. **Mídias e migrações: a representação de si e a representação midiática da identidade senegalesa em diáspora.** 2017. 200p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria. 2017.

COULDRY, Nick. **Listening Beyond the Echoes: Media, Ethics, and Agency in an Uncertain World.** Routledge: New York, 2006.

COULDRY, Nick. Why media ethics still matters. *In:* WARD, Stephen. (ed.). **Global media ethics: problems and perspectives.** Chichester: Wiley-Blackwell, 2013, p. 13-29.

CRITCHER, Chas. **Moral Panics.** Oxford Research Encyclopedia of Criminology. 2017. Disponível em:

<<https://oxfordre.com/criminology/display/10.1093/acrefore/9780190264079.001.0001/acrefore-9780190264079-e-155>>. Acesso: em 27 dez. 2023.

DANTAS, Sylvia D. Para uma Compreensão Intercultural da Realidade. *In:* DANTAS, Sylvia D. (org.). **Diálogos Interculturais: Reflexões Interdisciplinares e Intervenções Psicossociais.** São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2012, p. 15-23.

DELFIN, Rodrigo Borges. **Migrações, Refúgio e Apatridia - Guia para Comunicadores.** 2019. Disponível em

<<https://www.migrante.org.br/publicacoes/cartilhas/baixe-o-guia-para-comunicadores-migracoes-refugio-e-apatridia/>>. Acesso: 11 mai. 2022.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. *In:* Duarte, Jorge; Barros, Antonio. (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2010, p. 62-83.

EASTMOND, Marita. Stories as Lived Experience: Narratives in Forced Migration Research. **Journal of Refugee Studies**, v. 20, n. 2, 2007, p. 248-264.

ELHAJJI, Mohammed. Comunidades diaspóricas e cidadania global: o papel do intercultural. **Esferas**. v. 1, n. 3, 2014, P. 145-151. Disponível em:

<<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/4632/>>. Acesso em: 11 abr. 2023.

ELHAJJI, Mohammed. Mapas subjetivos de um mundo em movimento: Migrações, mídia étnica e identidades transnacionais. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura**. v. 13, n. 2, 2011. Disponível em:

<<https://seer.ufs.br/index.php/eptic/article/view/109>>. Acesso em: 11 nov. 2021.

ESCUADERO, Camila. A narrativa midiática de um processo transnacional: a imigração venezuelana para o Brasil por reportagens jornalísticas. **Pauta Geral - Estudos em Jornalismo**. v. 7, n. 1, 2020, p. 1-17. Disponível em:

<<https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/14933>>. Acesso em: 10 ago. 2021.

ESCUADERO, Camila. A voz da mulher imigrante no debate público sobre o ‘Projeto pró-cesárea no SUS’ em São Paulo a partir da perspectiva da comunicação intercultural. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**. v. 13, n. 4, 2019, p. 736-753. Disponível em:

<<https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1850>>. Acesso em: 16 nov. 2022.

ESCUADERO, Camila. Educomunicação e interculturalidade como propostas para acolhida, adaptação e integração de crianças imigrantes no ambiente escolar. **pragMATIZES - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura**. v. 11, n. 20, 2021, p. 218-235. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/pragmatizes/article/view/44505>>. Acesso em: 18 jul. 2023.

ESPINEL RUBIO, Gladys. A.; MOJICA-ACEVEDO, Eliana. C.; NIÑO-VEGA, Nohora. C. Narrativas sobre mujeres migrantes venezolanas en un diario en línea de la frontera colombiana. **Estudios sobre el Mensaje Periodístico**. v. 27, n. 1, 2021, p. 95-109. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/ESMP/article/view/71471>. Acesso em: 01 mai. 2023.

EUROPEAN JOURNALISM CENTRE. **A freelancer's guide to reporting on refugees and migration**. 2021. Disponível em: <<https://ejc.net/resources/a-freelancers-guide-to-reporting-on-refugees-and-migration>>. Acesso em: 11 set. 2022.

FAUSTINO, Deivison. M.; OLIVEIRA, Leila. M. Xeno-racismo ou xenofobia racializada? Problematizando a hospitalidade seletiva aos estrangeiros no Brasil. **REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana** [online]. v. 29, n. 63, 2021, p. 193-210. Disponível em: <<http://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/article/view/1494>>. Acesso em: 18 jan. 2022.

FEKETE, Liz. **The Emergence of Xeno-Racism**. *Race & Class*, v. 43, n. 2, 2001, p. 23-40.

FÍGARO, Roseli. Estudos de recepção no contexto do big data como sistema de controle. *In: Anais do 28º Encontro Anual da Compós*, 2019, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Campinas: Galoá, 2019. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2019/papers/estudos-de-recepcao-no-contexto-do-big-data-como-sistema-de-controle>>. Acesso em: 21 out. 2022.

FÍGARO, Roseli; GROHMANN, Rafael. A recepção serve para pensar: é um 'lugar' de embates. *In: Anais do 24º Encontro Anual da Compós*, 2015, Brasília. **Anais eletrônicos...** Campinas: Galoá, 2015. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2015/trabalhos/a-recepcao-serve-para-pensar-e-um-lugar-de-embates?lang=pt-br>> Acesso em: 12 nov. 2022.

FOLETTI, Laura Roratto. **Usos sociais do Facebook por migrantes brasileiros na Suécia: identidades, diferenças e dinâmicas interculturais nas redes sociais online**. 2016. 233p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria. 2016.

FREIRE FILHO, João. Força de expressão: construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, n. 28, 2005, p. 18-29. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3333>>. Acesso em: 11 nov. 2021.

FUNDACIÓN POR CAUSA. **Guía didáctica para el correcto tratamiento mediático de las migraciones**. 2022. Disponível em <<https://periodistasdearagon.org/wp-content/uploads/2022/01/Gu%C3%ADa-did%C3%A1ctica-migraciones.pdf>>. Acesso em 11 set. 2022.

GARCIA, Adriana Domingues. **Potencialização do acontecimento e racionalidade patêmica nos discursos sobre os refugiados sírios: a hipótese do ápice midiático**. 2020. 184p. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria. 2020.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **A globalização imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2007.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Cultura y Comunicación: entre lo global y lo local**. Buenos Aires, Universidad Nacional de La Plata, 1997.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. El consumo cultural: una propuesta teórica. *In*: SUNKEL, G. **Consumo cultural em América Latina**. Santa Fé de Bogotá: Convénio Andrés Bello, 1999. p. 26-49.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. El horizonte ampliado de la interculturalidad. *In*: APPADURAI, Arjun et al. **Diversidad Cultural, Desarrollo y Cohesión Social**. Lima: [s. n.], 2014. p. 96-111.

GEORGIU, Myria. Does the subaltern speak? Migrant voices in digital Europe. **Popular Communication**, v. 16, n. 1, 2018, p. 45-57.

GODIN, Marie; SIGONA, Nando. Intergenerational narratives of citizenship among EU citizens in the UK after the Brexit referendum. **Ethnic and Racial Studies**, v. 45, n. 6, 2022, p. 1135-1154. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/01419870.2021.1981964>>. Acesso em: 27 dez. 2023.

GOMES, Itania Maria Mota. **Efeito e recepção: A interpretação do processo receptivo em duas tradições de investigação sobre os media**. Rio de Janeiro: E-papers, 2004.

GOMES, Laura Aparecida Santos; LE BOURLEGAT, Cleonice Alexandre. Empreendedorismo étnico e de autoemprego em um olhar para as comunidades de imigrantes. **Interações (Campo Grande)**, v. 21, n. 2, 2020, p. 317-330. Disponível em: <https://interacoesucdb.emnuvens.com.br/interacoes/article/view/2287>. Acesso em: 26 jan. 2024.

GRIMSON, Alejandro. **Interculturalidad y comunicación**. Colômbia: Grupo Editorial Norma, 2001.

GRIMSON, Alejandro. **Los límites de la cultura**. Crítica de las teorías de la identidad. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2011.

HACKL, Andreas. Good immigrants, permitted outsiders: conditional inclusion and citizenship in comparison. **Ethnic and Racial Studies**, v. 45, 2022, p. 989-1010. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/01419870.2021.2011938>>. Acesso em: 10 nov. 2022.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Apicuri, 2016.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017, p. 103-133.

HASEBRINK, Uwe; HÖLIG, Sascha. Conceptualizing Audiences in Convergent Media Environments. *In*: DIEHL, Sandra; KARMASIN, Matthias. (ed.). **Media and Convergence Management**. Springer-Verlag Berlin Heidelberg, 2013, p. 189-201.

HEINONEN, Ari. Ignored but Not Forgotten: Global Issues in Ethical Codes. *In*: WARD, S. **Handbook of Global Media Ethics**. Switzerland: Springer, 2021, p. 91-106.

JUBERÍAS, Carlos Flores; ALONSO, Pedro Tent Alonso. Extending Voting Rights to Foreigners: Reinforcing Equality or Reinventing Citizenship? **Cuadernos Constitucionales de la Cátedra Fadrique Furió Ceriol**, n. 62-63, 2008, p. 157-186.

JUNGER DA SILVA, Gustavo; CAVALCANTI, Leonardo; LEMOS SILVA, Sarah; TONHATI, Tânia; LIMA COSTA, Luiz Fernando. **Refúgio em Números 2023**. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Departamento das Migrações. Brasília, DF: OBMigra, 2023. Disponível em: <<https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/refugio-em-numeros>>. Acesso em: 10 jul. 2023.

KRÜGER, Helmut. Cognição, estereótipos e preconceitos sociais. *In*: LIMA, Marcus Eugênio Oliveira; PEREIRA, Marcos Emanuel (org.). **Estereótipos, preconceitos e discriminação: perspectivas teóricas e metodológicas**. Salvador: EDUFBA, 2004, p. 23-40.

LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil**. São Paulo: Ed. Unesp, 2001.

LOBATO, José A. M. Leituras críticas da alteridade: midiatização e recepção de narrativas audiovisuais por imigrantes e refugiados. *In*: Anais do 29º Encontro Anual da Compós, 2020, Campo Grande. **Anais eletrônicos...** Campinas: Galoá, 2020. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2020/trabalhos/leituras-criticas-da-alteridade-midiatizacao-e-recepcao-de-narrativas-audiovisua?lang=pt-br>> Acesso em: 12 nov. 2022.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Mediação e Recepção: algumas conexões teóricas e metodológicas nos estudos latino-americanos de comunicação. **Revista MATRIZES**. São Paulo, v. 8, n.1, 2014, p. 21-44.

LÓPEZ FERNÁNDEZ, Rosalía. “No nos sentimos identificadas”. La ética de lo concreto en los procesos de investigación con personas migrantes. **REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana** [online]. v. 25, n. 50, 2017. Disponível em: <<https://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/article/view/785>>. Acesso em: 19 jun. 2022.

MARINUCCI, Roberto. Racismo e Migrações. **REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana** [online]. v. 26, n. 53, ago. 2018, p. 7-10. Disponível em: <https://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/issue/view/33>. Acesso em: 23 jan. 2022.

MARINUCCI, Roberto. Reconfiguração da identidade religiosa em contexto migratório. **Estudos de Religião**, v. 26, n. 42, 2012, p. 169-191. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/2617>>. Acesso em: 07 jan. 2024.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. *In*: SOUSA, Mauro Wilton (org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 2002, p. 39-68.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Introducciones a De los medios a las mediaciones. *In*: RINCÓN, Omar (org.). **Pensar desde el Sur**. Reflexiones acerca de los 30 años de De los medios a las mediaciones de Jesús Martín-Barbero. Bogotá: Fescomunicación, 2018. p. 16-54.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Jesús Martín-Barbero: As formas mestiças da mídia. Entrevista a Mariluce Moura. **Revista Pesquisa Fapesp**. São Paulo, n. 163, 2009. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/as-formas-mesticas-da-midia/>. Acesso em: 06 fev. 2022.

MCAULIFFE, Marie; TRIANDAFYLLIDOU, Anna. **World Migration Report 2022**. International Organization for Migration (IOM), Geneva: 2021. Disponível em: <<https://publications.iom.int/books/world-migration-report-2022>>. Acesso em: 07 dez. 2021.

MEZZADRA, Sandro. Multidão e Migrações: a autonomia dos migrantes. **Revista Eco-Pós**, v. 15, n. 2, 2013, p. 70-107. Disponível em: <https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/900>. Acesso em: 23 out. 2023.

MIGRANT RESOURCE CENTRE. **Toolkit: Reporting Migration in Pakistan**. 2021. Disponível em <<https://ethicaljournalismnetwork.org/reporting-migration-in-pakistan-toolkit>>. Acesso em 12 mai. 2023.

NEWMAN, Nic *et al.* **Digital News Report 2023**. 2023.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. 1948.

OXFAM Intermón. **Comunicación sobre las migraciones**. 2018. Disponível em: <https://www.oxfamintermon.org/es/publicacion/Comunicacion_sobre_las_migraciones>. Acesso em: 26 dez. 2022.

PACHIONI, Miguel. (coord.). **Cobertura jornalística humanitária**: guia do ACNUR para profissionais e estudantes. 1.ed. São Paulo: ACNUR, 2020. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2021/02/Guia-Jornalismo-Web-V3.pdf>> Acesso em: 11 mai. 2022.

PANTTI, Mervi; OJALA, M. Caught between sympathy and suspicion: journalistic perceptions and practices of telling asylum seekers' personal stories. **Media, Culture & Society**. v. 41, n. 8, 2019, p. 1031-1047.

PENNINX, Rinus. Integration of migrants: economic, social, cultural and political dimensions. *In*: MACURA, Miroslav; MACDONALD, Alphonse L.; HAUG, Werner (ed.). **The new demographic regime**. Population challenges and policy responses. New York/Geneva: United Nations, 2005, p. 137-152.

POGLIANO, Andrea. News Media and Immigration in the EU: Where and How the Local Dimension Matters. *In*: PASTORE, Ferruccio; PONZO, Irene (ed.). **Inter-group Relations and Migrant Integration in European Cities**. Changing Neighbourhoods. IMISCOE Research Series, 2016, p. 151-176.

RANGEL, Marcy Alejandra. **¿Cómo comunicar la migración venezolana en Colombia?** Fundación Gabo, 2021. Disponível em: <<https://fundaciongabo.org/es/recursos/publicaciones/fundacion-gabo-lanza-manual-de-herramientas-como-comunicar-la-migracion>>. Acesso em: 15 mai. 2023.

REDIN, Giuliana. Promoção e Proteção de Direitos Humanos de Migrantes e Refugiados: Fundamentos teórico-práticos do Migraidh da UFSM. **Experiência**. Revista Científica de Extensão. v. 8, n. 1, 2022, p. 49-71. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/experiencia/article/view/68902>>. Acesso em: 08 jun. 2023.

RETIS, Jessica; COGO, Denise. Periodismo de migraciones: Producción y consumo de narrativas sobre movilidad humana en tiempos de incertidumbre y plataformas digitales. **Estudios sobre el Mensaje Periodístico**. v. 27, n. 1, 2021, p. 1-12. Disponível em: <<https://revistas.ucm.es/index.php/ESMP/article/view/73743>>. Acesso em: 21 jan. 2023.

ROGERS, Simon. What can search data tell us about the story of Aylan Kurdi spread around the world?. *In*: VIS, Farida.; GORIUNOVA, Olga (ed.). **The iconic image on social media: a rapid research response to the death of Alan Kurdi**. Sheffield: Visual Social Media Lab. 2015. p. 19-27.

RUPAR, Verica. Revisiting the Public Interest: Journalism and the Global Immigration Crisis. *In*: WARD, Stephen J. A. **Handbook of Global Media Ethics**. Switzerland: Springer, 2021, p. 695-710.

SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

SCHMITZ, Daniela Maria. Consumo, sentidos, usos e apropriações nas pesquisas de recepção: nem tão sinônimos, nem tão distantes. **Intexto**. Porto Alegre, n. 34, 2015, p. 255–275. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/58546>> . Acesso em: 18 mai. 2023.

SCOTT, A. O. Microcosm of Society, Seeking an Anchor. Movie Review. The New York Times. 2013. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2013/01/23/movies/the-pirogue-directed-by-moussa-toure.html>>. Acesso em 07 jan. 2024.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a Mídia?** São Paulo: Edições Loyola, 2005.

SIRONI, Alice; BAULOZ, Céline; EMMANUEL, Milen. (ed.). **Glossary on Migration**. International Migration Law. n. 34. International Organization for Migration (IOM), Geneva, 2019. Disponível em: <https://publications.iom.int/books/international-migration-law-ndeg34-glossary-migration>>. Acesso em: 18 jan. 2022.

SHAHEEN, Kareem. **Covering Refugee Stories**. Al Jazeera Media Institute, 2018. Disponível em <https://institute.aljazeera.net/sites/default/files/2018/cover%20refugee%20stories%20english.pdf?title=Covering%20Refugee%20Stories>>. Acesso em 12 mai. 2023.

SODRÉ, Muniz. **Cultne Acervo**. Rio de Janeiro, 2019. YouTube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ld0QI_A0Vxs>. Acesso em: 18 jan. 2022.

SODRÉ, Muniz. Uma lógica perversa de lugar. **Revista ECO-Pós**. 21(3), 2018, p. 9-16. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/22524>. Acesso em: 25 nov. 2021.

SOVIK, Liv. **O Brasil é o David Beckham do mundo**. 2011. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/o-brasil-e-o-david-beckham-do-mundo-bases-para-um-estudo-de-corpo-publicidade-e-orgulho-nacional-de-liv-sovik/>>. Acesso em: 06 jan. 2024.

THOMPSON, Kenneth. **Moral Panics**. Londres: Routledge, 1998.

TOALDO, Mariângela Machado; JACKS, Nilda Aparecida. Consumo midiático: uma especificidade do consumo cultural, uma antessala para os estudos de recepção. *In: Anais do 22º Encontro Anual da Compós*, 2013, Salvador. **Anais eletrônicos...** Campinas: Galoá, 2013. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2013/papers/consumo-midiatico--uma-especificidade-do-consumo-cultural--uma-antessala-para-os-estudos-de-recepcao>>. Acesso em: 21 out. 2022.

TONHATI, Tânia, CAVALCANTI, Leonardo, DE Oliveira, Antônio Tadeu. A Decade of Growth in Migration in Brazil (2010-2020) and the Impact of the COVID-19 Pandemic. *In: HERRERA, Gioconda; GÓMEZ, Carmen (ed.). Migration in South America*. IMISCOE Research Series. Switzerland: Springer, 2022, p. 99-120.

TOURAINÉ, Alain. **¿Podremos vivir juntos? Iguales y diferentes**. Buenos Aires: Fondo de Cultura, 1997.

TRUZZI, Oswaldo. Assimilação ressignificada: novas interpretações de um velho conceito. **Dados - Revista de Ciências Sociais**, v. 55, n. 2, 2012, p. 517-553. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dados/a/zf4QYgMXCx4494SfGQqhHQs/?lang=pt>>. Acesso em: 21 jul. 2023.

TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. **Tempo Social**, v. 20, n. 1, 2008, p. 199-218. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12567>>. Acesso em: 11 dez. 2023.

UNHCR. **GLOBAL TRENDS FORCED DISPLACEMENT IN 2022**. UNHCR Global Data Service. Copenhagen, Denmark, 2023. Disponível em: <<https://www.unhcr.org/global-trends-report-2022>>. Acesso em: 10 jul. 2023.

VAN DIJK, Teun A. Nuevo racismo y noticias: Un enfoque discursivo. *In*: NASH, Mary; TELLO, Rosa; BENACH, Núria. (org.). **Inmigración, género y espacios urbanos**. Los retos de la diversidad. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2005, p. 33-55.

VAN HEAR, Nicholas, BRUBAKER, Rebecca; BESSA, Thais. **Managing mobility for human development: the growing salience of mixed migration**. New York: UNDP, 2009. Disponível em: <<https://hdr.undp.org/content/managing-mobility-human-development>>. Acesso em: 09 jul. 2023.

VICENZI, Renilda. Magal de Touba: contexto histórico e as vivências dos imigrantes senegaleses mourides em Chapecó/SC. **Religare: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPB**, v. 18, n. 2, 2022, p. 538-586. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/religare/article/view/59266>>. Acesso em: 07 jan. 2024.

VIEIRA, Maritcheli de Almeida. **A recepção da telenovela Órfãos da Terra e a representação de migrantes e refugiados no Brasil**. 2021. 172p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria. 2021.

VIEIRA, Maritcheli de Almeida; BRIGNOL, Liliane Dutra; CURI, Guilherme. A recepção da telenovela Órfãos da Terra: entre a interculturalidade e a manutenção de estereótipos na representação de identidades migrantes. **Comunicação & Sociedade**, v. 43, n. 3, 2021, p. 137-167. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/CSO/article/view/1036045>>. Acesso em: 08 jul. 2023.

WARD, Stephen J. A. **Radical media ethics: a global approach**. Chichester: Wiley-Blackwell, 2015.

WARD, Stephen J. A. What Is Global Media Ethics? *In*: WARD, Stephen J. A. **Handbook of Global Media Ethics**. Switzerland: Springer, 2021, p. 5-21.

WINOCUR, Rosalía. Los diversos digitales y mediáticos que nos habitan cotidianamente. *In*: Bidaseca, K.; Grimson, A.; (org.) **Hegemonía cultural y políticas de la diferencia**. Buenos Aires: CLACSO, 2013, p. 245-261.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017, p. 7-72.

9 APÊNDICES

APÊNDICE A - GUIAS DE COMUNICAÇÃO SOBRE AS MIGRAÇÕES

(continua)

Ano	Título	Abrangência	Autoria/ Organização	Referência
2023	<i>Guía de Comunicación - Migraciones y Diversidad Cultural</i>	Navarra	Governo de Navarra, associações de comunicação, jornalistas independentes	< https://www.navarra.es/es/-/nota-prensa/el-gobierno-de-navarra-presenta-una-guia-de-comunicacion-sobre-migraciones-y-diversidad-cultural >. Acesso em: 15 mai. 2023.
2023	<i>Historias que van y vienen. Cómo investigar y contar la migración</i>	Colômbia	Fundación Gabo e Banco Mundial	< https://fundaciongabo.org/es/recursos/publicaciones/fundacion-gabo-publica-artilla-historias-que-van-y-vienen-como-investigar-y >. Acesso em: 15 mai. 2023.
2023	MANUAL DE COMUNICAÇÃO SOBRE A MOBILIDADE HUMANA - Guia práctico para comunicadores	América	ACNUR, Universidade San Francisco de Quito, associações de jornalistas	< https://www.acnur.org/portugues/2023/10/25/acnur-e-jornalistas-lancam-manual-para-comunicar-sobre-mobilidad-humana/ >. Acesso em: 05 nov. 2023.
2023	<i>Migration in the media: Telling authentic stories with impact</i>	Reino Unido	Heard Foundation	< https://heard.org.uk/wp-content/uploads/2023/02/Heard-Migration-In-The-Media-Guide.pdf >. Acesso em: 05 nov. 2023.
2023	<i>Reporting on Refugees - Guidance by and for Journalists</i>	Irlanda	NUJ e UNHCR Ireland	< https://www.unhcr.org/ie/publications/reporting-refugees-2023-0 >. Acesso em: 10 abr 2023.
2022	<i>Decálogo ético para la cobertura mediática sobre migración</i>	Am. Latina e Caribe	OIM Centroamérica, Norteamérica y el Caribe	< https://programamesocaribe.iom.int/es/migracion-periodismo >. Acesso em: 12 mai. 2023.
2022	<i>Diálogos itinerantes, cobertura de las migraciones en américa latina y el caribe. Guía puentes de comunicación III</i>	Am. Latina e Caribe	Efecto Cocuyo, DW Akademie, pesquisadores	< https://puentesdecomunicacion.org/cobertura_2022/pages/guia_dialogos_itinerantes.html >. Acesso em: 01 jul. 2023.
2022	<i>Guía didáctica para el correcto tratamiento mediático de las migraciones</i>	Aragón	Fundación Por Causa, Governo de Aragón, Colegio de Periodistas de Aragón	< https://periodistasdearagon.org/wp-content/uploads/2022/01/Gu%C3%ADa-did%C3%A1ctica-migraciones.pdf >. Acesso em: 11 set 2022.
2022	<i>Puntos Clave: Cobertura mediática de la migración basada en el derecho internacional y evidencias</i>	Am. Latina e Caribe	OIM Centroamérica, Norteamérica y el Caribe	< https://programamesocaribe.iom.int/es/migracion-periodismo >. Acesso em: 12 mai. 2023.
2021	<i>A freelancer's guide to reporting on refugees and migration</i>	Europa	European Journalism Centre	< https://ejc.net/resources/a-freelancers-guide-to-reporting-on-refugees-and-migration >. Acesso em: 11 set 2022.

(continua)

Ano	Título	Abrangência	Autoria/ Organização	Referência
2021	<i>¿Cómo comunicar la migración venezolana en Colombia?</i>	Colômbia	Fundación Gabo, USAID Colômbia, ACDI/VOCA	< https://fundaciongabo.org/es/recursos/publicaciones/fundacion-gabo-lanza-manual-de-herramientas-como-comunicar-la-migracion >. Acesso em: 15 mai. 2023.
2021	<i>Changing the Narrative on Migration in Sadc: A Newsroom Manual</i>	África do Sul	Internews, jornalistas	< https://internews.org/resource/changing-the-narrative-on-migration-in-south-africa-development-community-a-newsroom-manual/ >. Acesso em: 12 mai 2023.
2021	<i>Checklist para un periodismo contra narrativas estigmatizante</i>	Colômbia	FLIP, ACNUR Colômbia	< https://flip.org.co/index.php/en/publicaciones/manuales/item/2823-como-ser-critico-pero-empatico-en-el-manejo-de-informacion-sobre-refugiados-y-migrantes >. Acesso em: 15 mai. 2023.
2021	<i>Cuadernos del insilio. Puentes de comunicación II</i>	Am. Latina e Caribe	Efecto Cocuyo, DW Akademie, pesquisadores	< https://puentesdecomunicacion.org/guia-2021/ >. Acesso em: 01 jul. 2023.
2021	<i>Las historias que escribe la migración. Guía para cubrir periodísticamente noticias que involucren a personas migrantes y refugiadas en el Perú</i>	Peru	IDEHPUCP, jornalistas, pesquisadoras	< https://idehpucp.pucp.edu.pe/lista_publicaciones/guia-para-cubrir-periodicamente-noticias-que-involucren-a-personas-migrantes-y-refugiadas-en-el-peru/ >. Acesso em: 01 jul. 2023.
2021	<i>Narrating Migration. A Practical Guide for Media Professionals on Ethical Reporting on Migration</i>	Indonésia	IOM Indonésia, AJI Indonésia	< https://indonesia.iom.int/resources/narrating-migration-0 >. Acesso em: 15 mai. 2023.
2021	<i>Recomendaciones sobre el tratamiento informativo de las personas migradas y refugiadas en los medios de comunicación</i>	Catalunha	Consell de l'Audiovisual de Catalunya	< https://www.cac.cat/sites/default/files/2021-03/Recomanacions_persones_migrades_refugiades_ES_1.pdf >. Acesso em: 01 jul. 2023.
2021	<i>Reporting migration - A handbook on migration reporting for journalists</i>	Europa	ICMPD	< https://www.icmpd.org/news/import-news-september/momenta-project-launches-new-handbook-on-migration-reporting-for-journalists >. Acesso em: 10 abr 2023.
2021	<i>Reporting on migrants and refugees: handbook for journalism educators</i>	Global	UNESCO, jornalistas, pesquisadores	< https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000377890 >. Acesso em: 12 mai. 2023.
2021	<i>Reporting on Migration and Refugees</i>	Sudeste Europeu	UNHCR, IOM	< https://www.unhcr.org/see/11196-reporting-on-migration-and-refugees-guidelines-for-journalists.html >. Acesso em: 22 out. 2022.
2021	<i>Toolkit: Reporting Migration in Pakistan</i>	Paquistão	EJN, ICMPD, MRC	< https://ethicaljournalismnetwork.org/reporting-migration-in-pakistan-toolkit >. Acesso em: 12 mai. 2023
2020	<i>Cobertura Jornalística Humanitária - Guia do ACNUR para profissionais e estudantes de comunicação</i>	Brasil	ACNUR Brasil	< https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2021/02/Guia-Jornalismo-Web-V3.pdf >. Acesso em: 11 mai. 2022.

(continua)

Ano	Título	Abrangência	Autoria/ Organização	Referência
2020	<i>Periodismo y migración. Manual de buenas prácticas</i>	República Dominicana	INMRD	< https://inm.gob.do/transparencia/phocadownload/Publicaciones/INM-UE%20PM%20Manual%20de%20buenas%20practicass%20WEB.pdf >. Acceso em: 01 jul. 2023.
2020	<i>Puentes de Comunicación: cómo cubrir la migración y el refugio venezolanos</i>	Am. Latina e Caribe	Efecto Cocuyo, DW Akademie, pesquisadores	< https://puentesdecomunicacion.org/guia-2020/ >. Acceso em: 01 jul. 2023.
2020	<i>Recomendaciones para el tratamiento mediático de la migración y el refugio</i>	Chile	Consejo Nacional de Televisión de Chile	< https://www.cntv.cl/wp-content/uploads/2020/04/recomendaciones_para_el_tratamiento_mediatco_de_la_migracion_y_el_refugio.pdf >. Acceso em: 12 mai. 2023.
2020	<i>Reporting on Migration - A Handbook for Journalists in West Africa</i>	Oeste e Centro da África	IOM, pesquisadores, jornalistas	< https://www.migrantsasmessengers.org/sites/g/files/tmzbdl246/files/2021-03/Journalist%20Handbook_English.pdf >. Acceso em: 12 mai. 2023.
2019	<i>Hacer Periodismo sin Etiquetas. Herramientas útiles para combatir la discriminación hacia las personas refugiadas</i>	Chile	ACNUR Americas, Universidad Central de Chile	< https://periodismosinetiquetas.org/material-repositorio/ >. Acceso em: 01 jul. 2023.
2019	<i>Manual contra el inmigracionalismo - Elementos de la comunicación mediática y social de las migraciones</i>	Espanha	Red Acoge	< https://inmigracionalismo.es/documentacion/ >. Acceso em: 01 jul. 2023.
2019	<i>Media coverage of migration based on international law and evidence - Journalist Guide</i>	Tunísia	IOM Tunisia, jornalistas	< https://tunisia.iom.int/fr/resources/guide-du-journaliste-sur-la-couverture-mediatique-de-la-migration >. Acceso em: 10 abr. 2023.
2019	<i>Migrações, Refúgio e Apatridia - Guia para Comunicadores</i>	Brasil	Migramundo, IMDH, ACNUR, FICAS, Avina	< https://www.migrante.org.br/publicacoes/cartilhas/baixa-o-guia-para-comunicadores-migracoes-refugio-e-apatridia/ >. Acceso em: 11 mai. 2022.
2019	<i>Pistas para contar la migración. Investigar historias en movimiento</i>	Colômbia	Consejo de Redación, KAS, CICR, Pontificia Universidad Javeriana	< https://pistasmigracion.consejoderedaccion.org/ >. Acceso em: 15 mai. 2023.
2019	<i>Reporting on Migration in South Africa: A Guide for Journalists and Editors</i>	África do Sul	Sonke Gender Justice, Scalabrini Centre of Cape Town	< https://www.csem.org.br/noticias/reporting-on-migration-in-south-africa-a-guide-for-journalists-and-editors/ >. Acceso em: 12 mai. 2023.
2018	<i>Comunicación sobre las migraciones</i>	Espanha	OXFAM Intermón	< https://www.oxfamintermon.org/es/publicacion/Comunicacion_sobre_las_migraciones >. Acceso em: 26 dez. 2022.

(conclusão)

Ano	Título	Abrangência	Autoria/ Organização	Referência
2018	<i>Covering Refugee Stories</i>	Global	Al Jazeera Media Institute - Kareem Shaheen	< https://institute.aljazeera.net/sites/default/files/2018/cover%20refugee%20stories%20english.pdf?title=Covering%20Refugee%20Stories >. Acesso em: 12 mai. 2023.
2018	<i>Manual contra el inmigracionalismo - Manual de Buenas Prácticas</i>	Espanha	Red Acoge	< https://inmigracionalismo.es/documentacion/ >. Acesso em: 01 jul. 2023.
2018	<i>Manual de comunicación inclusiva para comunicadores y comunicadoras - Personas Migrantes</i>	Argentina	INADI - Coordinación de Comunicación Estratégica y Prensa	< https://sinergia.jgm.gob.ar/herramientas/?consulta=&categoria=Comunicaci%C3%B3n+Intercultural >. Acesso em: 12 mai. 2023.
2018	<i>Media coverage on migration - A Practical Guide for Journalists</i>	Senegal	AMARC, IOM Senegal	< https://returnandintegration.iom.int/en/resources/leafletbooklet/media-coverage-migration-practical-guide-journalists >. Acesso em: 10 abr. 2023.
2018	<i>Recomendaciones para el tratamiento periodístico responsable de las migraciones y los derechos de las personas migrantes</i>	Argentina	CAREF, Defensoría del Público de Servicios de Comunicación Audiovisual	< https://defensadelpublico.gob.ar/recomendaciones-para-el-tratamiento-periodistico-responsable-de-las-migraciones-y-los-derechos-de-las-personas-migrantes/ >. Acesso em: 15 mai. 2023.
2017	<i>Media Coverage on Migration: Promoting a Balanced Reporting</i>	Global	IOM	< https://publications.iom.int/books/media-coverage-migration-promoting-balanced-reporting >. Acesso em: 12 mai. 2023.
2017	<i>Reporting about migration - Guidelines for the application of the Charter of Rome</i>	Itália	Associazione Carta di Roma, UNHCR	< https://www.cartadiroma.org/wp-content/uploads/2017/12/Carta-di-Roma_EN-G-linee-guida.pdf >. Acesso em: 11 set. 2022.
2017	<i>Reporting on Migration and Minorities - Approach and Guidelines</i>	Europa	Respect Words	< https://www.respectwords.org/en/ethical-code/ >. Acesso em: 10 abr. 2023.
2013	<i>Guia das Migrações Transnacionais e Diversidade Cultural para Comunicadores: Migrantes no Brasil</i>	Brasil	Pesquisadores	< https://migramundo.com/guia-das-migracoes-transnacionais-para-comunicadores-baixe-aqui-o-seu >. Acesso em: 07 dez. 2021.
2008	<i>Guía práctica para los profesionales de los medios de comunicación: tratamiento mediático de la inmigración</i>	Espanha	OBERAXE, pesquisadores, jornalistas	< https://www.inclusion.gob.es/oberaxe/es/publicaciones/documentos/documento_0066.htm >. Acesso em: 11 set. 2022.

APÊNDICE B - ENTREVISTA

PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO (9)

1. Nome:
2. Idade:
3. País de nascimento e idade que saiu do país de nascimento:
4. Período que está no Brasil:
5. Com quem migrou (familiares, amigos, sozinho):
6. Com quem vive - divide a residência - no Brasil (familiares, amigos, sozinho):
7. Países em que esteve em sua trajetória migratória (lugares, períodos e atividades - a depender do tempo):
8. Nível de escolaridade (se estuda atualmente ou não):
9. Atividade profissional no país de nascimento e no Brasil:

DIMENSÃO INTERCULTURAL (8)

10. Qual a sua orientação religiosa? Sempre seguiu essa religião?
11. Quais aspectos culturais do seu país de nascimento você costuma manter/seguir?
12. Você conhecia outros migrantes ou refugiados provenientes do seu país que já estavam morando no Brasil antes de você vir?
13. Você participa de algum grupo ou coletivo de migrantes ou refugiados no Brasil? (compreender a finalidade desses grupos ou coletivos).
14. Você participa de algum grupo ou coletivo de _____ (nacionalidade do entrevistado) no Brasil? (compreender a finalidade desses grupos ou coletivos).
15. Você se sente acolhido no Brasil? De onde parte esse acolhimento?
16. Quais aspectos culturais do Brasil você acredita ter incorporado ao seu dia-a-dia?
17. Você se sente em casa no Brasil? Já se sente um pouco brasileiro?

REPERTÓRIO/CONSUMO DE MÍDIA (12)

18. Você tem acesso à internet? Qual a sua forma de acesso à internet?
19. Quais meios de comunicação você possui? (TV, rádio, celular, notebook, tablet, etc - citar caso não lembrem)
20. Quais meios você utiliza para se informar?
21. Quais meios você utiliza para entretenimento?
22. No seu país de nascimento, você tinha acesso a esses mesmos meios?
23. Você precisa compartilhar algum desses meios de comunicação em casa?
24. Você tem perfil em alguma rede social online? Qual?

25. Você usa algum aplicativo de mensagens instantâneas? Qual? (WhatsApp, Telegram, Viber, etc - citar caso não lembrem).
26. Você tem acesso à TV aberta no Brasil? E à TV fechada?
27. Você tem acesso a algum serviço (streaming) de filmes e séries? Qual? (Netflix, Amazon, HBOMax, StarPlus, etc - citar caso não lembrem).
28. Você tem acesso a algum serviço de músicas e podcasts? (Spotify, Deezer, etc - citar caso não lembrem).
29. Você acompanha mais a mídia brasileira, a mídia do seu país ou a mídia de outros países?

MÍDIA E MIGRAÇÕES (20/21)

30. Antes de vir ao Brasil, como você buscou informações sobre o país? (explorar os seguintes pontos: amigos, sites, comunidades em redes sociais ou plataformas)
31. O que é falado sobre o Brasil nas mídias do seu país?
32. O que é falado sobre o seu país de nascimento na mídia brasileira?
33. Você se identifica com o que a mídia brasileira fala sobre o seu país?
34. Quando a mídia brasileira se refere a migrantes ou refugiados no Brasil, o Brasil parece um bom lugar para viver?
35. Você lembra de alguma abordagem midiática sobre seu país de nascimento relacionada a migrações, migrantes ou refugiados?
36. Você se lembra de alguma abordagem midiática a respeito de migrações, migrantes ou refugiados em geral/de outros países que não o seu?
37. Você já produziu algum tipo de conteúdo a respeito do seu país ou de migrações em geral para as mídias, incluindo suas redes sociais online?
38. Você já foi abordado de alguma forma pela mídia brasileira e/ou pela mídia de outros países (entrevista para jornal, podcast, documentário, publicidade, etc)? Como foi essa abordagem?
39. Você conhece alguém que já foi abordado de alguma forma pela mídia brasileira e/ou pela mídia de outros países (entrevista para jornal, podcast, documentário, publicidade, etc)? Como foi essa abordagem?
40. Você acredita que algum assunto abordado na mídia a respeito de migrantes ou refugiados possa gerar consequências, tanto positivas quanto negativas, para essas pessoas?
 - a. (em caso positivo): Você lembra de ou reconhece alguma consequência que a mídia provocou nas abordagens sobre migrantes ou refugiados?
41. Você lembra de algo abordado na mídia brasileira e/ou na mídia de outros países a respeito de migrações, migrantes ou refugiados que te incomodou? O quê? Por que te incomodou?
42. Você lembra de algo que considera alegre ou feliz abordado na mídia brasileira e/ou na mídia de outros países a respeito de migrantes ou refugiados? O quê? Por que foi alegre ou feliz?

43. Você acredita que as questões sobre migrações, migrantes ou refugiados são abordadas de forma suficiente pela mídia?
44. Notícias, novelas, entrevistas, podcasts, documentários que abordam migrações, migrantes ou refugiados te interessam de alguma forma?
45. Você se identifica com a forma que a mídia fala sobre migrantes ou refugiados?
46. Quando você pensa na palavra migrante, o que vem à sua mente?
47. Quando você pensa na palavra refugiado, o que vem à sua mente?
48. Qual seu status documental no Brasil?
49. Você se identifica como um migrante, como um refugiado ou não há identificação com nenhum dos termos?
50. (SOMENTE PARA O GRUPO 1) Quais são os cuidados éticos que você toma ao abordar assuntos relacionados às migrações? Existe alguma cartilha, alguma orientação, algum código de conduta que você segue?